

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CAMILA SOPKO

TRABALHO E A DUPLA INVISIBILIDADE DAS MULHERES CATADORAS DAS
ASSOCIAÇÕES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PONTA GROSSA, PR, NA
PANDEMIA DA COVID-19

PONTA GROSSA
2024

CAMILA SOPKO

TRABALHO E A DUPLA INVISIBILIDADE DAS MULHERES CATADORAS DAS
ASSOCIAÇÕES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PONTA GROSSA, PR, NA
PANDEMIA DA COVID-19

Tese apresentada para obtenção de título de doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientadora: Prof. Dra. Reidy Rolim de Moura.

PONTA GROSSA
2024

S712 Sopko, Camila
Trabalho e a dupla invisibilidade das mulheres catadoras das associações de materiais recicláveis de Ponta Grossa/PR, na pandemia da Covid-19 / Camila Sopko. Ponta Grossa, 2024.
199 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Reidy Rolim De Moura.

1. Catadoras. 2. Trabalho invisível. 3. Teoria - reprodução social. I. De Moura, Reidy Rolim. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. III.T.

CDD: 304

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILA SOPKO

"TRABALHO E A DUPLA INVISIBILIDADE DE MULHERES CATADORAS DAS ASSOCIAÇÕES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PONTA GROSSA-PR NA PANDEMIA COVID-19".

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor(a) no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Assinatura pelos Membros da Banca:



Profa. Dra. Reidy Rolim de Moura - UEPG-PR - Presidente



Profa. Dra. Vanessa Rambola Machado - UEM-PR – Membro Externo



Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima - UEL-PR – Membro Externo



Profa. Dra. Augusta Polinski Raiher – UEPG-PR – Membro Interno



Profa. Dra. Lara Simone Messias Floriano – UEPG-PR – Membro Interno

Prof. Dr. Luiz Fernando Lara - UNICENTRO-PR – Suplente Externo

Profa. Dra. Edina Schimanski – UEPG-PR – Suplente Interno

Ponta Grossa, 29 de maio de 2024.

Dedico esse trabalho a quem tudo faz e fez valer, Glaci.

Dedico esse trabalho as catadoras de materiais recicláveis,
mulheres que lutam incansavelmente,
diante de intensas desigualdades e dificuldades
em seu cotidiano social.

A caça às bruxas nunca terminou,
mas as mulheres também nunca deixaram de resistir
(Silvia Federici)

Eu não luto para vencer, sei que vou perder. Luto para ser fiel até o fim.
Me perguntaram qual é a minha perspectiva, minha perspectiva é o fracasso,
porque nesse sistema se eu não fracassar é porque eu aderi a ele.
Quem está do lado dos rejeitados, será rejeitado.
Quem está do lado dos que apanham, vai apanhar.
(Padre Júlio Lancellotti)

RESUMO

A presente pesquisa parte de uma análise da realidade das catadoras de materiais recicláveis durante a pandemia do Covid-19, uma vez que esta trouxe alterações no cotidiano de toda sociedade. Nesta tese, definiu-se como objetivo geral compreender as mudanças na realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis, na cidade de Ponta Grossa – PR a partir da pandemia do Covid-19, nos anos de 2020 até 2024. Esse recorte temporal deu-se, uma vez que a pesquisa buscava entender esse processo durante e pós a pandemia do Covid-19. Ademais, definiu-se como objetivos específicos: a) identificar os impactos da pandemia nas estruturas das associações de catadores de Ponta Grossa; b) mapear o perfil dos participantes das associações durante e pós pandemia; c) compreender como foi o cotidiano das mulheres catadoras participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; d) analisar a autopercepção das catadoras sobre o trabalho que realizam, em especial, pós-pandemia. Para fins de realização da tese utilizou-se de um estudo qualitativo, interdisciplinar, que se utilizou do materialismo histórico-dialético. Como procedimentos metodológicos, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, documental e de campo, sendo essa última com aplicação de questionário com todos os membros das associações de catadores(as), e, por fim, entrevistas semiestruturadas com a amostra selecionada de mulheres catadoras. Posteriormente à fase de coleta de dados da pesquisa foi realizada a análise pelo software “R” e análise de conteúdo. Assim, defende-se a tese que há uma necessidade de reconhecimento a partir de políticas públicas efetivas em relação à dupla invisibilidade que esse universo das mulheres catadoras de materiais recicláveis vive em seu cotidiano, uma vez que, a partir das falas e das observações que a pesquisa de campo trouxe, foi possível compreender que essas mulheres sofrem intensas desigualdades e dependem, majoritariamente, de outras mulheres para conseguir realizar os trabalhos invisíveis que estão presente em suas rotinas. Desta forma, compreende-se que, embora a pandemia tenha sido desafiadora para a sociedade como um todo, para as catadoras, ela foi o catalisador que gerou uma mistura de sentimentos ao perceberem com mais ênfase a importância de seu trabalho na sociedade, tanto como mulheres, quanto como catadoras. Consequentemente, tornou-se evidente que há uma necessidade urgente de ações concretas, por meio de políticas públicas que reconheçam e valorizem o trabalho duplamente invisível que realizam.

Palavras-chave: Catadoras. Trabalho invisível. Teoria da Reprodução Social

ABSTRACT

This research is based on an analysis of the reality of women waste pickers during the Covid-19 pandemic, since it has brought changes to the daily lives of society as a whole. In this thesis, the general objective was to understand the changes in the reality of women waste pickers in the city of Ponta Grossa - PR from the Covid-19 pandemic in the years 2020 to 2024. This time frame was chosen because the research sought to understand this process during and after the Covid-19 pandemic. In addition, the specific objectives were: a) to identify the impacts of the pandemic on the structures of the waste pickers' associations in Ponta Grossa; b) to map the profile of the participants in the associations during and after the pandemic; c) to understand how the daily life of the women waste pickers participating in the associations in Ponta Grossa was in their family organization during the pandemic; d) to analyse the self-perception of the women waste pickers about the work they do, especially after the pandemic. For the purposes of this thesis, a qualitative, interdisciplinary study was carried out, using historical-dialectical materialism. The methodological procedures used were bibliographical, documentary and field research, the latter involving a questionnaire with all the members of the waste pickers' associations and, finally, semi-structured interviews with the selected sample of women waste pickers. After the data collection phase of the research, the data was analyzed using "R" software and content analysis. The thesis is that there is a need for effective public policies to recognize the double invisibility that the universe of women waste pickers experiences in their daily lives, since it was possible to understand from the speeches and observations made during the field research that these women suffer intense inequalities and depend mostly on other women to carry out the invisible jobs that are present in their routines. In this way, it is understood that, although the pandemic has been challenging for society as a whole, for the waste pickers it has been the catalyst that has generated a mixture of feelings as they have realized with greater emphasis the importance of their work in society, both as women and as waste pickers. Consequently, it became clear that there is an urgent need for concrete action, through public policies that recognize and value the doubly invisible work they do.

Keywords: Women Waste Pickers. Invisible Work. Social Reproduction Theory

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Taxa de realização de afazeres domésticos, por sexo (2019)	75
Gráfico 2 -	Taxa de realização de afazeres domésticos, por sexo (2022)	76
Gráfico 3 -	Taxas de realização de trabalho doméstico, por grupos de idade (2019).....	77
Gráfico 4 -	Taxas de realização de trabalho doméstico, por grupos de idade (2023).....	77
Gráfico 5 -	Taxas de realização de trabalho doméstico, por cor e raça (2019).....	79
Gráfico 6 -	Taxas de realização de trabalho doméstico, por cor e raça (2022).....	80
Gráfico 7 -	Taxa de participação dos homens nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2019	84
Gráfico 8 -	Taxa de participação dos homens nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2022 (pandemia).	85
Gráfico 9 -	Taxa de participação das mulheres nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2019	85
Gráfico 10 -	Taxa de participação das mulheres nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2022 (pandemia).	87
Gráfico 11 -	Realização de trabalho de cuidado, segundo o sexo, no período de 2016, 2019 e 2022	87
Gráfico 12 -	Realização de trabalho de cuidado, por sexo, segundo a cor ou raça no ano de 2019	88
Gráfico 13 -	Realização de trabalho de cuidado, por sexo, segundo a cor ou raça no ano de 2022 (pandemia).	88
Gráfico 14 -	Diferença de renda dos catadores, segundo o sexo.....	118
Gráfico 15 -	Realização do trabalho doméstico na rotina dos(as) catadores(as) .	121
Gráfico 16 -	Auxílio para realização do trabalho doméstico a partir das respostas dos catadores de materiais recicláveis	123
Gráfico 17 -	Auxílio para realização do trabalho doméstico a partir das respostas das catadoras de materiais recicláveis	124
Gráfico 18 -	Alteração nos valores recebidos pós pandemia.....	125
Gráfico 19 -	Alteração nos valores recebidos pós pandemia.....	126
Gráfico 20 -	Mudanças materiais geradas a partir do auxílio emergencial	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representações das Teses e Dissertações – Banco de Dados Capes (direta).....	24
Quadro 2 - Representações das Teses e Dissertações – Banco de Dados Capes (indireta)	25
Quadro 3 - Representações das Teses e Dissertações sobre Covid-19 e catadores(as)	26
Quadro 4 - Relação das observações realizadas nas associações de catadores da cidade de Ponta Grossa - PR, apontamento baseado nas principais diferenças.....	110
Quadro 5 - Dados das entrevistadas	129
Quadro 6 - Categorias das entrevistas das catadoras de materiais recicláveis	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização quantitativa dos catadores(as) de Ponta Grossa - PR	29
Tabela 2 - Horas de trabalho doméstico em países da América Latina.....	72
Tabela 3 - Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio, por sexo, segundo o tipo de afazer doméstico (%) – 2019	81
Tabela 4 - Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio, por sexo, segundo o tipo de afazer doméstico (%) – 2022	82
Tabela 5 - Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou aos cuidados de pessoas (horas semanais) (2019)	90
Tabela 6 - Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou aos cuidados de pessoas (horas semanais) (2023)	91
Tabela 7 - Resultados referentes a suspensão do trabalho, horas de trabalho, renda e motivação para o trabalho em período de pandemia da Covid-19	109
Tabela 8 - Características individuais – Associação Dos Recicladores – Ponta Grossa – 2018.....	111
Tabela 9 - Percentual de associados em cada nível de escolaridade – Gênero – Associação dos recicladores - Ponta Grossa – 2017	112
Tabela 10 - Dados acerca da renda — Associação dos recicladores – Ponta Grossa – 2018	112
Tabela 11 - Caracterização da população de catadores associados observadas neste estudo (2023)	113
Tabela 12 - Caracterização da população de catadores(as) estratificados por sexo ao nascimento	115

LISTA DE SIGLAS

ACAMARO	Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro de Uvaranas
ACAMARU	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro da Nova Rússia
ACAMARUVA	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro de Oficinas
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
EPC	Equipamentos de Proteção Coletiva
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
FMLC-BH	Fórum Municipal Lixo e Cidadania de Belo Horizonte
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Economia Aplicada
IPSOS	Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur,
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
ONGs	Organizações não-governamentais
PNAD	Programa de Amostra por Domicílios
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
TEM	Ministério do Trabalho e Emprego

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - CONDIÇÕES MATERIAIS, NECESSIDADES HUMANAS E AS DESIGUALDADES NO SISTEMA CAPITALISTA	32
1.1 A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL E AS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO.....	32
1.2 A RELAÇÃO DA CATEGORIA TRABALHO E O SER SOCIAL.....	38
CAPÍTULO 2 - HOMENS POSSUEM QUALIFICAÇÃO E MULHERES QUALIDADES? UM DEBATE SOBRE A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL	54
2.1 TRABALHO, PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL: PRINCIPAIS APONTAMENTOS	54
2.2 A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL, TRABALHO INVISÍVEL E AS DUPLAS E TRIPLAS JORNADAS DAS MULHERES	59
2.2.2 A desigualdade de gênero e o debate da divisão sexual do trabalho	65
CAPÍTULO 3 - OS TRABALHOS IMPRESCINDÍVEIS E INVISÍVEIS PRESENTES NA REALIDADE SOCIAL	74
3.1 O TRABALHO INVISÍVEL E DOMÉSTICO NO CONTEXTO BRASILEIRO (2020).....	74
3.2 O TRABALHO INVISÍVEL E DOMÉSTICO NO CONTEXTO BRASILEIRO (2023) COM A COVID-19	92
CAPÍTULO 4 - OS(AS) CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UM TRABALHO DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE	97
4.1 AS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: LUTAS CONSTANTES NO CENÁRIO BRASILEIRO	97
4.2 AS CATADORAS(ES) DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: PRINCIPAIS APONTAMENTOS.....	105
4.3 AS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PONTA GROSSA: SOBRE A INVISIBILIDADE, O CUIDADO E A REALIDADE SOCIAL NA PANDEMIA.....	110
4.4 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DOS(AS) CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR NO ANO DE 2023	113
4.4.1 Renda dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis e o seu tempo de associação na cidade de Ponta Grossa-PR.....	117
4.4.2 Quantificações acerca do trabalho doméstico realizado em suas próprias residências	120
4.4.3 Quantificação em relação à ajuda no trabalho doméstico realizado em casa	123
4.4.4 Trabalho na associação de catadores durante a pandemia de Covid-19	125
4.4.5 O poder de compra que o auxílio emergencial possibilitou aos catadores(as) de materiais recicláveis.....	127

CAPÍTULO 5 - ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, COTIDIANO, ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E AUTOPERCEPÇÃO DO TRABALHO REALIZADO	129
5.1 O COTIDIANO DAS MULHERES CATADORAS DURANTE A PANDEMIA...	131
5.1.1 A rotina de trabalho das mulheres catadoras	132
5.1.2 A sobrecarga com trabalhos invisíveis	136
5.1.3 Terceirização do trabalho doméstico e de cuidado para outras mulheres.....	140
5.1.4 Não chamar de lixo já é um começo: do autorreconhecimento ao do trabalho com reciclagem	142
5.1.5 Um trabalho necessário, mas invisível para todos	144
5.1.6 Os olhares para quem trabalha com “lixo”	146
5.1.7 A remuneração e os processos monetários durante e pós-pandemia	147
5.2 A REALIDADE DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: O QUE MUDOU?	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NAS ASSOCIAÇÕES	171
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	174
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	176
ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	178
ANEXO B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES	182
ANEXO C – ESTATUTO DAS ASSOCIAÇÕES DE CATADORES E CATADORAS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PARANÁ	190

INTRODUÇÃO

“Enquanto mulheres estiverem usando poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo”.
(bell hooks)

A discussão sobre as desigualdades da sociedade brasileira sempre foram inquietações presentes na minha vida pessoal¹ e acadêmica. Durante a graduação em Serviço Social, pude participar de um projeto de extensão que trabalhava com catadores de materiais recicláveis. Esse foi o primeiro contato que tive com uma realidade cheia de contradições: um trabalho necessário para todos, mas valorizado por quase ninguém.

No ano de 2012, tive uma grande proximidade com as mulheres catadoras, que estavam organizadas em associações, sendo que, nesse período, o perfil dessas mulheres era, majoritariamente, na faixa etária entre 40 e 70 anos. Essas mulheres tinham interesse em aprender a ler e escrever, visto que a exclusão educacional sempre fez parte de suas vidas.

Nos anos seguintes, 2013 e 2014, foi possível incluir os(as) catadores(as) no Programa Paraná Alfabetizado, política pública educacional do governo do estado do Paraná, que tinha como objetivo alfabetizar um grupo de pessoas vulneráveis. Para isso, era necessário reunir um grupo de no mínimo 15 pessoas e, a partir disso, o governo disponibilizava uma professora que iria até o local, merenda e material escolar. As mulheres com duplas/triplas jornadas de trabalho foram as maiores participantes desse projeto de alfabetização.

Esse programa teve duração de 18 meses e foi extremamente significativo para os homens e mulheres catadores que estavam na associação. A partir dessa experiência, meu trabalho de conclusão de curso (TCC) teve como objetivo compreender a importância de saber ler e escrever para os(a) catadores(as) de materiais recicláveis. Essa pesquisa trouxe frutos, como publicações de artigos e, mais tarde, no ano de 2020, o primeiro lugar do prêmio paranaense em Ciência e Tecnologia.

Tais experiências formaram a grande motivação para meu ingresso no

¹ Para expressar melhor a subjetividade da vida acadêmica, na introdução será utilizada a linguagem pessoal.

mestrado e, assim, por buscar compreender a divisão sexual do trabalho e as duplas/triplas jornadas que essas mulheres sofrem em suas rotinas e trajetórias.

O Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas me possibilitou um vasto embasamento teórico sobre a temática de gênero e me permitiu entender as diversas desigualdades de classe, raça, gênero, nacionalidade e até mesmo de cidadania, que as mulheres sofrem desde que nascem.

Durante todo o período de escrita da dissertação, fiz observação participante e grupo focal que me trouxe o conhecimento empírico da realidade social dessas mulheres.

Desta forma, compreendeu-se uma trajetória repleta de desigualdades e vulnerabilidades, pois, mesmo que essas pessoas trabalhassem de forma intensa, diariamente, persistiam as dificuldades monetárias para a subsistência. Nesse mesmo contexto, houve reflexões sobre a trajetória de mulheres que passaram toda sua vida morando no “lixão”, tirando como sustento tudo que podiam de lá; essas mesmas mulheres, caminhavam 4h por dia para chegar ao seu local de trabalho, uma vez que elas não tinham/têm direito ao transporte coletivo, de forma gratuita, mesmo o trabalho delas sendo necessário para toda sociedade.

Durante as observações participantes na ocasião da elaboração da dissertação de mestrado, percebeu-se que as mulheres catadoras se encontram na seguinte categoria: mulheres, chefes de família que trabalham informalmente e com baixa remuneração, e elas também estão em um cenário de precariedade, realizando trabalhos domésticos e/ou invisíveis. Os dados da dissertação realizada, Sopko (2019), mostram que o trabalho da cozinha e limpeza das associações de catadores são realizados apenas por mulheres, e, em uma dessas associações, a mulher que trabalha na cozinha tem o menor rendimento, mesmo cumprindo os mesmos horários de trabalho.

Durante o doutorado tive uma importante aproximação com o trabalho invisível realizado por todas as mulheres na sociedade brasileira, e, a partir disso, pude problematizar a dupla invisibilidade que as catadoras de materiais recicláveis sofrem em suas rotinas – não têm reconhecimento do trabalho doméstico e de cuidado, bem como não têm valorização do seu trabalho como catadora, uma vez que a informalidade e o estigma de trabalhar com o lixo estão constantemente presentes.

A invisibilidade, a partir dos estudos da sociologia, é definida como pessoas ou grupos à margem da sociedade, com problemas, em que a existência deles deixa

de ser vista pelas outras pessoas, tornando-os invisíveis. Pinheiro (2015) traz a ideia de que trabalhadores informais também são vítimas desse fenômeno, visto que se caracteriza como um apanhado de diversas situações, que atinge vários grupos sociais.

Celeguim e Roesler (2009) pontuam que a invisibilidade social é um assunto relativamente novo e se relaciona à forma como são vistos os trabalhadores de profissões desprovidas de status, adequada remuneração e reconhecimento social. O tema é de suma importância, principalmente considerando uma sociedade onde o nível de consumo de bens materiais é o agente determinante do posicionamento de cada participante nas classes socioeconômicas conhecidas.

Tendo em vista o exposto essa tese discutirá acerca trabalho invisível das mulheres na sociedade capitalista, tendo como universo as catadoras de materiais recicláveis, já que se acredita que a forma que elas estão inseridas na sociedade, pode vir a trazer maiores dificuldades o reconhecimento dos seus trabalhos. Essa temática traz longos debates que devem ser abordados e problematizados, tais como: debate sobre reprodução social, trabalho de cuidado, doméstico, duplas/triplas jornadas de trabalho, remuneração desigual pelo gênero, estigma, cotidiano, entre outros. Desse modo, faz-se necessário considerar como se dá a lógica de trabalho, remuneração e apropriação na sociedade capitalista.

Primeiramente, compreende-se como o sistema econômico atual influencia sobre a realidade das mulheres catadoras, uma vez que é a partir dessa sociedade de consumo ilimitada e com uma exploração de mão obra que se tem diversas consequências. Parte-se de uma análise marxista, que fundamenta a sociedade dividida em classes, onde há os burgueses e proletários. Esses últimos não possuem os meios de produção e ficam reféns dos primeiros para sobrevivência.

Partindo da análise de uma sociedade de classes, encontram-se os homens e mulheres, que estão em diferentes estágios na vida cotidiana, uma vez que a relação do trabalho é diferente de um para outro – os homens estão subordinados a prover uma família por meio do trabalho produtivo e as mulheres estão inseridas no trabalho doméstico e de cuidado.

Para Hoffmann e Leone (2004), a inserção da mulher no mercado de trabalho profissional começa nos anos de 1970, por uma série de questões, mas principalmente pela intensificação da atividade econômica e o acelerado processo de industrialização e urbanização. Ainda, segundo os autores, o perfil dessas mulheres

foi se modificando no passar das décadas, visto que, na década de 70, o perfil era de mulheres jovens, solteiras e pouco escolarizadas, já na década de 80 foi de mulheres com mais de 25 anos, chefes, com cônjuge com maiores níveis de escolaridade e renda.

Por meio dessa análise, entende-se que as mulheres entraram no mercado de trabalho, mas ao mesmo tempo continuaram responsáveis pelos afazeres doméstico e de cuidado, e estes acabaram tornando-se invisíveis por não contar com um ganho monetário.

Articulada à problemática da questão das mulheres, como ficará explícito nos parágrafos abaixo, há ainda outra invisibilidade a ser problematizada: a das mulheres catadoras de materiais recicláveis, as quais fazem parte de um segmento laboral estigmatizado por toda sociedade.

A temática do trabalho doméstico e cuidado tem sido um debate recorrente em várias partes do mundo (como será observado no decorrer desta pesquisa), essa pauta faz parte de um cenário atual da sociedade e que precisa ser discutido: a mulher realiza duplas/triplas jornadas de trabalho, não tem remuneração para tal atividade, e seu trabalho é necessário para reprodução e manutenção da sociedade

Debater sobre o trabalho invisível sob uma análise marxista se faz fundamental para compreender a teoria da reprodução social e como ela se torna imprescindível para compreender as relações de classe, gênero e trabalho.

Segundo o Relatório *Care Work and Care Jobs*, publicado pela *International Labour Organization* (2018), em nível mundial, mulheres e meninas estão realizando $\frac{3}{4}$ da quantidade total de todo trabalho não remunerado de cuidado, e $\frac{2}{3}$ dos trabalhadores de cuidado são mulheres. Esse mesmo relatório aborda sobre o aumento exponencial da necessidade de trabalho de cuidado, uma vez que essa demanda tende a aumentar nos próximos anos.

Em 2015, havia 2,1 mil milhões de pessoas que necessitavam de cuidados (1,9 mil milhões de crianças com menos de 15 anos, das quais 0,8 mil milhões tinham menos de seis anos, e 0,2 mil milhões de idosos com uma esperança de vida saudável igual ou superior à sua). Até 2030, prevê-se que o número de beneficiários de cuidados atinja 2,3 mil milhões, impulsionado por mais 0,1 mil milhões de idosos e 0,1 mil milhões de crianças dos 6 aos 14 anos (Geveva, 2018, tradução nossa).²

² In 2015, there were 2.1 billion people in need of care (1.9 billion children under the age of 15, of whom

Em relação ao Brasil, os dados de 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), através do Programa de Amostra por Domicílios (PNAD), indicam que toda atividade que remete ao cuidado e à reprodução social é realizada majoritariamente por mulheres. Como exemplos da participação de mulheres em atividades de cuidado pode-se mencionar: preparar alimentos e servir a mesa (95,5% das mulheres realizam), cuidar da limpeza e manutenção de roupas e sapatos (91,2%), e limpar ou arrumar garagem e jardim (83,4%). Já os homens, realizam as mesmas atividades em proporção menor: 62%, 54,6% e 69,7%, respectivamente.

Outra questão importante que a pesquisa mostra é que o único momento em que a taxa de trabalho doméstico do homem é equivalente à da mulher, é quando ele mora sozinho, ou seja, mulheres realizam trabalhos invisíveis constantemente para outras pessoas.

Quando se observa a rotina de mulheres, percebe-se a quantidade de trabalho de cuidado envolvida. Exemplos disso são atividades que envolvem crianças, idosos, trabalho de higiene, alívio de estresse, entre outros. Há uma necessidade urgente de tematizar essas questões, pois o trabalho doméstico, majoritariamente qualificado como “da mulher”, precisa ser reconhecido e remunerado, uma vez que demanda tempo, energia e recurso.

Nessa perspectiva de reflexão, tem-se a teoria da Reprodução Social, que trata das necessidades para a manutenção e sobrevivência da sociedade humana:

Em um primeiro momento, a nascente perspectiva da reprodução social buscou desenvolver um problema antigo colocado diante da teoria marxista do valor-trabalho: incluir uma compreensão sobre as formas não-remuneradas de trabalho e responder qual seria a base material da opressão das mulheres no capitalismo (Ruas, 2020, p. 321).

O capitalismo não é apenas um sistema econômico, é algo maior: uma ordem social institucionalizada que abrange relações aparentemente não econômicas e práticas que mantêm a economia oficial. Por trás das instituições oficiais do capitalismo – trabalho assalariado, produção, troca e sistema financeiro – estão os suportes que lhe são necessários e as condições que possibilitam: famílias, comunidades, natureza, organizações políticas e, em especial, enormes e múltiplas

0.8 billion were under six years of age, and 0.2 billion older persons aged at or above their healthy life expectancy). By 2030, the number of care recipients is predicted to reach 2.3 billion, driven by an additional 0.1 billion older persons and an additional 0.1 billion children aged 6 to 14 years. (Geveva, 2018).

quantidades de trabalho não assalariado e expropriado, incluindo o trabalho de Reprodução Social, executado majoritariamente por mulheres e sem nenhuma compensação (Arruzza; Bhattacharya; Fraser 2019).

Desta forma, pode-se entender as diversas dimensões do trabalho doméstico para sociedade. Para o homem estar apto para o mercado de trabalho, ele demanda que outra pessoa realize as atividades inerentes à sua vida pessoal e doméstica.

A partir do Relatório *Care Work and Care Jobs*, compreende-se o valor que o trabalho doméstico agrega para a economia mundial. As responsáveis pelo trabalho de cuidado são pessoas (majoritariamente mulheres) sem nenhuma remuneração. A partir de uma análise realizada em 64 países, mostra que mulheres e meninas gastam em torno de 16,4 bilhões de horas em trabalho não remunerado. Este valor é equivalente a 2,0 mil milhões de pessoas que trabalham 8 horas por dia sem remuneração. Se esses serviços fossem avaliados com base num salário-mínimo por hora, corresponderiam a 9% do PIB mundial (tradução nossa)³. Sendo assim, entende-se que o trabalho invisível é uma realidade em todo mundo, e suas consequências precisam ter debatidas e minimizadas.

Segundo Federici (2019), a introdução de salários para o trabalho doméstico é um marco fundamental que implica que o capital terá a responsabilidade de compensar a enorme quantidade de serviços sociais que normalmente recaem sobre as mulheres. Essa mudança representa uma abordagem essencial na luta pela igualdade de gênero, pois desafia a ideia de que o trabalho doméstico é um destino biológico imposto às mulheres, que o desempenham sem remuneração. Ao exigir salários para o trabalho doméstico, recusa-se a aceitar a ideia de que o este trabalho é inerente à condição de gênero e reafirma-se que deve ser reconhecido e valorizado financeiramente.

Ao longo da história, a falta de compensação financeira pelo trabalho doméstico contribuiu significativamente para a institucionalização do papel das mulheres como cuidadoras e para a dependência econômica em relação aos homens. Ao não receber salários, fomos condicionadas a acreditar que o "amor" e o cuidado não precisavam de recompensa monetária, o que, por sua vez, intensificou a

³ Estimates based on time-use survey data in 64 countries (representing 66.9 per cent of the world's working-age population) show that 16.4 billion hours are spent in unpaid care work every day. This is equivalent to 2.0 billion people working 8 hours per day with no remuneration. Were such services to be valued on the basis of an hourly minimum wage, they would amount to 9 per cent of global GDP, which corresponds to US\$11 trillion (Geveva, 2018, p. 29).

desigualdade de gênero e a desvalorização de nosso trabalho.

Ademais as questões colocadas, no ano de 2020 começou a maior crise sanitária das últimas décadas – a pandemia de Covid-19, que trouxe mudanças profundas para a vida da população mundial. A crise sanitária desencadeou turbulências sociais e econômicas. Segundo a PNAD Contínua do IBGE, houve um aumento em um período de cinco meses, de 3,4 milhões de pessoas para 13,5 milhões de pessoas no total de desempregados no Brasil. O salto foi de 33%.

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças para todo o mundo, não apenas sanitárias e econômicas, mas também sociais. Nessa lógica, destaca-se a sobrecarga enfrentada pelas mulheres neste período, com o fechamento das escolas, o trabalho remoto do cônjuge e o próprio trabalho remoto. Além disso, há uma carga adicional quando o trabalho da mulher é presencial, mas não existem escolas ou creches para deixar os filhos durante a jornada. Esse contexto sanitário resultou em uma sobrecarga do trabalho feminino, já que todas as questões de cuidado foram intensificadas nesse período: cuidados sanitários, com os filhos, higiene, alimentação, educação, entre outros.

Uma pesquisa realizada pelo DataFolha, em 2021, apontou duas problemáticas em relação ao gênero: mulheres se encontravam mais ansiosas e estressadas durante a pandemia. O trabalho de cuidado foi severamente intensificado durante a pandemia e isso expôs uma questão, que até então estava oculta, para boa parte da sociedade: mulheres realizam trabalhos invisíveis e acumulam jornadas de trabalho.

De acordo com a pesquisa feita pelo DataFolha, 57% das mulheres que trabalharam *home office*, relataram ter acumulado maior parte do trabalho de cuidado. Quando foi perguntado aos homens, o percentual foi de 21%.

A pesquisa “O trabalho e a vida das mulheres na pandemia” mostra que 50% das mulheres brasileiras, passaram a cuidar de alguém durante o período da pandemia do Covid-19. Já as mulheres em zona rural a porcentagem chegou a 62%.

Em relação aos dados em nível mundial, o Instituto Ipsos (*Institut Public de Sondage d'Opinion Secteur* (2020) apresenta dados de 18 países, nos quais as mulheres demonstraram ser 4% mais propensas do que os homens a concordarem enfaticamente que a carga de trabalho invisível e de cuidados aumentou durante a pandemia.

Nessa lógica, é fato que as mulheres realizam trabalhos necessários para a

manutenção e reprodução da sociedade, ou seja, seu trabalho invisível acrescenta na economia. As mulheres fazem todo o trabalho de reprodução para os homens se inserirem dentro da produção capitalista. Mas é preciso lembrar que o trabalho privado⁴ não é remunerado e nem reconhecido.

É nesse cenário que se encontram as mulheres catadoras de materiais recicláveis. O trabalho é necessário para toda sociedade, porém, é informal, com baixa remuneração e com um grande estigma negativo. As(os) catadoras(es) de materiais recicláveis estão constantemente realizando atividades invisíveis, mas fundamentais para toda a sociedade, uma vez que todas as pessoas, diariamente, descartam materiais recicláveis (abrindo embalagens, descartando-as, e assim por diante) e materiais não recicláveis.

Compreende-se, então, que o trabalho dos catadores faz parte de um segmento laboral precário e vulnerável, uma vez que estes trabalham com aquilo que a sociedade deseja descartar. Este é um dos motivos para o trabalho do(a) catador(a) sofrer um grande estigma, uma vez que trabalham com algo que é considerado lixo.

Quando se fala em estigma⁵, parte-se do entendimento de Goffman (1981), que considera que as pessoas com estigma poderiam ter sido recebidas com facilidade nas relações sociais cotidianas, mas, seus traços singulares impõem atenção e afastam os indivíduos com que se deparam. Essa situação faz com que essas pessoas fiquem excluídas, e, assim, não é dada atenção para seus atributos.

Estigmatizar um sujeito por um traço individual de sua realidade social gera um fator de exclusão dentro da sociedade, que reduz o indivíduo a essa questão. No caso das(os) catadoras(es) de materiais recicláveis, a realidade de sua rotina consiste em trabalhar com aquilo que as pessoas descartam e isso faz com que não seja dada a devida importância e dimensão do seu trabalho para a sociedade e para o meio-ambiente, reduzindo o(a) catador(a) a uma pessoa que trabalha com sujeira e/ou com o lixo.

Portanto, sabe-se também que como um trabalho precário, o(a) catador(a) não possui - ou possui poucos - direitos, como, por exemplo, os direitos trabalhistas. Porém, mais grave do que isto considera-se também a falta de valorização da

⁴ Nesta pesquisa, utiliza-se o termo “trabalho privado” para se referir ao trabalho doméstico, ou qualquer outro trabalho que o público não visualiza ou valoriza. Essa atividade é apropriada dentro do ambiente familiar e a sociedade pouco compreende a sua dimensão.

⁵ Neste texto, o conceito sociológico do termo “estigma” foi abordado de forma breve, porém, compreende-se que a dimensão é mais ampla do que o pontuado.

sociedade e do Estado em relação ao trabalho do(a) catador(a), uma vez que estes majoritariamente em todo o cenário nacional têm como principal renda apenas aquilo que eles conseguem coletar e separar durante seus dias de trabalho.

Uma outra falta de valorização dos(as) catadores(as) vem também da falta de dados em cenário nacional. A última quantificação é do ano de 2013 (IPEA) (mais de 10 anos atrás), que considerava que os catadores(as) no Brasil estavam em quase 400 mil pessoas, já o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, considera que esse número já passou de um milhão (IPEA, 2013).

Para esse trabalho, problematiza-se a dupla invisibilidade que as mulheres catadoras de materiais recicláveis sofrem em seu cotidiano laboral e social, uma vez que, tanto seu trabalho profissional quanto seu trabalho doméstico, se tornam invisíveis, mesmo sendo indispensáveis, em especial, como isso se mostrou durante a pandemia.

Diante do exposto, questiona-se: como as mulheres catadoras vivenciaram a pandemia do Covid-19 nos anos de 2020 a 2024? Quais impactos sentiram nas estruturas e no dia a dia do funcionamento da associação durante esse período? Houve alterações na sua autopercepção enquanto mulher e catadora, agregando valor para a economia e para o meio ambiente, a partir da realidade pandêmica?

Nesse sentido, para esta tese, destacou-se como **objetivo geral** compreender a realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis, na cidade de Ponta Grossa – PR a partir da pandemia do Covid – 19.

Como **objetivos específicos** foram definidos: a) identificar os impactos da pandemia nas estruturas das associações de catadores de Ponta Grossa; b) mapear o perfil dos participantes das associações durante e pós pandemia; c) compreender como foi o cotidiano das mulheres catadores participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; d) compreender a autopercepção das catadoras sobre o trabalho que realizam em especial, pós-pandemia.

Inicialmente, trabalhou-se com a hipótese de que a pandemia pudesse ter escancarado os problemas da desigualdade de gênero e de (in)visibilidade do trabalho das catadoras de materiais de recicláveis no Brasil, em especial, em Ponta Grossa/PR. Sendo assim, a hipótese inicial era de que a pandemia poderia ter intensificado as vulnerabilidades sociais e econômicas das catadoras, contudo, no decorrer da pesquisa, a partir da aproximação da realidade social dessas mulheres, entendeu-se

que outras configurações se apresentaram no período da pandemia, sendo essas nuances contraditórias, uma vez que foi durante uma crise sanitária e econômica o momento em que elas puderam sentir-se mais reconhecidas e com mais condições econômicas. Além disso, enfrentaram com menos dificuldades o seu cotidiano, tanto de cuidado e alimentação, como também em outros aspectos que aparecerão ao longo deste trabalho.

Em uma realidade que sempre foi composta majoritariamente por mulheres, mesmo havendo intensificação das duplas/triplas⁶ jornadas de trabalho para elas na pandemia, a alteração no valor da remuneração, que aconteceu a partir do aumento de produção de triagem e venda de material reciclável produzido (as pessoas em casa produziram mais materiais), com diversos auxílios que foram atribuídos na época (ex. auxílio emergencial e outros pontuais especificamente aos catadoras), levaram-nos a compreender de que mesmo a pandemia sendo agravante para a sociedade como um todo, para as catadoras, foi o estopim que gerou um misto de reconhecimento de si mesmas ao compreenderem a importância de seu trabalho na sociedade, como mulher e como catadora. Nesse sentido, defende-se aqui a tese que há uma necessidade de ações efetivas para as mulheres catadoras, a partir de políticas públicas de reconhecimento e valorização do trabalho duplamente invisível que realizam.

Nesse sentido, essa tese se justifica por adentrar na realidade das catadoras de materiais recicláveis, compreender a importância do seu trabalho para toda a sociedade, além de destacar a necessidade de avanços e reconhecimentos dessa atividade. Fica evidente a partir dos dados que se apresenta nessa tese que há uma discrepância social do trabalho duplamente invisível que as mulheres catadoras realizam todos os dias, uma vez que o trabalho doméstico, em si, já não tem visibilidade, e, o trabalho na catação, além de não ter visibilidade, carrega um estigma de manusear algo sujo – o material reciclável, o que nessa tese, ficou muito evidente.

A delimitação da presente pesquisa e a verificação de sua originalidade se deu por meio da construção do estado do conhecimento da temática escolhida. Para esta análise foi realizado um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Para uma melhor delimitação, foi pesquisado utilizando-se como descritores

⁶ Durante a pandemia do Covid-19 as associações de catadores(as) de materiais recicláveis da cidade de Ponta Grossa – PR continuaram trabalhando normalmente, uma vez que seu trabalho foi considerado essencial e o acúmulo de material seria um problema ambiental.

de busca a palavra-chave: Reprodução Social⁷, as pesquisas foram referentes às teses e dissertações produzidas nos últimos cinco anos (2017 a 2022) e que já constam no banco de dados em questão.

As grandes áreas de conhecimento definidas foram as Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Multidisciplinar. Na área de conhecimento filtrou-se em – Direito, Sociologia, Serviço social, História, Sociais e Humanidade, Ciência política, Economia, Epistemologia, Filosofia, Fundamentos do Serviço Social, Geografia, História, outras sociologias específicas, Política Internacional e Sociologia do Desenvolvimento.

Foi necessário realizar essas filtrações visto que o termo “reprodução social” aparece em outras áreas que não abordam a questão do trabalho invisível. O resultado dessa pesquisa foi 2502 teses e dissertações realizadas entre os últimos cinco anos. A partir disso, foram realizadas leituras de seus resumos e/ou introduções e verificado em quais trabalhos se enquadrava o tema da reprodução social e trabalho invisível. O resultado dessa pesquisa deu-se em 23 teses e dissertações, que abordam o tema de maneira direta ou indiretamente.

Com o intuito de melhor explicar os resultados, definiu-se em teses que abordam o tema⁸ diretamente e teses que poderão auxiliar a pesquisa, mas não abordam o tema de forma direta. Desse modo, são 11 as teses que abordam o tema “reprodução social” e 12, as que tratam de forma indireta, como pode ser verificado no quadro 1 e 2:

Quadro 1 - Representações das Teses e Dissertações – Banco de Dados Capes (direta)

(continua)

TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A TEMÁTICA DE FORMA DIRETA
Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências (2017).
Organismos internacionais e enfrentamento à precarização do trabalho das mulheres na América latina (2017).
A formação do movimento de mulheres negras no Brasil (1978-2000): uma abordagem a partir da teoria da reprodução social (2020).

⁷ Deu-se preferência para uma busca mais ampla e complexa da temática “Reprodução Social”, uma vez que há diferenciações em seu significado. Desta forma, a pesquisa foi minuciosa, buscando compreender onde o termo Reprodução Social estava aliado com a palavra gênero e trabalho invisível.

⁸ Consideram-se pesquisas diretas aquelas que abordam já em seu resumo o conceito da Teoria da Reprodução Social (TRS). As demais abordam a temática durante a pesquisa, mas não se colocam como uma das categorias do trabalho discutir TRS ou o trabalho invisível.

Quadro 1 - Representações das Teses e Dissertações – Banco de Dados Capes (direta)

(conclusão)

TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A TEMÁTICA DE FORMA DIRETA
Um olhar da economia feminista para as mulheres: os avanços e as permanências das mulheres no mundo do trabalho entre 2004 e 2013 (2017).
As contribuições feministas à proteção social no estado capitalista (2020).
(des)construção da identidade de gênero: inserção crítica ao sujeito do feminismo e o reconhecimento do trabalho da mulher (2017).
A economia feminista como um campo de análise e ação: um estudo de suas implicações políticas (2020).
Resistência e luta: o processo de organização das trabalhadoras domésticas por direitos trabalhistas e previdenciários no Brasil (2019).
Mulheres encarceradas e o rompimento de laços sociais: um estudo sobre mulheres presas por crimes relacionados ao tráfico de drogas (2018)
O estado e a cidadania feminina: vozes das mulheres mil (2017).
Memórias de mulheres inseridas no mercado de trabalho na sociedade brasileira: Mulheres em postos de responsabilidade judiciária na Bahia (2017).

Fonte: A autora.

Nota: Dados retirados do Banco de teses e dissertações da Capes.

Quadro 2 - Representações das Teses e Dissertações – Banco de Dados Capes (indireta)

TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A TEMÁTICA DE FORMA INDIRETA
A exploração do trabalho no processo de quarterização no setor têxtil-vestuário em Blumenau (2017).
Trabalho social com famílias: das determinações sócio-históricas aos subsídios para o trabalho profissional cotidiano (2017).
As seguranças sociais e a perspectiva de gênero no sistema único de assistência social (2017).
Metamorfoses do trabalho doméstico remunerado no contexto de mundialização do capital - o caso brasileiro (2017).
Políticas públicas para mulheres rurais no Brasil (2003-2015): análise a partir da percepção de mulheres rurais e de movimentos sociais mistos (2017).
Seguridade social no Brasil e os movimentos das mulheres pelo direito à aposentadoria das “donas de casa de baixa renda”: contradições e tendências (2019).
As contribuições feministas à proteção social no estado capitalista (2020).
Trabalho da mulher e negociações coletivas: migalhas em cláusulas (2017).
Os critérios diferenciados na aposentadoria da mulher (2018).
As relíquias do lixo: mulheres catadoras e o engenhoso trabalho de cooperar e resistir (2018).
A luta das mulheres é levada nos ossos do peito: Mulheres camponesas em Santa Catarina e o caminho da luta por direitos (2017).
O trabalho da mulher na economia solidária e feminista: Autonomia – além da geração de trabalho e renda (2017).

Fonte: A autora.

Nota: Dados retirados do Banco de teses e dissertações da Capes.

Considerando os resultados, percebe-se que a teoria da reprodução social foi pouco abordada nos últimos cinco anos e em relação ao universo dos catadores não houve nenhuma pesquisa relacionada à teoria da reprodução social. Também não houve produção que relacionasse o auxílio emergencial como uma forma de remuneração dentro do contexto do trabalho doméstico.

Dentro dessa mesma lógica foi realizado mais um estado da arte, uma vez que se fez necessário quantificar as publicações sobre a temática de catadores e pandemia, e estas foram as palavras-chaves colocadas no banco de teses e dissertações da Capes. O resultado automático foi de oito pesquisa que relacionou as palavras “catadores” e “pandemia”, sendo que apenas sete trabalham diretamente a temática em questão.

Quadro 3 - Representações das Teses e Dissertações sobre Covid-19 e catadores(as)

TESES E DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM A TEMÁTICA COVID-19 E CATADORES(AS)
Impactos da pandemia da covid-19 na gestão de resíduos recicláveis: estudos de caso nos municípios de Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR) e São Paulo (SP) (2022).
Catadores de materiais recicláveis: dimensões legislativas, ambientais e socioeconômicas diante da pandemia da covid-19 no município de Toledo – PR (2022).
Coleta e organização de associações de catadores de materiais recicláveis de Chapecó SC: vulnerabilidades frente à pandemia de Covid 19 (2021).
Redes de cuidado, desigualdades e trabalho: o contexto das catadoras de uma associação de materiais recicláveis na cidade de Ceilândia/DF (2021).
Condições de trabalho, saúde e qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis, no período de pandemia da Covid-19 (2022).
A implicação da pandemia de covid-19 na coleta seletiva do município de João Monlevade, MG (2022)
Panorama dos impactos da pandemia de SARS-cov-2 nas cooperativas de catadores(as) de materiais recicláveis do município do Rio de Janeiro (2022).

Fonte: A autora.

Nota: Dados retirados do Banco de teses e dissertações da Capes.

OS PERCURSOS METODOLÓGICOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Para a pesquisa em questão foi necessário seguir um percurso metodológico que auxiliasse a alcançar os objetivos que foram propostos. Nesse sentido, optou-se pela pesquisa bibliográfica, documental, e de campo sendo esta explicativa e exploratória.

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica⁹ é realizada a partir do material que já está disposto, principalmente livros e artigos científicos. De acordo com Gil: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2008, p. 51).

Outrossim, Gil (2008) considera que a pesquisa documental difere da bibliográfica no que consiste na natureza das fontes, uma vez que os materiais da pesquisa documental ainda não receberam tratamento analítico e estes podem ser analisados de acordo com os objetivos da pesquisa. Para esta tese foram utilizados os documentos que a Secretaria Municipal do Meio Ambiente disponibilizou: atas e relatórios das reuniões das associações de catadores(as) de materiais recicláveis.

A pesquisa percorre inicialmente materiais bibliográficos e documentais. Foram analisadas as atas de fundação das associações de catadores de materiais recicláveis da cidade de Ponta Grossa-PR, documentos relacionados à observação não participante e relatórios de documentos produzidos que tinham afinidade com a temática, tanto local como nacionalmente. Segundo Gil (2008), a pesquisa documental traz a possibilidade de explorar fontes documentais ainda não trabalhadas, ou seja, documentos em primeira mão que ainda não receberam nenhum tipo de tratamento.

No que se refere a pesquisa explicativa, segundo Gil (2008), busca compreender os fatores que colaboram para determinadas ocorrências: “Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas [...]” (Gil, 2008, p. 42). Ainda, segundo o autor, a pesquisa explicativa nas ciências sociais vale-se exclusivamente do método experimental e pode decorrer de estudos observacionais, sendo consideradas experimentais *ex-post*.

Por fim, no que tange à pesquisa exploratória, Minayo, Deslandes e Gomes (2009) consideram que o processo de trabalho científico na pesquisa qualitativa é dividido em três etapas: (1) fase exploratória; (2) trabalho de campo; (3) análise e tratamento do material empírico e documental. Durante a fase exploratória, ocorre a elaboração do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para a preparação da entrada em campo. Este é o momento dedicado a definir e delimitar o objeto de estudo, desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, formular hipóteses ou pressupostos para sua condução, escolher e descrever os instrumentos de

⁹ Ainda, segundo Gil (2008), parte dos estudos exploratórios podem ser desenvolvidos através de pesquisas bibliográficas. A partir disso considera-se essa pesquisa também sendo exploratória.

operacionalização do trabalho, planejar o cronograma de ação e realizar procedimentos exploratórios para a seleção do espaço e da amostra qualitativa.

Para essa pesquisa, buscou-se trazer complementariedade dos dados, trabalhando com dados primários, coletados pela própria autora, sendo então uma pesquisa qualitativa, uma vez que há dados que nunca foram anteriormente publicados.

Segundo Minayo, Deslandes e Cruz (2009), a pesquisa qualitativa traz complementariedade para a quantitativa, uma vez que há compreensões da vida e da subjetividade humana que não podem ser expressas pelos números.

Depois de cumpridas essas duas etapas no percurso metodológico, foi o momento de realizar a pesquisa de campo. Para isso, foi realizada a observação sistemática e, em seguida, a aplicação de questionários *in-loco*. Para Gil (2008), essa metodologia é necessária quando o pesquisador já conhece os aspectos do grupo ou comunidade em questão, pois leva em consideração os objetivos da pesquisa, para assim poder organizar o que será explorado.

Durante esse período da metodologia, observou-se as questões de gênero dentro das associações de catadores(as), como por exemplo: a cozinha é sempre função de uma mulher, que ganha inferior ao restante do grupo; a remuneração é menor para mulheres que têm filhos em idade escolar, uma vez que elas precisam sair mais cedo para buscá-los; existe uma rotina de intenso trabalho profissional, com responsabilidades do trabalho doméstico e de cuidado; utiliza-se como justificativa o fato de o trabalho poder ser encerrado antes do expediente convencional (mas segundo os relatos, isso dificilmente acontece, pois, é grande a demanda de trabalho).

Por fim, para cumprir os objetivos a e b, foi necessário realizar um questionário estruturado (Anexo I), com questões abertas e fechadas, no qual foi abordado sobre os dados censitários, renda, escolaridade, bem como questões relacionadas ao trabalho doméstico e a percepção dos(as) catadores(as) sobre o trabalho que realizam nas associações, para poder comparar com dados que se tinham das associações antes da pandemia. No que se refere aos dois últimos objetivos, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas com as mulheres catadoras das associações, uma vez que esse método permitiu uma maior abrangência para entender o cotidiano delas e autopercepção em relação ao trabalho que realizam.

De acordo com Gil (2008), o questionário tem uma ampla importância na pesquisa, uma vez que permite traduzir os objetivos em questões específicas. As

respostas proporcionam dados necessários, como, por exemplo, descrever as características de uma população.

No caso desta tese, o questionário abordou o universo dos catadores de materiais recicláveis, organizados em associações (que inclusive antes da pandemia eram quatro e pós pandemia são três), na cidade de Ponta Grossa – PR. A amostra foram todos(as) os(as) catadores(as) que se dispuseram a responder as perguntas de forma voluntária. No total foram 55 catadores, dos quais 34 foram mulheres e 21 homens, ou seja, dos 69 associados, 55 aceitaram participar da pesquisa. Conforme se observa no quadro 4.

Tabela 1 - Organização quantitativa dos catadores(as) de Ponta Grossa - PR

Associação	Número de associados	Número de participantes da pesquisa	% de participação
Acamaru	20	16	80%
Acamaruva	30	22	73,33%
Acamaro	19	17	89,47%

Fonte: a autora

O questionário possibilitou quantificar os catadores(as) e compreender brevemente as questões de gênero que perpassam suas realidades. A partir dos dados supracitados, conclui-se que há 69 catadoras(es) de materiais recicláveis na cidade em questão, estes organizados em associações.

O perfil dos(as) catadores(as) já tinha sido mapeado por pesquisas¹⁰ anteriores. Deste modo, utilizou-se esta pesquisa para entender o perfil dos catadores(as) antes da pandemia da Covid-19. Sendo assim, para cumprir um dos objetivos da tese, foi realizado um questionário (anexo 1) que buscou atualizar os dados e mostrar se depois da pandemia do Covid-19 alterou o perfil e a realidade das(os) catadoras(es) de materiais recicláveis da cidade de Ponta Grossa - PR.

Tratando-se de uma realidade subjetiva, sabe-se que os resultados não são permanentes e podem se diferenciar de uma associação para outra. Como mencionado anteriormente, para complementar os dados dessa pesquisa também se optou por realizar entrevistas com as mulheres catadoras de materiais recicláveis, uma vez que foi necessário compreender a totalidade da realidade social em que elas

¹⁰ O estudo se trata de uma pesquisa desenvolvida com docentes e discentes pelo Núcleo de pesquisa, questão ambiental, gênero e condição de pobreza. Parte dessa pesquisa encontra-se disponível na seguinte publicação: Raiher (2021).

se encontram. Para essa parte da pesquisa foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado. Como critério para seleção da amostra foram selecionadas duas mulheres, com mais tempo de trabalho de cada associação e que estivessem trabalhando nela desde o período da pandemia até o momento da realização da pesquisa.

Posteriormente à realização da pesquisa de campo, iniciaram-se as análises dos relatos das catadoras. Para isso, foi utilizada a análise de conteúdo, conjunto de técnicas de análise das comunicações, a qual visa obter indicadores, quantitativos ou não, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, que permitem a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção/recepção dessas mensagens (Bardin, 2011).

Bardin (2011) compreende que a análise de conteúdo tem dois objetivos principais: a) ultrapassagem da incerteza – o que julga ter na mensagem estará lá, transformando essa em algo válido; b) enriquecimento da leitura – a qual através de maior aprofundamento das leituras e de mensagens pode-se ter uma descrição de mecanismos que *a priori* não se tinha compreensão.

A tese foi organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo foi abordada a ontologia do ser social, a formação do homem e a sua relação com a natureza, bem como o processo de trabalho e alienação decorrente deste.

No segundo capítulo, o debate percorreu as desigualdades do trabalho em relação à mulher. Para isso, utilizou-se a Teoria da Reprodução Social, um debate marxista que visa compreender os trabalhos invisíveis que as mulheres realizam e são fundamentais para o processo de reprodução da economia capitalista. Nesse mesmo capítulo abordou-se sobre a divisão sexual do trabalho e as duplas/triplas jornadas que as mulheres têm em todo o mundo.

O terceiro capítulo trouxe uma compreensão dos dados do trabalho invisível no contexto brasileiro. As análises foram realizadas com dados do trabalho doméstico antes e durante a pandemia do Covid-19.

O quarto capítulo trouxe o universo dessa pesquisa, as catadoras de materiais recicláveis. Nesse momento foram abordados os dados primários e secundários. Foram realizadas as análises dos questionários aplicados nas associações de catadores(as) da cidade de Ponta Grossa - PR.

Por fim, o quinto e último capítulo, são apresentados e discutidos os dados

das entrevistas com as catadoras de materiais recicláveis. Nesse momento da tese foram realizadas análises sobre o cotidiano, dificuldade com o trabalho invisível e os estigmas que carregam por causa do trabalho.

Considera-se a importância desta tese para a formulação de políticas públicas que abordem as dificuldades que as mulheres catadoras enfrentam em seu cotidiano devido à dupla invisibilidade que elas vivem. Sendo que os dados que aqui serão apresentados, nos permitem uma compreensão mais aprofundada das condições de trabalho e das experiências das mulheres catadoras de materiais recicláveis não só de Ponta Grossa, como poderá servir de referência para reflexão do Brasil como um todo, especialmente no contexto da pandemia de Covid-19. Além disso, os resultados esperados poderão informar políticas públicas voltadas para a valorização do trabalho das catadoras e para a redução das desigualdades de gênero no contexto do trabalho invisível. Ademais, prova o quanto mulheres catadoras de materiais recicláveis precisam tornar-se visíveis.

CAPÍTULO 1

CONDIÇÕES MATERIAIS, NECESSIDADES HUMANAS E AS DESIGUALDADES NO SISTEMA CAPITALISTA

“A ideia de liberdade é inspiradora.
Mas o que significa?
Se você é livre em um sentido político,
mas não tem comida, que liberdade é essa?
A liberdade de morrer de fome”.

(Angela Davis)

Neste primeiro capítulo buscou-se abordar um referencial teórico acerca de um dos primeiros elementos que compõe a tese: o trabalho. Assim sendo, tem-se uma discussão que perpassa as questões das relações de trabalho, apropriação da natureza e a alienação do homem durante esse processo. Esse capítulo também abordou sobre a Ontologia do Ser Social e as contradições que perpassam todo esse processo. Essa discussão é primordial, uma vez que se faz necessário sua compreensão para entender como a categoria trabalho se efetivou e se adaptou no decorrer dos séculos.

1.1 A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL E AS CONTRADIÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO

György Lukács (2018) buscou compreender sobre a ontologia do ser social seguindo a perspectiva de Marx. Para Lukács, o ser social está sujeito a diversas necessidades e legalidades, tal como a natureza também está. Conforme a compreensão do autor: “[...] e as novas categorias do ser social relacionam-se do mesmo modo com as categorias da natureza da natureza orgânica e inorgânica” (Lukács, 2018, p. 27).

De acordo com Lukács (2018), para entender o pressuposto inicial da questão ontológica do ser social é preciso compreender o papel da práxis em sentido objetivo e subjetivo. Lukács (2018) “[...] ainda faz referência à última tese de Feuerbach, que considera que os filósofos interpretaram o mundo de diferentes maneiras, mas a necessidade é de transformá-lo”.

Para uma melhor compreensão da ontologia do ser social, Lessa (2016) trabalha com a metáfora de um personagem denominado Ikursk, cujo principal

adjetivo era ser medroso. Na aldeia em que vivia, havia um tigre dente-de-sabre, que estava atacando pessoas e matando criações; vários guerreiros haviam tentado capturá-lo, mas sem êxito. Ikursk, com medo de ser enviado à floresta, começou a construir um enorme machado, descomunal para seu tamanho, assim, seria impossível ele ir para a floresta tentar capturar o tigre. Certo dia, o pajé da tribo, chamou Ikursk e disse que seu comportamento desagradava os deuses, mesmo assim, ele continuou a construir seu machado, e assim, ele atingiu seu objetivo: não foi enviado para floresta. Certo dia, enquanto Ikursk quebrava alguns cocos, ele sentiu em seu pescoço uma respiração que não condizia com a humana. Quando percebeu, era o tigre dente-de-sabre que o atacava pelas costas. O pavor tomou conta de Ikursk, fazendo-o cair; uma contração espasmódica o derrubou e fez com que o machado caísse na cabeça do animal, matando-o. O covarde, se tornou um herói, uma vez que, fez uma proeza que nenhum outro guerreiro foi capaz. Assim, a aldeia encontrava-se livre e em paz.

A partir dessa metáfora, Lessa (2016) tem o entendimento de que essa situação só é possível de acontecer no mundo dos homens. Isso porque no reino inorgânico não se possui vida; o processo de evolução se dá quando algo se transforma em outro, distinto, por exemplo: pedra em terra, montanha e vale, e assim por diante.

Sobre a vida biológica, segundo Lessa (2016), também não seria possível os acontecimentos que houve com Ikursk. Cita-se a goiabeira. Ela produz goiabas, cujas sementes gerarão novas goiabeiras, assim, se mantém o ciclo de reprodução biológica. A vida é marcada pela contínua reinserção do mesmo processo.

O processo ontológico do ser social é repleto de transformações em sua realidade, podendo ser modificada a qualquer momento por meio de novos fatos e acontecimentos. Desta forma, Sergio Lessa, compreende:

Portanto, entre a esfera inorgânica, a esfera biológica e o ser social, existe uma distinção ontológica (uma distinção nas suas formas concretas de ser): a processualidade social é distinta, no plano ontológico, dos processos naturais. Enquanto no ser social a consciência joga um papel fundamental, possibilitando que os homens respondam de maneira sempre nova às novas situações postas pela vida, na trajetória da goiabeira a sua reprodução apenas é possível na absoluta ausência da consciência. Apenas uma processualidade muda (isto é, incapaz de se elevar à consciência do seu em-si) pode se consubstanciar numa incessante reprodução do mesmo (Lessa, 2016, p. 19).

Compreende-se a importância de o homem/mulher romper com os padrões iniciais para dar início à sua forma de ser. Esta, muito provavelmente será definida também através de suas experiências, tempo, culturas, entre outros aspectos.

Segundo Barroco (2010) é nesse processo de ruptura que o ser social passa a construir mediações e, assim, expande seu controle sobre a natureza e sobre si mesmo. Compreende-se que o ser social se manifesta na natureza, e que é no processo de humanização que nascem suas capacidades essenciais. Desse modo, “[...] ele é autor de si mesmo, o que indica a historicidade de sua existência, excluindo qualquer determinação que transcenda a história e o próprio homem” (Barroco, 2010, p. 20).

Compreender o ser e suas conexões com a natureza, significa entender a ontologia do ser social na realidade objetiva da natureza, uma vez que os homens têm relação consigo e com a natureza, dado que o modo de ser social caracterizam construções sócio-históricas.

Duayer, Escurra e Siqueira (2013), consideram a importância de pesquisar sobre a ontologia, uma vez que esta traz a necessidade de buscar as concepções que dão existência às ideias humanas e às práticas que elas facultam. Contudo, é preciso antes ter consciência da ontologia que compreende as ações e não se conduzir com base em noções sem reflexões sobre a realidade e que podem não ser verdadeiras. A ontologia tem como dedução a verdade.

Sergio Lessa (2016) traz uma importante fundamentação no que se refere a Ontologia do Ser Social, colocando, primeiramente, os seres inorgânicos, considerando-os sem vida, os quais não podem dar origem a acontecimentos marcantes. Posteriormente, vem os seres biológicos, eles conseguem fazer a reprodução biológica, mas esta não é capaz de produzir novos fatos ou outros acontecimentos. Por fim, Lessa (2016) aborda a fundamentação da consciência como fator primordial e um diferencial do homem em relação às outras duas esferas.

Compreende-se, então, a diferença que a consciência traz dentro dos processos e determinações na natureza. Assim, tem-se três esferas ontológicas: a inorgânica, onde sua evolução é a transformação em algo distinto; a biológica, a qual repõe o mesmo processo de produção, e, por fim, o ser social, o qual tem consciência e determinação para produzir o novo, conseguindo assim transformar a realidade que o cerca.

Outrossim, Lessa (2015) pontua que as três esferas ontológicas estão ligadas

e não podem ser separadas. A esfera inorgânica é responsável pela vida e sem a vida não há ser social. Isso acontece, ainda segundo o autor (2016): “Isto ocorre porque há uma processualidade evolutiva que articula as três esferas entre si: do inorgânico surgiu a vida e, desta, o ser social. Essa processualidade evolutiva é responsável pelos traços de continuidade que articulam as três esferas entre si (Lessa, 2016, p. 20).

Em seu livro “Crítica ao programa de Gotha”, Marx (2012) faz uma importante observação no que se refere ao trabalho, homem e a natureza, onde este considera:

[...] o trabalho não é fonte de toda riqueza. A natureza é a fonte dos valores de uso (e é em tais valores que consiste propriamente a riqueza material!), tanto quanto o é o trabalho, que é apenas a exteriorização de uma força natural, da força de trabalho humana (Marx, 2012, p. 23).

Marx (2012) considera que o homem se coloca como proprietário da natureza, sendo essa a primeira fonte de todos os objetos de trabalho, de uso, ou seja, de toda riqueza.

Lessa (2016) considera que as três esferas estão peremptoriamente ligadas, uma vez que “sem a esfera inorgânica não há vida, e sem a vida não há ser social” (p. 20). Ou seja, o ser social depende da natureza para se reproduzir, para criar, e até mesmo para existir.

Sob o aspecto do materialismo marxiano-lukacsiano e o materialismo ingênuo do Iluminismo, Lessa (2016) considera que ambos se assemelham por acreditarem que uma ontologia do ser social é viável apenas quando se tem por base uma ontologia do ser natural, ou seja, há uma ligação direta entre o ser social e a natureza. De acordo com o autor:

O que os distingue radicalmente é o fato que ‘O velho materialismo ./ queria entender os fenômenos mais complexos, a estrutura mais elevada, como surgido diretamente dos inferiores, como seus simples produtos ./’. O novo materialismo fundado por Marx considera, claro, insuprimível a base material da existência humana, mas isto é, para ele, apenas um motivo a mais para evidenciar a sociabilidade específica daquelas categorias que surgem do processo de separação ontológica entre natureza e sociedade’ (Lessa, 2016, p. 20).

A partir das considerações de Lessa (2016), deve-se considerar que há uma ruptura ontológica entre a esfera inorgânica e a esfera biológica, sendo estas as formas distintas de ser. O ser vivo transforma-se em inorgânico, apenas, em sua morte.

Lessa (2016) também traz os desdobramentos existentes entre o mundo inorgânico e a vida. Salienta-se os processos longevos e os saltos ontológicos dessa relação:

Por isso, entre o salto ontológico que deu origem à vida, e o tigre, se interpõe um longo e complexo processo de desenvolvimento biológico – que também exhibe, no seu interior, momentos de saltos qualitativos – que, de maneira alguma, pode ser reduzido ao salto ontológico originário (Lessa, 2016, p. 24).

A essência do salto ontológico está no fato de ter uma ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento e não pelo surgimento e ou criação, sendo instantânea ou gradual da nova forma do ser: “Em outras palavras, o salto corresponde ao momento negativo de ruptura, negação, da esfera ontológica anterior; é este momento negativo que compõe a essência do salto” (Lessa, 2016, p. 23)

O salto ontológico, segundo Lukács (2018), é o momento que diferencia os homens dos outros seres naturais:

[...] O trabalho significa, contudo, como já sublinhamos, um salto nesse desenvolvimento. A adaptação não passa do instintivo ao consciente, mas se desdobra em uma ‘adaptação’ a circunstâncias não criadas pela natureza, mas, ao contrário, auto escolhidas [sic], autocriadas (Lukács, 2018, p. 44).

O salto ontológico representa a processualidade, nos mostra que para algo mais longo e complexo existir são necessários outros processos por trás destes os quais são diferentes, mas não são totalmente desconexos, para tanto, Sérgio Lessa, considera (2016):

Essas colocações, todavia, não esgotam todos os aspectos da questão. Há ainda o problema da determinação da forma concreta que teve este salto ontológico. Como, quando e onde ele se deu? Tais questões, obviamente, não podem ser resolvidas no campo da ontologia. Elas requerem pesquisas específicas que pertencem à ciência. O que hoje parece claro é que um determinado nível de organização das substâncias inorgânicas possibilitou, a partir de um dado momento da evolução do planeta Terra, que algumas moléculas passassem a reproduzir a si mesmas, dando origem à reprodução biológica e ao desenvolvimento da vida (Lessa, 2016, p. 24).

Sendo assim, faz-se importante considerar também a relevância do salto ontológico no que se refere à reprodução do mesmo e do novo, uma vez que integra a origem da vida do ser social.

Lukács (2018) considera que para compreender o ser social, seus processos,

sua combinalidade e fundabilidade, precisa-se iniciar a análise pela categoria trabalho. Para o autor, apenas o trabalho tem sua essência ontológica em um caráter de transição – sua essência é uma interrelação entre a natureza e o ser humano:

Assim entendido, o trabalho mostra ontologicamente uma dupla face: por um lado, esclarece nessa sua generalidade que uma práxis apenas é possível como consequência de uma posição teleológica de um sujeito, que, contudo, uma tal posição encerra em si um conhecimento e um pôr de processos causal-naturais como posições. Por outro lado, trata-se aqui de uma inter-relação tão dominante entre ser humano e natureza, que se tem o direito de, na análise da posição, apenas se considerar as categorias que dela brotam (Lukács, 2018, p. 41).

Lukács (2018) busca analisar as relações, vínculos e diferenças entre orgânico e o ser social, tendo como base de sua análise o trabalho. De acordo com o autor, no que se refere a posição teleológica, ou seja, a sua finalidade, não pode ser determinada pelo desejo em satisfazer uma necessidade, uma vez que o homem e o animal têm essas mesmas características (Lukács, 2018). Ou seja, o que difere nessa questão quando entra a necessidade e a satisfação está o trabalho, este se refere a um comportamento consciente, o que difere de um comportamento biologicamente esperado “[...] pois é indubitável a vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do biologicamente instintivo a o ser introduzido entre a necessidade e a satisfação imediata o trabalho como mediação” (Lukács, 2018, p. 42).

Em sua análise da ontologia do ser social, Sergio Lessa (2016) traz que, para Lukács, o trabalho é a protoforma, mas há inúmeros atos humanos que não podem ser reduzidos ao trabalho “[...] em que pese o fato de o trabalho ser a forma originária e o fundamento ontológico das diferentes formas da práxis social” (Lessa, 2016, p. 27).

A relação do trabalho está presente em diversas ações do cotidiano do homem. A partir do que foi exposto, entende-se que dentro de uma análise marxista, o homem está em uma constante tensão entre o seu ser genérico e a sua singularidade. Tendo isso em vista, a relação do homem e do trabalho não pode ser contada apenas a partir da ótica singular, mas é necessário levar em conta a relação que este tem com suas heranças históricas e os processos sociais que se desenvolveram durante toda a trajetória e formação como ser social.

1.2 A RELAÇÃO DA CATEGORIA TRABALHO E O SER SOCIAL

O trabalho é uma categoria central para as análises, uma vez que as relações sociais e sua prática estão diretamente ligadas à ele. A categoria trabalho é universal e imprescindível para a compreensão da atividade, principalmente no que se refere à divisão social do trabalho.

Para Marx e Engels (1998), os homens dependem, inicialmente, da natureza, para reproduzir seus meios de existência. Isto é uma forma determinada de atividade desses indivíduos, uma forma de manifestar seu modo de vida, Marx e Engels (1998), trazem a seguinte compreensão:

[...] A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (Marx; Engels, 1998, p. 11).

Compreende-se que a divisão social do trabalho está ligada ao processo e ao desenvolvimento em que se encontram, como também às relações internas e externas que incidem sobre esta.

É imprescindível o entendimento da natureza e do homem, pois só assim será possível compreender sua relação com o trabalho, a produção, a exploração e tudo que disso decorre. O homem transforma e explora a natureza para seu próprio benefício e subsistência. Dentro de uma análise marxiana, esse processo possui uma finalidade.

Em seu livro “O Capital I”, Karl Marx (2003) faz alusões e compreensões sobre o trabalho, produção e mercadoria. O pesquisador faz interpretações imprescindíveis para essa pesquisa, mas, nesse primeiro momento, aborda-se a seguinte citação:

A transformação do dinheiro em capital, que é apenas a forma transformada de uma mercadoria, só ocorre quando a capacidade de trabalho se transforma em mercadoria para o próprio trabalhador, ou seja, quando a categoria de comércio de mercadorias passa a dominar uma esfera da qual antes era excluída, ou na qual se incluía apenas esporadicamente. Apenas quando a população trabalhadora deixa de pertencer às condições *objetivas* de trabalho ou de aparecer no mercado como produtora de mercadorias, apenas quando em vez de vender o produto de seu trabalho passa a vender seu próprio trabalho ou, mais precisamente, sua capacidade de trabalho –, somente então, em sua totalidade, a *produção de mercadorias* em toda a sua profundidade e amplitude transforma todos os produtos em mercadorias, e as próprias condições objetivas de cada esfera individual de produção entram nela como mercadorias. Somente com base na produção capitalista as

mercadorias se tornam de fato a *forma geral e elementar da riqueza* (Marx, 2022, p. 21).

A partir desse entendimento do pesquisador, parte-se do seguinte apontamento: no contexto capitalista, o resultado do trabalho, ou seja, o produto, torna-se mercadoria e seu valor de troca se materializa em dinheiro. Ainda, segundo Marx (2010), a mercadoria, e como se dão as trocas são as bases fundamentais do modo de produção capitalista. A relação do homem com seu produto/mercadoria é complexa e intensa e, quando fragmentado, o produto se torna distante para a materialização do trabalhador.

Desta forma, entende-se como se dá a relação do trabalho e do produto/mercadoria no sistema econômico atual. Mas questiona-se: dentro da lógica do trabalho doméstico, majoritariamente realizado por mulheres, como elas vendem seu trabalho? Por que elas deixam de vender sua capacidade de realizar um trabalho? Se no contexto capitalista, o seu trabalho não resulta em mercadoria, então o que ele é?

Marx (2022) considera que a produção de mercadorias é a base do capitalismo e da riqueza, dentro dessa mesma lógica – o trabalho doméstico/invisível não é necessário para gerar acúmulo e riqueza? Dentro de toda essa abordagem sobre trabalho e gênero, questiona-se sobre qual é o papel da mulher proletária dentro da economia. A partir desses questionamentos, busca-se nesses capítulos trazer as relações de trabalho e como essa temática é central nessa pesquisa.

Netto e Braz (2011) analisam o que se refere a produção e a distribuição, bem como a ligação com a satisfação dos homens, a qual é historicamente determinada. Os autores, os quais nesse primeiro capítulo são essenciais para o entendimento da categoria trabalho, abordam como o trabalho está na base da atividade econômica: “[...] é ele que torna possível a produção de qualquer bem, criando os valores que constituem a riqueza social” [...] (Netto; Braz, 2011, p. 39).

Como dito anteriormente, o trabalho é a base das condições materiais da sociedade. Este é um tema central e eterno em toda problemática que envolve uma discussão societária, uma vez que o trabalho está diretamente ligado às questões políticas, econômicas, sociais e até mesmo emocionais.

É a partir do trabalho que o homem transforma o produto em mercadoria e, por meio dela, acontece a apropriação do trabalho/ou da sua capacidade de produzir. Para a realização do trabalho é necessário desprender recursos, tempo e energia,

que, muitas vezes, não é contabilizado em seu produto. A mercadoria e seu excedente passam a fazer parte da vida dos sujeitos, em que sua apropriação e os meios para os conquistar são diversificados.

Netto e Braz (2011) dissertam sobre como se consegue as condições materiais e de satisfação das necessidades humanas; os autores consideram que esta dá-se numa interação da sociedade com a natureza. Esse processo é feito por meio de homens e mulheres que modificam as matérias naturais em produtos que atendem suas necessidades. O produto final ou transformação é feita através da atividade a qual denominamos trabalho.

Os autores também trazem importantes considerações no que se refere a diferenciação entre o termo atividade e trabalho (Netto; Braz, 2011). O primeiro, atende as necessidades de sobrevivência entre espécies animais, como, por exemplo, as abelhas e os pássaros, os quais constroem instintivamente suas casas “[...] numa relação imediata entre o animal e seu meio ambiente [...]” (Netto; Braz, 2011, p. 42). Estabelece-se, assim, uma diferenciação entre os termos atividade e trabalho, pois a atividade está ligada a processos genéticos da natureza e o trabalho corresponde a uma adaptação de tempo-espaço, que tomaram forma durante um percurso sócio-histórico.

É importante salientar que o trabalho dentro da sociedade capitalista ocupa muito mais espaço do que se pensa na vida dos homens e das mulheres. A relação de trabalho e emprego não advêm apenas de uma relação monetária e/ou de sobrevivência, mas também são constituídas relações sociais, de afeto e até mesmo emocionais a partir do trabalho que se desenvolve. No decorrer deste trabalho desenvolve-se mais sobre essa questão.

Os autores em questão também afirmam: “[...] o trabalho é uma atividade projetada, teleologicamente direcionada, ou seja: conduzida a partir do fim proposto pelo sujeito [...]” (Netto; Braz, 2011, p. 42). No que se refere a isto, Barroco (2010) considera que o trabalho é um duplo movimento, ou seja, há uma atividade teleológica e também cria uma realidade nova e objetiva, a qual é resultado de uma matéria que foi transformada: “O produto do trabalho constitui a objetivação do sujeito” (Barroco, 2010, p. 24).

No decorrer desta pesquisa será possível compreender a complexidade que envolve o processo de trabalho, que envolve uma finalidade, um objetivo, ao mesmo tempo que cria elementos no qual o sujeito se objetiva através do seu trabalho.

Há um processo de transformação e modificações no qual envolve o sujeito, a natureza e os instrumentos que foram necessários para sua realização. Parafraseando os autores, compreende-se que:

O trabalho implica, pois, um movimento indissociável em dois planos: num plano *subjetivo* (pois a prefiguração se processa no âmbito do sujeito) e num plano objetivo (que resulta na transformação material da natureza); assim, a realização do trabalho constitui uma objetivação do sujeito que efetua (Netto; Braz, 2011, p. 42).

É importante salientar que esses instrumentos que o homem cria para realização do seu trabalho podem vir a agregar valor a ele, uma vez que diminuem o tempo e facilita sua realização. Contudo, também se considera que esse instrumento é construído a partir de algo da natureza, onde o homem, por sua vez, se apropria e transforma em algo útil para si.

Segundo Barroco (2010), quando os homens transformam um elemento da natureza em algo específico, como um instrumento, eles criam algo que antes era inexistente. Para a autora, os instrumentos não mudam apenas a atividade humana, mas também transformam a vida dos homens, uma vez que há novas alterações e, a partir disso, também há novas possibilidades.

Quando um homem pega um pedaço de madeira e dele consegue transformar em fogo, isso é muito mais do que um novo instrumento de trabalho, ele modifica várias coisas ao seu redor, como, por exemplo, quando cozinha um alimento: há transformações na visão, olfato, paladar etc. Compreende-se que a criação de um novo instrumento significa também novos hábitos, costumes, culturas, sentimentos, comportamentos etc.

No processo histórico da sociedade observa-se como os instrumentos criados pelos homens a partir da natureza facilitaram a rotina e o dia a dia do que se compreende como desenvolvimento na sociedade capitalista. Para Lukács (2018) pode ser entendido como:

Quando tomamos, com efeito, o trabalho em seu tipo de essência originária — como produtor de valores de uso — como forma do metabolismo entre o ser humano (sociedade) e a natureza »eterna«, que sempre se mantém nas mudanças das formações sociais, então é claro que a intenção, que determina o caráter da alternativa, embora se eleve de necessidades sociais, dirige-se a uma transformação de objetos da natureza (Lukács, 2018, p. 41).

O ser social transforma a natureza e isto modifica a sua realidade; a partir

disso, surge uma questão fundamental, que são as escolhas. Barroco (2010) pontua que a partir da escolha há a gênese da liberdade, uma vez que existem alternativas e possibilidades de escolhas entre estas. A autora considera que a liberdade é uma capacidade historicamente desenvolvida.

Como dito anteriormente, Lukács (2018) compreende que a consciência¹¹ é o que difere a questão teleológica dos homens para a questão instintivas dos animais. É importante também salientar que quando o homem trabalha pela busca de uma finalidade/objetivo, também se elimina qualquer traço instintivo ou emocional, “[...] com isso surge justamente o domínio do consciente sobre o instintivo, do conhecido sobre o meramente emocional [...]” (Lukács, 2018, p. 42).

Netto e Braz (2011) colocam essa questão em como os meios do trabalho colocam exigências que vão além das determinações naturais. Primeiramente, afirmam que o sujeito deve fazer escolhas e estas devem ser avaliativas, uma vez que deve ser bom ou ruim, útil ou inútil etc., ou seja, essa avaliação tem um fim e não pode ser impulsiva, deve ser pensada levando em conta sua finalidade. Em segundo lugar, deve-se pensar as objetivações do trabalho, ou seja, seus produtos, a qual tem por matéria a natureza, mas ela e o sujeito têm existência autônoma, o objeto passa a existir independente de seu criador, “[...] é assim, pois, que no trabalho surge primeiramente a distinção e a relação entre *sujeito* (aquele que realiza a ação) e *objeto* (a matéria, o instrumento e/ou o produto do trabalho)” (Netto; Braz, 2011, p. 43). Por fim, o conhecimento, o qual é indissociável para a realização dos meios e dos fins do trabalho.

Karl Marx (2010) compreende que o trabalhador não cria nada sem a natureza, ela é sua matéria-prima, e é pela matéria que seu trabalho se efetiva. Ademais, o trabalhador é ativo, desta forma que o trabalho se reproduz, ainda segundo o filósofo (2010):

A vida genérica, tanto no homem quanto no animal, consiste fisicamente, em primeiro lugar, nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, e quanto mais universal o homem [é] do animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive. Assim como plantas, animais, pedras, ar, luz, etc., formam teoricamente uma parte da

¹¹ Lukács (2018) argumenta que a vida humana não é apenas uma soma de relações individuais, mas sim uma unidade complexa e interdependente que emerge da interação social. O autor enfatiza a importância da consciência social e da cultura na formação da identidade humana e na construção da realidade social. A classe é a principal forma através da qual os indivíduos se relacionam com a sociedade e com a estrutura social, e que essa relação é fundamental para a compreensão do ser humano.

consciência humana, em parte como objetos da ciência natural, em parte como objetos da arte – sua natureza inorgânica, meios de vida espirituais, que ele tem de preparar prioritariamente para fruição e para digestão –, formam também praticamente uma parte da vida humana e da atividade humana. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação etc. Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo *inorgânico*, tanto na medida em que ela é 1) um meio de vida imediato, quanto na medida em que ela é o objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza (Marx, 2010, p. 84).

Karl Marx (2004) aponta que enquanto o animal produz na demanda de sua necessidade ou de sua cria, o homem produz universalmente, para além do que ele precisa.

Barroco (2010) realiza uma importante abordagem sobre a práxis e a capacidade humano-genéricas. A autora compreende como o homem, um ser natural, quebra o padrão natural de intercâmbio imediato e instintivo, o qual é estabelecido pela natureza; passa a caminhar na construção de si mesmo como ser social. Compreendendo assim:

Enquanto ser biológico, é ele o produto do desenvolvimento natural. Com a sua autorealização, a qual, naturalmente, pode significar um afastamento da barreira natural, contudo jamais o seu desaparecimento, seu completo ultrapassar, ele adentra ele em um novo, autofundado, ser: no social (Lukács, 2018, p. 45).

Lukács (2018) aborda também sobre como se diferencia o trabalho das formas desenvolvidas de práxis¹² social. Na primeira, tem-se a questão referente à um processo entre a natureza e a atividade humana, que tem como objetivo a transformação de objetos naturais em valores de uso; já no que se refere à práxis social, considera-se que esta traz um efeito sobre outros seres humanos, os quais fazem uma mediação para criação de outros valores de uso. Pode ser confirmado por Marx:

¹² Jose Paulo Netto (2019) traz uma análise marxista em relação a trabalho e práxis, na qual a natureza e o homem são partes constitutivas de todo esse processo, ou seja, o ser do homem como prático e social, uma vez que sua exteriorização também envolve o trabalho em comunidade, sendo assim, o homem é o ser da práxis.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (Marx, 2010, p. 80).

Dentro desta lógica, Marx (2010) considera o processo de objetivação, em que o trabalho produz um produto, o qual tem um poder independentemente de quem o produziu. O produto do trabalho é o trabalho que está colocado em forma de objeto, que é a objetivação da sua atividade, e a efetivação do trabalho é a sua objetivação.

Netto (2020) compreende que quanto mais o trabalhador produz, menos ele vai possuir e menos poder ele terá sobre seu produto, sobre o capital. A realização do trabalho, ao mesmo tempo é a desrealização do trabalhador, o objeto produzido por ele, lhe é estranho, tendo um poder independente, que em nada se relaciona com quem lhe produziu. Para o autor, “[...] uma vez que o produto do trabalho é a ‘*objetivação* do trabalho’, o trabalhador se desrealiza porquanto é dele *desapossado* – desapossamento que converte a *objetivação* em *alienação* [...]” (Netto, 2020, p. 105).

Pode-se entender a contradição que existe na relação entre homem x trabalho, uma vez que, para suprir suas necessidades, o trabalho está implícito para a sobrevivência do homem. Dentro dessa lógica, se estabelece, obrigatoriamente, a relação de produção e produtividade, ou seja, o homem produz um objeto que lhe é estranho, que está cada vez mais distante de si, que desvaloriza cada vez mais o seu trabalho e a si mesmo, ao mesmo tempo, ele não pode deixar de produzir, pois não sobreviveria.

Desta forma, consegue-se perceber o processo de alienação¹³. A relação desta com o trabalho é tão forte e tão contraditória que o homem se vê num processo infinito, onde sua única opção torna-se trabalhar para produzir. Conforme Netto:

O ser alienado, a quem o trabalho e o produto do trabalho pertencem, a serviço do qual está o trabalho e para a fruição do qual o produto do trabalho é, só pode ser o próprio homem. Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, é um poder alienado frente a ele, então isso só é possível porque ele pertence a um outro homem que não o trabalhador. Se sua atividade é para ele tormento, então deve ser fruição para um outro e alegria de viver de um outro. Não a natureza, não os deuses, só o próprio homem pode ser este

¹³ Tal temática será abordada no decorrer do texto.

poder alienado sobre o homem (Netto, 2020, p. 105).

Em relação ao que foi dito anteriormente, o homem não enxerga o trabalho como algo seu, ele se vê diferente e até mesmo estranho ao produto e ao seu trabalho em si. Pode-se considerar que essa já é relação do processo de alienação, pois Marx (2010) compreende a diferença dos pagamentos que ocorrem e ocorrerão entre os trabalhadores no sistema capitalista, mas ele entende que no final serão proprietários x trabalhadores sem propriedade.

Marx (2010) analisa a lógica de estranhamento do homem com o objeto/produto de sua mão de obra, no qual esse se torna cada vez mais de difícil alcance. O próprio trabalho se distancia do homem e só consegue se apossar com os maiores esforços: “[...] A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital” (Marx, 2010, p. 81).

A alienação pode ser compreendida dentro desse processo de estranhamento do homem com o trabalho, com o objeto, com a natureza e com ele mesmo, fazendo o trabalhador ser parte do processo, que é controlado pelo empregador e pelo sistema capitalista.

As dimensões de alienação, segundo Netto (2020), são interpretadas pela crítica marxiana entre existência e essência humana, as quais embasam para a interpretação do trabalho alienado. Segundo o autor, o trabalho alienado é humano, social, está na base e na construção da propriedade privada, trazendo uma divisão social do trabalho e da produção mercantil.

Segundo Netto (2020), Marx analisa a alienação da seguinte forma: 1) alienação do trabalhador do produto do seu trabalho; 2) a alienação no processo da produção; 3) a alienação da vida genérica, sendo essas – a alienação do homem em face da natureza e a alienação do homem em relação ao homem.

As dimensões da alienação mostram como as relações de trabalho são impostas para o trabalhador, pois não acontece apenas em uma relação material, mas de uma forma muito maior. O trabalhador não reconhece o produto que vem da natureza, o objeto que é produção de seu trabalho, que lhe traz estranhamento, não reconhece sua essência humana. O homem é auto alienado e reproduz essa alienação.

Parafraseando novamente, Marx (2012) tece cinco considerações em relação

ao trabalho dentro do contexto capitalista de exploração: 1) o trabalho como fonte de toda riqueza e toda cultura e o trabalho sendo na sociedade e por meio da sociedade; 2) na atualidade, os meios de trabalho fazem parte de um monopólio da classe capitalista e a causa da miséria e da servidão está na dependência da classe trabalhadora deste; 3) a libertação do trabalho requer a elevação dos meios de trabalho a patrimônio comum da sociedade e a regulação cooperativa do trabalho total, com distribuição justa do fruto do trabalho; 4) para haver a libertação do trabalho precisa que esta seja uma demanda e obra da classe trabalhadora, em relação a todas as outras classes; 5) a classe trabalhadora atua por sua libertação, primeiramente dentro dos marcos do atual Estado nacional, tendo consciência de que as consequências serão comum a todos os trabalhadores e trabalhadoras, sendo essa a fraternização internacional dos povos.

Rolim (2018) traz uma importante consideração em relação aos seres e a totalidade compreendida por Marx. Esta pode ser muito mais complexa do que se imagina, vez que a totalidade é mais do que a soma dos membros que fazem parte dela, também é preciso considerar as relações entre essas partes e com a totalidade. A autora (2018) ainda coloca que o ser orgânico mantém contato constante com o ser inorgânico e, ainda assim, origina uma nova qualidade ontológica. Isso pode ser entendido por Lukács (2018) através de uma análise de Engels, como se pode observar:

Engels enfatiza o período extremamente longo em que essa transição se executa o que, todavia, em nada altera seu caráter de salto. Junto ao correto e sóbrio aproximar-se aos problemas ontológicos deve-se sempre ter em vista que todo salto significa uma mudança qualitativa e estrutural no ser, pelo qual o patamar inicial contém em si, de fato, determinados pressupostos e possibilidades do posterior e mais elevado; estes, todavia, não podem ser desenvolvidos daquele em uma simples continuidade retilínea. Esta ruptura com a continuidade normal do desenvolvimento constitui a essência do salto, não o temporalmente súbito ou gradativo nascimento de uma nova forma de ser (Lukács, 2018, p. 11).

Rolim (2018) compreende o termo salto ontológico de Lukács, como acima citado, para atribuir as mudanças qualitativas: “O ser orgânico evolui pelo afastamento das barreiras do ser inorgânico fato, o momento predominante na interação entre a esfera orgânica e a esfera inorgânica é a vida” (Rolim, 2018, p. 1470).

Compreende-se, então, a interligação que existe entre a esfera orgânica e inorgânica. Mesmo que exista um afastamento essencial, há de se compreender que

são esferas ontológicas distintas, mas ao mesmo tempo interligadas entre si.

A partir disso, Lukács (2018) realiza uma importante análise em relação a divisão de trabalho; considera que a divisão de trabalho gerada na sociedade humana causa suas próprias condições de reprodução. Ademais, Lukács (2018) traz a diferença do trabalho animal para o humano, uma vez que, o homem projeta antes em sua mente aquilo que ele pretende executar na prática:

Com isso é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através do trabalho é realizada uma posição teleológica no interior do ser material como o nascimento de uma nova objetividade. Assim o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na medida em que nesta — mesmo se através de mediações muito extensas — sempre são realizadas posições teleológicas, por último materiais (Lukács, 2018, p. 12).

Em relação à teologia do trabalho, Lukács (2018) considera importante a análise pela ótica marxiana, visto que, em sua visão, o trabalho não é apenas uma das muitas possibilidades de enxergar teleologia, mas que é nesta que se é capaz de verificar o momento real da realidade material. Ou seja, Marx coloca o trabalho como uma categoria central para a análise das relações humanas e sociais. Sendo assim, o trabalho só é possível, pois são determinados os processos em todas suas etapas, ou seja, há consciência para realização de algo material: “Podemos falar racionalmente de ser social apenas se compreendemos que sua gênese, seu afastar-se de sua base, o seu tornar-se independente, baseia-se no trabalho, i.e., na contínua realização de posições teleológicas” (Lukács, 2018, p. 17).

Karl Marx (2010) compreende que, dentro do sistema capitalista, o trabalho é a forma que o proletário vende a mão-de-obra para sua subsistência e o salário torna-se uma bonificação do trabalhador pelo seu tempo. Entretanto, essa é a taxa mais baixa que é paga, sendo suficiente apenas para a subsistência do trabalhador durante o trabalho e para o sustento de sua família. Para Marx (2010) isso define que: “A procura de homens regula necessariamente a produção de homens assim como de qualquer outra mercadoria” (Marx, 2010, p. 24).

A citação acima demonstra como o homem passa a ser rebaixado e valer tal como uma mercadoria. Entende-se que ele é necessário para a produção e reprodução da economia capitalista, mas o trabalho é diminuído a uma mercadoria, uma vez que este é facilmente substituído e desvalorizado continuamente dentro do sistema capitalista.

[...] o trabalhador baixa a condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação do capital em poucas mãos [...] (Marx, 2010, p. 79).

Essa abordagem de Marx (2010) é essencial para a compreensão do homem dentro da vida material. Nessa análise, Marx (2010) aborda sobre a economia nacional e a exploração do homem pelo homem dentro desse contexto. Em um primeiro momento, considera-se que o homem está inserido dentro desse processo como algo “natural”, exemplo disso é a propriedade privada dada como um fato acabado. Já a relação do salário com o lucro do capital é determinada por meio do interesse do capitalista, desta forma, é ele quem determina o que se deve produzir.

Ainda, seguindo a análise de Marx (2010), todo esse processo capitalista é muito mais extenso do que foi apresentado anteriormente, uma vez que através do pensamento do filósofo há uma interconexão entre propriedade privada, a separação de trabalho, a ganância, o capital, a concorrência, a desvalorização do homem, a exploração etc., todo esse estranhamento vem do sistema dominado pelo dinheiro.

Durante toda essa análise, importa a compreensão de alguns conceitos em relação ao homem e ao trabalho, abordados por Marx (2010), considerando que o trabalhador se torna mais pobre cada vez que mais riqueza ele produz. O homem/mulher, toda vez que aumenta seu trabalho em extensão e produtividade na mesma proporção intensifica sua desvalorização,

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalho produz, o seu produto, se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como alienação (*Entäusserung*) (Marx, 2010, p. 80).

A partir desta citação, compreende-se como o trabalhador está inserido no sistema capitalista. Todo o trabalho depende da natureza, ou seja, o homem se apropria dos elementos da natureza, os quais são essenciais para a existência humana. Contudo, o trabalhador só tem valor a partir do momento que ele produz algo, e é dentro dessa mesma lógica que traz a sua desvalorização, uma vez que a

mercadoria passa a valer mais do que quem a fez.

O produto é resultado material do tempo do trabalhador, que é desprendido em função de sua sobrevivência. O produto é o trabalho em forma de objeto, mas o capital o torna mais importante que quem o fez, como se a mercadoria detivesse poder autônomo. Como Marx (2010) determina, a efetivação do trabalho é a sua objetivação, ao mesmo tempo que é a desfetivação do trabalhador, uma vez que o trabalhador não é mais visto pelo que é, mas sim pelo que faz, e essa apropriação do trabalho está consequentemente ligada à alienação¹⁴.

Toda essa relação do homem com o trabalho está inteiramente ligada ao sistema socioeconômico vigente, em que o trabalhador é reduzido constantemente, e a única coisa que importa é a sua força de trabalho, que trará produção e lucro para o capitalista.

De acordo com Marx (2010), a objetivação aparece até mesmo como a perda de objetos que são necessários para o trabalho e para a vida do homem, desta forma, o trabalho se torna um objeto ao qual o homem terá de fazer os maiores esforços para conquistar aquilo que ele mesmo criou. A apropriação de um objeto se torna um estranhamento, uma vez que quanto mais o trabalhador produz algo, mais fica difícil para ele ter aquilo, ou seja, o produto de tudo aquilo que ele reificou fica sob o domínio do capital.

Como elucidado anteriormente, para Marx (2010), a alienação faz parte do estranhamento, uma vez que essa pode ser considerada uma ação ou indivíduos que se tornam alheios, ou seja, alienados. Ainda, segundo o autor (2010):

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto *de seu* trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeits*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ele não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto de seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (*Entäusserung*)

¹⁴ O debate sobre alienação será posteriormente abordado nessa pesquisa, porém, é importante salientar que Netto (2020) faz uma linha do tempo na qual ele aborda como Marx modificou sua análise sobre alienação em relação a Hegel e Feuerbach. Em sua ideia principal Marx traz uma abordagem da historicização materialista da alienação, ou seja, a objetivação é alienação em condições históricas já determinadas, e tendo em sua base questões relacionadas a propriedade privada, a divisão do trabalho, a produção mercantil e ao trabalho assalariado.

do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe *fora dele* (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2010, p. 81).

Em relação ao supracitado, é importante salientar a relação do homem com o objeto, uma vez que para a sua sobrevivência no sistema capitalista existe a necessidade de estar constantemente produzindo. Contudo, essa produção exacerbada é prejudicial para ele mesmo, uma vez o próprio objeto começa a ganhar força, enquanto na mesma proporção o trabalhador a perde. Quanto maior a mercadoria produzida pelo trabalhador, mais distante se torna para que ele possa possuí-la. Com a força que esse objeto adquire ele existe para além do trabalhador (mesmo que necessite de sua mão-de-obra para ser feito).

Apesar de existir uma relação de apropriação do homem com a natureza e com o objeto, se faz necessário entender que a força que o capital coloca sob a mercadoria é muito superior ao valor do trabalho homem e, conseqüentemente, da natureza, mesmo que esses sejam elementos essenciais para existência do produto.

Netto (2020) tece importantes considerações sobre o trabalho alienado e/ou trabalho lucrativo, parafraseando Marx:

1º) em relação ao sujeito, o trabalho é alienado e acidental; 2º) mesma situação do trabalho em relação ao objeto; 3º) o trabalhador submete-se a necessidades sociais que lhe são alheias e impostas – aceita-as pela sua necessidade egoísta e em desespero de sua causa; elas não têm para ele nenhum significado salvo o de serem fonte de satisfação das suas necessidades mais elementares; o trabalhador é o escravo das necessidades sociais; 4º) para o trabalhador, a finalidade da sua atividade é conservar a sua existência individual – tudo o que faz é realmente apenas um meio: vive para ganhar meios de vida. [213] (Netto, 2020, p. 97).

É importante salientar a complexidade em que a categoria trabalho está envolvida. Nela, a alienação está presente, mostrando que o resultado do trabalho se torna uma atividade desumanizante, onde o trabalhador se torna meramente uma ferramenta para produzir riqueza para outra pessoa.

A alienação do trabalho não acontece de forma isolada, esta inclui a alienação do objeto, da natureza, da sociedade e até de si mesmo. O trabalhador perde sua conexão com a natureza, com a sociedade, com o objeto que produziu e, finalmente, com sua própria humanidade, tornando-se apenas uma peça de uma máquina social.

O processo de produção faz com que o homem se veja como parte do processo e não como constituinte dele, “[...] O trabalhador se torna, portanto, um servo do seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um *objeto do trabalho*, isto é, recebe *trabalho*; e, segundo, porque recebe *meios de subsistência* [...]” (Marx, 2010, p. 81).

Pode-se compreender, portanto, a forma alienante que o trabalhador se encontra dentro do processo laboral no sistema capitalista. A alienação é um processo no qual todos os homens estão inseridos e dentro da lógica marxista os sujeitos estão abaixo de suas criações. O homem não enxerga mais o seu produto e se ele deseja ter o objeto, de sua própria criação, precisa consumir via mercado, ou seja, não tem autoridade ou autonomia para possuir aquilo que ele mesmo criou. Nessa lógica, o homem é inferior e estranho ao próprio resultado do seu trabalho.

Em um primeiro momento, destaca-se que as relações de trabalho surgem dentro do contexto capitalista e não podem ser minimizadas apenas como relações monetárias. Robert Castel, em sua obra “As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário” faz um panorama sobre as questões sociais e as mudanças ocorridas na sociedade desde século XIV até chegar na forma salarial do Ocidente.

Castel (1998) analisa os trabalhadores nessa lógica: de um lado estão aqueles que sofrem mais os impactos da precarização, os desempregados, não-empregáveis, os jovens trabalhadores com baixa qualificação, estrangeiros, mulheres e qualquer outro grupo que não se encontre em trabalhos estáveis, seguro e esteja ausente de seus direitos sociais; do outro lado, mas com as mesmas perspectivas, estão os outros trabalhadores, que veem se alterar aquilo que se organizava como questão social.

A partir dessa análise do autor, compreende-se como se dá a inserção e divisão social do trabalho dentro da lógica capitalista. Erra quem pensa que o desempregado ou o não-empregável é um problema para o sistema, muito pelo contrário, o sistema se mantém e se intensifica por essas exclusões.

Para Castel (1998), há trabalhadores, historicamente, que não são explorados e expropriados dentro da lógica capitalista, uma vez que eles nem tiveram espaço para isso, ou seja, há um excedente de mão de obra para o mercado, que fazem esses sujeitos ficarem ainda mais excluídos. Ao mesmo tempo, há aqueles que tiveram ascensão dentro do sistema, sendo considerados vitoriosos, e, assim, acreditam que a desigualdade é um processo natural para o desenvolvimento de toda sociedade.

O autor compreende as formas de precarização e reestruturação, ocorridas

nos processos laborais. Segundo Castel (1998), a condição operária, proletária e salarial identificam as três formas de materialização das relações de trabalho na sociedade industrial e são três tipos que o mundo do trabalho mantém com a sociedade global.

Castel (1998) parte da relação do salário trazida pela industrialização. Essa forma de remuneração, na sociedade moderna, trouxe características singulares. Ainda existe a estratificação humana, porém, há novos moldes nessas relações societárias. Há uma nova condição proletária¹⁵: é dada ao trabalhador uma renda mínima, que permite a sua subsistência, que assegura a reprodução do trabalhador e de sua família.

Antunes (2000) parte da compreensão de que o neoliberalismo trouxe uma vasta transformação e reestruturação produtiva, na era da acumulação flexível. Esta tem diversos aspectos, entre eles o desemprego, a precarização do trabalho e uma intensa degradação da relação do homem com a natureza, uma vez que seu objetivo se torna a produção intensa de mercadorias, que tem por consequência a destruição do meio ambiente e a exploração do trabalho humano.

Segundo Marx (2010), no sistema capitalista, o trabalhador produz maravilhas para os ricos, entretanto, produz escassez para o proletário. Constrói belezas para uma minoria e deformação para a maioria: “*a relação imediata do trabalho com os seus produtos é a relação do trabalhador com os objetos de sua produção*” (Marx, 2010, p. 82).

Parte-se do pressuposto de que se vive em uma sociedade com recursos limitados, porém, com uma produção ilimitada. Essa contradição traz consequências para a sociedade e quem nela está inserido. Sobre o mundo do trabalho, Antunes (2000) considera que há tendências que se repetem, que configuram um quadro crítico e têm semelhanças em todo o mundo, constituindo assim, um capitalismo global. Ainda, segundo o autor:

Duas manifestações são mais virulentas e graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente, na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica voltada prioritariamente para a produção de mercadorias que destroem o meio ambiente (Antunes, 2000, p. 38).

¹⁵ Essa relação de trabalho citada por Robert Castel se refere a fordista, e ao longo do da sociedade industrial ela tem suas metamorfoses, mas ainda assim permanece com características inerentes a ela.

As transformações na sociedade durante a era moderna são evidentes. Pode-se considerar os fenômenos como a globalização, a urbanização e os avanços tecnológicos. Estes últimos, embora tenham simplificado certos aspectos do trabalho, também acarretaram diversas consequências, como a automação e robotização de diversas ocupações, o que resultou na substituição de mão-de-obra humana por máquinas. Além disso, os impactos ambientais é também uma problematização significativa, devido ao aumento da extração de recursos naturais e à crescente geração de resíduos. De acordo com Marx:

O homem *vive* da natureza significa: a natureza é o seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe *da vida genérica* apenas um meio de vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada (Marx, 2010, p. 84).

A partir do exposto, consegue-se perceber o quanto a relação de trabalho está implícita para a formação do homem. A partir deste que se desenvolvem as relações com a natureza, sociais, que vão permear seu cotidiano enquanto ser social.

O homem transforma a natureza e, a partir disso, tem-se uma relação com tudo que está colocado na atualidade. Foi a partir dessas mudanças que as relações de trabalho se tornam contraditórias, e o produto do trabalho se tornou estranho e até mesmo alienante para o homem. Essas relações de trabalho também permeiam questões de gênero que resultam em um processo de desigualdade para as mulheres. A partir disso, no próximo capítulo, abordar-se-á sobre como as mulheres têm seu trabalho definido em uma sociedade capitalista e o que isso pode resultar em seu cotidiano.

CAPÍTULO 2

HOMENS POSSUEM QUALIFICAÇÃO E MULHERES QUALIDADES? UM DEBATE SOBRE A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL

“O que eles chamam de amor,
nós chamamos de trabalho não pago”.

(Silvia Federici).

Nesse capítulo buscou-se compreender a teoria marxista no que se refere ao materialismo histórico-dialético para lidar com a dinâmica da realidade social e incluir o debate sobre a teoria da reprodução social, que aborda de forma crítica sobre o homem estar livre para produção capitalista, enquanto a mulher, realiza um trabalho sem remuneração e necessário para toda a sociedade.

A partir dessa lógica, apresenta-se a discussão em que traz à tona como o sistema se apropria de atributos – não – naturais das mulheres para chamar de amor, aquilo que é trabalho não remunerado.

2.1 TRABALHO, PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL: PRINCIPAIS APONTAMENTOS

Em seu livro “Crítica do programa de Gotha, Karl Marx considera, em seu primeiro capítulo, a seguinte citação: “O trabalho é a fonte de toda riqueza e de toda cultura, e como o trabalho útil só é possível na sociedade e por meio da sociedade, o fruto do trabalho pertence inteiramente, com igual direito, a todos os membros da sociedade” (Marx, 2012, p. 23).

Por meio dessa discussão um importante debate acontece, uma vez que Marx (2012) considera que a natureza é a fonte dos valores de uso e o trabalho a exteriorização da força de trabalho humana. Marx (2012) considera que o trabalho é fonte de toda riqueza, por isso, ninguém pode se apropriar de riqueza que não seja fruto do trabalho. Portanto, se alguém não trabalha e esse mesmo tem uma fonte de acumulação de capital, considera-se então que ele vive do trabalho alheio e se apropria de sua riqueza e sua cultura.

O fruto do trabalho e da riqueza pertence ao trabalhador, que nela despendem seu tempo, energia e recurso para a manutenção da sociedade. Contudo, nenhum trabalho ou riqueza nenhuma é construída sem a natureza e seus meios de exploração

para tal, principalmente em uma sociedade de excedentes.

Marx (2012), em “Crítica do Programa de Gotha” traz importantes considerações a respeito do trabalho, sendo “fruto integral do trabalho”. Dentro dessa perspectiva, são abordadas as questões que definem como deve ser o trabalho dentro de uma lógica igualitária e sem exploração. Dentro dessa lógica, Marx (2012) aborda as satisfações das necessidades, os fundos para incapacitados, assim como os custos gerais para a administração.

Silva (2019) traz uma importante compreensão sobre o método de Marx de análise da realidade social – o método materialista histórico-dialético:

[...] movimento dialético que parte da sua concepção ontológica da realidade social, em que o ser social produz suas próprias condições objetivas e subjetivas de existência e, por isso, teoria, método e concreto social constituem uma unidade metodológica (Silva, 2019, p. 34).

O método de Marx busca a compreensão da realidade, sendo um modo de interpretar e agir sobre o mundo. Enxerga a existência dos seres humanos dentro de um contexto histórico e de acordo com as relações materiais e históricas da sociedade humana.

O materialismo histórico-dialético traz uma importante compreensão da realidade e de como essa molda as relações e condições, uma vez que se vive sob condições históricas herdadas e a situação material está implícita nesta. [...] compreende uma concepção científica vinculada à realidade social, que não apenas parte das relações sociais existentes, como sua finalidade de contribuição cognitiva não se refere somente ao conhecimento individual, mas à superação humana dos limites impostos pela sociedade de classes, da ordem burguesa (Silva, 2019, p. 35).

Importante considerar a partir disso, como os processos históricos estão intrinsicamente ligados a reprodução da vida social, tal como de suas contradições, como pode ser compreendido por Ferguson, McNally (2013):

Uma maneira crucial na qual o marxismo se diferencia das teorias ‘burguesas’ da sociedade é o seu compromisso com o materialismo ou, para sermos mais precisos, o seu compromisso com a teoria fundamentada nas práticas humanas corporificadas, através das quais a vida sócio-material é produzida e reproduzida. Ser um marxista é investigar o âmbito das relações concretas, historicamente construídas de pessoas e coisas e apresentar os padrões, regras e contradições descobertos nesse âmbito como explicações críticas do social (Ferguson, McNally, 2013, p. 27).

Marx considera que a realidade é dinâmica, ou seja, existem situações e conjunturas as quais modificarão uma determinada realidade, e, neste momento, é importante ter tal compreensão para esta: “Os homens fazem a sua própria história; contudo não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (Marx, 2011, p. 25).

Plenamente opostos ao idealismo decadente, nas obras marxianas, teoria e método possuem uma conexão efetiva, que se sustenta a partir da realidade social (Silva, 2019).

Portanto, ao chegar à universalidade, através da particularidade, também se chega ao elemento de crítica, obtido das reais mediações da dialética entre o particular e o universal, pois, seguindo esse caminho metodológico, “[...] a universalidade, sobretudo, não é jamais um ponto de chegada autônomo do pensamento” (Lukács, 1978 *apud* Silva, 2019, p. 43).

Quando se fala da categoria trabalho, imediatamente pensa-se sobre questões monetárias, mas esse sentido não é exclusivo. Trabalho também inclui relações sociais, emocionais, psicológicas, entre outras. Mas existem trabalhos que não são visíveis para a sociedade e nem para o mercado, mas que produzem constantemente e são necessários para a produção e reprodução da sociedade humana.

Bhattacharya (2023) traz o seguinte questionamento: Como que o trabalho consegue chegar todos os dias, no local do seu trabalho, para produzir riqueza? Qual é a importância do café da manhã e de uma noite de sono agradável em sua vida? Segundo Bhattacharya (2023), a teoria da reprodução social compreende que o trabalho humano é a principal fonte de toda criação ou reprodução da sociedade como um todo:

A noção de trabalho é concebida aqui no sentido original pretendido por Karl Marx, ou seja, como ‘a primeira premissa de toda a história humana’ – e que, ironicamente, ele próprio não conseguiu desenvolver plenamente. O capitalismo, no entanto, reconhece o trabalho produtivo para o mercado como a única forma legítima de ‘trabalho’, ao passo que a enorme quantidade de trabalho familiar e comunitário que continua a sustentar e a reproduzir o trabalhador ou, mais especificamente, sua força de trabalho, é naturalizada como inexistente. Contrários a essa interpretação, os teóricos da reprodução social compreendem a relação entre o trabalho que produz mercadorias e o que produz pessoas como parte da totalidade sistêmica do capitalismo. A teoria procura, assim, tornar visível o trabalho analiticamente oculto pelos economistas clássicos e politicamente negado pelos formuladores de

políticas públicas (Bhattacharya, 2023, p. 18).

O capitalismo reconhece todo aquele trabalho que é explorado, mas resulta em mercadorias, porém, desconhece toda a totalidade que produz o trabalhador, o ser social, para o processo de trabalho. É um sistema universal, que produz e explora constantemente quem os compõem, porém, essa exploração que é feita da força de trabalho do homem, é resultado da exploração de um trabalho pouco valorizado e até mesmo invisível na sociedade, trabalho esse que acontece dentro de casa, nas escolas e nas comunidades; ele é geracional e acarreta uma sobrecarga constante e sem remuneração para quem o realiza.

Federici (2019) compreende que o trabalho doméstico não tem sido apenas imposto para as mulheres durante anos, mas também é colocado como um atributo natural, como se fizesse parte da sua personalidade, do seu gênero e da sua natureza. Conforme a autora (2019): “O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado” (Federici, 2019, p. 43).

Diante disso, faz-se necessário entender que o processo do trabalho doméstico é imposto às mulheres sem que elas possam questionar por que o realizam sem nenhuma remuneração.

Desde a infância, no momento da educação de uma menina, seus brinquedos remetem a instrumentos de trabalho doméstico. Meninas são presenteadas com panelas, bonecas, vassouras e, durante seu processo de desenvolvimento, o que eram brinquedos, materializam-se em instrumentos de trabalho, que ela vai realizar sem questionar, e, principalmente, sem remuneração. Desta forma, entende-se como essa relação de trabalho sem remuneração intensifica as desigualdades de gênero.

Segundo Bhattacharya (2023), as relações sociais que fazem parte da reprodução da força de trabalho entendem a reprodução social enquanto um mecanismo necessário para a sociedade capitalista, uma vez que esta produz trabalhadores obedientes e essencial para a produção de capital, sendo assim a autora compreende:

[...] Desse modo, o trabalhador produz mais-valia no trabalho e, portanto, faz parte da *produção* de riqueza total da sociedade. No final da jornada de trabalho, como o trabalhador é ‘livre’ no capitalismo, o capital deve abandonar o controle sobre o processo de regeneração do trabalhador e, conseqüentemente, da reprodução da força de trabalho. O *corpus* de

relações sociais envolvendo essa regeneração – nascimento, morte, comunicação social e assim por diante – é mais comumente referido na literatura acadêmica e política como *cuidado* ou *assistência social* (Bhattacharya, 2023, p. 28, grifo nosso).

A partir da fala da autora, compreende-se várias vertentes que a categoria trabalho engloba, mas principalmente, que o capitalismo só se “responsabiliza” pelo trabalhador enquanto ele está produzindo diretamente capital. A partir do momento em que este sujeito não está gerando riqueza, é de sua responsabilidade como ele vai renovar suas energias para continuar dando resultados para o capitalismo. As relações sociais, emocionais, higiene e cuidado, são necessárias para abastecer sua força de trabalho; o capital se exime dessa obrigação e, portanto, para esse papel, surge uma outra pessoa que terá essa responsabilidade:

Contudo, como a relação salário/trabalho, no capitalismo, ‘ocupa os espaços da vida cotidiana não remunerada’, o tempo da reprodução deve necessariamente responder aos impulsos estruturantes do tempo da produção. O impulso estruturante, porém, não constitui uma correspondência simples, e é importante destacar esse ponto – pois, embora o capitalismo limite nosso horizonte de possibilidades em ambas as esferas, ele simultaneamente precisa renunciar ao controle *absoluto* sobre o tempo de reprodução (Bhattacharya, 2023, p. 30).

Seguindo essa lógica, quando se fala em trabalho, produção e reprodução, existe algo fundamental que está implícito nessas categorias: o tempo. Essa relação de tempo é essencial para a compreensão do processo de trabalho, uma vez que se desprende dele em prol da produção e acumulação de riqueza.

Federici (2019) traz a compreensão de que o capital foi exitoso quando escondeu o trabalho da mulher de toda sociedade, quando o invisibilizou por meio de um ato de amor. Primeiramente, ele assegurou que uma enorme quantidade de trabalho fosse realizada de forma gratuita, e, mais do que isso, tornou esse trabalho como uma benção/grança recebida. Ademais, tornou o homem responsável financeiramente pela mulher, ou seja, trouxe a dependência econômica da mulher em relação ao homem.

A partir do que foi apontado acima, a intenção foi trazer a cena do debate para a análise da realidade social, a partir de uma leitura materialista histórico-dialética. Foi abordado o trabalho e sua relação com a sociedade a partir de Karl Marx, especialmente no contexto do livro "Crítica do programa de Gotha", em que Marx argumenta que o trabalho é a fonte de toda riqueza e cultura e que seu fruto pertence

a todos os membros da sociedade, enfatizando a importância do trabalho como base para a criação de riqueza. Buscou-se compreender a realidade social a partir das relações materiais da sociedade humana. Assim, o trabalho é analisado não apenas como atividade monetária, mas também como uma série de relações sociais, emocionais e psicológicas. O trabalho doméstico, muitas vezes invisível e não remunerado, é destacado como uma forma de exploração, especialmente das mulheres.

Da mesma forma, refletiu-se sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo de reprodução na sociedade capitalista, destacando como o capitalismo limita e estrutura esses tempos. Aponta-se, assim, a necessidade de compreender o trabalho em sua totalidade, incluindo todas as suas dimensões, para entender as dinâmicas sociais e as desigualdades de gênero que seguem sendo discutidas nas próximas seções.

2.2 A TEORIA DA REPRODUÇÃO SOCIAL, TRABALHO INVISÍVEL E AS DUPLAS E TRIPLAS JORNADAS DAS MULHERES

A Teoria da Reprodução Social (TRS) responde a uma problemática antiga: compreender as formas de trabalhos invisíveis que estão presentes em toda sociedade e, majoritariamente, não são remuneradas. A TRS busca compreender o papel do gênero dentro do contexto capitalista, papel esse que pode ser visto por meio do trabalho doméstico e invisível que a mulher reproduz constantemente e que tem suas consequências no dia a dia, como por exemplo: menos tempo para se dedicar ao trabalho profissional (como resultado tem-se salários mais baixos); casos de dependência financeira de seu cônjuge/companheiro e que pode acarretar outras consequências.

Bhattacharya (2023) considera que TRS busca compreender como as categorias de opressão, ou marcadores sociais, tais como: gênero, raça, capacitismo, cidadania e classe estão diretamente ligadas à coprodução simultânea da mais-valia.

Nessa mesma lógica, a autora entende que falar da TRS significa compreender que existe uma relação externa para toda produção de mercadoria. Entende-se que, enquanto há uma exploração do trabalho público, também há uma

exploração do trabalho privado¹⁶.

Quando se tem consciência de classe e se entende o funcionamento da sociedade capitalista, compreende-se que seu sistema está baseado na exploração do homem, da natureza e dos meios sociais, mas também, e, principalmente, do trabalho da mulher. Sobre trabalho doméstico, Ferreira pontua:

O trabalho doméstico e de cuidados engloba um conjunto de atividades voltado para a reprodução diária das pessoas e a provisão de suas necessidades físicas, materiais e emocionais, as quais se particularizam ao longo do ciclo de vida e das contingências inerentes à condição humana. É um trabalho que não só produz bens de consumo necessários à sustentação imediata das pessoas (alimentação), à manutenção dos espaços de moradia, como provê cuidado e propicia as primeiras aprendizagens necessárias ao processo de humanização e socialização, como a fala, a coordenação motora etc. Atua, portanto, na transformação de seres humanos em seres sociais, (Ferreira, 2017, p. 21).

Bhattacharya (2019) compreende a força de trabalho dividida e reproduzida em três processos interconectados:

1. Atividades que regeneram a trabalhadora fora do processo de produção e que a permitem retornar a ele. Elas incluem, entre uma variedade de outras coisas, comida, uma cama para dormir, mas também cuidados psíquicos que mantêm uma pessoa íntegra.
2. Atividades que mantêm e regeneram não-trabalhadores que estão fora do processo de produção – isto é, os que são futuros ou antigos trabalhadores, como crianças, adultos que estão fora do mercado de trabalho por qualquer motivo, seja pela idade avançada, deficiência ou desemprego.
3. Reprodução de *trabalhadores frescos*, ou seja, dar à luz (Bhattacharya, 2019, p. 103, grifo nosso).

O trabalho de reprodução social acaba não contando na hora de determinar os custos da força de trabalho ou as contribuições para a economia em geral. A reprodução social, quando remunerada, se caracteriza como um trabalho precário e atravessa questões de gênero, classe e raça.

Federici (2019) analisa que o poder das mulheres começa com a luta pelo salário, uma vez que se pode considerar que trabalho é sinônimo de salário, assim como sua ausência é medida de exploração direta dentro do capitalismo, expressão de poder entre capital e classe trabalhadora. Segundo a mesma (2019) o salário pelo trabalho doméstico seria uma forma de recusa as funções colocadas como biológicas, essa afirmação pode ser confirmada a partir da citação abaixo:

¹⁶ Entende-se o trabalho privado como aquele que não visto e valorizado pela sociedade, e já o trabalho público, é aquele que é visualizado e reconhecido como algo com valor.

Os salários para o trabalho doméstico significam que o capital terá de pagar pela enorme quantidade de serviços sociais que os empregadores economizam ao passar o fardo para nossas costas. Mais importante ainda: exigir salários para o trabalho doméstico é recusar-se a aceitar nosso trabalho como um destino biológico, uma condição indispensável para lutar contra ele. Nada, na verdade, tem sido tão poderoso na institucionalização do nosso trabalho, da família e da nossa dependência dos homens quanto o fato de que não somos pagas por esse trabalho com um salário, mas com 'amor' (Federici, 2019, p. 82).

Segundo Federici (2019) o trabalho doméstico não foi só imposto às mulheres, mas também foi transformado em atributo natural, considerado da natureza feminina – e não um trabalho que deveria ter reconhecimento e remuneração.

Desta forma, a partir das palavras da autora, tem-se a seguinte compreensão:

No entanto, não existe nada natural em ser dona de casa, tanto que são necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamentos diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar na vida (Federici, 2019, p. 43).

Bhattacharya (2023) pontua que a TRS é a categoria-essência do capitalismo, mas essa não é apenas uma forma de explorar as relações sociais que foram estabelecidas por meio do mercado, mas sim uma teoria que busca desenvolver a partir de Marx o valor do trabalho em uma direção específica.

Federici (2019) também aborda sobre a TRS e, em diversos momentos, discute sobre a classe trabalhadora no contexto do capitalismo. O trabalho nesse contexto é definido pela questão salarial – você recebe um salário pelo trabalho que executa. Todavia é por meio do salário que o capital faz fortes estratificações sociais – mercado de trabalho para jovens, negros, mulheres, homens etc. Desta forma, para o mercado, existe uma segmentação que vai desde a classe trabalhadora até um proletariado não trabalhador, e o exemplo dado pode ser as mulheres de classe baixa, uma vez que vivem do salário do marido e/ou do auxílio de algum programa governamental.

Nos anos 1970 houve indícios sobre diminuição do trabalho doméstico para as mulheres e este vem a partir de algumas nuances, tais como: a diminuição do número de filhos; o crescente número de mulheres que postergam o casamento; o avanço da tecnologia em equipamentos eletrodomésticos (Federici, 2019).

Porém, precisa-se lembrar que essas questões se enquadram para mulheres

com estrutura social, familiar e monetária para fazer essas escolhas, não se estendem para todas as classes sociais e isso precisa ser debatido.

Federici (2019) parafraseia Karl Marx e entende que, na análise, ele se limitou em como o capitalismo, para se manter “vivo”, depende de uma grande quantidade de trabalho doméstico não pago, assim como precisa da desvalorização dessas atividades produtivas.

Como discutido anteriormente, a realidade das mulheres na sociedade capitalista é composta de transformações e de intensas desigualdades de gênero, exemplo disso são as duplas/triplas jornadas que compõem a rotina de uma mulher.

Sousa e Guedes (2016) compreendem que a história do século XIX mostra uma divisão colocada entre domínio público e privado. Ou seja, homens estavam dentro de atividades de domínio público, uma vez que eles se encontravam no papel de provedor da família, enquanto as mulheres estavam na esfera privada, desenvolvendo atividades relacionadas ao cuidado do lar, frequentemente considerado como contrapartida do sustento financeiro provido pelo marido.

Foi dessa forma que se consubstanciou a divisão sexual do trabalho, sendo homens provedores e mulheres cuidadoras. Essa forma trazia limitações, uma vez que homens permaneciam com atribuições privadas e as mulheres cumpriam seu “destino natural” dentro de atividades do espaço privado. Foi somente a partir de mudanças no cenário socioeconômico, com transformações culturais e o movimento feminista do século XX, que foi possível surgirem novas configurações, e, assim, fragilizasse o conjunto da dicotomia entre público e privado e o modelo homem provedor e mulher cuidadora (Sousa; Guedes, 2016).

Esse período de fragilização desempenhou um papel fundamental nas mudanças na vida das mulheres, resultando na entrada no mercado de trabalho. Pode-se, igualmente, encarar esse momento como o início da independência financeira em relação aos homens. Partindo do entendimento de Sousa e Guedes (2016):

O relaxamento das fronteiras entre o mundo produtivo (homens) e reprodutivo (mulheres) tem contribuído com a possibilidade de as mulheres participarem do mundo produtivo, mas não reveste o afastamento dos homens do mundo doméstico. Acontece que, através desse fenômeno, o adensamento das mulheres nas fronteiras públicas não é acompanhado de uma revisão dos limites das responsabilidades privadas femininas. Isso significa que a esfera de reprodução da família como educação e demais cuidados continua, em grande medida, a cargo das mulheres (Sousa; Guedes, 2016, p. 123).

Outrossim, entende-se que a entrada das mulheres no mundo produtivo não significou a obrigatoriedade dos homens no reprodutivo e essa questão trouxe uma sobrecarga para as mulheres: as duplas/triplas jornadas de trabalho.

Desta forma, compreende-se como a divisão sexual do trabalho, está diretamente ligada às duplas/triplas jornadas de trabalho. Há trabalhos para homens e para as mulheres dentro de formações técnicas, mas também existe a sobrecarga da mulher que não teve a divisão igual do trabalho doméstico. Além disso, não se pode esquecer que, por muito tempo, as atividades domésticas não eram consideradas trabalho, mas uma atribuição natural da mulher. De acordo com Sousa e Guedes:

A divisão do trabalho proveniente das 'relações sociais de sexo' reservou às mulheres a esfera reprodutiva e aos homens, a esfera produtiva, estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade. As relações sociais entre os sexos se apresentam desiguais, hierarquizadas, marcadas pela exploração e opressão de um sexo em contraponto à supremacia do outro. A divisão do trabalho que se estabeleceu entre os sexos atribuiu o cuidado do lar para a mulher, função, quando não invisível, tida como de pouco valor social. Enquanto a produção material foi atribuída aos homens, tarefa considerada de prestígio e que confere poder dentro da sociedade (Sousa; Guedes, 2016, p. 125).

Parafraseando Sousa e Guedes (2016), a inserção da mulher no mercado de trabalho não equilibrou as desigualdades anteriormente sofridas, mas sim reforçou desvantagens vividas por elas mesmas. Isso não significa que a mulher deva voltar para a dependência financeira em relação ao marido, mas sim que existem fatores que precisam ser problematizados: a diferença salarial no mercado de trabalho em relação ao gênero; as duplas/triplas jornadas de trabalho; e, por fim, a inserção das mulheres em trabalhos precários ou até mesmo considerados mais “flexíveis”.

Segundo Hirata (2010), o trabalho precário é majoritariamente feminino e há dois tipos de desigualdades que precisam ser consideradas: a desigualdade entre homem e mulher no mercado de trabalho e as diferenças dentro da esfera doméstica – poder, saber e relação de dominação.

Na sociedade capitalista, existem trabalhos que são colocados para mulher e outros para os homens. Na maioria das vezes, o trabalho que remete ao amor e ao cuidado fica designado para mulher, e, conseqüentemente, tem baixa remuneração.

[...] Consequências sobre a divisão sexual do trabalho: 1- a mundialização criou mais empregos femininos, mas empregos ao mesmo tempo mais precários e mais vulneráveis; 2- a abertura de mercados e a política de desregulamentação implicaram em condições de trabalho desfavoráveis para as mulheres, aumentando a carga de trabalho remunerado e não remunerado; 3- privatização – uma parte do trabalho de reprodução social assegurada antes pelo Estado, passa a ser remetido à esfera familiar e ao mercado de trabalho precário (trabalho feminino pouco remunerado para assegurar o trabalho de reprodução social) (Hirata, 2010, p. 5).

Outrossim, na divisão sexual do trabalho, existem trabalhos que são designados para homens e outros que são atribuições de mulheres. Na maioria das vezes, são trabalhos que envolvem cuidado e afeto, mesmo quando se fala em empregos que exigem conhecimento técnico para exercer.

Segundo Laufer (2003), o debate sobre o trabalho feminino e a igualdade laboral e salarial está presente em todas as agendas democráticas, mas a forma como está colocado na sociedade precisa ser problematizado. Segundo a autora:

Agora iguais em direito, as mulheres permanecem desiguais de fato. É o caso particular na esfera profissional, em que podemos constatar que a instauração de um princípio de igualdade ainda está longe de se tornar realidade, nem no campo da remuneração, nem do ponto de vista dos empregos ocupados respectivamente pelas mulheres e pelos homens. É o caso também no âmbito dos direitos sociais, em que a instauração de um modelo sexuado de acesso aos direitos sociais que definem as mulheres como esposas e mães, combinado às desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho faz com que as mulheres estejam mais freqüentemente [sic] em um estado de dependência para terem acesso a sua proteção social. [...] (Laufer, 2003, p. 127).

De acordo com Laufer (2003), se a participação no mercado de trabalho significou progressos de igualdade e cidadania para as mulheres, em contrapartida, o tempo parcial em empregos, a incerteza das políticas de licença dos pais, mostram a segregação sexuada do mercado de trabalho, uma vez que são solicitadas majoritariamente pelas mulheres. Nesse sentido, essas questões levam a pensar no limite do efeito emancipador que o mercado de trabalho teve sobre a vida das mulheres (Laufer, 2003).

Hirata e Kergoat (2007), entendem que a divisão sexual do trabalho se aplica, primeiramente, na divisão desigual e diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho nos ofícios, no tempo e nas profissões, além da divisão desigual das atividades domésticas. Para as autoras esse projeto foi colocado como:

O projeto coletivo que serviu de base na França às primeiras aparições do

termo 'divisão sexual do trabalho' tinha uma ambição maior que denunciar desigualdades: sob o impulso do movimento feminista, tratava-se nem mais nem menos de repensar o 'trabalho'. O ponto de ancoragem dessa ambição era a ideia de que o trabalho doméstico era um 'trabalho' e que, portanto, a definição deste deveria obrigatoriamente incluir aquele [...] (Hirata; Kergoat, 2007, p. 596).

Uma das pautas das lutas feministas é que a sociedade e o estado entendam que trabalho doméstico é trabalho. Ainda que não tenha remuneração, para a realização demanda conhecimento, tempo e energia.

Nessa mesma lógica, Hirata e Kergoat (2007) explanam a relação do trabalho em duas zonas, este sendo por hierarquização e separação, ou seja, o trabalho de uma mulher vale menos do que de um homem, e na lógica de separação, as funções destinadas para mulheres têm menor valor do que aquelas que são consideradas masculinas.

A partir do que se foi mencionado acima, se faz necessário a compreensão de gênero e como as desigualdades entre homem e mulher podem ser vivenciadas e reproduzidas na sociedade atual.

2.2.2 A desigualdade de gênero e o debate da divisão sexual do trabalho

Para adentrar no debate do conceito de divisão sexual do trabalho, importa compreender a categoria gênero, uma vez que essa pesquisa permeia ambas as problematizações.

Joan Scott (1989), uma das pioneiras nos estudos sobre gênero, compreende que o conceito de gênero foi utilizado de diversas maneiras, em diferentes locais, mas também como sinônimo de mulheres, uma vez que essa nomenclatura parecia ser mais neutra e objetiva, ou seja, era mais bem aceito do que o termo mulheres.

Para Scott (1989) o termo gênero também é utilizado para designar as relações sociais de sexo¹⁷; o uso rejeita qualquer justificativa biológica, que impõe padrões societários para definir as atribuições de homem e de mulher na sociedade. O conceito gênero abrange as construções sociais de homens e mulheres: "É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas

¹⁷ A categoria "relações sociais de sexo" diz respeito às relações sociais amplas, permeadas pelos conflitos, hierarquias e antagonismos entre os sexos. É impensável estudar as relações sociais entre os sexos dissociadas das dimensões de "raça" e de classe (Cisne, 2018, p. 221).

dos homens e das mulheres (Scott, 1989, p. 7).

Considera-se, então, que o termo gênero é histórico, moldado em diferentes épocas dentro de um viés social e político. Compreender as questões de gênero perpassa questões de identidade e de desigualdade dentro de uma sociedade patriarcal. Ou seja, falar sobre gênero também implica entender as submissões e desigualdades que as mulheres se encontram dentro de uma sociedade capitalista.

Para Scott (1989), a problematização em torno da categoria gênero é decorrente do final do século XX. Algumas teorias têm sua lógica na análise masculino/feminino, já outras teorias entendem que gênero parte de uma “questão feminina”, e, por fim, outras problematizam a formação da identidade sexual subjetiva. De acordo com Scott:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes [sic]. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (Scott, 1989, p. 21, grifo nosso).

Compreende-se que gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder que estão presentes na sociedade, assim como um elemento constitutivo das relações sociais de sexo. Entende-se que o debate que a autora proporciona é extenso e com maiores designações, mesmo assim, primordial para entender a composição da sociedade na atualidade.

A principal característica da sociedade capitalista está no lucro que o mercado tem a partir da venda da mão de obra dos homens e mulheres que fazem parte dela. Contudo, essa não é sua única característica, uma vez que essa sociedade é formada por classes e, dentro delas, há separações e hierarquias tal como o patriarcado. Segundo Cisne, essa compreensão pode ser entendida como:

No confronto por um novo mundo, é preciso, portanto, entender material, ideologicamente e em uma perspectiva de totalidade, o modelo de sociedade em que vivemos: patriarcal-racista-capitalista. O entendimento dessa sociedade exige compreender que as classes sociais não são meras abstrações, mas sim relações sociais que envolvem antagonismos inscritos em uma materialidade de corpos reais, que possuem sexo/sexualidade, raça/etnia (Cisne, 2018, p. 213).

Parte-se do entendimento que vivemos em uma sociedade patriarcal, na qual a palavra do homem tem mais poder do que a da mulher. Nessa lógica, o que o homem fala deve ser seguido e a mulher permanece em um papel de submissão. Segundo Cisne (2018), as mulheres sofrem uma exploração particular dentro do sistema capitalista, pois existem estruturas de exploração de sexo, classe e raça.

O termo divisão sexual do trabalho (DST), segundo Hirata (2007), teve suas primeiras aparições na França, que teve como objetivo inicial denunciar as desigualdades de gênero que são presentes na sociedade.

Para Hirata e Kergoat (2021), as discussões sobre a divisão sexual do trabalho premeiam a década de 1970, em um específico contexto social e econômico, o da segunda onda do movimento feminista. Esse período foi permeado por intensos movimentos sociais, bem como um desenvolvimento de assalariamento crescente das mulheres, ainda segundo as autoras (2021):

Quanto às relações sociais, elas estão na origem dessa forma de divisão social do trabalho. As relações sociais organizam, isto é, nomeiam e hierarquizam as divisões da sociedade: privado/público, trabalho manual/trabalho intelectual, capital/trabalho, divisão internacional do trabalho etc. As modalidades materiais dessas bicategorizações antagônicas são o que está em jogo (l'enjeu) nas relações sociais: a divisão social do trabalho entre os sexos é o que está fundamentalmente em jogo nas relações sociais de sexo (Hirata; Kergoat, 2021, p. 23).

As relações sociais são antagônicas, organizam e hierarquizam, de maneira geral, toda sociedade. Hirata e Kergoat (2021), entendem que as relações sociais têm princípios organizadores: a exploração (um grupo se apropria e enriquece através do trabalho do outro); a dominação (violência simbólica); a opressão (a qual consta todos os tipos de violência); e, por fim, a apropriação (que consta como uma forma do trabalhador sempre estar disponível para seu empregador, e a exposição dos corpos do trabalho a ser realizado). Segundo as mesmas (2021):

Apenas quando uma relação social acumula essas quatro propriedades, pode-se afirmar que se trata de uma relação transversal e estruturante de toda a formação social considerada. As relações sociais de sexo são uma perfeita ilustração desse esquema (Hirata; Kergoat, 2021, p. 24).

Ao ter em conta a precarização do trabalho pós-moderno, compreende-se que as situações de exploração, opressão, dominação e apropriação estão presentes tanto para os homens quanto para as mulheres. Em qualquer sociedade, na

escravocrata, feudal, entre outras, sempre existiu o trabalho doméstico e sempre foi necessário para qualquer tempo e classe. Entretanto, a atribuição desta função como feminina tem ocasionado progressivamente a exploração das mulheres, uma vez que dentro das relações sociais, é colocado como uma atribuição inata delas. Segundo as autoras supracitadas:

Pensamos principalmente nos serviços de cuidado ou de limpeza (crianças, pessoas idosas, arrumação das casas e dos locais de trabalho). Essas profissões requerem qualidades que são consideradas inatas (pelo sexo, mas também pela origem étnica), e não adquiridas por uma aprendizagem: são fatos da natureza e não da cultura. Dessa forma, não há necessidade de retribuí-las convenientemente. É como se a menina originária de classes populares, por sua educação específica de futura reprodutora e o exercício cotidiano do trabalho doméstico, não precisasse adquirir as qualidades para exercer esses empregos. Assim, essas mulheres não são babás ou diaristas porque não foram formadas ou foram mal formadas [sic] pelo aparelho escolar, mas porque elas são bem formadas pelo conjunto do trabalho reprodutivo – que elas devem assegurar dado o seu lugar na divisão sexual do trabalho e, mais amplamente, na divisão social no seu conjunto (Hirata; Kergoat, 2021, p. 25).

Em seu artigo na *Le Monde Diplomatique*, Rimbert (2019) afirma que os trabalhos femininos são essenciais para o funcionamento de uma sociedade liberal. A suspensão de serviços considerados “de mulher” tem a capacidade de paralisar um país, uma vez que os trabalhos de cuidado são essenciais para a manutenção e progresso de todas as sociedades.

Na França, a parcela feminina entre trabalhadores de setores como o braçal e o de escritório aumentou significativamente, representando 51% em comparação aos 35% registrados em 1968 (Rimbert, 2019). Ao longo desse período de cinquenta anos houve uma estagnação no número de empregos ocupados por homens, permanecendo em torno de 13,3 milhões, em 1968, e 13,7 milhões, em 2017. Enquanto isso, os postos de trabalho ocupados por mulheres cresceram de 7,1 milhões para 12,9 milhões. Isso significa que a maior parte do aumento na força de trabalho ao longo do último meio século foi composta por mulheres, embora muitas vezes em condições mais precárias e com um salário 25% inferior para a mesma função. Especificamente nas áreas médico-sociais e educacionais, o número de mulheres empregadas aumentou drasticamente, passando de 500 mil para 2 milhões, entre 1968 e 2017, excluindo as professoras do Ensino Fundamental II, Médio e Superior.

Para Hirata (2007), a discussão parte do conceito de “trabalho”, uma vez que

este deveria incluir a realização de atividades domésticas em sua definição. Contudo, não basta somar o trabalho doméstico com o profissional, uma vez que as desigualdades não são simplistas. A divisão sexual do trabalho parte de dois princípios organizadores: a divisão por separação e hierarquização, ou seja, há trabalhos que devem ser realizados apenas por homens e outros apenas por mulheres, também que o trabalho de um homem vale mais que o de uma mulher. Ainda, segundo a autora:

[...] A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (Hirata, 2007, p. 599).

A divisão sexual do trabalho é um processo histórico e social para a manutenção da sociedade, uma vez que, na formação societária, as mulheres foram criadas para manutenção e reprodução da família e de toda atividade que esta engloba. Já o papel do homem está ligado à esfera produtiva, ou seja, ele é responsável em prover o bem-estar de sua companheira e os filhos que tiverem.

Os papéis de gênero conhecidos pela sociedade brasileira (e sociedades modernas, em geral) são resultantes de uma construção sócio-histórica evidenciada na cultura conservadora que estabelece uma hierarquização sexual. Esta construção define os homens como responsáveis pelo trabalho produtivo, provedores do sustento financeiro da família, e as mulheres na condição de cuidadoras, responsáveis pelas atribuições familiares e sem remuneração.

Ao mesmo tempo que a modernização proporcionou ferramentas e aumento da autonomia das mulheres no mercado de trabalho, também ocasionou a sobrecarga e a reprodução de atividades. Os homens permaneceram dentro do contexto de provedores da família e as mulheres, além da função de cuidadoras e reprodutoras, acumularam a função de ajuda ao provento da casa e da família. Essa crítica não é sobre a entrada das mulheres no mercado de trabalho e a sua emancipação, mas sim, ao resultado desigual do trabalho doméstico.

Essas problematizações levam a compreender como a formação da sociedade trouxe desigualdades de gênero para as mulheres, que estão além da questão salarial.

Segundo Nyman, Reinikainen e Eriksson (2018), a Suécia é considerada um dos países com maior igualdade de gênero, mas a divisão sexual do trabalho continua sendo um desafio contínuo para o país, uma vez que é comum os casais seguirem os padrões tradicionais quando se trata das tarefas domésticas. Para as autoras, a entrada das mulheres no mercado de trabalho (a partir da década de 1970) não acompanhou o crescimento dos homens dentro das atividades domésticas, o que, conseqüentemente, trouxe a sobrecarga de trabalho (Nyman; Reinikainen; Eriksson, 2018).

O governo sueco tem como objetivo, há décadas, a igualdade de gênero entre os sexos, como afirmado pelas autoras: “[...] mulheres e homens devem ter a mesma responsabilidade pelo trabalho doméstico e ter a mesma oportunidade de dar e receber cuidados em condições de igualdade” (Governo Suéco, 2017 *apud* Nyman; Reinikainen; Eriksson, 2018, tradução nossa¹⁸)

Para lidar com a problemática, há incentivos governamentais para a participação das mulheres no mercado de trabalho, bem como o envolvimento dos homens no trabalho com casa e os cuidados com a família, como, por exemplo: expansão de estruturas públicas de acolhimento para as crianças subsidiadas, licença paternal remunerada. Essas políticas públicas são para firmar o cuidado de família a partir de dois cuidadores, e não só de um (Nyman; Reinikainen; Eriksson, 2018).

Ainda, de acordo com Nyman, Reinikainen e Eriksson (2018), o governo sueco trabalha com diversos incentivos para buscar a equidade de gênero e isso tem modificado o perfil de masculinidade dos homens. Uma das formas de incentivo está em um projeto chamado “*Daddy months*”, ou “Meses do Papai”, criado em 1995, que consiste, em uma licença parental, que está reservada aos homens, tendo como objetivo o envolvimento dos homens no cuidado das crianças e no trabalho doméstico, de forma geral.

O Brasil é um país com ausência de políticas públicas para a equidade de gênero. Segundo o Fórum Econômico Mundial, que reúne 146 nações, o Brasil ocupa a posição 96º no *ranking* de desigualdade de gênero.

O relatório é estruturado em torno de quatro fundamentos essenciais: saúde e sobrevivência, nível educacional, participação econômica e oportunidades e

¹⁸ “[...] women and men must have the same responsibility for housework and have the same opportunity to give and receive care on equal terms” (Swedish Government, 2017 *apud* Nyman; Reinikainen; Eriksson, 2018).

empoderamento político. Cada um desses pilares engloba diversos indicadores. A pontuação varia de zero a 1 — quanto mais próxima de 1, mais próximo o país está da igualdade de gênero.

Em 2020, o Brasil estava classificado em 92º lugar no *ranking*. Embora tenha melhorado ligeiramente sua pontuação nos últimos três anos (de 0,691 para 0,696), outros países experimentaram um crescimento mais substancial, resultando em avanços em suas posições. Desse modo, governos conservadores e a ausência de políticas de incentivo a equidade trazem consequências, uma delas, a desigualdade de gênero.

Nesse contexto, ressalta-se a importância do movimento feminista, que trouxe grandes contribuições no que se refere à luta por direito das mulheres. Foi por meio do movimento feminista que aumentou a visibilidade de problemas e violências que sempre existiram na sociedade, mas, ao mesmo tempo, sempre esteve oculto.

Segundo Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir (2020) o cenário da pandemia modificou a estrutura e a organização das famílias. Em países como Canadá, Inglaterra, Itália e Estados Unidos, as mulheres ficaram mais propensas ao trabalho doméstico, reduzindo sua jornada de trabalho profissional. “Estudos indicam que as crianças pequenas tendem a procurar ajuda e atenção interrompendo as suas mães, e que estas, por sua vez, experienciam o tempo como mais fragmentado” (Collins et al., 2020; O. Sullivan & Gershuny, 2018 apud Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir, 2020, p. 269, tradução nossa¹⁹).

Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir (2020) realizaram uma pesquisa sobre a realidade de gênero, da vida pessoal e profissional das mulheres na Islândia²⁰, este sendo um país (segundo dados do Fórum Econômico Mundial, 2020), em igualdade de gênero, mesmo em países nórdicos. De acordo com dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), citado por Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir (2020), as mulheres, no ano de 2018, na Islândia, possuíam a maior taxa de trabalho dentro dessa organização, sendo 84,5%, já a participação dos homens encontrava-se em 89,9%.

¹⁹ “Studies have indicated that young children tend to seek help and attention by interrupting their mothers, and that the mothers in turn experience time as more fragmented” (Collins et al., 2020; O. Sullivan & Gershuny 2018 apud Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir, 2020, p. 269).

²⁰ Segundo as autoras (2020) a Islândia também um país com avanços, por parte do estado, nas políticas públicas para equidade de gênero, exemplo disso é a lei sobre licença parental compartilhada e aprovada no ano de 2000.

Uma pesquisa da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (2021), traz uma análise da América Latina (18 países) sobre a proporção de tempo gasto em trabalho doméstico e de cuidados não remunerados, como pode ser observado abaixo:

Tabela 2 – Horas de trabalho doméstico em países da América Latina

País	Homens	Mulheres
Argentina	7,7 horas	22,3 horas
Bolívia	12,1 horas	23,3 horas
Chile	10,8 horas	24,7 horas
Colômbia	5,3 horas	18,2 horas
Costa Rica	8,7 horas	22,6 horas
Cuba	12,5 horas	21,0 horas
Equador	4,7 horas	19,7 horas
El Salvador	7,3 horas	20,5 horas
Guatemala	2,3 horas	15,4 horas
Honduras	3,0 horas	15,5 horas
México	8,8 horas	24,2 horas
Nicaragua	12,1 horas	22,9 horas
Panama	7,6 horas	18,0 horas
Paraguai	4,4 horas	15,0 horas
Peru	7,3 horas	20,9 horas
República Dominicana	3,8 horas	16,7 horas
Uruguai	8,4 horas	19,9 horas

Fonte: Repository of information on time use in Latin America and the Caribbean (cepal.org)

Nota: Organizado pela autora.

Com relação a tabela apresentada Guatemala apresenta a menor participação do homem nos trabalhos invisíveis, já Cuba apresenta a maior parcela masculina envolvida com as atividades doméstica. Em relação às mulheres o país latino-americano que as mulheres menos dedicam seu tempo é no Paraguai (15,0 horas semanais), e o com maior participação feminina está no Chile (24,7 horas semanais).

A partir do que foi apresentado acima, percebe-se que a desigualdade em trabalho doméstico atinge desde os países com maior igualdade de gênero, como também os países da América Latina. Obviamente que em proporções diferente, mas essa discrepância não passa despercebida por nenhum país da citado na tabela.

Ademais, compreende-se que as discrepâncias nas jornadas de trabalho oculto estão presentes em países ricos, como também em países com menor

desenvolvimento social e econômico, portanto, pode-se concluir que questões culturais estão envolvidas para essa desigualdade de gênero estar presente até os dias atuais.

CAPÍTULO 3

OS TRABALHOS IMPRESCINDÍVEIS E INVISÍVEIS PRESENTES NA REALIDADE SOCIAL

“Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar”.

(Angela Davis).

Nesse capítulo buscou-se trazer os dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) no que se refere ao trabalho doméstico e de cuidado, realizado por homens e mulheres, correspondente aos anos de 2019 e 2022. Esses dados compreendem a realidade das mulheres e dos homens e sua relação com os afazeres domésticos e de cuidado. Essa análise é necessária para que se possa ter aproximações com essa realidade, e a partir disso identificar se há desigualdades que permaneceram antes e durante a pandemia do Covid-19.

3.1 O TRABALHO INVISÍVEL E DOMÉSTICO NO CONTEXTO BRASILEIRO (2020)

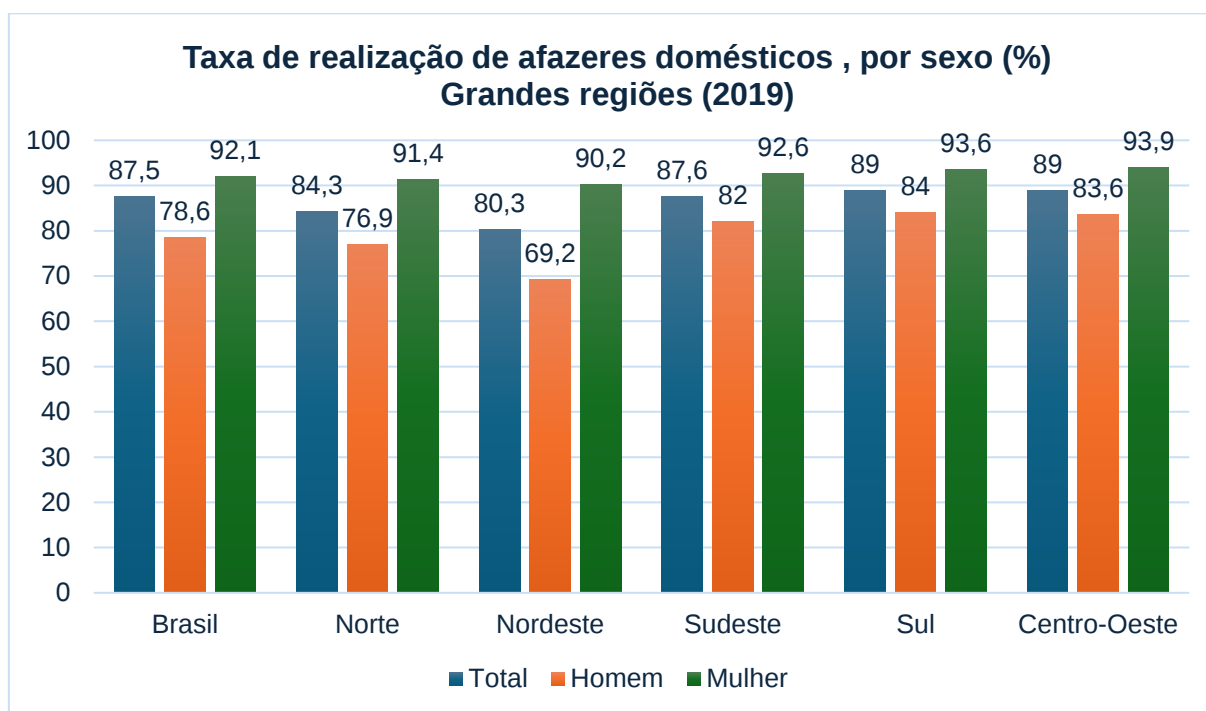
A partir dos dados do IBGE/PNAD (2020/2023) busca-se analisar como se dá o trabalho na sociedade brasileira. Na Pesquisa, as atividades consideradas como afazeres domésticos foram agrupadas em oito conjuntos: 1) preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça; 2) cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos; 3) fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio do automóvel, de eletrodomésticos ou equipamentos; 4) limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim; 5) cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados); 6) fazer compras ou pesquisas de preços de bens para o domicílio; 7) cuidar dos animais domésticos; 8) outras tarefas domésticas. Segundo os dados do IBGE (2020):

Em 2019, 146,7 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade tinham realizado atividades de afazeres domésticos no próprio domicílio ou em domicílio de parente, o que correspondeu a uma taxa de realização de 85,7%, bem próxima da estimada em 2018 (85,6%). Enquanto 92,1% das mulheres realizaram alguma atividade de afazer doméstico, esta proporção era de 78,6% entre os homens em 2019. Entre 2018 e 2019, houve aumento de 0,4 pontos percentuais (p.p.) na taxa de realização de homens (Brasil, 2020, p. 1).

Neste primeiro momento serão apresentadas três análises realizadas pelo

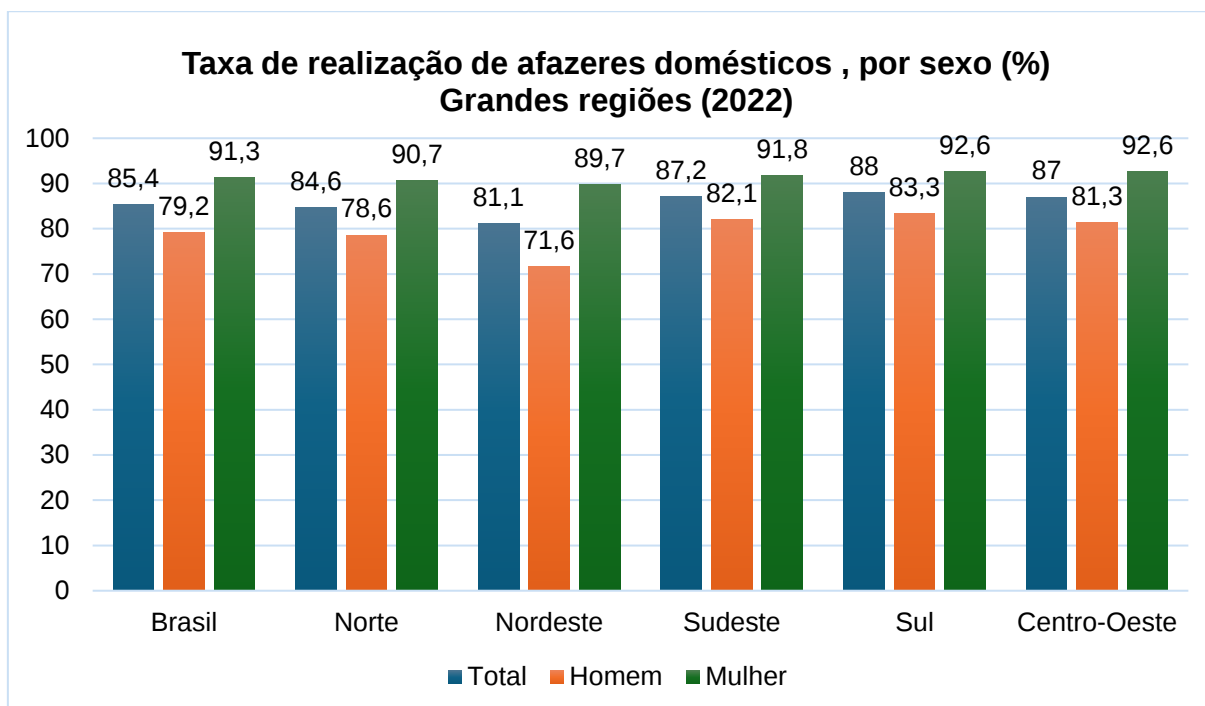
IBGE/PNAD. Os primeiros gráficos correspondem a realização dos afazeres domésticos por sexo em: grandes regiões; grupos de idade; e cor e raça. No gráfico 1, é abordado sobre as taxas de realização de trabalhos domésticos referente a cada região do Brasil, no ano de 2019, já no gráfico 2 é referente ao ano de 2022.

Gráfico 1 - Taxa de realização de afazeres domésticos, por sexo (2019)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Gráfico 2 - Taxa de realização de afazeres domésticos, por sexo (2022)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

O Gráfico 1 mostra a participação de pessoas com mais de 14 anos nos afazeres domésticos, dentro e fora de casa. Segundo o IBGE (2020), a região Nordeste apresenta as menores taxas de trabalho doméstico total (80,3%); as regiões Sul e Centro-Oeste apresentam as maiores (ambas 89,0%); a região Nordeste também tem a maior diferença dos afazeres domésticos por gênero (69,2% para os homens e 90,2% para as mulheres).

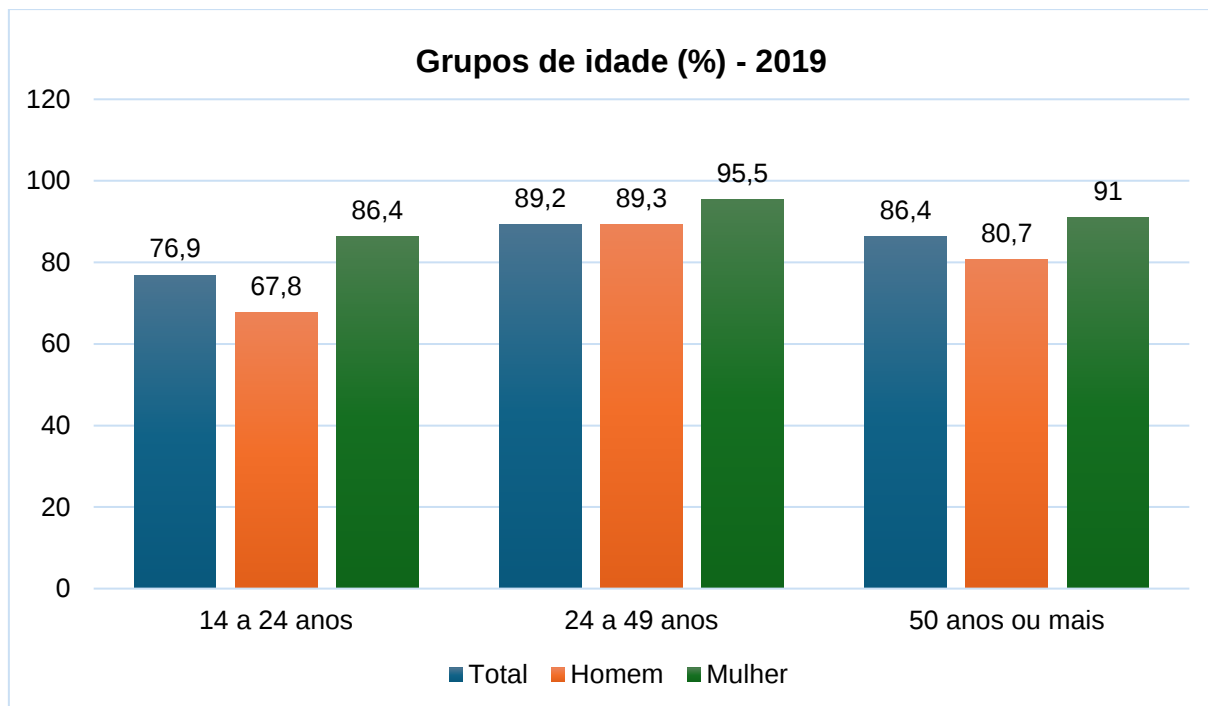
No Gráfico 2, apresenta-se os dados referentes às regiões brasileiras do ano de 2023 (coletados em 2022, ou seja, ainda havia restrições em relação à pandemia do Covid-19). Segundo o levantamento realizado pelo IBGE, a região Nordeste continua com a menor participação, de forma geral, na participação do trabalho doméstico. A maior desigualdade do trabalho doméstico também continua com a região Nordeste, com uma diferença de 18,1 horas, e a região com a menor discrepância está na Sul com 9,3 horas.

Ademais, a comparação entre os anos mostra um aumento no percentual de afazeres domésticos dos homens, especialmente nas regiões que se tinha maior discrepância. A mudança desse cenário pode ser resultado de uma conjuntura onde homens e mulheres passaram a ficar mais tempo em casa e isso pode ter resultado

em uma maior participação dos homens no trabalho doméstico.

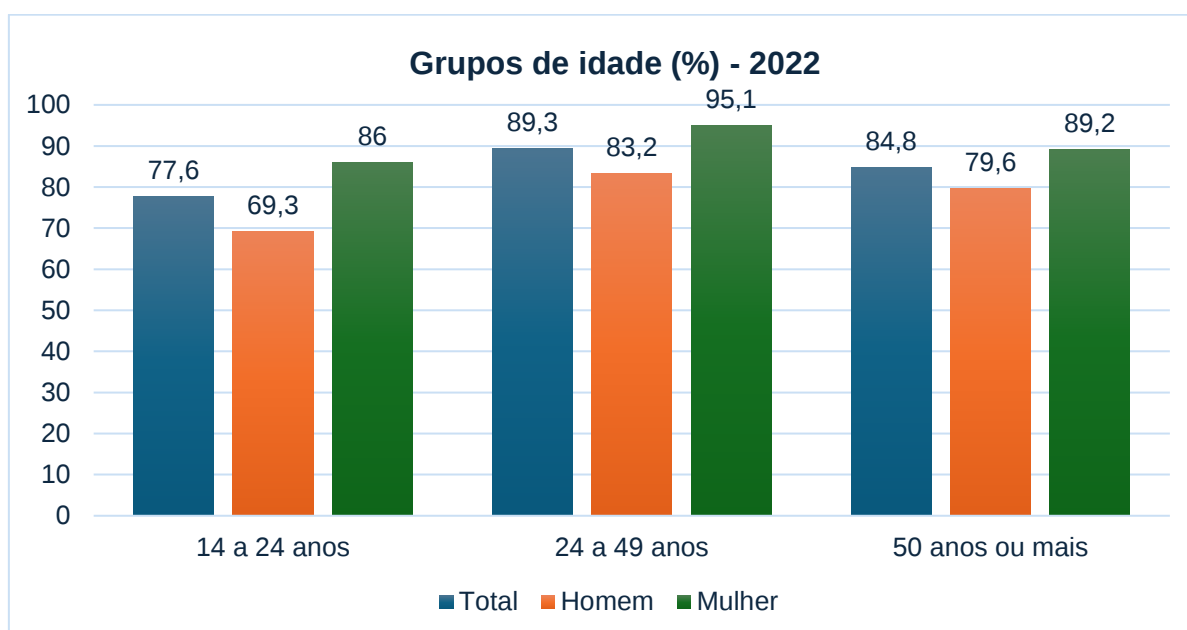
No Gráfico 3 o IBGE trouxe uma análise referente as taxas de realização de trabalho doméstico por grupos de idade, como contata-se:

Gráfico 3 - Taxas de realização de trabalho doméstico, por grupos de idade (2019)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Gráfico 4 - Taxas de realização de trabalho doméstico, por grupos de idade (2023)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

Em relação à faixa etária (Gráfico 3), percebe-se que a menor participação no trabalho doméstico está em 67,8%, sendo estes os homens na faixa etária entre 14 e 24 anos. Em relação à maior taxa de realização de trabalho doméstico, foi em 95,5% realizada por mulheres entre 24 e 49 anos. Pode-se compreender, até o momento, que independente da região ou da idade, a responsabilidade ainda se encontra sob a mulher, em qualquer um desses cenários.

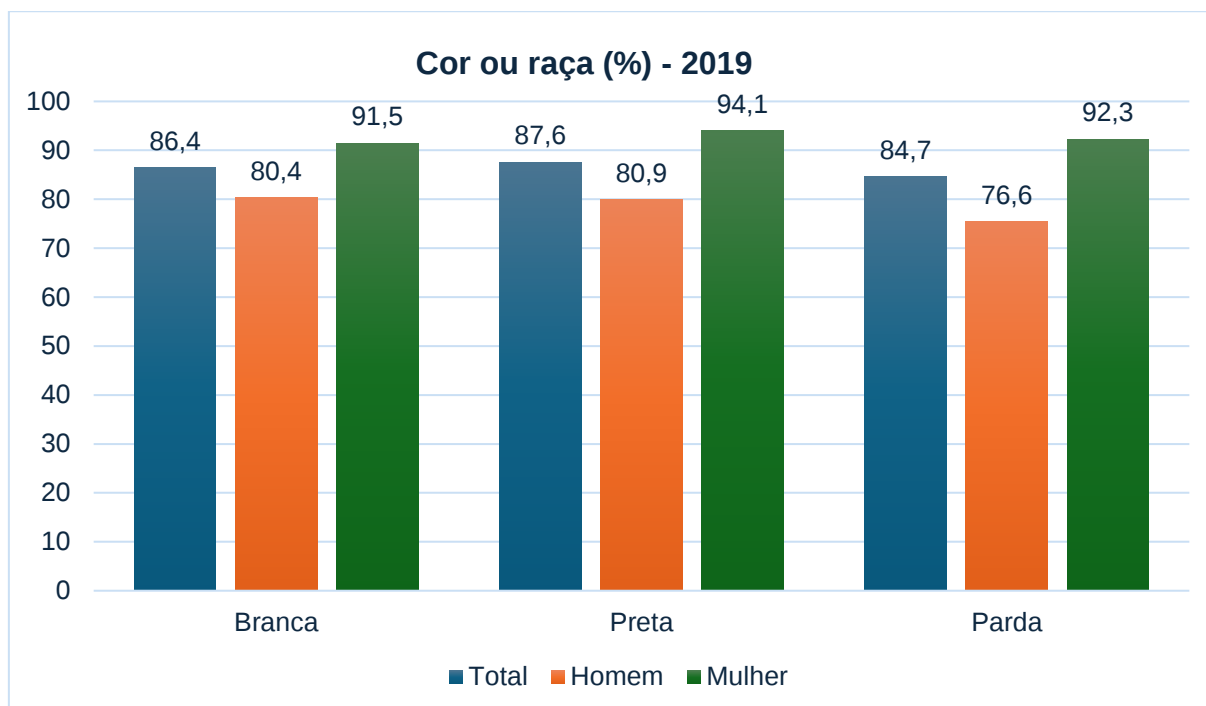
No ano de 2022, o IBGE também trouxe dados referentes ao trabalho doméstico, realizado por grupos de idade. O grupo com menor realização continua sendo homens entre 14 e 24 anos, com 69,3%. Contudo, considera-se que houve aumento na participação quando comparado aos dados do ano de 2019.

O mesmo aconteceu em relação ao grupo com maior participação no trabalho doméstico, uma vez que permanece o mesmo de 2019, sendo esse grupo o de mulheres entre 24 e 49 anos, com 95,1% de participação em atividades domésticas.

Federici (2021) considera que uma das formas da institucionalização do trabalho não assalariado está na organização da família. Essa forma de organização trouxe dependências tanto para os homens quanto para as mulheres, uma vez que os homens ficaram presos a seus trabalhos remunerados, dado que havia uma família que dependia de seu sustento, e as mulheres, consequentemente, estavam subordinadas aos homens pela questão econômica.

Nos Gráficos 5 e 6, observa-se as diferenças no trabalho doméstico, a partir da cor e da raça, uma vez que, é de conhecimento geral, como estas podem influenciar questões sociais e econômicas.

Gráfico 5 - Taxas de realização de trabalho doméstico, por cor e raça (2019)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Acerca da taxa de realização de trabalho doméstico em relação a cor ou raça, no ano de 2019, percebe-se que a menor participação se dá por homens pardos (76,5%), seguidos por homens brancos (80,4%) e, posteriormente, homens pretos (80,9%). A maior participação nas atividades domésticas, de forma geral, se dá por mulheres que se autodeclaram pretas (94,1%), e logo após, tem-se as mulheres pardas, com 92,3% de participação em atividades domésticas.

A partir dessa exposição, é possível entender que as questões de cor e raça são um fator para as desigualdades sociais, desta forma, compreender que a teoria e ação estão diretamente ligados, Segundo Collins e Bilge (2021), entende-se que:

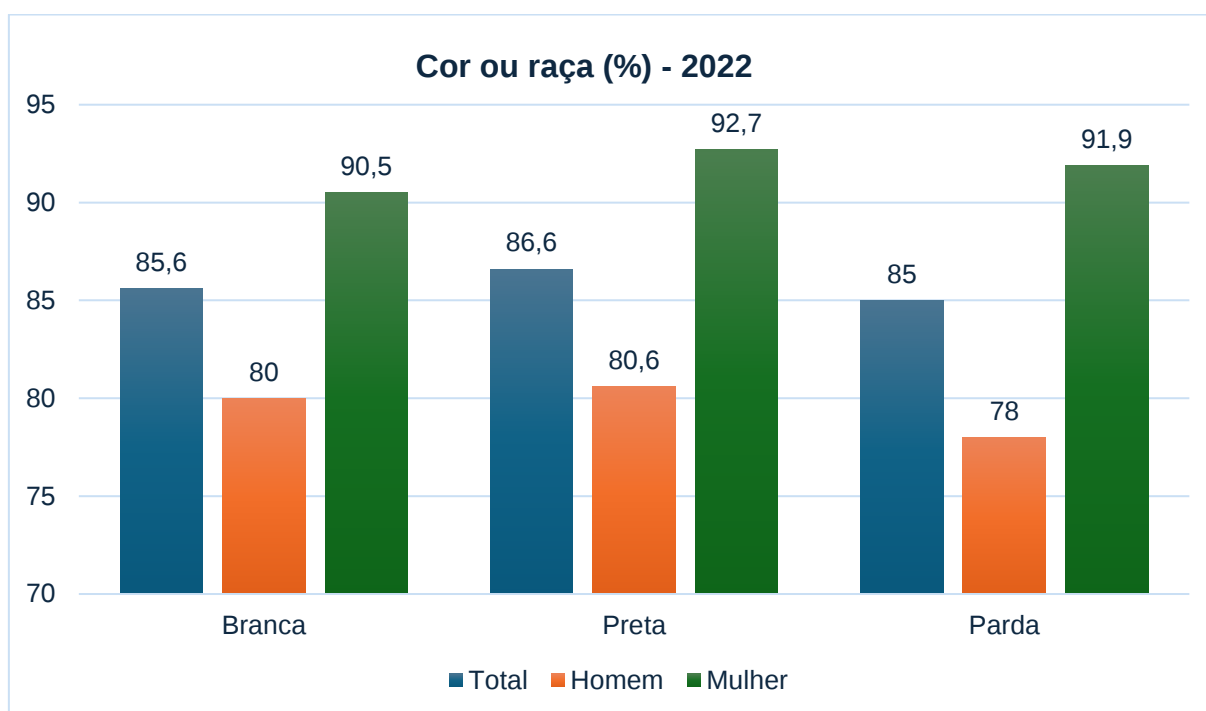
A interseccionalidade como práxis crítica requer o uso do conhecimento adquirido por meio da prática para orientar ações subsequentes na vida cotidiana. A solução de problemas está no cerne da práxis da interseccionalidade, e os tipos de problemas sociais gerados pelos sistemas interseccionais de poder prestam-se ao conhecimento desenvolvido pela práxis. A práxis entende que o pensar e o fazer, ou a teoria e a ação, estão intimamente ligados e moldam um ao outro (Collins; Bilge, 2021, p. 64).

Desta forma, o cotidiano pode ser configurado a partir das ações e das heranças sociais que nos são deixadas, e é por isso que a práxis se torna uma

ferramenta tão importante para uma transformação da realidade social.

No Gráfico 6, apresenta-se as taxas de trabalho doméstico, por cor e raça, durante o contexto da pandemia.

Gráfico 6 - Taxas de realização de trabalho doméstico, por cor e raça (2022)



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

Em relação aos marcadores sociais de cor, raça e gênero, percebe-se o aumento de forma quase insignificante da adesão dos homens ao trabalho doméstico. Mesmo na pandemia do Covid-19, onde, em tese, as pessoas passaram a trabalhar mais em casa (*home office*), essa realidade pouco mudou em relação ao ano de 2019 (em que não havia o trabalho remoto ou híbrido).

Sobre as questões de gênero, o maior impacto foi na realidade da mulher negra, entre os anos de 2019 e 2022. Pode-se considerar, portanto, que a diferença percentual entre 2019 e 2022 é aproximadamente -1,49%, que indica uma redução na porcentagem de mulheres pretas que responderam que faziam trabalhos domésticos entre esses dois anos.

Em relação às mulheres pardas, entende-se que a diferença foi menor, entre 2019 e 2022 é aproximadamente -0,43%, ou seja, há uma redução de 0,43% na relação de mulheres pardas que realizam trabalhos domésticos.

A partir dessas porcentagens considera-se que, mesmo com os homens realizando trabalho remoto ou híbrido, as mulheres continuaram com a sobrecarga do trabalho invisível. De acordo com Federici:

Dizer que o trabalho que executamos em casa é produção capitalista não é expressar um desejo de ser legitimada como parte das forças produtivas. Ser produtiva só é uma virtude moral, para não dizer um imperativo moral, sob a perspectiva capitalista. Na perspectiva da classe trabalhadora, ser produtiva significa apenas ser explorada (Federici, 2021, p. 31).

Isso nos traz a compreensão de como o trabalho está diretamente ligado a processos monetários, mesmo que você realize atividades que demandem esforço e energia, se o resultado não é dinheiro, na sociedade capitalista, também não é trabalho.

Na tabela 3, apresentar-se-á o tipo de afazer doméstico realizado em casa, segundo o gênero.

Tabela 3 - Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio, por sexo, segundo o tipo de afazer doméstico (%) – 2019

TIPO	TOTAL	HOMEM	MULHER
Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça	81,0	62	95,5
Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	75,3	54,6	91,2
Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos...	42,6	58,1	30,6
Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	77,4	69,7	83,4
Cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados etc.)	72,8	71,3	74,5
Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	76,2	73,5	78,2
Cuidar dos animais domésticos	47,7	45,2	49,5

Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Nota: Pessoas com idade de 14 anos ou mais.

A partir desses dados do IBGE/PNAD, compreende-se que toda atividade que remete ao cuidado e a reprodução social é realizada majoritariamente por mulheres, como, em primeiro lugar está preparar alimentos, servir a mesa (95,5%), seguido de cuidar da limpeza e manutenção de roupas e sapatos (91,2%). Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim, se encontra na terceira atividade mais realizada por mulheres (83,4%). Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio é a quarta atividade que a mulher tem sua maior participação (78,2%). Em

quinto lugar, está cuidar da organização do domicílio (74,5%), e por fim em sexto e sétimo está cuidar dos animais, onde 49,5% das mulheres responderam que realizam essa atividade e 30,6% das mulheres afirmaram que fazem pequenos reparos ou manutenção no domicílio, respectivamente.

Em relação aos homens, as tarefas que estes têm maior participação são: fazer compras ou pesquisar preço para o domicílio; cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços etc.); limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim.

Ademais, é importante considerar, que segundo os dados do IBGE/PNAD (2020) o único no qual o homem tem uma maior participação que a mulher é em reparos e manutenção do domicílio, do automóvel e/ou do eletrodoméstico²¹.

Na tabela 4, tem-se a mesma análise anterior, mas dessa vez, esses dados correspondem ao período da pandemia do Covid-19, como pode ser observado abaixo:

Tabela 4 - Pessoas que realizaram afazeres domésticos no domicílio, por sexo, segundo o tipo de afazer doméstico (%) – 2022

TIPO	TOTAL	HOMEM	MULHER
Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça	82,4	66,0	95,7
Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	78,2	60,8	92,3
Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos...	45,2	60,2	32,9
Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	78,0	72,4	82,6
Cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados, etc.)	73,7	72,0	75,1
Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	76,3	73,6	78,4
Cuidar dos animais domésticos	50,8	47,9	53,2

Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

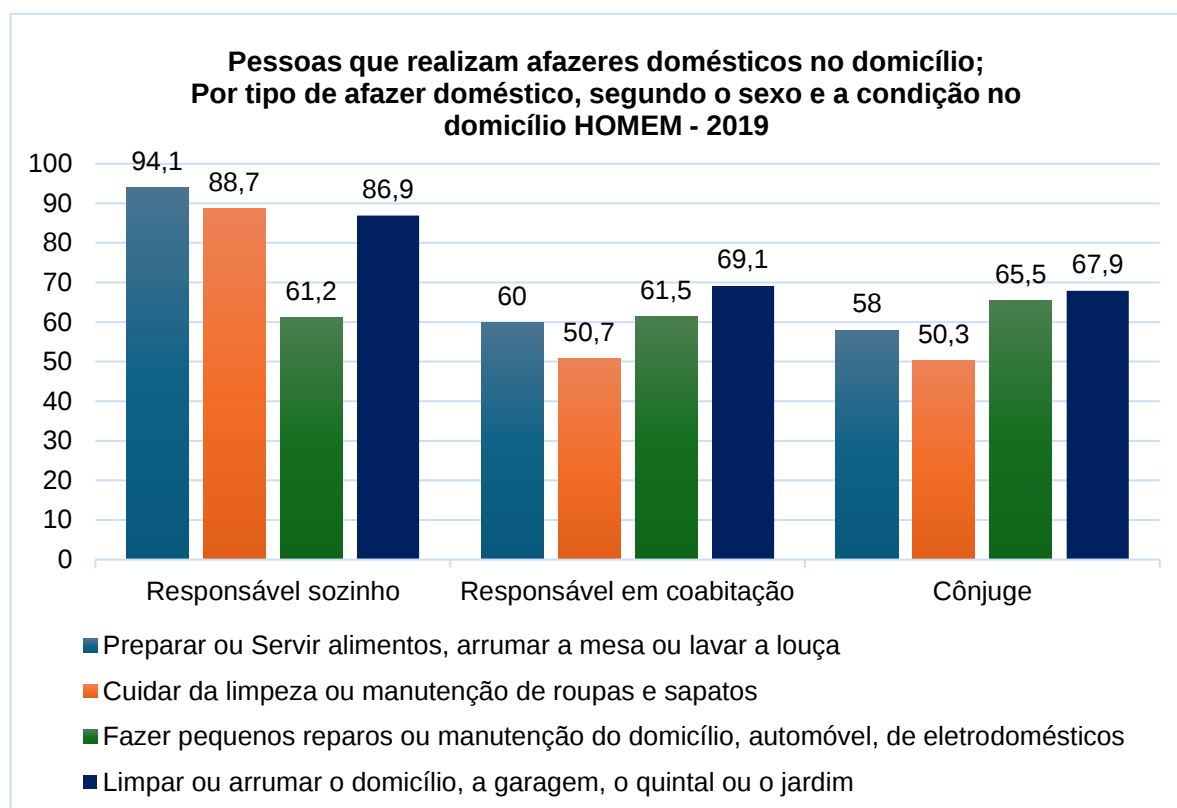
Nota: Pessoas com idade de 14 anos ou mais.

Ao comparar os quadros de realização de afazeres domésticos, entre os anos de 2019 e 2022, ressalta-se o número de pessoas, de forma geral, que começou a realizar mais trabalhos domésticos. Levanta-se a hipótese de que essa ocorrência tenha sido pela ampliação do tempo de permanência em casa, e, assim, foi necessário realizar trabalhos que antes eram secundários ou até mesmo invisíveis.

²¹ Ressalta-se aqui a divisão sexual do trabalho, onde está se dá pelo princípio da separação e da hierarquização. Ou seja, existem trabalhos para homens e mulheres e o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher (respectivamente) (Hirata; Kergoat, 2017).

Os gráficos 7 e 8 são apresentados a seguir nessa tese, e neles pode-se analisar a participação do homem nos afazeres domésticos, essas taxas são correspondentes ao período que antecedente e durante a pandemia do Covid-19.

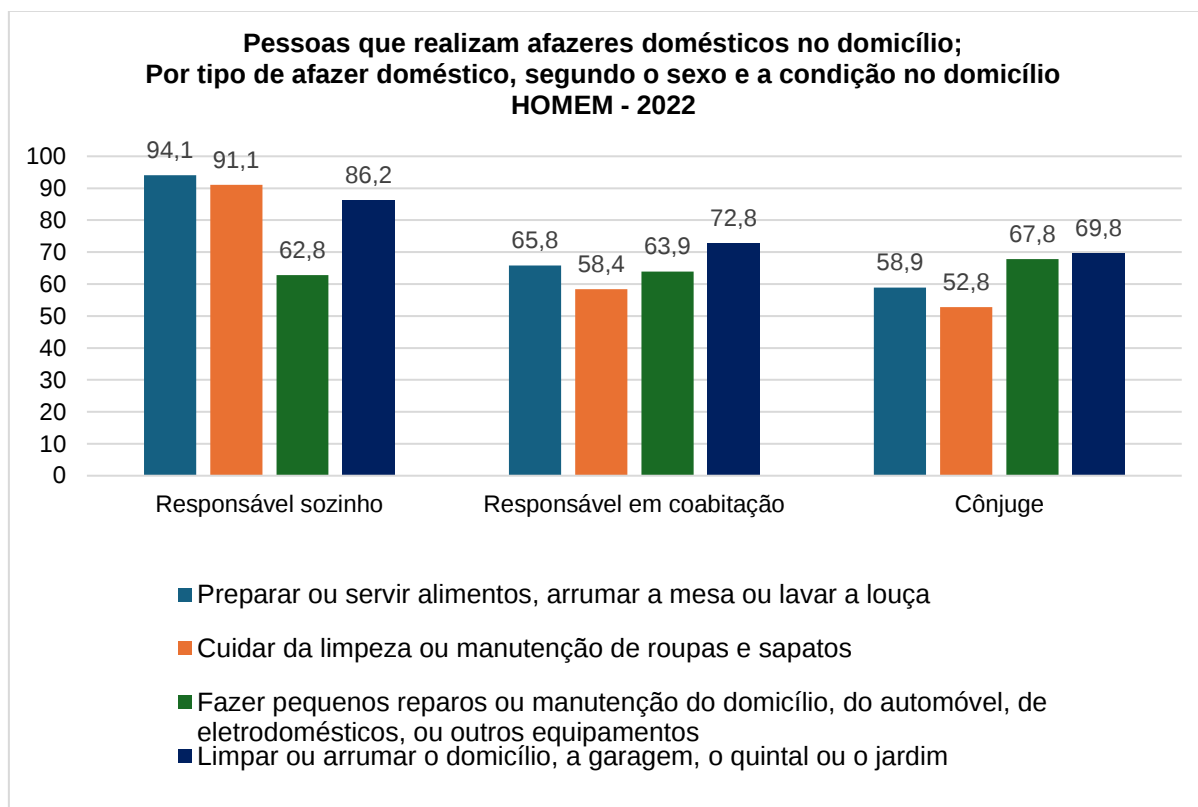
Gráfico 7 - Taxa de participação dos homens nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2019



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

A partir do que foi explanado pelos dados do IBGE (2020), percebe-se a diferença na participação no trabalho doméstico quando se mora sozinho e quando está dividindo o domicílio ou quando se tem um(a) cônjuge.

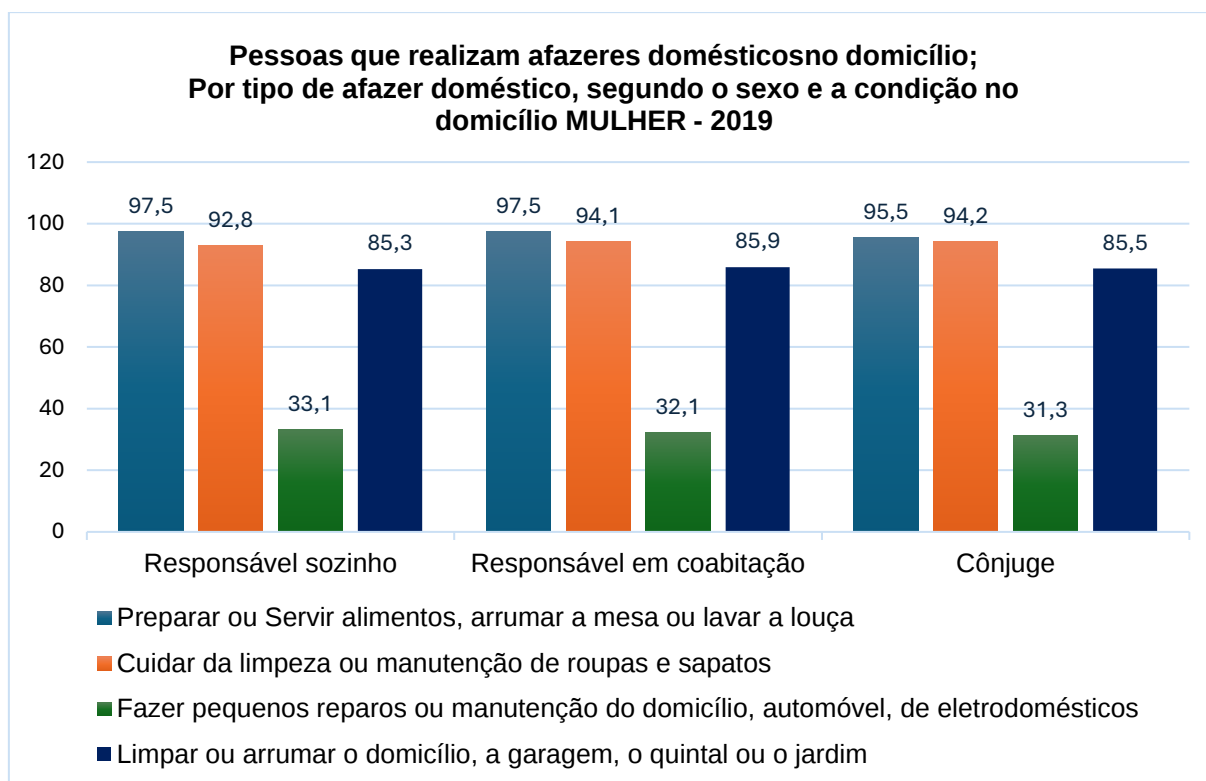
Gráfico 8 - Taxa de participação dos homens nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2022 (pandemia).



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

Ainda segundo os dados do IBGE, mesmo na pandemia, pouco mudou estatisticamente na colaboração do homem com os afazeres doméstico, ou seja, ele só se dedica mais a essas atividades quando está morando sozinho.

Gráfico 9 - Taxa de participação das mulheres nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2019

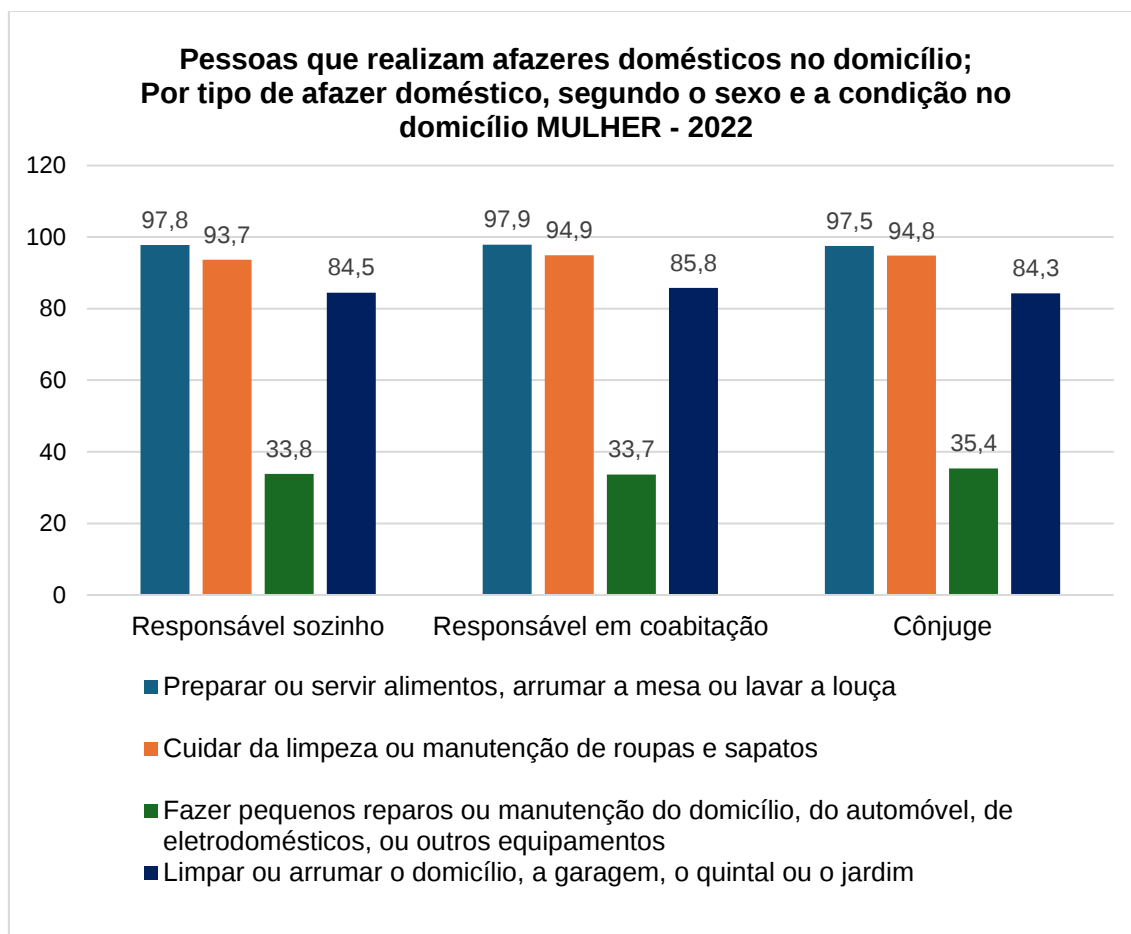


Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

A partir dos dados explanados, compreende-se a análise de Hirata e Kergoat (2007), na qual questionam as duplas/triplas jornadas de trabalho realizadas por mulheres em todo mundo. Lembra-se que, quando as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho, não deixaram de ser responsáveis e realizar o trabalho doméstico, muito pelo contrário, teve uma sobrecarga de atividades e passou a realizar tanto o trabalho doméstico quanto o profissional. Importante considerar que por esse acúmulo de atividades, as mulheres acabam tendo menos tempo disponível para o trabalho profissional, o que acarreta salários menores.

Nos dados do IBGE (2020) percebe-se que o homem só tem uma taxa equivalente ao trabalho doméstico da mulher quando mora sozinho.

Gráfico 10 - Taxa de participação das mulheres nos trabalhos domésticos, segundo o sexo e a sua condição em casa, no ano de 2022 (pandemia).



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

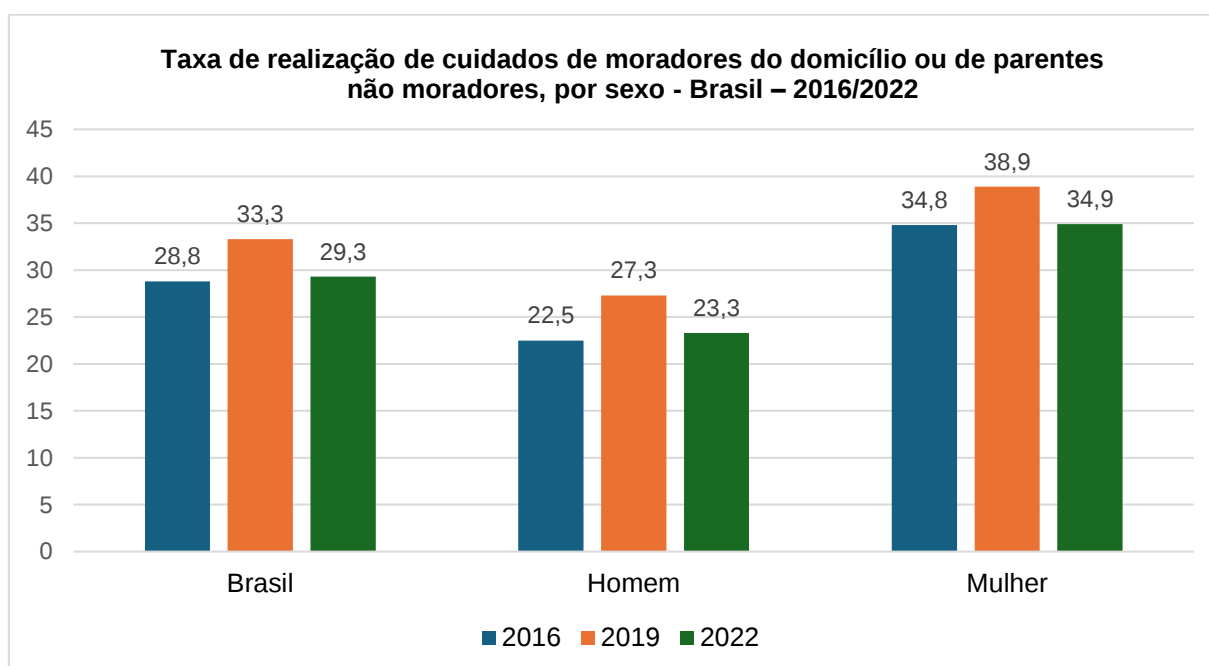
Tanto os dados do ano de 2019 como os de 2023 mostram que, em relação ao homem, o trabalho doméstico só equivale ao da mulher quando ele mora sozinho. Destarte, compreende-se que a mulher fica sobrecarregada de trabalho invisível, até quando há alguém para dividir tais atividades. O único trabalho que o homem tem maior participação é quando se trata de fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos, ou de outros equipamentos.

Federici (2021) interpreta o conceito de trabalho dentro da ótica marxiana e considera que Karl Marx compreendia as diferenças entre as atividades realizadas por necessidade, mas sem exploração, e aquelas que eram realizadas por uma ordem superior. O trabalho faz parte da existência do homem, é uma relação entre homem e a natureza, mas quando essa atividade é explorada e expropriada, representa um trabalho alienado. Ainda, Federici (2021) considera que o trabalho doméstico não pode ser considerado uma atividade livre.

Dando continuidade à análise proposta nesta tese, outra questão a ser destacada é a do **cuidado**, outra forma de trabalho invisível, podendo ser cuidados com outras pessoas, como crianças, idosos ou pessoas com deficiência.

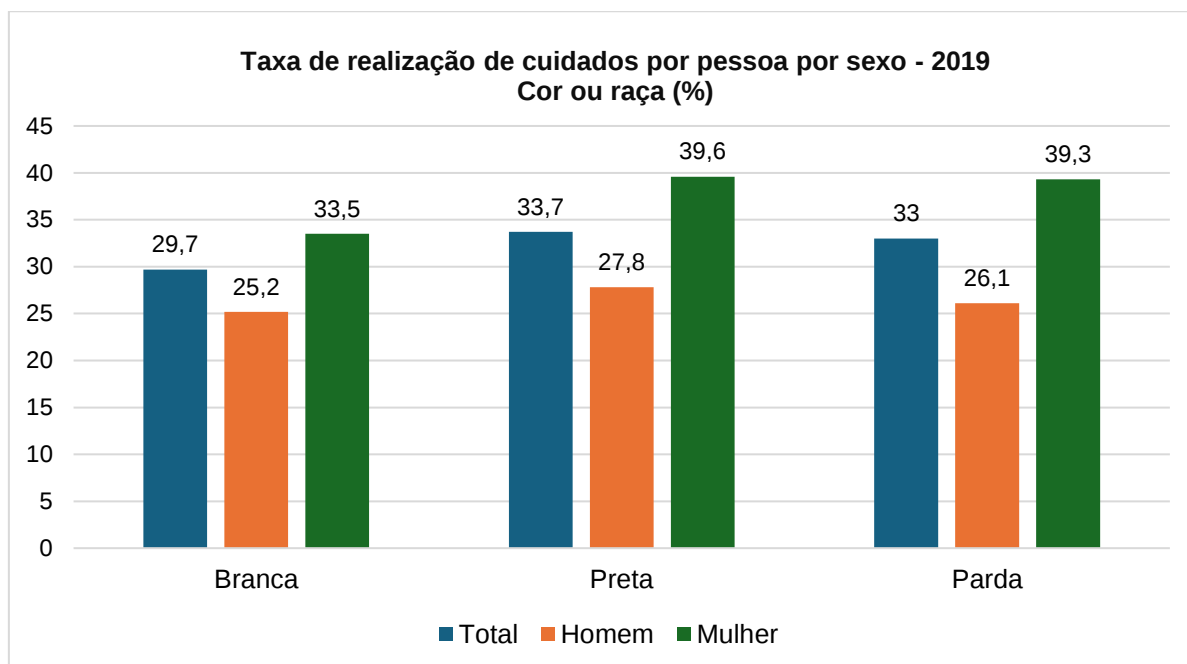
O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), considera trabalho de cuidado todo aquele que: 1) auxilia nos cuidados pessoais (alimentar, vestir, pentear, dar remédio, dar banho, colocar para dormir), 2) ajuda com atividades educacionais; 3) auxilia no processo de ler, brincar e jogar; 4) monitora ou faz companhia dentro do domicílio; 5) transporta ou acompanha para escola, médico, exames, parque, praça, atividades sociais, culturais, esportivas ou religiosas. Esse cuidado dá-se com pessoas idosas, com deficiências e/ou crianças. A partir disso, o IBGE traz uma análise sobre essas atividades, a qual demanda tempo, energia e recurso, mas é pouco ou nada reconhecida pela sociedade e Estado.

Gráfico 11 - Realização de trabalho de cuidado, segundo o sexo, no período de 2016, 2019 e 2022



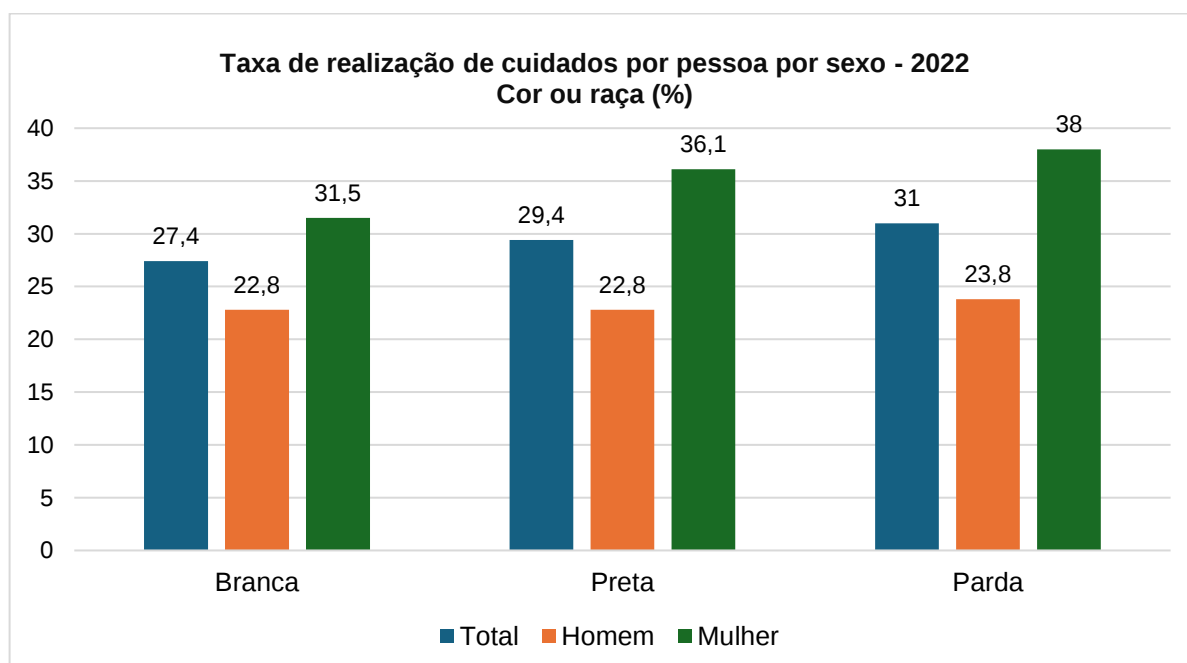
Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

Gráfico 12 - Realização de trabalho de cuidado, por sexo, segundo a cor ou raça no ano de 2019



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Gráfico 13 - Realização de trabalho de cuidado, por sexo, segundo a cor ou raça no ano de 2022 (pandemia).



Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

Diante do quadro exposto percebe-se que as maiores taxas de realização do trabalho de cuidado são das mulheres negras e pardas. Percebe-se a necessidade

teórica da Interseccionalidade entre gênero, raça e classe, uma vez que, uma problemática está deliberadamente ligada à outra.

Hirata (2014) compreende a interdependência das relações de poder, raça, sexo e classe: “A problemática da “interseccionalidade” foi desenvolvida nos países anglo-saxônicos a partir dessa herança do Black Feminism, desde o início dos anos de 1990, dentro de um quadro interdisciplinar, por Kimberlé Crenshaw” (Hirata, 2014, 62). Ainda, segundo a autora, a interseccionalidade é uma proposta para levar em conta as múltiplas fontes da identidade, buscando compreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais. Tal afirmação pode ser compreendido a partir da seguinte fala:

O interesse teórico e epistemológico de articular sexo e raça, por exemplo, fica claro nos achados de pesquisas que não olham apenas para as diferenças entre homens e mulheres, mas para as diferenças entre homens brancos e negros e mulheres brancas e negras, como fica claro nos trabalhos realizados no Brasil, mobilizando raça e gênero para explicar desigualdades salariais ou diferenças quanto ao desemprego (Hirata, 2014, p. 63).

Crenshaw (2002) realiza uma importante contribuição em relação ao termo interseccionalidade. A autora considera que a garantia de direitos para todas as mulheres serem beneficiadas necessita de uma análise das várias formas pelas quais o gênero se conecta com uma gama de outras identidades e o modo pelo qual essas intersecções contribuem para a vulnerabilidade particular de diferentes grupos de mulheres.

Desta forma, as questões materiais, históricas e sociais devem ser consideradas, pois cada grupo tem sua particularidade, por exemplo, uma mulher branca pobre não vive a mesma realidade de uma mulher negra pobre. Apesar de ambas atravessarem a mesma questão econômica e de gênero, se diferenciam pela questão da raça/cor, questão histórica que deixa suas heranças na atualidade. Para tanto, esse debate pode ser mais bem compreendido a partir da seguinte análise:

Como as experiências específicas de mulheres de grupos étnicos ou raciais definidos são muitas vezes obscurecidas dentro de categorias mais amplas de raça e gênero, a extensão total da sua vulnerabilidade interseccional permanece desconhecida e precisa, em última análise, ser construída a partir do zero (Crenshaw, 2002, p. 174).

Em relação à compreensão dos dados, estatisticamente, entende-se que, substancialmente, nada mudou. Houve uma leve diminuição da realização do trabalho

de cuidado no ano de 2022, mas, ainda assim, a mulher parda teve a menor diminuição deste trabalho entre o período que antecede a pandemia e durante ela.

No que se refere ao trabalho de cuidado, o IBGE faz uma análise de gênero entre homem e mulher e separa por duas categorias – ocupado e não ocupado, ou seja, que possuem uma outra ocupação para além do trabalho doméstico.

Tabela 5 - Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou aos cuidados de pessoas (horas semanais) (2019)

SEXO E SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO	HORAS SEMANAIS					
	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
HOMEM						
Ocupado	10,4	10,8	10,0	10,7	10,7	9,3
Não ocupado	12,1	12,1	11,1	12,6	13,2	10,9
MULHER						
Ocupada	18,5	18,4	19,1	18,8	17,7	16,8
Não ocupada	24,0	22,2	23,6	25,4	22,9	21,4

Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2020.

Considerando os dados do Brasil, pelo levantamento feito do IBGE (2020), comparando homens e mulheres ocupados, entende-se que há uma diferença de horas trabalhadas por gênero, em que as mulheres trabalham de 8,1 horas a mais em atividades domésticas do que os homens.

Em relação aos dados do ano de 2019, a região Sul é a menos desigual (sete horas de diferença), em uma comparação de homens e mulheres que possuem uma ocupação. Enquanto a região mais desigual é a Nordeste, com uma diferença de 9,1 horas a mais de trabalho doméstico para a mulher.

Quando não há uma ocupação, de ambas as partes, a região mais desigual encontra-se na região Sudeste, com 12,8 horas de diferença. A região Sul tem a menor desigualdade de horas trabalhadas, com 9,7 horas de trabalho doméstico a mais para as mulheres.

Por meio desses dados, percebe-se a sobrecarga de trabalho que as mulheres realizam na sociedade brasileira, uma vez que, majoritariamente, elas realizam todo o trabalho doméstico e de cuidado. Dessa forma, a mulher tem menos tempo para o trabalho profissional, o que pode acarretar diversas situações: jornada de trabalho menor; menos tempo disponível para horas extras; menos flexibilidade

para realizar alguns tipos de trabalho; e o reflexo desta situação remete a mulheres com salários inferiores aos homens.

Tabela 6 - Média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou aos cuidados de pessoas (horas semanais) (2023)

SEXO E SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO	HORAS SEMANAIS					
	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
HOMEM						
Ocupado	11,0	11,1	11,0	11,3	10,7	9,9
Não ocupado	13,4	12,6	13,1	14,0	13,4	12,0
MULHER						
Ocupada	17,8	17,6	19,7	17,8	16,2	16,3
Não ocupada	24,5	22,4	25,9	25,0	22,5	21,8

Fonte: IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2023.

No cenário brasileiro do levantamento dos dados do ano de 2023, as mulheres com ocupação trabalham 6,8 horas a mais do que os homens no trabalho doméstico. Quando ambos não possuem uma ocupação a diferença é de 11,1 horas a mais para as mulheres. Destarte, entende-se que, quando homens e mulheres possuem uma ocupação, houve uma diminuição de 1,3 horas de trabalho doméstico entre os anos de 2019 e 2022.

No ano de 2019, no Brasil, quando ambos não possuíam uma ocupação, as mulheres trabalharam 11,9 horas a mais do que homens no trabalho doméstico. No ano de 2023, essa diferença encontra-se em 11,1 horas de trabalho doméstico a mais para as mulheres.

Em relação às regiões, no ano de 2023, a região mais desigual quando ambos possuem uma ocupação, encontra-se no Nordeste, com uma diferença 8,7 horas a mais de trabalho para as mulheres. A região menos desigual, nessa mesma categoria, está na Sul, onde as mulheres trabalham 5,5 horas a mais do que os homens. Já quando o homem e a mulher não possuem uma ocupação, a região com maior desigualdade continua no Nordeste, com 12,8 horas de trabalho a mais para as mulheres, e a região Sul tem a menor diferença, com 9,1 horas de trabalho invisível a mais para as mulheres.

Biroli (2016) realiza uma importante consideração quando coloca que a divisão sexual do trabalho tem caráter estruturante, ou seja, existem estruturas que

são ativadas pela responsabilização em relação ao trabalho doméstico.

[...] *a divisão sexual do trabalho é produtora do gênero*, ainda que não o seja isoladamente. Ela compõe, de forma destacada, as dinâmicas que dão forma à dualidade feminino-masculino, ao mesmo tempo que posiciona as mulheres de maneira desigual segundo classe e raça (Biroli, 2016, p. 739, grifo nosso).

Por meio desses dados, percebe-se uma evidente problemática na divisão do trabalho na sociedade brasileira, visto que eles revelam que a maior parte das atividades domésticas é desempenhada por mulheres. Ao examinar os dados por região, idade e raça, constata-se que, independentemente desses fatores, as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelo trabalho doméstico.

A sobrecarga de trabalho das mulheres tem impacto direto em sua participação no mercado de trabalho, levando a salários menores e menos oportunidades profissionais. Assim, a divisão sexual do trabalho não apenas reflete, mas também perpetua as hierarquias de gênero, raça e classe na sociedade brasileira.

Não obstante essas questões apresentadas, tem-se, a partir de 2020, um panorama diferenciado que impactou o Brasil e todo o mundo: a pandemia do Covid-19, que será abordada na próxima seção.

3.2 O TRABALHO INVISÍVEL E DOMÉSTICO NO CONTEXTO BRASILEIRO (2023) COM A COVID-19

A pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, teve um impacto profundo no Brasil e em todo o mundo, desde o seu surgimento no final de 2019. No Brasil, os primeiros casos foram confirmados em fevereiro de 2020, desencadeando uma série de desafios sociais, econômicos e de saúde, que afetaram milhões de brasileiros.

O país enfrentou uma crise sanitária sem precedentes, com um sistema de saúde sobrecarregado, especialmente em regiões densamente povoadas. Os hospitais lutaram para fornecer tratamento adequado devido à escassez de leitos, equipamentos de proteção individual e respiradores. Os profissionais de saúde estiveram na linha de frente, trabalhando incansavelmente para tratar os pacientes e conter a propagação do vírus.

Para Ricardo Antunes (2022) as questões referentes a precarização do trabalho já ocorriam em alta densidade antes da pandemia do Covid-19, exemplo

disso são situações como a reforma trabalhista, a uberização e as novas modalidades de trabalho online. Antes mesmo da pandemia o Brasil se encontrava com 40% da classe trabalhadora na informalidade.

Para Ricardo Antunes (2022) o capitalismo é um processo que sofre uma constante metamorfose social, uma vez que ele se adapta e se intensifica em diferentes conjunturas e cenários. O trabalho assalariado, o capital e o estado fazem parte de um tripé que possibilita o capitalismo de se expandir de diferentes maneiras. Ainda segundo o autor, esse sistema econômico é expansionista, uma vez que busca sempre a retirada de mais-valor, e destrutivo, já que ele é ilimitado em suas relações e movimentos.

Ainda segundo o Antunes (2022) a produção social deveria atender as necessidades humano-sociais, mas isso não é o que acontece na prática, uma vez que a produção social está subordinada a autorreprodução do capital.

Dito isso, pode-se compreender como os recursos sociais e ambientais são limitados, porém a lógica de consumo e produção capitalista é ilimitada, não há preocupação com os recursos ambientais e com a saúde do trabalho, existe apenas a necessidade de produção de mercadorias e de acúmulo de capital, que apenas uma pequena parcela irá desfrutar.

Para Antunes (2022) a pandemia do Covid-19 trouxe uma crise estrutural do capital, em que milhões de pessoas perderam a vida em todo mundo e outras milhões ficaram desempregadas, ampliando e potencializando a pobreza.

Além dos desafios de saúde, a pandemia também teve um impacto econômico significativo. Foram implementadas medidas de distanciamento social e restrições comerciais para conter a disseminação do vírus, levando ao fechamento temporário de empresas e à perda de empregos. Os setores como o turismo, varejo e serviços foram particularmente afetados, com pequenas empresas enfrentando dificuldades financeiras.

A educação foi outra área profundamente impactada, visto que escolas e universidades foram fechadas para evitar aglomerações, levando a um rápido aumento no ensino à distância. No entanto, muitos estudantes enfrentaram dificuldades de acesso à internet e dispositivos adequados, exacerbando as desigualdades educacionais no país. Sobre a educação, Antunes (2022) pontua que as crianças pobres que não podiam frequentar a escola nesse período, corriam o risco de não ter como se alimentar em suas casas “[...] A classe trabalhadora, então, viu-se

sob intenso fogo cruzado. Entre a situação famélica e a contaminação virótica, ambas empurrando para a mortalidade e a letalidade [...] (Antunes, 2022, p. 20).

A pandemia também expôs disparidades sociais existentes no Brasil. As comunidades vulneráveis, das quais podem ser mencionadas as favelas e áreas rurais remotas, enfrentaram desafios significativos devido à falta de acesso a cuidados de saúde adequados, saneamento básico e informações precisas sobre a Covid-19. Além disso, a violência doméstica aumentou durante o período de isolamento social, colocando mulheres e crianças em situações de maior risco.

Pode-se entender esse período como uma conjuntura onde a escolha era trabalhar e ser infectado ou não trabalhar e passar fome, ou seja, a desigualdade se mostrou ainda mais presente para a classe trabalhadora. Ficar isolado para não ficar doente, acabava não sendo uma opção, já que é através do trabalho que advém seu sustento. Essa realidade não faz parte do cotidiano da classe burguesa, já que eles não dependem da sua força de trabalho para sobreviver, e tem acesso a medicamentos, hospitais, educação em casa para seus filhos, dentre outros benefícios. “Enquanto a classe-que-vive-do-trabalho a luta é para ver quem consegue sobreviver” (Antunes, ano, p. 19).

A Covid-19 mostrou a necessidade da presença do Estado, através de políticas públicas para sociedade, porém coloca-se aqui a solidariedade presente nos movimentos sociais e nas comunidades brasileiras, uma vez que esta foi presente e necessária para a sobrevivência das pessoas durante esse período. Borges (2020) compreende que existe uma solidariedade coletiva de cuidado e uma intensa luta para fazer valer o estado democrático de direito de uma vida digna, de justiça social e de liberdade emancipatória. Ainda segundo Borges (2020):

Esses coletivos nos ensinam a possibilidade de uma práxis cotidiana de convivência em sociedade movida pelo solidarismo na tarefa do “cuidar como verbo coletivo”, que é incompleto sem a participação do Estado. É necessário visibilizar as lutas e vozes destes coletivos em um Estado que inclua suas necessidades, combata com afinco a desigualdade social e o racismo estrutural [...] (Borges, 2020, p. 276).

Apesar das dificuldades, a pandemia também destacou a resiliência e a solidariedade das comunidades brasileiras. Inúmeras iniciativas de ajuda mútua e voluntariado surgiram para apoiar aqueles que mais precisavam, mostrando a força do espírito humano em face da adversidade.

A situação da pandemia no Brasil é dinâmica e está sujeita a mudanças à medida que as autoridades de saúde pública continuam a monitorar e responder à evolução da doença. O país enfrentou desafios significativos, mas também demonstrou a importância da cooperação, da empatia e da ciência para enfrentar crises globais.

O Brasil lançou campanhas de vacinação em 2021, com o objetivo de imunizar a população contra o vírus. No entanto, desafios logísticos e hesitação em relação à vacinação representaram obstáculos significativos para atingir altas taxas de imunização em todo o país.

Em relação à situação das mulheres na pandemia, destaca-se que durante o período de isolamento social houve um aumento preocupante nos casos de violência doméstica contra as mulheres. Muitas mulheres ficaram presas em casa com seus agressores, o que dificultou o acesso à ajuda. Organizações de apoio às mulheres relataram um aumento nas chamadas para linhas diretas de apoio, tal como compreendem Souza; Dumond-Pena; Patrocínio (2022):

Durante a pandemia da Covid-19, a medida adotada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos com relação à violência foi o desenvolvimento de um aplicativo de facilitação de denúncias. O uso do código máscara 19, solicitada por mulheres em farmácias, foi uma estratégia elaborada para comunicar violência doméstica na França e na Espanha, que partiu de campanha governamental desses países. Na Argentina, iniciativa governamental similar foi adotada por meio da campanha do uso do lenço vermelho A disponibilização de hotéis para mulheres em situação de violência foi uma medida adotada na França. Tal estratégia de proteção também foi proposta no Brasil, para além de um conjunto de medidas que visam tornar a atenção às mulheres serviço essencial bem como ampliar campanhas de prevenção à violência (Souza; Dumond-Pena; Patrocínio, 2022, p. 298).

A pandemia teve um impacto significativo na saúde mental das mulheres. O estresse relacionado à saúde, preocupações com a segurança financeira e o aumento das responsabilidades familiares contribuíram para níveis mais altos de ansiedade e depressão entre as mulheres. De forma geral, grávidas e lactantes enfrentaram desafios no acesso a cuidados pré-natais e serviços de saúde reprodutiva durante a pandemia. O medo de contrair o vírus muitas vezes impediu as mulheres de buscar cuidados médicos necessários. Da mesma forma, no âmbito da educação as escolas foram temporariamente fechadas, e isso afetou as mulheres de diversas maneiras, incluindo a necessidade de equilibrar o aprendizado online de seus filhos com suas próprias responsabilidades de trabalho profissional e doméstico. Isso pode ser

compreendido a partir da seguinte análise:

Com respeito às condições de trabalho, a vulnerabilidade das mulheres se manifesta tanto no fato de elas serem a maioria entre trabalhadoras informais quanto pela sobrecarga de trabalho no ambiente doméstico no contexto de isolamento, o que faz com que estejam mais desamparadas economicamente ou exercendo trabalhos em piores condições. Para além disso, observa-se ainda, nesse contexto, a interrupção de serviços essenciais à saúde das mulheres, o aumento da vulnerabilidade no contexto da saúde reprodutiva e a violência doméstica (Souza; Dumond-Pena; Patrocínio, 2020, p. 292).

Como é de conhecimento geral, o contexto vivenciado na pandemia pode ter impactos duradouros na educação das crianças e no desenvolvimento das mulheres no mercado de trabalho. Aliado a isso, muitas mulheres, especialmente aquelas em empregos informais ou de baixa remuneração, foram mais afetadas pelos impactos econômicos da pandemia. Muitas perderam seus empregos ou fontes de renda e as medidas de ajuda do governo nem sempre foram suficientes para mitigar esses impactos, especialmente para as mães solteiras e mulheres chefes de família.

A partir dos dados do PNAD-IBGE, relatados anteriormente, constata-se que as mudanças que ocorreram foram praticamente insignificantes, uma vez que as mulheres se encontram com uma extensa e intensa carga horária de trabalho.

A terceirização do trabalho doméstico e de cuidado também é algo comum, uma vez que as mulheres, para poder se dedicar ao trabalho profissional, transferem para outras mulheres (na maioria das vezes) essas atividades. Ainda assim, é preciso considerar que isso não anula o trabalho de quem terceiriza, visto que, na maioria das vezes, em seu tempo livre, as mulheres realizam esses trabalhos.

CAPÍTULO 4

OS(AS) CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: UM TRABALHO DE CUIDADO COM O MEIO AMBIENTE

“Não há ninguém na janela
contemplando enquanto alguns se sacrificam,
se esvaem em sacrifício;
aquele que permanece de plantão na janela
para aproveitar daquilo que a atividade desses poucos alcança – ou
para desafogar a própria desilusão vituperando o sacrificado –
desfalece sem conseguir o que pretende.
Vivo, tomo partido.
Por isso odeio quem não o faz, odeio os indiferentes”.

(Antônio Gramsci)

Neste capítulo buscou-se discutir acerca do trabalho do catador(a) no contexto brasileiro. Primeiramente, enfatizou-se no que se refere aos dados nacionais, as conquistas e a trajetória para seu reconhecimento.

Em um segundo momento, foram inseridos os dados da cidade de Ponta Grossa – PR, a partir de uma pesquisa existente, que aconteceu em 2017, ou seja, em um panorama antes da pandemia. Posteriormente, foram acrescentados os dados da pesquisa de campo desta tese, que trouxe a realidade durante e pós pandemia dos catadores(as) de materiais recicláveis.

Nesse capítulo há dados censitários sobre os catadores(as) de Ponta Grossa, como também sua percepção sobre o trabalho invisível que realizam em seu cotidiano.

4.1 AS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: LUTAS CONSTANTES NO CENÁRIO BRASILEIRO

Os catadores e catadoras de materiais recicláveis representam uma importante categoria profissional, mas que ainda é pouco, e até mesmo nada valorizada. Quando se fala da figura do catador há um senso comum de que estes são pessoas em situação de rua ou até mesmo dependentes químicos. Mas a realidade é muito diferente, catadoras e catadores de materiais recicláveis são majoritariamente pessoas que buscam dignidade profissional, em uma realidade de trabalho difícil, precarizada e invisibilizada.

No Brasil, a profissão de catador de material reciclável teve reconhecimento pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2002, pela Classificação Brasileira de

Ocupações (CBO). Esse foi um importante passo para a categoria profissional, mas isso não impediu ou eximiu os catadores dos estigmas de trabalhar com aquilo que ninguém mais quer: o lixo.

Antes de adentrar nos aspectos sociais do catador, primeiramente deve-se compreender a importância da reciclagem tanto para as questões sociais como também para as questões econômicas.

Desde os primórdios da humanidade há o descarte de resíduos, seja esse de forma sólida ou líquida, de processos naturais ou não. Diariamente, quando se descasca uma fruta ou se abre uma embalagem, está também descartando resíduos. É possível tirá-los das casas, mas não do planeta.

Historicamente, desde que os seres humanos começaram a se agrupar, sempre existiu a produção de resíduos. Com o avanço dos processos de industrialização, urbanização e crescimento demográfico houve um aumento crescente da produção de resíduos, que passou a ter uma composição cada vez mais diversificada e perigosa. O excessivo uso de recursos naturais como matéria prima para a produção industrial, acompanhado por hábitos de consumo e desperdício altamente estimulados na população, contribuíram para a geração ampliada e variada de resíduos. Neste contexto, cada vez mais produtos são produzidos, redundando em mais e mais resíduos. Isso é agravado com a utilização crescente de embalagens descartáveis de alumínio, de ferro, de vidro, de plástico e de papel (Gonçalves, 2004, p. 5).

Questiona-se: Para onde vão esses resíduos? Quem são os profissionais responsáveis por sua coleta? Em que condições eles trabalham?

Segundo Eigenheer (1992), o lixo produzido recebe influência dos mais diversos fatores que compõem uma sociedade: clima, vegetação, posição geográfica, tipo de solo, religião e outras diversas concepções. Ademais, as questões culturais influenciam e muito o descarte de todo o material produzido na sociedade, uma vez que há culturas com maior proximidade da natureza e de tudo o que ela produz.

Eigenheer (1992) aborda também sobre o reaproveitamento de tudo aquilo que era considerado lixo, que era feito na Antiguidade, mas também presente nos dias de hoje, por exemplo, na agricultura, com a utilização de fezes humanas e animais. Sendo assim Eigenheer salienta:

Portanto, a possibilidade do reaproveitamento é antiga, o que não reduz os estigmas ligados a essa prática. O uso da matéria orgânica como adubo é por uma tradição que se mantém ao longo do tempo. Quando esse tipo de aproveitamento não é feito, e a matéria é desperdiçada – seja por preconceito ou desleixo –, levantam-se, não raro, protestos e admoestações (Eigenheer, 1992, p. 54).

Grimberg (1992) considera que o problema do lixo está progressivamente tomando maiores proporções, uma vez que as alternativas para sua “retirada” da sociedade estão ficando escassas. Um exemplo disso é o alto custo e o prejuízo ambiental das incinerações e o esgotamento da potência dos aterros sanitários. Para Grimberg (1992), a coleta seletiva significa uma alternativa possível e que traz um grande envolvimento do cidadão e de sua responsabilidade social: “Numa dimensão mais ampla a reciclagem do lixo é percebida não só como uma solução operacionalmente eficaz, mas como uma forma de preservação ambiental [...]” (Grimberg, 1992, p. 34).

As dificuldades em conciliar desenvolvimento com equilíbrio ambiental são inúmeras e as cobranças para um planejamento ambiental partem da própria sociedade, principalmente daquelas que são afetadas pelos desastres naturais (Grimberg, 1992). Mas quando se fala da questão do lixo, percebe-se um eufemismo, uma vez que há programas de tecnologias limpas, criação de selos para empresas com “responsabilidade social”, mas nada que realmente aborde a questão do desenvolvimento *versus* consumo.

Outrossim, Grimberg (1992) traz uma importante relação da produção de bens e do desenvolvimento, uma vez que estão diretamente ligados. A lógica do desenvolvimento baseia-se em uma intensa produção para o consumo societário.

O consumo exacerbado faz parte do cotidiano da sociedade capitalista, visto que os sujeitos são influenciados a gastar e consumir o tempo todo. Vive-se em uma sociedade de excedentes, que produz muito mais do que se precisa para ter uma boa qualidade de vida. Diariamente, compra-se e consome-se produtos que não são para suprir necessidades, mas sim para se ter um prazer momentâneo. Sendo assim, o consumismo exacerbado teve consequências, como a intensidade de lixo e resíduos que foi acumulado nas últimas décadas, sem o tratamento adequado.

Eigenheer (1992) considera que o tratamento que a sociedade deu aos resíduos nas últimas décadas trouxe consequências graves para a atualidade, principalmente em relação à saúde e ao meio ambiente. O autor considera que são necessárias mudanças nos hábitos, costumes, limpeza e até mesmo na política societária.

Como abordado anteriormente, para realizar um trabalho, o homem depende da natureza e de tudo que ela produz, porém, a sociedade baseia-se em um consumo ilimitado, marginalizando a realidade de que os recursos naturais e ambientais são

limitados. Ou seja, essa conta não fecha, o que leva cada dia mais à urgência para que tudo o que é produzido tenha uma destinação correta, buscando diminuir o impacto de uma sociedade de excedentes.

Nesse contexto do descarte do lixo e do resíduo, Eigenheer (1992) realiza uma analogia de importante compreensão. Ninguém gosta de morar ou estar perto dos locais onde serão descartados o lixo e/ou os resíduos sólidos, pois o tratamento que esses espaços recebem é o mesmo que é dado para cemitérios, prisões, áreas de prostituição etc.

Desta forma, existe uma contradição que precisa ser repensada: os seres humanos produzem resíduos diariamente, precisamos do trabalho do(a) catador(a), mas há problemas em aceitar a presença desses na sociedade? Ainda que seja necessário para todas as classes sociais, essa figura não é vista e valorizada, muito pelo contrário, seu trabalho é estigmatizado e até mesmo marginalizado.

A figura do(a) catador(a) é dinâmica. Eles podem ser independentes, organizados em associações ou cooperativas, terem apoio ou não do Poder Público, coletar com gaiotas ou carrinhos, entre outros aspectos. Mas mesmo com todas as diferenças que estão implícitas, sabe-se que o catador(a) está sujeito a diversas dificuldades em seu cotidiano, tais como: mudanças climáticas; violência nas ruas; andar trajetos longos para realizar a coleta; machucar-se com os materiais que são separados de maneira errônea; contaminação e exposição à produtos perigosos; e, por fim, também estão sujeitos ao estigma e preconceito que a sociedade carrega em relação à figura do catador(a) de material reciclável.

Pensar sobre a sociedade atual significa pensar em coisas e objetos que são descartados o tempo todo, pois em uma sociedade capitalista, tudo é feito para ser trocado ou descartado.

Bauman e Donskis (2014) entendem que a sociedade atual é dominada por uma cultura consumista, na qual o consumo não é mais determinado pela razão do uso, mas sim para satisfazer um sentimento de desejo, de possuir aquele produto. Após a necessidade ter sido satisfeita, essa mercadoria é descartada. Ou seja, compra-se cada vez mais e, conseqüentemente, descarta-se cada vez mais. Toda vez que se descarta algo, isso é retirado das casas, mas não da sociedade e/ou do planeta.

Para a autora, o trabalho com catação pode ter outros significados, tal como:

As Prefeituras Municipais, por sua vez, concentrando e controlando os 'lixões', vêm expropriando os modos de sobrevivência criados, reclassificados e

dignificados como atividade produtiva pelos indivíduos. Nesse sentido, a atividade de catação pode ser compreendida como resistência e busca de sobrevivência daqueles que não conseguem se inserir no mercado de trabalho local, em consequência [sic] da ausência de ofertas de vagas, bem como da baixa escolaridade e qualificação profissional de alguns contingentes populacionais (Gonçalves, 2004, p. 14).

Horst (2015) considera que foi somente na década de 1970 que o lixo passou a incomodar a sociedade. Inicialmente, a preocupação era com seus efeitos na saúde das pessoas, e, com a urbanização, ruas de cidades passaram a servir de depósito de lixo. A partir dessa análise a autora traz a seguinte compreensão:

A partir da emergência dos movimentos ambientalistas, os aterros sanitários eram indicados como alternativa viável à destinação dos resíduos, em substituição aos lixões – forma mais barata e ainda muito utilizada na destinação do lixo e que se liga a problemas sanitários, ambientais e sociais. Contudo, os próprios aterros já se mostram insuficientes; seu espaço é limitado dentro dos aglomerados urbanos e, se sua utilização não for adequada, pode resultar na contaminação da água e do solo (Horst, 2015, p. 79).

A partir da citação acima, ressalta-se a vulnerabilidade social e econômica que se encontram os catadores de materiais recicláveis. A inserção deles nessa atividade trata-se de uma alternativa de sobrevivência dentro do sistema capitalista.

O artigo 30 da Constituição Federal Brasileira traz que é responsabilidade do município: I: legislar sobre os assuntos de interesse coletivo; como também, no parágrafo V está positivado sobre organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local (Brasil, 1988).

Dentro dessa lógica, é importante salientar que o trabalho é direito de todo cidadão e cidadã brasileira. Muito mais do que uma fonte de renda, o trabalho faz parte das relações sociais que todo ser humano precisa para se desenvolver em sociedade. Desta maneira, faz parte do trabalho do Estado garantir condições adequadas de trabalho para todos os cidadãos.

O trabalho do(a) catador(a) de material reciclável envolve questões de insalubridade que precisam ser debatidas. Desta forma, a inserção dos catadores na CBO significa um reconhecimento por parte do Estado para uma categoria de trabalho que está há décadas realizando um trabalho necessário para toda a sociedade, mas ao mesmo tempo encontra-se marginalizada.

Segundo Dagnino e Dagnino (2010) quando se fala em reciclagem é importante considerar que existem duas questões norteadoras: aquilo que é

descartado pela população e aquilo que é redirecionado para o processo produtivo. Entre esses processos, há trabalhadores e trabalhadoras que fazem a separação, triagem e pesagem dos materiais. São eles que organizam e separam aquilo que pode e que vale a pena ir para uma indústria para ser reciclado, ao invés de ir diretamente para o descarte, ou seja, o lixão.

Todo material que é descartado é visto como “inútil” para sociedade, não tem utilidade mais para quem o descartou, em contrapartida, esse material ainda está na sociedade, e precisa-se encontrar utilidade para ele.

Para Bosi (2008), O trabalho dos catadores(as) está vinculado a alternativas de criação de emprego e geração de renda para aqueles considerados "excluídos" do sistema. Embora o trabalho de catadores(as) de materiais recicláveis não seja uma novidade no Brasil, por muito tempo esses profissionais passaram despercebidos, e até mesmo invisíveis. Ao serem quantificados, os números de catadores(as) já alcançavam milhares em 2005 no Brasil. Estima-se que a população de catadores(as) no país tenha ultrapassado a marca de 1 milhão de trabalhadores, mas não há como ter um dado certo, uma vez que, já há algum tempo esses sujeitos não são quantificados. “Se considerarmos, por exemplo, que no ano de 1999 existiam cerca de 300 mil trabalhadores envolvidos com a cata de recicláveis, o aumento percebido em relação ao ano de 2005 foi superior a 240%” (Bosi, 2008, p. 103).

A inserção dos catadores e catadoras nessa atividade laboral são as mais diversas, majoritariamente essa se dá por questões estruturais e sociais no contexto brasileiro, se tornando até uma questão de sobrevivência, essa teoria pode ser confirmada a seguir:

Os motivos que levam à coleta de materiais recicláveis são diversos: o principal motivo indicado pelos catadores é o desemprego, seguido pela baixa escolaridade, limitações físicas para exercer outra atividade e a idade já avançada; o êxodo rural, o desemprego e a não qualificação do trabalhador para os novos empregos que surgem; subdesenvolvimento, pobreza, falta de apoio aos pobres e demandas industriais por matéria-prima. Desta forma, os catadores percebem que o trabalho com resíduos sólidos é uma questão de sobrevivência em decorrência da não inserção no mercado por falta de estudo e oportunidade. As dificuldades enfrentadas pelos catadores como a ausência de sistema de remuneração; instabilidade da renda dos catadores, sujeita às flutuações dos preços dos materiais e o volume de materiais recicláveis recolhidos e a baixa capacidade administrativa de parte das organizações de catadores (Castilhos Junior *et al.*, 2013, p. 3116).

Concorda-se com os autores supracitados, uma vez que, a partir de observações realizadas, percebeu-se que os catadores de materiais recicláveis

possuem uma trajetória de vulnerabilidade. Muitos têm baixa escolaridade, por isso, não conseguem a inserção no mercado de trabalho, fazendo com que busquem alternativas. Em relação às mulheres, as duplas/triplas jornadas de trabalho são determinantes em relação ao trabalho e acesso à escolaridade.

Ainda, segundo Castilhos Junior *et al.* (2013), existem diversos problemas que estão presentes na trajetória laboral dos catadores – a falta de investimento público, fácil contaminação com os materiais, horas excessivas de trabalho, baixa remuneração, insalubridade, entre outras questões. Para os autores, a organização em associações não significa apenas um aumento da renda, mas também para um maior reconhecimento do trabalho do(a) catador(a) e até mesmo por uma questão de autoestima (Castilhos Junior *et al.*, 2013)

Segundo Dagnino e Dagnino (2010) foi pela pressão dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis sobre as administrações públicas que se modificou a (não) visibilidade e a forma de tratamento com os catadores(as). Uma conquista importante desses trabalhadores foi o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que foi criado no final dos anos de 1990, tendo como objetivo uma organização desses trabalhadores, buscando um reconhecimento da importância do seu papel frente à sociedade.

Segundo o Relatório Caminhar é Resistir (2009), o MNCR surgiu a partir do I Encontro Nacional de Catadores de Papel, tendo sua fundação durante o I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, em Brasília (DF), em junho de 2001, evento que reuniu mais de 1700 catadores(as) de todo Brasil. Depois disso aconteceu o I Congresso Latino-americano de catadores (as), em Caxias do Sul (RS), no ano de 2003, evento esse que reuniu catadores de diversos lugares da América Latina, onde constata-se: “Neste Congresso foi lançada a ‘Carta de Caxias’, responsável por difundir a situação dos catadores da América Latina, visando a unificação da luta entre os países” (MNCR, 2009, p. 10). No ano de 2005 aconteceram dois importantes eventos para essa classe trabalhadora, o II Congresso Latino-americano de catadores(as), em São Leopoldo (RS) e o III Congresso latino-americano de catadores(as) em Bogotá, na Colômbia.

A partir dessa sequência de congressos dos catadores(as) de materiais recicláveis, percebe-se uma maior estrutura e organização dos trabalhadores em toda a América Latina.

Com a criação do MNCR foi possível uma organização desse segmento dos

trabalhadores(as), trazendo suas pautas para o Poder Público e mostrando a necessidade de um trabalho com dignidade, como pode ser entendido a partir dos autores:

É indispensável o envolvimento do poder público na questão dos catadores, pois se não houver parceria a tendência é que existam conflitos constantes entre as duas partes e prejuízos, principalmente para os catadores (Castilhos Junior *et al.*, 2013, p. 3116).

Outro marco importante para os(as) catadores(as) de materiais recicláveis foi a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que passou a promover a reciclagem e a incluir o catador(a) enquanto um importante profissional dessa área (Brasil, 2010).

Essa Lei Federal que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), aborda o gerenciamento dos resíduos no Brasil - incluindo os perigosos -, a responsabilidade das empresas geradoras e o papel do poder público frente a essas questões. Estão incluídas nesta Lei pessoas físicas ou jurídicas.

A Lei em questão é resultado de uma luta dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis. Foi a partir dela que as empresas geradoras de resíduos sólidos passaram a ter responsabilidade sobre aquilo que produzem, e, conseqüentemente, lucram.

Os dados sobre os catadores(as) de materiais recicláveis a nível nacional encontram-se defasados, visto que os últimos foram quantificados no ano de 2013 pelo Instituto de Pesquisa Economia Aplicada (IPEA). Desta forma, foi produzido um relatório que traz um panorama sobre como é a situação das catadoras e catadores na realidade brasileira.

Segundo o relatório, há uma estimativa de 387.910 catadores(as) no Brasil: 58.928 no Sul do país; 161.417 no Sudeste, região com a maior concentração desses profissionais no país; 116.528 no Nordeste; 29.359 no Centro-oeste e 21.678 no Norte, com a menor concentração de catadores(as). Nesses dados, o número mais elevado de mulheres está no Sul, com uma porcentagem equivalente a 34,10%. Ainda, segundo o Relatório Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável (IPEA, 2013), a faixa etária das catadoras e catadores no Brasil está entre 39 e 40 anos, em que 69,9% são homens e 31,1% mulheres, ou seja, os homens são a maioria em relação às mulheres dentro deste cenário. Segundo o relatório do Ipea (2013):

Outras desigualdades dignas de nota em termos de renda do trabalho dos

catadores são diagnosticadas quando se verificam as médias por gênero e raça. Ao se considerar somente a renda média dos homens que atuam como catador, essa chega a R\$ 611,10, enquanto que [sic] entre as mulheres catadoras a média é de R\$ 460,54, ou seja, 32% menor que a média de rendimento masculino. Em termos raciais, os catadores de cor branca recebem em média R\$ 642,98, que representa 22% a mais que a média dos catadores negros (pretos e pardos), que é de R\$ 525,22 (IPEA, 2013, p. 54).

A partir dos dados do IPEA, percebe-se que os marcadores sociais estão presentes e intensificam as desigualdades existentes na sociedade. Mesmo dentro de um cenário de trabalho precário e sem direitos, o marcador social está presente, visto que mulheres negras catadoras são menos remuneradas do que homens brancos catadores.

Resta evidente a importância dos catadores de materiais recicláveis no Brasil, ao mesmo tempo que estes convivem com uma desvalorização e desafios enfrentados por essa categoria profissional, desde a falta de reconhecimento social até a estigmatização dos catadores e catadoras.

Foram explanadas algumas iniciativas de organização em cooperativas e associações, o papel do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) na defesa dos seus direitos e na busca por condições de trabalho dignas, além da Política Nacional Resíduos Sólidos (PNRS). Apesar de essas iniciativas significarem marcos importantes para os catadores, estabelecendo responsabilidades das empresas geradoras de resíduos e promovendo a inclusão dos catadores no processo de reciclagem, ainda assim há muito para avançar.

As condições de trabalho, as disparidades de gênero e raça, a persistência das desigualdades sociais no contexto precário em que os catadores atuam, desafiam a pensar e colocar em pauta pesquisas sobre essa temática. As catadoras e os catadores de materiais recicláveis precisam ter mais visibilidade e valorização pelo trabalho que exercem, dado que há produção de lixo em excesso na sociedade e que também deve estar sendo pautada como uma problemática.

4.2 AS CATADORAS(ES) DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: PRINCIPAIS APONTAMENTOS

Para a contenção do vírus, governantes de todos os países tiveram que tomar providências, que tiveram impactos econômicos e sociais na vida das pessoas. Os(as) catadores(as) têm como renda única e exclusivamente sua produção, ou seja, estar

em casa significaria não ter monetização para sua subsistência.

Um documento elaborado pelo Fórum Municipal Lixo e Cidadania de Belo Horizonte (FMLC-BH), que foi reproduzido pelo MNCR (2020), traz a reorganização dos catadores durante a pandemia, ele aborda sobre as medidas preventivas e as condições sanitárias adequadas para evitar o contágio dos catadores(as) durante esse difícil período. Segundo o Observatório da reciclagem inclusiva e solidária (2020)

O fato de trabalharem na coleta e na triagem com materiais recicláveis manuseados por diversas pessoas, nos quais o vírus pode permanecer por até 9 dias, torna os catadores ainda mais suscetíveis à contaminação. As 'curvas de exposição ao risco' específicas dos catadores são, portanto, defasadas das curvas epidemiológicas de evolução da doença para a população em geral. Mesmo quando as instituições de saúde autorizarem a flexibilização do isolamento, à medida que diminua o risco de exposição da população em geral, devido à natureza do seu objeto de trabalho, este grupo profissional específico ainda estará sujeito a riscos inerentes a sua atividade. Por isso a necessidade de adotar medidas de prevenção específicas. (Observatório da reciclagem inclusiva e solidária, 2020, p.1)

Os catadores de materiais recicláveis estão constantemente expostos à diversos riscos sanitários, uma vez que eles trabalham com aquilo que o restante da sociedade descarta. Contudo, durante a pandemia do Covid-19, esses riscos aumentaram, pois a insegurança de trabalhar e se contaminar era geral, mas os catadores(as) trabalham em contato físico com todo tipo de material, podendo estar contaminado ou não. Assegurar o cuidado nesse momento é primordial para evitar uma contaminação em massa desse grupo laboral.

Ainda, segundo o documento supracitado (2020), uma das medidas recomendadas pelos órgãos sanitários oficiais e por associações de profissionais de saneamento foi de intensificar a separação dos resíduos domésticos contaminados pelo vírus em questão e, no caso de pessoas doentes sendo cuidadas em casa (*home care*), incluir os resíduos na categoria de perigosos, mesma categoria dos materiais das unidades de saúde.

Segundo o Fórum Municipal Lixo e Cidadania de Belo Horizonte (FMLC-BH) (MNCR, 2020), pensar o cuidado com os profissionais da catação significa entender todo o processo de produção que um resíduo precisa passar até ir para a reciclagem, isso quer dizer entender a necessidade de higienização, separação, armazenamento e cuidado com todo material que é descartado. Outro foco importante para o cuidado dos trabalhadores está nos Equipamentos de Proteção Coletiva (EPC's) e nos

Equipamentos de Proteção Individual (EPI'S), combinados com as medidas de higiene sanitária individual.

Essas questões se tornam mais complicadas do que parecem, visto que a realidade dos catadores(as) inclui a vulnerabilidade, ou seja, existe uma restrição monetária para aquisição de EPI's. Também é importante trazer sobre a Norma Reguladora nº 6 (NR-06) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), na qual se regulamenta a execução do trabalho com uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), sem estar condicionada a setores ou atividades econômicas específicas.

Essa mesma norma estabelece que os EPI's devem ser fornecidos pelos empregadores sem custo aos empregados. Entretanto, o caso dos(as) catadores(as) traz uma difícil situação, uma vez que eles estão organizados em associações pela prefeitura, mas não são todas que disponibilizam os EPI's.

A situação dos catadores de materiais recicláveis durante a pandemia da Covid-19 foi bastante desafiadora em muitos lugares ao redor do mundo. Como trabalhadores informais, eles enfrentaram diversos impactos econômicos e de saúde devido às medidas de restrição implementadas para conter a propagação do vírus. Houve lugares que aumentaram muito a produção do lixo e as associações não deram conta de fazer a triagem.

Outro fato importante a destacar é que o trabalho dos catadores envolve manusear materiais potencialmente contaminados, o que os colocou em maior risco de contrair o vírus. Além disso, a falta de acesso EPI's adequados tornou a situação ainda mais perigosa para esses trabalhadores.

Em outras regiões ou municípios, as associações não fecharam, mas os catadores e catadoras não receberam apoio adequado do governo durante a pandemia, seja em termos de assistência financeira ou acesso a cuidados médicos. No entanto, em alguns locais, organizações não governamentais (ONGs), grupos da sociedade civil, universidades e iniciativas governamentais, lançaram iniciativas para apoiar os catadores e catadoras durante a pandemia. Isso incluiu a distribuição de EPIs, a organização de campanhas de conscientização sobre saúde e segurança e a criação de fundos de emergência para ajudar financeiramente os catadores afetados.

Na cidade de Ponta Grossa - PR, os(as) catadores(as) estão diretamente ligados à Secretaria de Meio Ambiente, que oferece suporte e estrutura para que as associações funcionem com os gastos sendo arcados pela Prefeitura Municipal. No final de 2020 e começo de 2021, a Secretaria de Meio Ambiente foi contatada para

saber como estavam as atividades laborais dos(as) catadores, e segundo eles as associações de catadores(as) nunca pararam de trabalhar, mesmo nos momentos mais rígidos da pandemia.

Em relação aos EPI's, a Secretaria de Meio Ambiente informou que todos seguiram as orientações de normas e uso, assim como houve a supervisão disso.

Sobre os(as) catadores(as) infectados(as), a Prefeitura informou que eles seguiram um protocolo para essa situação, em que mediante qualquer sintoma o catador(a) seria afastado de suas funções, ficaria isolado em casa e só poderia retornar com o exame negativo. Também foi averiguado sobre possíveis óbitos e informaram que não houve morte de catadores(as) pela infecção do vírus.

Sobre o auxílio emergencial, a Secretaria de Meio Ambiente também auxiliou os(as) catadores, por meio do setor administrativo, que contribuiu com todos e todas na parte de tecnologia e documentação para o deferimento da política pública. Além do auxílio emergencial, houve a doação de agasalhos, EPI's, cesta básica e material de higiene. Segundo a secretaria isso foi essencial para o provimento dos catadores(as), uma vez que proporcionou a todos mais segurança para continuar trabalhando.

Sobre os filhos(as) no período de fechamento das escolas, foi abordado que as catadoras os deixavam com as filhas mais velhas, com a mãe e até mesmo com alguma vizinha. Elas contaram com a rede de solidariedade de outras mulheres para o trabalho de cuidado.

Quando foi questionado sobre a questão financeira, a Secretaria de Meio Ambiente, informou que eles(as) não foram afetados nesse quesito. O número de doações aumentou, tanto de grupos individuais como coletivos, empresas, igrejas etc. e o auxílio emergencial também foi um diferencial nesse momento.

Ademais, por algum tempo os(as) catadores(as) ficaram trabalhando em turnos, com distanciamento, para evitar as aglomerações. Também foi colocado como obrigatório o uso da máscara e o álcool em gel.

Segundo Mol e Caldas (2020) uma das problematizações em relação ao Coronavírus estava no tempo de vida e de resistência dele em resíduos, uma vez que pessoas infectadas poderiam estar descartando como material doméstico, e, assim, propagando o vírus para os trabalhadores que manuseassem determinado resíduo.

A má gestão desses resíduos sólidos coloca toda a classe dos(as) catadores(as) em risco, uma vez que são eles que trabalham diretamente com todo

material que é descartado pela sociedade.

Almeida (2022) apresenta em sua dissertação um recorte dos catadores(as) das associações da cidade de Ponta Grossa – PR durante a pandemia, porém, como se sabe, a realidade das(os) catadoras(es) é dinâmica. Durante sua pesquisa, Almeida (2022) abordou sobre o trabalho deles durante a pandemia, a suspensão das atividades horas de trabalho, renda e a motivação do trabalho durante a pandemia do Covid-19.

Na tabela 7, pode-se observar como foram feitas algumas adaptações para organizar o trabalho dos catadores(as) durante a pandemia do Covid-19.

Tabela 7 - Resultados referentes a suspensão do trabalho, horas de trabalho, renda e motivação para o trabalho em período de pandemia da Covid-19

Categorias	Variáveis	Frequência	%
Houve a suspensão do trabalho na associação	Sim	14	16,87%
	Não	69	83,13%
Continuidade do trabalho	Sim	72	86,75%
	Não	11	13,25%
Dias de afastamento	Até 15 dias	6	7,24%
	Mais de 15 dias	5	6,01%
	Seguiu trabalhando	72	86,75%
Motivação para seguir com o trabalho na Pandemia	Complementação de renda	10	12,05%
	Necessidade	58	69,88%
	Para não ficar em casa	1	1,20%
	Não houve influência	1	1,20%
	Não teve alteração na rotina	-	-
	Se afastou	11	13,25%
	Não soube responder	1	1,20%

Fonte: Almeida (2022).

Quando Almeida (2022) produziu sua dissertação, havia quatro associações (Arrep, Acamaro, Acamaru e Acamaru), porém, atualmente, a Arrep foi integrada a outra associação, por uma questão de logística da Secretaria de Meio Ambiente da cidade de Ponta Grossa – PR. Como se observa na Tabela 3, as associações de catadoras(es) continuaram a funcionar normalmente, apenas 16,87% dos trabalhadores(as) foram suspensos de suas atividades e somente os que estavam com idade avançada ou integravam grupo de risco.

Não há como ter responsabilidade ambiental sem a figura do catador(a) gerindo e cuidando de todo resíduo que é produzido na sociedade

4.3 AS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE PONTA GROSSA: SOBRE A INVISIBILIDADE, O CUIDADO E A REALIDADE SOCIAL NA PANDEMIA

Na cidade de Ponta Grossa - PR existem atualmente três associações de catadores, compostas majoritariamente por mulheres. Essas associações fazem parte da Secretaria de Meio Ambiente da cidade de Ponta Grossa - PR, onde recebem o material que é coletado pela cidade e a prefeitura arca com os custos do espaço físico – água, luz e aluguel.

Com as observações realizadas no ano de 2018 para a dissertação, foi constatada que cada sede se encontrava em um lugar, compostas de formas diferentes, como observa-se no Quadro 4:

Quadro 4 - Relação das observações realizadas nas associações de catadores da cidade de Ponta Grossa - PR, apontamento baseado nas principais diferenças

OBSERVAÇÕES	ACAMARO	ARREP	ACAMARUVA	ACAMARU
Surgimento	2006	2011	2006	2006
Estrutura Física	4 banheiros (sendo um com chuveiro) Cozinha Escritório (com rede wi-fi) Refeitório Essa é a associação que melhor se encontra nesses termos	4 banheiros (3 deles sendo úmidos) Cozinha Escritório Há uma casa pequena na qual uma associada mora	7 banheiros Cozinha Refeitório Escritório (pequeno)	2 banheiros (sendo que nos dias das observações um deles estava com um aviso para não usar) Refeitório pequeno junto com cozinha Escritório pequeno Essa é a menor das associações
Presidência	Homem	Mulher	Mulher	Mulher
Tempo na presidência	12 anos	1 ano (são feitas eleições anualmente)	9 anos	6 anos
Relação entre os associados	Há pouca interação de um para o outro	Tem bastante interação e conflitos	Tem bastante interação	Tem bastante interação
Questões referentes a Divisão Sexual do Trabalho	Há trabalhos para homens e para mulheres	Há trabalhos para homens e para mulheres	Há trabalhos para homens e para mulheres	Há trabalhos para homens e para mulheres
Desigualdade salarial	Não há	Não há	Não há	Há
Responsabilidade com os filhos	Não observado	Mulheres	Mulheres	Homens e mulheres

Fonte: Sopko (2019).

Em relação às características, em 2018 foi realizada uma pesquisa junto ao núcleo de pesquisa da UEPG “Questão ambiental, gênero e condição de pobreza”

(Raiher *et al.*, 2018) e, por meio dessa pesquisa de campo, com questionários pré-elaborados, foram relatadas as seguintes características:

Tabela 8 - Características individuais – Associação Dos Recicladores – Ponta Grossa – 2018

Categorias	Variáveis	Freq.	%
Sexo	Masculino	18	25,7
	Feminino	52	74,3
Faixa etária	18 a 35 anos	25	35,7
	36 a 50 anos	30	42,9
	51 a 60 anos	11	15,7
	Mais de 60 anos	4	5,7
Estado Civil	Solteiro(a)	33	47,1
	Casado(a)	32	45,7
	Viúvo(a)	5	7,1
Raça	Sem resposta	2	2,9
	Branca	31	44,3
	Parda	28	40,0
	Negra	8	11,4
	Indígena	1	1,4
Escolaridade	EF incompleto	50	71,4
	EF completo	10	14,3
	EM incompleto	4	5,7
	EM completo	4	5,7
	Assina o nome	2	2,9
Anos de estudo	Sem resposta	8	11,4
	Não frequentou a escola	8	11,4
	Até 4 anos	20	28,6
	De 5 a 8 anos	30	42,9
	De 9 a 11 anos	4	5,7

Fonte: Raiher *et al* (2018).

A partir da pesquisa realizada, observa-se que a faixa etária majoritária está entre 36 e 50 anos, seguida de 35,7%, entre dezoito e trinta e cinco anos. Sobre a raça, 44,3% consideram-se brancos e 40,0% consideram-se pardos. A escolaridade, como mostra a tabela, é outro dado preocupante, uma vez que 71,4% dos sujeitos têm Ensino Fundamental incompleto, ou seja, das setenta pessoas com as quais foram aplicadas esse questionário, cinquenta encontram-se nessa situação de escolaridade, sendo que 42,9% responderam que estudaram entre cinco e oito anos.

Desta forma, percebe-se que, contrariando os dados nacionais, na cidade de Ponta Grossa – PR, os catadores de materiais recicláveis são majoritariamente mulheres.

Tabela 9 - Percentual de associados em cada nível de escolaridade – Gênero – Associação dos recicladores - Ponta Grossa – 2017

Escolaridade	GÊNERO	
	Masculino	Feminino
EF incompleto	55.6	76.9
EF completo	16.7	13.5
EM incompleto	16.7	1.9
EM completo	5.6	5.8
Assina o nome	5.6	1.9

Fonte: Raiher *et al* (2018).

Segundo Raiher *et al.* (2018) as mulheres detêm uma formação escolar inferior em relação aos homens, como observa-se na tabela 9, visto que essa pesquisa mostrou que 55,6% dos homens contra 76,9% das mulheres têm o ensino fundamental incompleto.

Em relação a renda, nos dados trabalhados pelas autoras no ano de 2017, pode-se analisar na tabela 10 que os catadores e catadoras de materiais recicláveis ganhavam em sua maioria entre R\$ 110,00 até R\$ 200 por semana.

Tabela 10 - Dados acerca da renda — Associação dos recicladores – Ponta Grossa – 2018

Categorias	Variáveis	Freq	%
	Sem resposta	2	2,9
	Não sabe	3	4,3
	De 40 a 80 reais	6	8,6
Renda média (semanal)	De 85 a 100 reais	8	11,4
	De 110 a 160 reais	23	32,9
	De 165 a 200 reais	23	32,9
	De 210 a 270 reais	5	7,1
Total		70	100,0

Fonte: Raiher *et al* (2018).

Segundo Raiher *et al.* (2018), em relação à renda proveniente da reciclagem, a maioria dos associados recebeu entre R\$110,00 e R\$ 200,00 por semana, com uma média de R\$ 152,70. Ao considerar esse valor, a renda média mensal obtida seria de aproximadamente R\$ 610,00, significativamente menor do que o salário-mínimo em vigor, que era de R\$ 937,00 em 2017. De acordo com uma pesquisa realizada pelo IPEA, em 2013, os catadores brasileiros obtinham uma renda média mensal de R\$ 571,56, enquanto o salário-mínimo na época era de R\$510,00. A nível nacional, a renda proveniente da reciclagem era superior ao salário-mínimo, uma situação diferente da encontrada nas associações de Ponta Grossa.

A partir dos dados expostos, percebe-se a vulnerabilidade que os catadores(as) vivenciam. São mulheres, em sua maioria, com um difícil acesso à educação e com uma situação econômica que as colocam em vulnerabilidade social.

Para cumprir os objetivos da tese, considerou-se importante voltar às associações e refazer algumas perguntas, a fim de ter um panorama mais atualizado, como poderá se verificar adiante.

4.4 CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO DOS(AS) CATADORES(AS) DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR NO ANO DE 2023

Para cumprir o objetivo de mapear o perfil dos participantes das associações durante e pós – pandemia, fez-se necessário atualizar os dados dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis da cidade de Ponta Grossa – PR. Desta forma, foi organizado um questionário e aplicado com todos os catadores(as) que trabalham nas associações da cidade em questão. Esse questionário foi feito com base no anterior e aplicado a todos aqueles que decidiram responder de maneira voluntária.

Essa primeira caracterização é feita em relação as três associações de catadores(as) da cidade de Ponta Grossa – PR, sendo essas: Acamaro, Acamaru e Acamaruva²². Foram aplicados um total de 55 questionários, buscando abranger todos os integrantes das associações.

Tabela 11 - Caracterização da população de catadores associados observadas neste estudo (2023)
(continua)

		ACAMARO	ACAMARU	ACAMARUVA
Sexo ao nascimento	Feminino	9 (52.9%)	10 (62.5%)	15 (68.2%)
	Masculino	8 (47.1%)	6 (37.5%)	7 (31.8%)
Raça/cor autodeclarada	Amarela	1(5.9%)	0 (0%)	0 (0%)
	Branca	7 (41.2%)	4 (25.0%)	5 (22.7%)
	Negra	1 (5.9%)	5 (31.2%)	1 (4.5%)
	Parda	8 (47.1%)	7 (43.8%)	16 (72.7%)
Escolaridade	Alfabetizado(a)	1 (5.9%)	0 (0.0)	0 (0.0)
	Analfabeto(a)	1 (5.9%)	3 (18.8%)	0 (0.0)
	Ensino Fundamental Completo	2 (11.8%)	0 (0.0)	1 (4.5%)
	Ensino Fundamental Incompleto	10 (58.8%)	6 (37.5%)	15 (68.2%)
	Ensino Médio Completo	3 (17.6%)	3 (18.8%)	2 (9.1%)
	Ensino Médio Incompleto	0 (0.0)	4 (25.0%)	4 (18.2%)

²² Ressalta-se que a associação de catadores Rei do “PET” (ARREP), foi extinta por uma questão logística da Secretaria de Meio Ambiente, os catadores e catadoras que trabalhavam nela foram realocados na associação mais próxima do antigo barracão.

Tabela 11 - Caracterização da população de catadores associados observadas neste estudo (2023)
(conclusão)

		ACAMARO	ACAMARU	ACAMARUVA
Estado civil	Casado(a)	6 (35.3%)	4 (25.0%)	7 (31.8%)
	Separado(a)	1 (5.9%)	1 (6.2%)	3 (13.6%)
	Solteiro(a)	8 (47.1%)	9 (56.2%)	10 (45.5%)
	Viúvo(a)	2 (11.8%)	2 (12.5%)	2 (9.1%)
Número de filhos (mediana [IQR])		2.00 [1.00, 4.00]	2.50 [1.00, 4.00]	3.50 [1.25, 4.75]

Fonte: A autora.

A partir dessa primeira tabela, consegue-se perceber que o número de mulheres na catação, é superior ao número de homens. Se olharmos os dados de antes da pandemia, percebe-se que as mulheres compunham 74,3% dos(as) catadores(as) organizados em associações, os dados do ano de 2023, mostram que o número de mulheres catadoras está em 61,82%, e os homens estão em 38,18%. Ou seja, houve uma redução no número de mulheres catadoras, e isso pode ter sido pelo fato de uma das associações ter deixado de existir (a associação de recicladores Rei do “Pet”), sendo que esse grupo era composto majoritariamente por mulheres que moravam nas proximidades do barracão. A associação foi extinta e os/as catadores(as) que lá estavam foram inseridos na Acamaru e algumas pessoas decidiram não continuar trabalhando no barracão por conta da distância até suas casas.

Em relação a cor/raça autodeclarada, entende-se que o número de não brancos é superior ao número de catadores(as) brancos. Seguindo essa lógica, compreende-se uma questão racial por trás do trabalho do catador(a), uma atividade precária, estigmatizada e sem direitos trabalhistas, onde quem ocupa majoritariamente são mulheres não brancas.

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida da desigualdade social global (Collins; Bilge, 2020, p. 33).

Sendo assim, entende-se como os marcadores sociais são uma ferramenta

para análise da desigualdade social em que vivemos. Falar da desigualdade de gênero é muito maior quando se trata de uma mulher, negra, periférica, e no caso desta pesquisa, uma mulher catadora. Como acima citado, a interseccionalidade traz a dimensão das diversas desigualdades vivenciadas pelas minorias em nossa sociedade, essas desigualdades também trazem reflexos no que se refere a cidadania.

Carvalho (2011) enfatiza que a cidadania se desenvolve à medida que as pessoas se identificam como parte de uma nação e de um estado. Isso levanta questões importantes: como uma mulher pode exercer sua cidadania quando está sobrecarregada e muitas vezes incapaz de trabalhar integralmente para seu sustento? Como ela pode exercer sua cidadania quando enfrenta desigualdades em relação aos homens? E como ela pode exercer sua cidadania quando realiza um trabalho essencial para a sociedade, mas não é valorizado?

Portanto, fica evidente como a cidadania está intrinsecamente ligada ao trabalho invisível que as mulheres desempenham em todo o mundo, o que impacta suas vidas e aumenta a desigualdade. O trabalho invisível vem acompanhado de um sobrecarga, que afeta diretamente a situação econômica dessas mulheres e, faz com que elas tenham restrições em seus direitos sociais.

Na Tabela 12, a caracterização da população é feita por sexo feminino e masculino (essas foram as únicas identidades de gênero que os catadores(as) se identificaram quando responderam ao questionário). Sendo assim, se fez necessário a caracterização quanto as diferenças de gênero.

Tabela 12 - Caracterização da população de catadores(as) estratificados por sexo ao nascimento

(continua)

		Feminino	Masculino
Nível		34	21
Idade [mediana]		43.00 [33.25, 51.50]	43.00 [22.00, 49.00]
Raça/cor autodeclarada	Amarela	1 (2.9%)	0 (0.0)
	Branca	9 (26.5%)	7 (33.3%)
	Negra	7 (20.6%)	0 (0.0)
	Parda	17 (50.0%)	14 (66.7%)
Escolaridade %	Alfabetizado(a)	1 (2.9%)	0 (0.0)
	Analfabeto(a)	3 (8.8%)	1 (4.8%)
	Ensino Fundamental Completo	0 (0.0)	3 (14.3%)
	Ensino Fundamental Incompleto	22 (64.7%)	9 (42.9%)
	Ensino Médio Completo	4 (11.8%)	4 (19.0%)
	Ensino Médio Incompleto	4 (11.8%)	4 (19.0%)

Tabela 12 - Caracterização da população de catadores(as) estratificados por sexo ao nascimento

(conclusão)

		Feminino	Masculino
Estado civil	Casado(a)	12 (35.3%)	5 (23.8%)
	Separado(a)	5 (14.7%)	0 (0.0)
	Solteiro(a)	14 (41.2%)	13 (61.9%)
	Viúvo(a)	3 (8.8%)	3 (14.3%)
Número de filhos (mediana [IQR])		4.00²³ [2.25, 5.00]	1.00 [0.00, 1.00]

Fonte: Questionários aplicados

Organização: a autora

A primeira situação para se observar é que o número de catadoras mulheres é superior ao número de catadores homens, dando um total de 61.82% de mulheres catadoras na cidade de Ponta Grossa – PR, ou seja, tem-se mais mulheres do que homens na função da catação.

Hoje, a idade média dos catadores(as) está na faixa de 43 anos, mas é importante salientar que os questionários identificaram uma discrepância, há pessoas de 18 anos, como também pessoas com mais de 75 anos. Sendo assim, não dá para considerar a idade como um fator determinante para inserção na associação de catadores(as).

O número de mulheres pardas e negras também é superior ao número de homens que deu essa autodeclaração. Tem-se 20.6% de mulheres negras, enquanto os homens estão em 0.0%.

Dentro dessa lógica, fica impossível não analisar as questões referentes a raça, gênero e classe. Mulheres negras e pobres encontram-se à margem da desigualdade na sociedade brasileira.

Ao focar raça, gênero, idade e estatuto de cidadania, a interseccionalidade muda a forma como pensamos emprego, renda e riqueza, todos os principais indicadores de desigualdade econômica. Por exemplo, as diferenças de renda que acompanham as práticas de contratação, segurança no trabalho, benefícios relativos a aposentadoria, benefícios relativos a saúde e escalas salariais no mercado de trabalho não incidem da mesma maneira sobre os grupos sociais. Pessoas negras, mulheres, jovens, residentes de zonas rurais, pessoas sem documentos e pessoas com capacidades diferentes enfrentam barreiras para ter acesso a empregos seguros, bem remunerados e com benefícios. Muitos desses grupos vivem em áreas duramente afetadas por uma economia global em transformação e por ameaças ambientais. As fábricas se deslocaram, deixando poucas oportunidades para quem não pode se dar ao luxo de se mudar. Muitas pessoas vêm de gerações familiares que

²³ O que se pode concluir observando esta tabela: Para variáveis contínuas (número de filhos e idade) foi realizado um teste de Wilcoxon, que é um teste-t para dados não-paramétricos. Para as proporções, foi realizado um teste de qui-quadrado (χ^2). A única diferença significativa do estudo é que as mulheres catadoras têm mais filhos que os homens catadores.

se mantiveram pobres, porque não conseguem um salário decente que lhes garanta segurança de renda. A discriminação no mercado de trabalho, que empurra algumas pessoas a empregos de meio período e salários baixos, sem horas fixas e sem benefícios, ou que as torna estruturalmente desempregadas, também não incide da mesma maneira sobre os grupos sociais (Collins; Bilge, 2020, p. 34).

Não dá para falar de qualquer tipo de desigualdade sem elencar os diversos marcadores sociais que os compõe. Compreender sobre o processo de uma mulher catadora, significa entender seu gênero, raça, idade, escolaridade, e até mesmo sua história de vida que fez com que essa se inserisse em tal atividade laboral.

Parafraseando Collins e Bilge (2020), entende-se como a interseccionalidade é essencial para compreensão da totalidade da realidade social. A realidade não pode ser colocada como concreta, essa é dialética, e para sua melhor compreensão é necessário juntar teoria e história, sujeito e objeto.

As autoras acima citadas, fazem uma importante relação da interseccionalidade com o mercado de trabalho, e a partir disso, pode-se entender melhor a realidade das mulheres catadoras. A deficiência educacional é geracional em suas realidades, e faz com que essas se encontrem em trabalhos ausente de direitos sociais, e no caso dela isso é intensificado com um trabalho precário e estigmatizado.

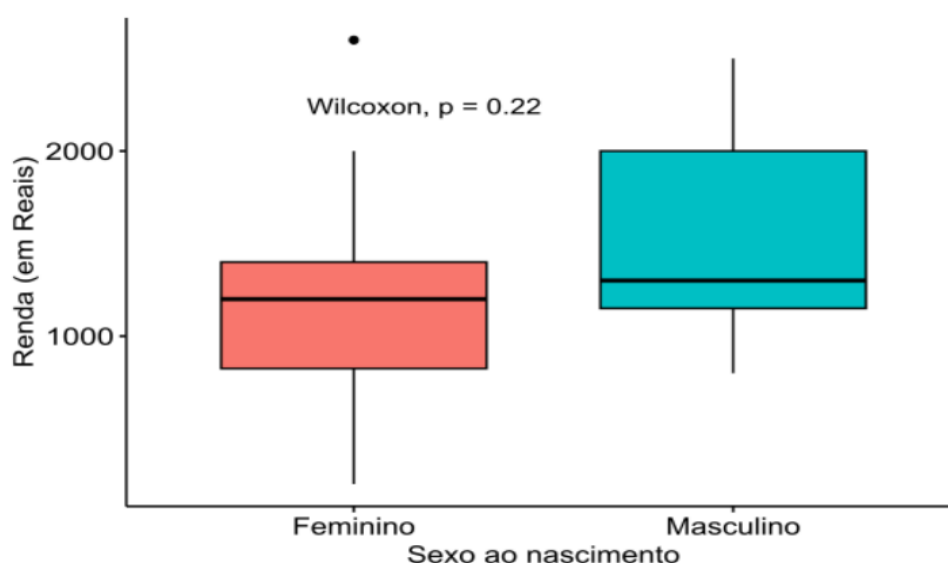
Ademais, é uma parte determinante da compreensão da realidade analisar os fatores históricos que a compõe. As heranças que nos são deixadas estabelecem os fatores sociais e econômicos aos quais pertencemos em nossa sociedade, somos parte desse produto, dessa realidade, e não há como analisar uma realidade sem entendermos o máximo possível desse todo.

A partir disso, na próxima seção serão trabalhadas as questões de gênero e a renda nas associações de catadores(as) de materiais recicláveis.

4.4.1 Renda dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis e o seu tempo de associação na cidade de Ponta Grossa-PR

Para um melhor entendimento, foi feito uma análise da renda dos catadores e das catadoras de materiais recicláveis. Durante a aplicação dos questionários, constatou-se que a menor renda era de R\$800,00 e a maior estava em R\$ 2500,00, mas é importante salientar que essa varia de acordo com o período e o valor do material.

Gráfico 14 – Diferença de renda dos catadores, segundo o sexo.



Fonte: A autora.

Como apresentado acima, tem-se a renda (em reais) dos catadores associados. A renda é ligeiramente maior e dispersa para a população masculina quando comparada a população feminina. O que se pode concluir observando este resultado é que há diferença de renda entre os sexos, observar-se casos em que os valores são bem maiores para o masculino.

Sendo assim, pode compreender que as mulheres ganham menos, apesar de trabalharem mais (quando somado ao trabalho doméstico e de cuidado ao trabalho profissional), e mesmo elas tendo mais tempo de associação do que os homens.

As(os) catadoras(es) recebem por hora trabalhada, ou seja, recebe mais, quem trabalha mais. Durante as observações realizadas nas associações de catadores, percebeu-se que as mulheres têm maior desconto (e mais faltas) no trabalho, isso é um fator determinante para a redução de suas rendas, já que as responsabilidades com os trabalhos de cuidado fazem com que as catadoras precisem se ausentar com mais frequência de seu trabalho profissional e, isso acaba por interferir em sua renda semanal. “Análises interseccionais mostram como a estrutura da disparidade de desigualdade é, simultaneamente, racializada e orientada por gênero para as mulheres de cor” (Collins; Bilge, 2020, p. 35).

Para Kalleberg (2012) as mudanças no trabalho e emprego a partir da década de 1970, trouxeram mudanças perceptíveis até hoje, tal como os sistema de emprego:

Os sistemas de emprego polarizado e precário não são meras características temporárias do ciclo econômico, mas representam transformações estruturais de tal forma que os trabalhos desvalorizados, não são vestigiais, mas sim, um componente central do modelo empregatício atual [...] (Kalleberg, 2012, p. 428, tradução nossa).²⁴

A renda é um fator determinante para a sobrevivência da população, a diminuição da renda aumenta a vulnerabilidade dos sujeitos “É indiscutível que a privação econômica está na origem da maioria, senão de todas, as situações de extrema marginalidade. A pobreza está na origem da maioria, senão de todas, as situações de extrema marginalidade” (Castel, p. 11, 1994, tradução nossa).²⁵

Para Castel (1994)²⁶ a marginalização das pessoas surge de um duplo processo sendo o do trabalho e das relações sociais. Cada indivíduo pode estar neste duplo eixo de integração pelo trabalho e pelas relações sociais. Simplificando, podem distinguir três valores em cada eixo: trabalho estável- trabalho precário - não-trabalho; forte integração relacional - fragilidade social - isolamento social. A combinação destes valores em pares resulta em três zonas: a zona de integração (trabalho estável e forte integração relacional, que muitas vezes andam de mãos dadas), a zona de vulnerabilidade (trabalho precário e apoio relacional frágil) e a zona de marginalização.

Como supracitado, para Castel (1994), o trabalho estável também traz fortes relações sociais. Seguindo essa lógica, entende-se que o trabalho não é a única questão que regula os processos de pobreza e marginalização, as relações sociais frágeis também possuem influência.

No sistema capitalista, renda, trabalho e consumo, são fatores que estão interligados. É a partir do trabalho monetário que o homem/mulher tem sua renda e essa determina o seu poder de consumo.

Na aplicação dos questionários, também foi perguntado sobre o tempo em que os sujeitos estão na associação e o tempo em que trabalham com reciclagem, já

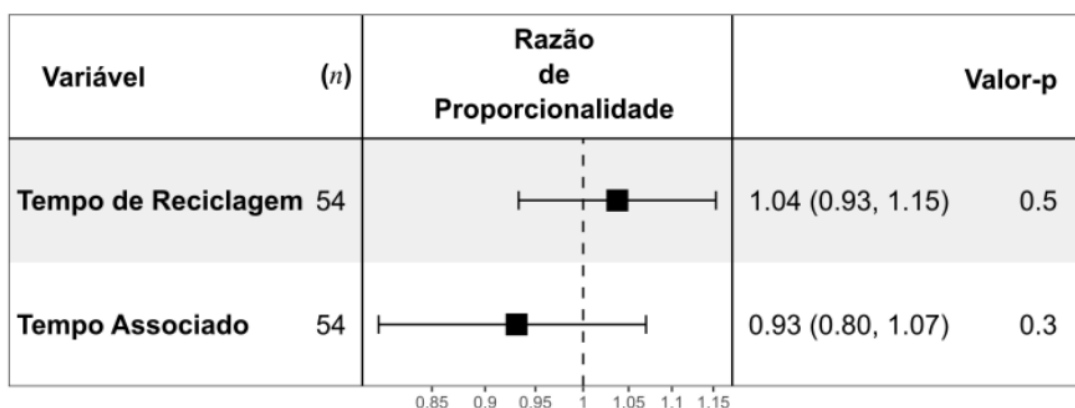
²⁴ “Polarized and precarious employment systems are not merely temporary features of the business cycle but represent structural transformations such that bad jobs are no longer vestigial but a central component of U.S. employment”.

²⁵ “Est incontestable que le dénuement économique est à la base de la plupart des situations de grande marginalité sinon de toutes” (Castel, 1994, p. 11).

²⁶ “Les situations marginales surviennent à l'aboutissement d'un double processus de décrochage: par rapport au travail et par rapport à l'insertion relationnelle. Tout individu peut être situé à l'aide de ce double axe d'une intégration par le travail et d'une inscription relationnelle. En schématisant beaucoup, distinguons trois valeurs sur chacun des axes: travail stable — travail précaire — non-travail; insertion relationnelle forte — fragilité relationnelle — isolement social. En couplant ces valeurs deux à deux on obtient trois zones, soit la zone d'intégration (travail stable et forte inscription relationnelle, qui vont souvent de pair), la zone de vulnérabilité (travail précaire et fragilité des soutiens)” (Castel, 1994, p. 13).

que é comum entre os(as) catadores(as), antes de terem entrado na associação em que se encontram, terem realizado trabalhos com carrinhos nas ruas, ou participado de outra associação ou cooperativa.

Figura 1 – Tempo de trabalho com a reciclagem e tempo de trabalho em associação de catadores.



Fonte: A autora.

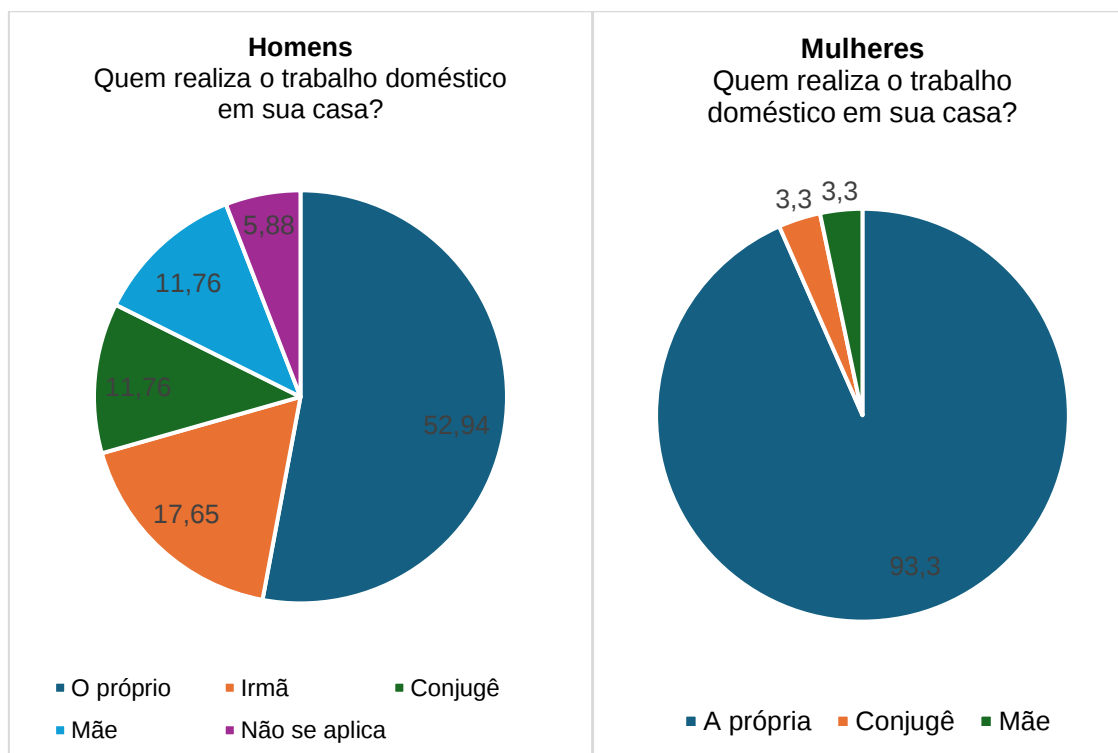
Em relação a figura 1, entende-se sobre a razão de proporcionalidade da regressão logística para a pergunta: “Você acredita que o catador é valorizado?”. O tempo de trabalho com reciclagem pode afetar em 4% a chance de os catadores acreditarem que a função do catador é valorizada. Já o tempo em associação com cooperativa reflete na percepção que os catadores não são valorizados. A partir dessa lógica, pode se ter a seguinte compreensão - para cada ano a mais na reciclagem eleva em 4% a chance de o catador acreditar que é valorizado, enquanto, a cada ano a mais na associação diminui em 7%.

4.4.2 Quantificações acerca do trabalho doméstico realizado em suas próprias residências

Um dos mais importantes questionamentos feitos para essa pesquisa, é referente *ao trabalho invisível*, que majoritariamente mulheres realizam em suas casas, diariamente, em todo mundo, sem nenhuma remuneração.

Desta forma, o questionário abordou sobre a realização deste trabalho em suas residências, e perguntou quem faz esse trabalho. As respostas podem ser observadas nos gráficos abaixo:

Gráfico 15 - Realização do trabalho doméstico na rotina dos(as) catadores(as)



Fonte: A autora.

Nos gráficos acima percebe-se uma discrepância por gênero, na realização do trabalho doméstico, as mulheres realizam sozinha 93,3% de todo trabalho doméstico feito em sua casa. Já os homens, realizam apenas 52,94% desta mesma atividade (a média desses valores no cenário brasileiro está em 91,3% e 79,2%, respectivamente). Ainda em relação aos homens, quando perguntado quem realizava essa atividade (quando não eram eles) as respostas são diretamente figuras femininas – irmã, cônjuge e mãe, ou seja, a terceirização do trabalho doméstico ainda se remete a uma figura feminina.

O trabalho de cuidado é exemplar das desigualdades imbricadas de gênero, de classe e de raça, pois os cuidadores são majoritariamente mulheres, pobres, negras, muitas vezes migrantes (provenientes de migração interna ou externa). Por ser “um conjunto de práticas materiais e psicológicas que consiste em trazer respostas concretas às necessidades dos outros”, o trabalho de cuidado de idosos, crianças, doentes, deficientes físicos e mentais foi exercido durante muito tempo por mulheres, no interior do espaço doméstico, na esfera dita “privada”, de forma gratuita e realizado por amor. O desenvolvimento das profissões relacionadas ao cuidado, a mercantilização e a externalização desse trabalho foram consequências, de um lado, do envelhecimento da população e, de outro, da inserção em massa das mulheres no mercado de trabalho (Hirata, 2016, p. 54).

A partir desses dados, compreende-se muito o que Bhattacharya (2022) aborda sobre a teoria da reprodução social. O trabalho doméstico ele sempre existiu, sempre faz parte da existência humana, mas conforme o capitalismo foi se desenvolvendo, a forma do trabalho doméstico também foi se modificando e se adaptando as nuances que o sistema exige. A autora (2022) considera que há três fases do capitalismo onde a reprodução e produção se modificam. A primeira se dá no século XIX no capitalismo competitivo liberal, onde a exploração da indústria ao lado da exploração colonial na periferia fazia com que os trabalhadores se reproduzissem “automaticamente” ou até mesmo “naturalmente”, mas ao mesmo tempo, isso criou uma figura burguesa de domesticidade, trazendo a ideia da reprodução social como jurisdição das mulheres na família privada.

A segunda fase no regime capitalista, de acordo com Bhattacharya (2022) acontece no século XX, relacionando a produção industrial em larga escala com o consumismo doméstico. Essa fase trouxe a ideia de reprodução social por meio da provisão estatal e cooperativa de bem-estar social, buscando uma lógica de “salário-família”.

Segundo Bhattacharya (2022), o terceiro e última fase refere-se ao momento globalizado atual, que por causa dos baixos salários, recrutando mulheres para a força de trabalho remunerado, e seu resultado foi uma organização dualizada da reprodução social, onde é mercantilizada para quem pode pagar, e para quem não pode é privada.

Todas as mulheres que responderam ao questionário possuem ao menos duplas jornadas de trabalho, uma na catação e outra na atividade doméstica. Como mostram os dados²⁷ anteriores, há mulheres que são casadas, mas também há aquelas que são mães solas e dependem do seu trabalho na associação para sobrevivência sua e de seus filhos.

Como identificado pelos dados, o trabalho doméstico é realizado, majoritariamente por mulheres, e dentro dessa problematização Federici (2019) considera a importância do pagamento de salários para as mulheres que realizam essas atividades, já nos encontramos em uma sociedade onde o dinheiro governa todas as nossas relações. Essa seria uma forma de eximir as mulheres dessa obrigação e ter mais responsabilidade dos homens sobre essas atividades.

²⁷ Para essa pesquisa não foi possível separar a análise através de categorias como: casada, mãe solo, solteiro, mas entende-se a importância da continuidade dessa temática para abranger essa questão.

Na próxima seção, fez-se necessário falar sobre a “ajuda” que é ou não recebida para realizar o trabalho invisível em suas residências, uma vez que há um padrão das mulheres transferirem essas atividades para outras.

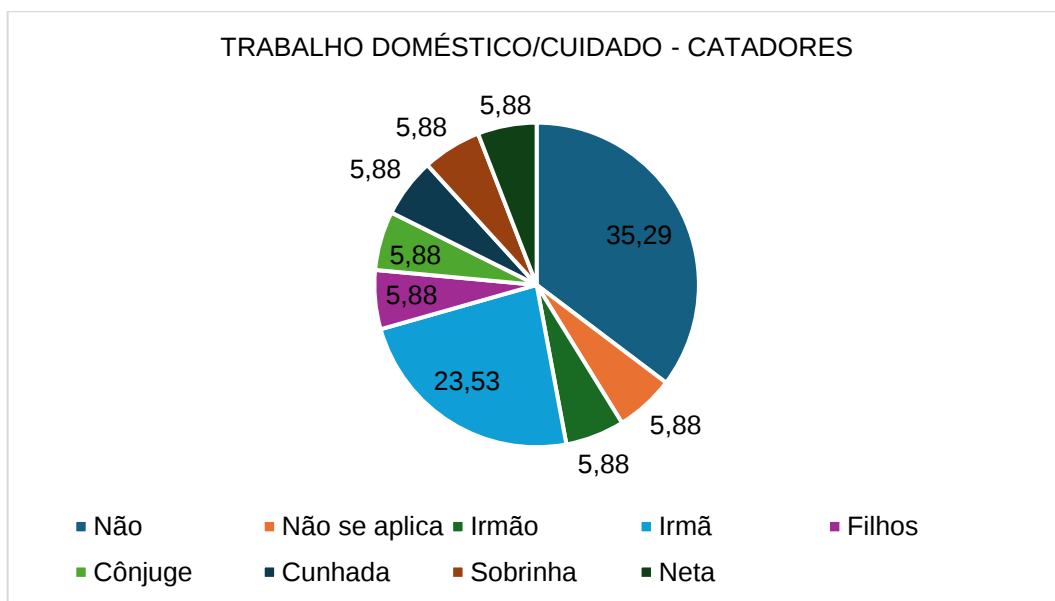
4.4.3 Quantificação em relação à ajuda no trabalho doméstico realizado em casa

O trabalho doméstico faz parte da realidade majoritária das mulheres brasileiras, esses trabalhos também englobam atividades de cuidado. Mulheres catadoras, representam mulheres que têm dupla/triplas jornadas de trabalho, sendo muitas vezes necessário o auxílio de alguém para as atividades doméstica e de cuidado com os filhos. Desta forma, em uma das perguntas foi questionado como se dava a questão da “ajuda” com o trabalho doméstico e de cuidado com os filhos.

O primeiro gráfico, refere-se aos homens catadores, desta amostra 35,29% responderam que não realizam os trabalhos domésticos em suas casas. Os casos de não se aplicam são referentes aos sujeitos que moram com suas mães, irmãs ou em albergues sociais. Salienta-se aqui que as pessoas que “ajudam” os homens nos trabalhos domésticos, são majoritariamente do sexo feminino.

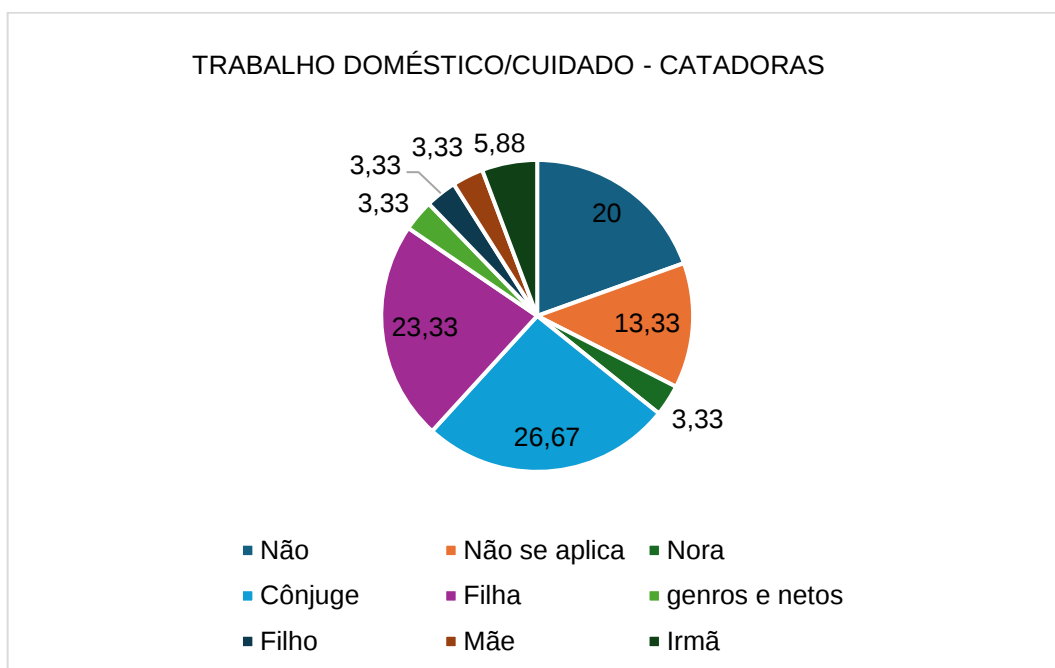
Gráfico 16 - Auxílio para realização do trabalho doméstico a partir das respostas dos

catadores de materiais recicláveis



Fonte: A autora.

Gráfico 17 - Auxílio para realização do trabalho doméstico a partir das respostas das catadoras de materiais recicláveis



Fonte: A autora.

O Gráfico 17 se refere as mulheres das associações de catadores de materiais recicláveis 20% afirmaram não ter ajuda para realizar essas atividades, 13,33% moram com suas mães, 3,33% são as noras que fazem essa atividade, e 26,67% e 23,33%, desse trabalho é realizado pelas esposas e filhas, respectivamente.

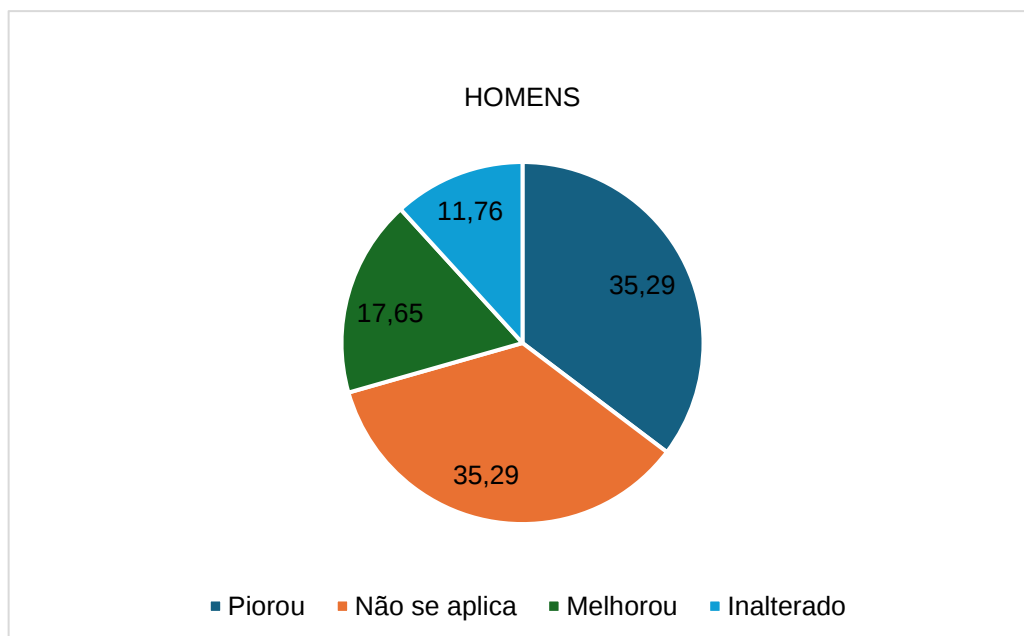
Ressalta-se que durante a aplicação dos questionários, houve uma grande variedade de respostas, uma vez que a realidade das catadoras é complexa, desta forma, o gráfico mostrou que em seus cotidianos diversas pessoas participam das atividades domésticas, sendo necessário que isso fosse aqui apresentado.

A partir destes gráficos, fica claro como as atividades domésticas, em ambos os cenários, são majoritariamente, responsabilidade das mulheres. Na próxima seção abordar-se-á sobre as mudanças que aconteceram em relação ao trabalho na associação de catadores, essas alterações dizem respeito a renda do material coletado.

4.4.4 Trabalho na associação de catadores durante a pandemia de Covid-19

Buscando entender se houve mudanças nas vidas dos(as) catadores(as) durante a pandemia, foi perguntado se houve alteração nos valores recebidos, ou seja, valor pago no alumínio, papel, plástico, entre outros.

Gráfico 18 - Alteração nos valores recebidos pós pandemia



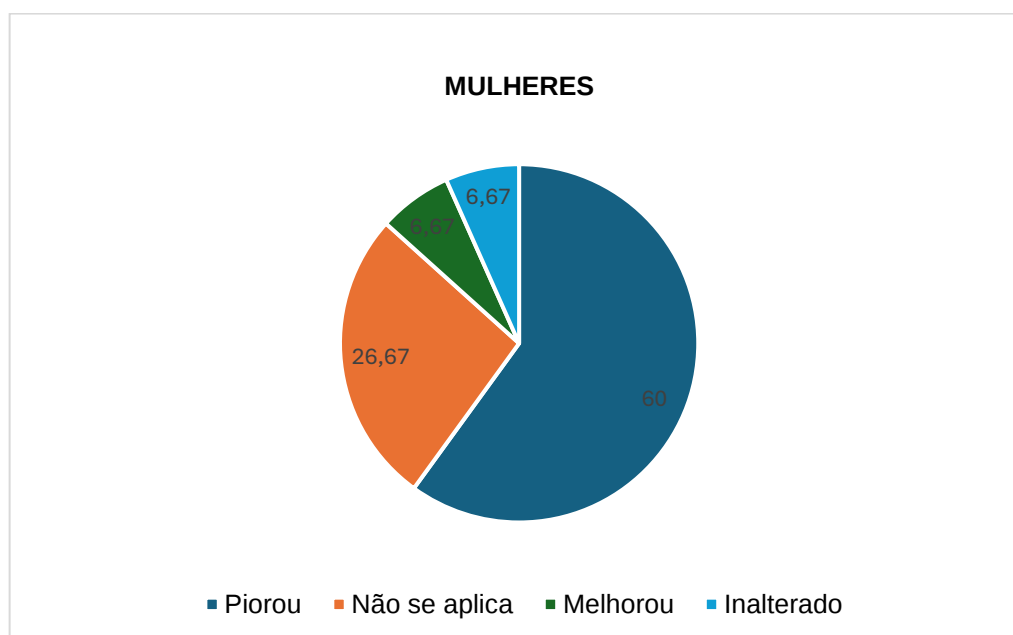
Fonte: A autora.

Desta forma, 35,29% dos homens não viram diferença no valor recebido, 35,29% não estava na associação durante esse período. Já, 17,65% sentiram melhoras no valor do material no período posterior da pandemia, e, por fim, 11,76%

responderam que não houve alteração.

Vale ressaltar, que durante as observações realizadas nas associações de catadores(as) de materiais recicláveis, os sujeitos reclamaram dos preços atuais (2023/2024) dos materiais recicláveis, eles relatam que durante o período da pandemia os valores²⁸ eram mais altos, e foi nesse período que sentiram seu trabalho mais valorizado.

Gráfico 19 - Alteração nos valores recebidos pós pandemia



Fonte: A autora.

O gráfico acima, representa a resposta das mulheres catadoras em relação a alteração dos valores recebido pelo material pós pandemia do Covid-19.

Para 60% das mulheres o valor recebido pós-pandemia, piorou. No entanto, tem-se 26,67% que não estavam nesse período trabalhando na associação e para 6,67% melhor, e por fim, para 6,67% não mudou.

Como citado anteriormente, um problema em relação a renda está na redução do valor do material reciclável, um exemplo dessa alteração é no valor do papelão, que durante a pandemia estava em quatro reais o quilo, atualmente encontra-se no valor de 40 centavos. Diante dessa realidade²⁹, muitos catadores(as) preferem nem reciclar alguns tipos de materiais, assim, dando preferência para os materiais com

²⁸ Para mais informações, acessar: Iniciativa do governo tenta estimular a reciclagem e diminuir a quantidade de resíduos no Brasil | Jornal Nacional | G1 (globo.com)

²⁹ Para mais informações, acessar a seguinte matéria: Queda nos preços dos recicláveis gera crise e quem sofre são os catadores/as (mncr.org.br)

valor mais altos. Essas alterações nos valores recebidos serão aprofundadas no capítulo 5, onde terá uma análise das entrevistas realizadas com as mulheres catadoras, que abordou sobre o tema aqui debatido.

Essa alteração na renda, afeta a vida dos(as) catadores(as), como também afeta o número de associados e o perfil das pessoas que estão inseridos nessa atividade laboral.

4.4.5 O poder de compra que o auxílio emergencial possibilitou aos catadores(as) de materiais recicláveis

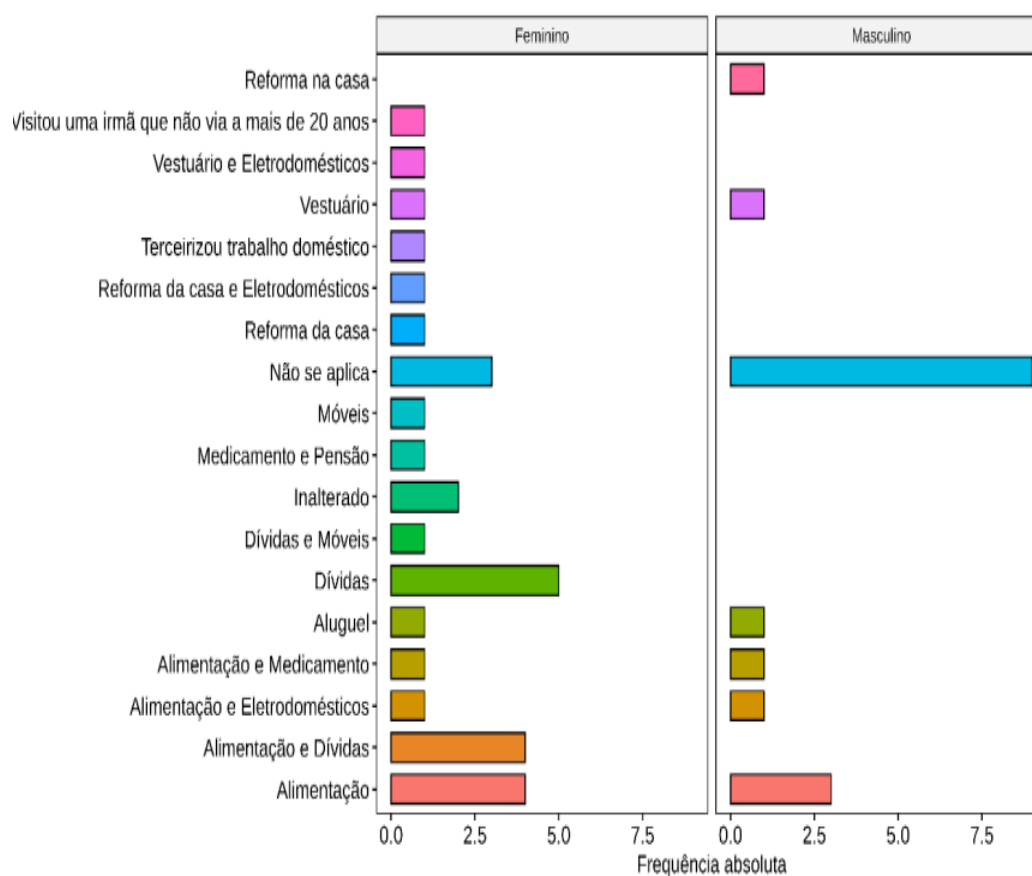
Entre as perguntas que estavam no questionário, havia uma que abordava sobre quais as mudanças que o auxílio emergencial trouxe. Uma vez que esse valor adicionado a renda mensal dos catadores e catadoras de materiais recicláveis poderia significar mudanças em sua rotina.

O auxílio emergencial segundo Licio (2023), foi organizado através dos programas de ampla cobertura nacional, aqueles já existentes em território brasileiro. Essas estruturas deram suporte para implementação do auxílio emergencial, e dessa forma, conseguiu-se que as pessoas em vulnerabilidade social fossem as primeiras a receber o benefício. Os dois principais programas para essa organização foram: o Cadastro Único para Programas Sociais (Cadastro Único) – base de dados com famílias em situação de pobreza – e o Programa Bolsa Família (PBF) – transferência de renda condicionada para famílias pobres. Em março de 2020, o Brasil quantificava que se tinha mais de 25 milhões de pessoas cadastradas no CadÚnico e 13,1 milhões eram beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Durante a aplicação dos 55 questionários, foi perguntado sobre quem recebeu o auxílio emergencial. Desse total, 30 mulheres foi beneficiárias e nove homens também. Já quatro mulheres e doze homens não tiveram esse auxílio que foi disponibilizado pelo governo federal. Foram vários os motivos dos sujeitos para o não acesso ao auxílio emergencial, durante as observações alguns afirmaram que não ficaram sabendo desse benefício, que tinham dificuldades em lidar no celular para conseguir e também a questão de serem aposentados e aposentadas.

Para tanto, foi questionado aos entrevistados sobre o que eles conseguiram comprar ou até mesmo pagar com esse dinheiro “extra” que receberam, as respostas foram diversas e podem ser observadas no gráfico abaixo:

Gráfico 20 - Mudanças materiais geradas a partir do auxílio emergencial



Fonte: A autora.

Como houve uma quantidade maior de mulheres beneficiárias (30) em relação aos homens (9), entende-se que suas respostas são mais amplas.

As respostas colocadas como “não se aplica” são dos entrevistados que não foram contemplados com o auxílio emergencial.

Das mulheres, o auxílio emergencial foi utilizado majoritariamente para o pagamento de dívidas, posterior a isso foi utilizado para alimentação e dívidas ou apenas para alimentação.

Compreende-se então que o gasto pelo auxílio emergencial se deu para questões básicas de sobrevivência humana, debate esse que já foi mencionado algumas vezes sobre a ideia de se ter uma renda mínima.

CAPÍTULO 5

ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, COTIDIANO, ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E AUTOPERCEPÇÃO DO TRABALHO REALIZADO

“O trabalho não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades”
(Karl Marx)

Nesse capítulo tratar-se-á a pesquisa de campo que busca responder aos seguintes objetivos: c) Identificar como foi o cotidiano das mulheres catadores participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; e d) Compreender a autopercepção das catadoras sobre o trabalho que realizam em especial, pós-pandemia. Para responder esses objetivos se fez necessário aprofundar a pesquisa, a partir das entrevistas semiestruturadas realizadas com duas mulheres de cada associação de catadoras(es) da cidade de Ponta Grossa – PR. Conforme já destacado no percurso metodológico. Para melhor observação o quadro abaixo mostra alguns dados principais de cada participante.

Quadro 5 – Dados das entrevistadas

Participante	Idade	Número de filhos	Tempo de associação	Nome fictício
Participante A	20 anos	Um filho	Mais de três anos	Catadora 1
Participante B	34 anos	Três filhos(as)	Mais de quatro anos	Catadora 2
Participante C	29 anos	Quatro filhos(as)	Mais de quatorze anos	Catadora 3
Participante D	35 anos	Dois filhos(as)	Mais de onze anos	Catadora 4
Participante E	36 anos	Duas filhas	Mais de seis anos	Catadora 5
Participante F	36 anos	Três filhos(as)	Mais de três anos	Catadora 6

Fonte: A autora.

A partir dos dados acima mencionados, observa-se que as mulheres entrevistadas variam entre 20 anos e 36 anos. Nenhuma está menos do que três anos na associação (isso sem contar o período que algumas delas saíram e voltaram para o trabalho). A participante que tem a menor quantidade de filhos, é a mesma que tem idade inferior as demais entrevistadas.

Para delimitação dessa pesquisa solicitou-se a participação das mulheres, com maior tempo de associação, que tivessem filhos e estiveram na associação no período da pandemia até o momento em questão. Para essa amostra pediu-se a participação de duas mulheres de cada associação de catadoras(es). As entrevistas

aconteceram nas associações que cada uma trabalha, assim respeitando o seu tempo e seu trabalho.

Além do questionário aplicado e das entrevistas semiestruturadas, também foram realizadas observações durante o período. Essas etapas foram de suma importância para compreensão da totalidade da realidade das catadoras, entender seu tempo, sua trajetória e sua rotina é essencial para fazer uma análise dessa realidade.

Desta maneira, as falas das entrevistadas foram separadas por categorias, sendo essas:

Quadro 6 - Categorias das entrevistas das catadoras de materiais recicláveis

1. O COTIDIANO DAS MULHERES CATADORAS DURANTE A PANDEMIA.
2. A rotina de trabalho das mulheres catadoras
3. A sobrecarga com trabalhos invisíveis
4. A terceirização do trabalho doméstico e de cuidado para outras mulheres
5. NÃO CHAMAR DE LIXO JÁ UM COMEÇO: DO AUTORRECONHECIMENTO AO ESTIGMA SOCIAL DO TRABALHO COM RECICLAGEM
6. Um trabalho necessário, mas invisível para todos
7. Os olhares estigmatizados para quem trabalha com “lixo”
8. A remuneração e os processos monetários
9. A REALIDADE DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19: O QUE MUDOU?

Fonte: A autora.

Para a compreensão e análise das categorias acima mencionadas, usar-se-á o método de análise de conteúdo de Bardin, que tem como objetivo o desvendar crítico da pesquisa empírica.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. O critério de categorização pode ser semântico (Bardin, 1977, p. 117).

Sendo assim, as categorias e subcategorias aqui mencionadas foram agrupadas a partir da repetição dos mesmos elementos, mas em diferentes sujeitos. Ou seja, há elementos comuns em diferentes trajetórias e experiências de vida. Desta forma, para a análise de conteúdo foram separadas as falas que foram mais intensas durante as entrevistas, e que também cumpriram com os objetivos.

5.1 O COTIDIANO DAS MULHERES CATADORAS DURANTE A PANDEMIA

O cotidiano e o tempo são aspectos importantes na formação e reprodução social dos homens e mulheres na sociedade capitalista. Para uma melhor compreensão acerca dessa categoria, se faz necessário entender como o cotidiano tem influência dentro da vida das pessoas.

Segundo Heller: “[...] a vida cotidiana é a vida do homem inteiro (Heller, 1970, p. 17). Na compreensão da autora, o sujeito participa da vida cotidiana de todas as formas, com sua individualidade e sua personalidade. Todas as capacidades do homem e da mulher funcionam em seu cotidiano, sejam essas intelectuais, manipulativas, sejam seus sentimentos, habilidades, ideias, paixões, entre outras.

A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso tem vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação (Heller, 1970, p. 18).

Pode-se entender, segundo Heller (1970) que a vida cotidiana é diferenciada de uma realidade para outra, as atividades também são variadas de um para outro, tal como a sua importância.

Seguindo a lógica da autora, a vida cotidiana tem diversas faces, tal como a organização do trabalho, da vida, do lazer, das atividades, sendo assim, se faz necessário destacar a importância da mulher para a elaboração da organização desse cotidiano.

Acredita-se no papel fundamental que a mulher desenvolve para que a vida cotidiana siga da maneira mais proveitosa possível, sendo assim, ela investe seu tempo, seu conhecimento e sua energia para que, na organização familiar, isso seja feito com melhor êxito possível.

Agnes Heller (1970) considera que a vida cotidiana não é apenas heterógena como também é hierárquica, e essa tem variações de acordo com as estruturas econômico-sociais. Para autora as relações de trabalho estão dentro da lógica da vida cotidiana, uma vez que as relações laborais ocupam um lugar determinante na hierarquia.

Ainda segundo a autora (1970) outra categoria de análise é o preconceito, que

desempenham funções antecedentes ao cotidiano, outrossim conforme a autora: “O pensamento cotidiano implica também em comportamento (Heller, 1970, p. 43). Sendo assim, para a autora, a generalização do pensamento e do comportamento dar-se-á de duas maneiras – aceitamos de lado os estereótipos e as analogias, e por outro lado eles nos são *impingidos* (grifo nosso) pelo meio em que vivemos e crescemos. Ainda para a autora: “[...] passam-se frequentemente inteiras gerações sem que se problematizem os estereótipos de comportamento e pensamento. Em períodos estáticos, passam-se frequentemente inteiras gerações sem que se problematizem os estereótipos de comportamento e pensamento [...]” (Heller, 1970, p. 44).

A partir do entendimento da autora, é possível compreender a relação do trabalho do catador e da catadora com a análise de cotidiano, estes sujeitos estão durante décadas tendo uma rotina que lhes coloca estigma e preconceito. Mudar essa realidade, significa quebrar um padrão que está colocado há décadas na sociedade, e mais do que isso, há pouca problematização sobre a temática, uma vez que há pouco reconhecimento desse semente laboral.

5.1.1 A rotina de trabalho das mulheres catadoras

Nesse tópico buscou-se trazer sobre a rotina de trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis, como elas organizam as duplas/triplas jornadas de trabalho e como a intensidade desse cotidiano pode ser invisível para toda sociedade.

Quando questionado para as mulheres como eram suas rotinas, as respostas foram diferentes entre as seis entrevistadas, mas existe algo em comum no seu cotidiano – as intensas jornadas de trabalho

Entrevistadora: Quando acorda, o que você faz?

Catadora 1): Passo café, levo minha neném na escola, eu faço café, arrumo a casa

Entrevistadora: Que horas você acorda?

Catadora 1): Eu acordo 6h. Na verdade, eu trabalho das 7h, o horário daqui, das 7h às 17h, às vezes, até mais, as vezes eu fico a noite

Entrevistadora: E quando você chega em casa, o que você faz ainda?

Catadora 1: Eu tenho que fazer janta, dar banho na neném, as vezes eu que tenho que dar porque ela chegou e quase bate com o horário, daí eu tenho que dar banho nela.

Entrevistadora: Que horas você vai dormir?

Catadora 1: Eu vou dormir lá para as 22h

Entrevistadora: Você se sente cansada?

Catadora 1: Sim, eu me sinto cansada

Entrevistadora: Eu gostaria que você relatasse para mim um pouco da sua rotina, que horas você acorda?

Catadora 2: Eu? Cinco e pouco da manhã

Entrevistadora: O que você faz daí?

Catadora 2: Eu tomo café, daí eu levo minha menina, quando eu não tava aqui, eu levava minha menina lá no ponto para pegar o ônibus, né e voltava para casa

Entrevistadora: e com as crianças de onze e quatro anos, como você faz?

Catadora 2: A de onze não mora comigo, né, a de onze mora com meu ex-marido. Daí eu chego e levo meu piázinho para o CMEI. Daí agora, como eu tô trabalhando, eu pedi para minha irmã para levar

Entrevistadora: Daí você vem para associação?

Catadora 2: Sim, daí eu venho trabalhar

Entrevistadora: E você trabalha até que horas?

Catadora 2: Até às 18h, eu acho

Entrevistadora: E quando você chega em casa, o que você?

Catadora 2: Daí eu tomo banho e descanso

Entrevistadora: E tem trabalho doméstico para fazer?

Catadora 2: Não, eu chego e a minha menina já fez

A partir da fala das duas primeiras entrevistadas, consegue-se analisar que ambas têm uma intensa rotina onde acordar cedo e dormir tarde faz parte de seus cotidianos enquanto mãe e mulher.

Entrevistadora: Qual o seu horário de trabalho aqui na Associação? Que horas que você chega e que horas que você vai embora?

Catadora 3: Óia, de muitas vezes assim é eu entro as sete e as vezes é pra sair as seis mas a gente fica as vezes fazendo uma horinha ou outra hora extra né, porque a gente tem que termina é pra poder prensar pra poder fazer, bater a carga e tudo mais e a gente acaba saindo um pouquinho mais tarde.

Entrevistadora: Geralmente assim qual o horário que você tá saindo?

Catadora 3: Eu saio assim as seis assim, quando eles liberam seis ou as vezes um pouquinho mais tarde, depende da ocasião assim

Entrevistadora: me conta um pouco da tua rotina, que horas que você acorda, que horas que você vai dormir, e como você organiza seu dia?

Catadora 4: então, eu acordo geralmente 5:30 da manhã né o horário que praticamente estou chegando, porque eu também trabalho de segurança à noite né eu trabalho e eu chego em casa daqui da associação eu chego em casa 18 horas e às vezes 17:30 ou 18 horas, umas 22 horas da noite já estou no meu outro trabalho que daí chega em casa 4 horas da manhã e às vezes depende do dia às 3 horas da manhã, então pra mim dormir mesmo digamos um exemplo é um cochilo só de 2 horas e daí já...

Entrevistadora: Então você chega da associação às 18 horas, e que horas você vai para o seu trabalho de segurança?

Catadora: 22 horas.

Entrevistadora: 22 horas, então nesse intervalo você consegue cochilar um pouco?

Catadora 4: Na verdade eu não cochilo, nesse intervalo que eu uso para mim lavar minha roupa e fazer alguma coisa, fazer outra, pra daí colocar minha farda e ir pro outro trabalho...

Entrevistadora: E daí quando você chega do outro trabalho?

Catadora 4: É daí que eu cochilo umas 2 horas ou 2 horas e meia.

Entrevistadora: E já vem para cá?

Catadora 4: E venho para cá.

Entrevistadora: Dormir é final de semana?

Catadora 4: Dormir só no domingo quando eu não trabalho, porque tem domingo que eu trabalho o dia todo.

Entrevistadora: Você se sente cansada?

Catadora 4: Bastante (risos), bastante.

Neste tópico, é importante salientar o cotidiano da catadora 4, que envolve uma rotina de quatro jornadas de trabalho, essa mulher tem seu trabalho profissional na associação de catadores(as), trabalha como segurança no contraturno e ainda tem o cuidado dos filhos(as). Se destaca aqui a ausência de questões básicas, tal como dormir bem e ter momentos de lazer com seus filhos(as). A entrevistada em questão não tem auxílio de ninguém, nem de sua mãe, nem do genitor de seus filhos(as).

Heller (1970) compreende que o cotidiano é o centro do acontecer histórico, ou seja, todo acontecimento histórico torna-se particular por estar inserido em uma lógica cotidiana. Pode ser compreendida, segundo a autora supracitada (1970): “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (Heller, 1970, p. 20).

A partir dessa realidade que envolve uma rotina de trabalho invisível, foi perguntado para as entrevistadas como elas lidam com isso, as respostas podem ser observadas a seguir:

Entrevistadora: E quando você acorda de manhã você faz alguma atividade doméstica?

Catadora 5: de manhã eu junto a loucinha às vezes que fica né tiro o lixo é só o que dá tempo né e daí à noite...

Entrevistadora: Que horas que você acorda?

Catadora 5: Umas 7 horas né.

Entrevistadora: Que horas que você chega do Barracão?

Catadora 5: Olha a hora que nós ficamos aqui até mais tarde eu chego 20 horas.

Entrevistadora: E daí quando você chegar em casa o que que você faz aí de atividade doméstica?

Catadora 5: Tem que fazer janta, lavar louça, limpa a casa, e é mais essas coisinhas assim de casa do dia a dia que a gente faz.

Entrevistadora: E que horas você vai dormir geralmente?

Catadora 5: Ah da 22 hora já to se eu não to já dormindo no sofá (risos).

Entrevistadora: E me conta uma coisa, e o que que você em casa realiza de trabalho doméstico?

Catadora 5: Tudo (risos) tudo, é louça, é roupa, levo pra escola, buscar eu não busco né porque daí a minha menina busca a mais velha busca, mas é tudo em casa é tudo, tudo é a gente, mas a gente compartilha né meu marido ajuda bastante mas é mais eu.

Entrevistadora: Você é casada?

Catadora 5: Sim.

Entrevistadora: E o teu esposo te ajuda no trabalho doméstico?

Catadora 5: Sim ajuda, ajuda a cuidar das criança ajuda a limpando lavando louça também ajuda bastante (risos).

Entrevistadora: Mas hoje você, por exemplo, quando você chega em casa

hoje você chegou em casa o que que você ainda faz atividade doméstica ou você não faz nada depois que você sair daqui?

Catadora 5: não, faço tem que cuidar das criança, fazes janta, dá de comer eles, da banho neles e arrumar os uniformes deles pra ir pra escola todo dia, é uma rotina até umas horas da noite é uma rotina de deixar tudo arrumado pro outro dia.

A catadora 6, tem uma rotina diferenciada, já que essa associação tem trabalhos no período da noite. Eles registram esse trabalho como sendo “o individual”. O trabalho na associação no período da tarde é coletivo, e o ganho é dividido igualmente pelas horas trabalhadas por cada pessoa, mas atualmente a associação se encontra com materiais de baixa qualidade, e isso tem afetado a renda dos associados, para tentar minimizar isso, no período da noite, os catadores e catadoras que desejarem podem trabalhar até mais tarde e separar de forma individual, e assim aumentar o valor de seus salários.

Entrevistadora: E quanto tempo você acha que diariamente você gasta, quantas horas por dias você trabalha em serviço doméstico?

Catadora 6: Em serviço doméstico depois que eu saio daqui dá umas três horas mais ou menos umas 4 horas até colocar isso tudo pra dormir e arruma tudo é mais umas 4 horas.

Entrevistadora: E de manhã você faz trabalho doméstico ainda antes de vir para cá?

Catadora 6: Na verdade só cuidar das crianças mesmo porque daí não dá muito tempo né ainda mais agora que a gente ta trabalhando quase que porque daí eu saio lá de casa lá por umas 15 pras 6h mais ou menos eu levanto já troco de roupa e venho aqui daí eu trabalho um pouco até umas 7h15 mais ou menos aí como eu moro perto eu vou lá em casa dou banho nas criança, arrumo eles. 7h15 eu saio daqui porque é pertinho né eu chego ali em casa e já dou banho neles.

Entrevistadora: Então você chega aqui 6 horas da manhã no barracão?

Catadora 6: 10 pras 6h mais ou menos.

Entrevistadora: Você trabalha uma hora...

Catadora 6: uma hora e daí vou em casa arrumo eles dou banho arrumo e levo na escola aí eu chego lá na escola daí eu volto e tomo café e volto para o trabalho de novo daí 8h10 ou 8h15 mais ou menos eu tô aqui de volta pra a gente começar 8:30 (risos).

Entrevistadora: Daí volta a trabalhar e fica trabalhando até que horas?

Catadora 6: Daí aqui vai até 17h ou 17h30 né na associação daí depois trabalhamos para a gente daí né mas até umas 17h30 a gente trabalha para o barracão daí depois das 17h30 daí a gente para a gente mesmo né que é o que a gente faz o individual que daí a gente vai até mais 19h30 ou 20 horas agora esses dias daí depois que eu vou pra casa.

A partir das falas, se percebe como há elementos em comum no cotidiano dessas mulheres, mas ao mesmo tempo, há particularidades nele, seja na composição familiar, na organização laboral ou até mesmo na administração do lar.

Salienta-se a compreensão de Heller (1970) no que se refere ao indivíduo que

tem suas particularidades humano-genérico que está no sujeito de forma consciente e inconscientemente. Mas que também esse mesmo indivíduo possui sua singularidade particular e dentro disso é comum a escolha autônoma dos elementos genéricos e particulares, ou seja, a função de liberdade está atrelada ao desenvolvimento do homem/mulher.

5.1.2 A sobrecarga com trabalhos invisíveis

Outro debate importante durante a construção da tese foi sobre os trabalhos invisíveis que as mulheres realizam constantemente em todo mundo, porém no caso das catadoras de materiais recicláveis, percebe-se que essa invisibilidade é dupla.

Federici (2021) entende que o trabalho para o capital não significa, necessariamente, um contracheque ou o fechamento do portão da fábrica, as questões laborais estão em outros espaços e nem sempre são recompensadas monetariamente.

[...] Assim que erguermos a cabeça das meias que cerzimos e das refeições que preparamos e olhamos para totalidade de nossa jornada de trabalho, vemos que, embora ela não resulte em salário, nosso esforço gera o produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho. O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia por um salário. É cuidar de nossas crianças – futura mão de obra –, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. Isso significa que por trás de cada fábrica, cada escola, cada escritório, ou mina existe o trabalho oculto de milhões de mulheres, que consomem sua vida reproduzindo a vida de quem atua nessas fábricas, escolas, escritórios e minas (Federici, 2021, p. 29).

Entende-se então que o trabalho invisível também é oculto, mas é fundamental para manutenção e reprodução da vida na sociedade capitalista. Uma mulher quando dedica seu tempo para o trabalho doméstico e de cuidado, está consequentemente preparando novos trabalhadores(as) que serão necessários para a economia capitalista.

Essas jornadas de trabalho mesmo sendo ocultas são desgastantes e intensas para as mulheres, uma vez que elas realizam atividades que são consideradas como seus “atributos naturais”.

Em relação as entrevistas, foi perguntado para as catadoras sobre quais

trabalhos domésticos e de cuidado elas realizam em suas casas, as respostas foram semelhantes em todas em todas as entrevistas.

Catadora 1): lavo a roupa, faço comida, limpo a casa, éé [...] nossa, bastante coisa, fora também outros cuidados

Entrevistadora: Quando acorda, o que você faz?

Catadora 1): Passo café, levo minha neném na escola, eu faço café, arrumo a casa

Entrevistadora: Quantas horas por dia, você acha que leva fazendo trabalho doméstico?

Catadora 1): Umas 3h, 4h

Entrevistadora: E no sábado, como é seu final de semana, ou seu domingo? O dia que você não trabalha, você realiza trabalhos domésticos?

Catadora 1): Sim, eu lavo roupa, eu faço comida, tudo

Entrevistadora: Por exemplo, amanhã, não tem trabalho na associação, o que você faz em casa de trabalho doméstico?

Catadora 1): Eu vou lavar a roupa, lavar a casa, fazer almoço, cuidar da neném

Entrevistadora: Você consegue ter momentos para brincar com sua filha?

Catadora 1): é difícil

Entrevistadora: Eu quero agora, que você me fale, quais os trabalhos domésticos que você faz em casa. O que você faz no cuidado da sua casa e dos seus filhos?

Catadora 2): Eu limpo a casa, que nem, tem a minha menina de 16 anos, ela me ajuda, né. Daí eu limpo a casa, lavo roupa, né, daí eu limpo o quintal, é assim

Entrevistadora: E me conte, o que que você realiza de trabalho doméstico na sua casa?

Catadora 3): Ah eu, muita das muitas vezes assim mais perto dos final de semana, no caso numa sexta ou num sábado né eu consigo faxinar a casa e tudo mais ou até a maioria das vezes quando eu pego uma folga né, daí eu consigo fazer mais o serviço doméstico, fora isso é um serviço mais básico mesmo por cima ali mesmo.

Entrevistadora: Quais os trabalhos domésticos que você realiza em casa?

Catadora 4): todos, (risos) todos.

Entrevistadora: Cite para mim algum?

Catadora 4): lava roupa, limpa a casa, lavar banheiro, limpar forro, limpa vidro, ui fazer comida que a gente tem que fazer todo dia.

Entrevistadora: Você se sente cansada?

Catadora 4): Bastante (risos), bastante.

Entrevistadora: Você já ficou desesperada, já chorou de cansaço?

Catadora 4): Já cheguei a chorar de cansaço de sentar embaixo do chuveiro e ficar "eu não aguento mais, eu não aguento mais, porque que eu não aguento mais" mas eu tenho que pensar que eu tenho meus filhos e ele só tem eu, eu não posso deixar faltar nada para eles porque fui eu que coloquei eles no mundo e eu que tenho que sustentar.

Entrevistadora: E como que você organizou, e como que você organiza seu trabalho doméstico profissional, como que você faz para dar conta de tudo?

Catadora 4): Então, para dar conta de tudo é nesses intervalos que eu te passei que é das 18h até às 21h essas três horinhas eu consigo manter minha casa limpa né e organizar os dias certo de lavar roupa, daí o dia certo de lavar o meu banheiro, e o dia certo de eu limpar sua casa é assim que eu tô fazendo para mim conseguir manter tudo limpo né, porque daí em uma hora eu tomo

banho eu me arrumo e saio.

Entrevistadora: Esse é o tempo que você tem?

Catadora 4: Esse é o tempo que eu tenho.

Entrevistadora: Qual o tempo que você tem para você?

Catadora 4: Nenhum, o tempo que eu durmo (risos).

Entrevistadora: Você faz alguma coisa para? você faz assim algum esporte, para você caminhar?

Catadora 4: não faço, eu até tava falando que meu Deus eu tenho tempo para tudo menos para mim, menos para mim.

É possível determinar nessas quatro primeiras entrevistas a sobrecarga de trabalho doméstico que as mulheres catadoras vivem em suas rotinas. Também foi possível identificar que as entrevistadas utilizam seus dias de descanso para realizar os trabalhos invisíveis. É nesses dias que são realizadas as atividades de cuidado e manutenção de suas casas.

Dentro dessa lógica, Bhattacharya (2022) considera que a sociedade capitalista permite que uma minoria consiga acumular lucros privados advindos da exploração das minorias (em direitos), a qual trabalha para salários que garantem apenas sua subsistência. “O que é menos amplamente compreendido é que sociedades capitalistas também são, por definição, a origem da opressão de gênero. Longe de ser acidental, o sexismo está entranhado em sua própria estrutura (Bhattacharya, 2022, p. 37).

Ainda segundo a autora, o capitalismo trouxe modernidade nas formas de subordinação e sexismo das mulheres (a exploração das mulheres não é exclusiva do sistema econômico atual) “Seu movimento fundamental foi separar a produção de pessoas da obtenção de lucro, atribuir o primeiro trabalho às mulheres e subordiná-lo ao segundo. Com esse golpe, o capitalismo reinventou a opressão das mulheres e, ao mesmo tempo, virou o mundo de cabeça para baixo” (Bhattacharya, 2022, p. 37).

Em relação as entrevistadas cinco e seis, havia um diferencial das demais, elas dividiam as atividades com seus cônjuges, e a partir das falas é possível evidenciar o quanto a divisão das atividades domésticas é imprescindível, mas mesmo havendo a colaboração do homem, ainda a responsabilidade desse trabalho é considerada da mulher.

Catadora 5: Eu faço, lá em casa na verdade nós dividimos, eu e meu marido ele me ajuda mais nós dividimos tudo, lavar roupa faz comida, limpa a casa, o que eu faço ele faz também né.

Entrevistadora: E quanto tempo você acha, pensando no trabalho doméstico e no cuidado com os filhos, quanto tempo você acha que você leva fazendo isso?

Catadora 5: deixa eu ver acho que é mais a parte da tarde acho que umas 4 ou 5 horas mais ou menos.

Catadora 5: de manhã eu junto a loucinha às vezes que fica né tiro o lixo é só o que dá tempo né e daí à noite...

Entrevistadora: Que horas que você acorda?

Catadora 5: Umas 7 horas né.

Entrevistadora: Que horas que você chega do Barracão?

Catadora 5: Olha a hora que nós ficamos aqui até mais tarde eu chego 20 horas.

Catadora 5: Tem que fazer janta, lavar louça, limpa a casa, e é mais essas coisinhas assim de casa do dia a dia que a gente faz.

Catadora 6: Tudo (risos) tudo, é louça, é roupa, levo pra escola, buscar eu não busco né porque daí a minha menina busca a mais velha busca, mas é tudo em casa é tudo, tudo é a gente mas a gente compartilha né meu marido ajuda bastante mas é mais eu.

Entrevistadora: Você é casada?

Catadora 6: Sim.

Entrevistadora: E o teu esposo te ajuda no trabalho doméstico?

Catadora 6: Sim ajuda, ajuda a cuidar das criança ajuda a limpando lavando louça também ajuda bastante (risos).

Catadora 6: não, faço tem que cuidar das criança, faz janta, dá de comer eles, da banho neles e arrumar os uniformes deles pra ir pra escola todo dia, é uma rotina até umas horas da noite é uma rotina de deixar tudo arrumado pro outro dia.

Catadora 6: Em serviço doméstico depois que eu saio daqui dá umas três horas mais ou menos umas 4 horas até colocar isso tudo pra dormir e arruma tudo é mais umas 4 horas.

A partir da lógica da autora, existe uma separação de trabalho atribuído ao gênero, já que o trabalho doméstico e de cuidado foi colocado como uma atribuição natural das mulheres e posteriormente estas foram subordinadas, tal como os homens, ao trabalho profissional, mas em piores condições (como debatido anteriormente).

Ainda segundo a autora supracitada (2022) a sociedade capitalista se vale do trabalho reprodutivo, ao mesmo tempo que renega seu valor. O neoliberalismo exige cada vez mais, das famílias, horas de trabalho remunerado e dá menos suporte estatal de assistência social.

Ao mesmo tempo que o trabalho de reprodução social é necessário para manutenção da vida, para sobreviver no sistema capitalista, é preciso cada vez mais trabalho monetário, e assim existe uma contradição entre trabalho necessário e trabalho remunerado.

No capítulo 2, foi abordado de forma teórica sobre a terceirização que as mulheres fazem do trabalho de reprodução social. A partir disso, na próxima seção será abordado sobre como as mulheres catadoras conseguem conciliar o trabalho doméstico com o profissional.

5.1.3 Terceirização³⁰ do trabalho doméstico e de cuidado para outras mulheres

Para Bruschini (1988), a participação das mulheres na produção social, não é apenas definida pelo mercado, pela estrutura do emprego ou pelo desenvolvimento societário e educacional, mas é também definido pela sua posição na família e na classe social que ela pertence. Filha, esposa e mãe, cada etapa do ciclo familiar será correspondente a uma necessidade e possibilidade de trabalho, que é ofertada de acordo com a exigência do mercado. Ou seja, o mercado define a situação da mulher em relação as atividades produtivas.

Durante as entrevistas, buscou-se compreender sobre a rotina das mulheres catadoras e como estas organizam suas duplas/triplas jornadas de trabalho, e então, percebeu-se a existência de uma “terceirização” dos trabalhos domésticos para outras mulheres, sendo, em maioria dos casos, para as filhas mais velhas ou para as mães, como pode ser comprovado nas seguintes falas.

Catadora 1) Da minha mãe

Entrevistadora: Sua filha está meio período ou integral na escola?

Catadora 1) Integral

Entrevistadora: E quando você fica aqui (na associação) até mais tarde?

Catadora 1) Daí minha mãe olha ela para mim

Entrevistadora: Você tem um companheiro que te “ajuda” no cuidado da sua menina?

Catadora 1) Não

Entrevistadora: Basicamente, você cuida sozinha dela com a ajuda da sua mãe?

Catadora 1): Sim

Entrevistadora: Você tem ajuda de algum companheiro ou de alguém para o cuidado com as crianças?

Catadora 2): Não, só eu mesmo, só eu que cuido dos três

Entrevistadora: e com as crianças de onze e quatro anos, como você faz?

Catadora 2): A de onze não mora comigo, né, a de onze mora com meu ex-marido. Daí eu chego e levo meu piázinho para o CMEI. Daí agora, como eu tô trabalhando, eu pedi para minha irmã para levar

Entrevistadora: E tem trabalho doméstico para fazer?

Catadora 2): Não, eu chego e a minha menina já fez.

Entrevistadora: Você tem ajuda de alguém no cuidado com os filhos?

Catadora 4: não, só eu mesma.

Entrevistadora: Só você?

Catadora 4: Não tenho a ajuda de ninguém, sou mãe solteira.

Entrevistadora: Eles estão na escola em período integral?

Catadora 4: Não.

Entrevistadora: No contraturno com quem eles ficam?

³⁰ O termo terceirização envolve questões mais complexas, tal como a Lei 13.429/2017, mas esta não é o foco da pesquisa em questão. Nessa tese, a discussão não perpassa por questões econômicas e estatais em relação a terceirização. Aqui buscou-se compreender como as mulheres fazem para conciliar o seu trabalho na associação de catadores(as) com seu trabalho doméstico e de cuidado.

Catadora 4: ficam em casa, ficam em casa.

As catadoras 1, 2 e 4 possuem algo em comum, uma vez que todas elas não possuem ajuda de seus cônjuges no trabalho doméstico e de cuidado. Nessas falas também se percebe a importância de políticas públicas no âmbito na educação, em período integral, pois o trabalho na associação de catadores(as) é possível a partir do momento em que há um local para seus filhos(as) ficarem durante todo tempo de trabalho.

As catadoras 3, 5 e 6 relatam a importância da ajuda de seus companheiros para realização das atividades domésticas e de cuidado. As entrevistadas 3 e 5 terceirizam o trabalho de cuidado para outras mulheres, neste caso, para uma parente, que ela paga e para filha e mãe, respectivamente. Essas questões podem ser observadas nas falas abaixo:

Entrevistadora: Me conte, em relação ao cuidado com seus quatro filhos, você tem ajuda de alguém? Alguém ajuda a cuidar dos seus filhos?

Catadora 3: Tenho do meu companheiro.

Entrevistadora: Teu companheiro ajuda?

Catadora 3: Aham.

Entrevistadora: Ele fica em casa enquanto você trabalha?

Catadora 3: não, ele também trabalha fora.

As suas crianças estão na escola em período integral? Catadora 1: tão.

Entrevistadora: Os quatro estão integral, manhã é tarde?

Catadora 3: isso.

Entrevistadora: daí ele ajuda você no cuidado quando você não tá em casa?

Catadora 3: é na na parte mais da noite assim ou quando é pra pagar uma babá pa poder ficar com as criança pa poder levar pra escola, pa ir buscar mas...

Entrevistadora: Ah, acontece de você pagar babá?

Catadora 3: Acontece, eu pago babá.

Entrevistadora: A babá é alguém do seu bairro ou é de alguém da família?

Catadora 3: sim, é parente da família, aham.

Entrevistadora: E quanto que você paga para ela assim por mês para ela ajudar?

Catadora 3: 350.

Entrevistadora: 350, e ela ajuda todos os dias?

Catadora 3: é todos os dias.

Entrevistadora: você tem a colaboração dele?

Catadora 5: Tem ele me ajuda bastante.

Entrevistadora: Em relação cuidado com as meninas, principalmente na época da pandemia que atua ali ainda era uma adolescente ela tinha 16 anos né, você tinha ajuda de alguém para cuidar?

Catadora 5: Ela me ajudava bastante.

Entrevistadora: E a menor tava com quantos anos?

Catadora 5: Tava com 6, elas são 10 anos de diferença.

Catadora 5: Só que também tem minha mãe tipo eu moro na casa dos fundos e ela mora na casa da frente daí ela sempre tava lá me ajudando e dando uma olhadinha pra mim, mas era a mais velha que atendia da pequena.

Entrevistadora: Você é casada?

Catadora 6: Sim.

Entrevistadora: E o teu esposo te ajuda no trabalho doméstico?

Catadora 6: Sim ajuda, ajuda a cuidar das criança ajuda a limpando lavando louça também ajuda bastante (risos).

Entrevistadora: E o almoço pra você e pras tuas crianças como que funciona?

Catadora 6: É o almoço da minha mais velha eu deixo pronto né daí eu faço a janta fica pronto daí ela chega da escola e se vira sozinha.

Catadora 6: As crianças ficam em período integral na escola.

Segundo Bruschini (1988), o trabalho feminino passou a ser entendido como parte integrante e necessária das estratégias para sobrevivência familiar. “A atividade exercida pela mulher, segundo essa forma de interpretação, não é mais analisada apenas na perspectiva da mulher/indivíduo; ao contrário, esta complexa articulação entre atividades produtivas e reprodutivas é percebida como um arranjo do grupo doméstico como um todo (Bruschini, 1998, p.6).

Ademais, percebe-se como as filhas mulheres, desde crianças, entendem sua participação nas atividades domésticas e na criação dos irmãos. É problematizador como uma mulher pode contar mais com a ajuda de suas filhas do que com ajuda do seu cônjuge. Uma outra constatação é que durante as entrevistas foram citadas ajudas de mães (avós) e filhas, e em nenhum momento foi colocado a participação das tarefas dos pais (avôs) e filhos. A partir disso, considera-se Cisne e Santos (2018) sobre o entendimento de que a divisão sexual do trabalho começa com a divisão sexual dos brinquedos.

A reprodução dos trabalhos domésticos está cedo imposta para as meninas, e antes delas serem responsáveis pelo cuidado dos seus filhos, elas são responsabilizadas pelo cuidado dos seus irmãos e mais tarde serão destinadas ao cuidado dos seus pais.

Na próxima seção será abordado sobre o estigma de trabalhar com lixo, mesmo ele sendo um trabalho necessário, as catadoras sentem a exclusão social em seu cotidiano, e isso poderá ser observado nas falas.

5.1.4 Não chamar de lixo já é um começo: do autorreconhecimento ao do trabalho com reciclagem

Dentro desta categoria, tem-se a questão “Não chamar de lixo já um começo: do autorreconhecimento ao trabalho com reciclagem”. Esse questionamento vem a partir de observações e falas das próprias catadoras de materiais recicláveis

Segundo Gomes, Carminha e Memória (2019), no sistema capitalista a

sociedade é majoritariamente consumista, e isso implica em diversos fatores, tais como: o aumento nos impactos ambientais, a elevação quantitativa de resíduos sólidos e por fim, a negligência no reaproveitamento e na recuperação desses resíduos, como afirmam as autoras:

Atrelada ao desenvolvimento econômico, no entanto, adveio uma das grandes contradições do progresso: o poder público, colaborado pela sociedade, transfere para um trabalhador vulnerável (o catador de resíduos), excluído do mercado de trabalho, a tarefa de gerenciamento de resíduos. Esse trabalhador, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que é um agente ambiental extremamente importante para a reciclagem, é movido pela necessidade de sobrevivência, o que lhe confere pouca ou nenhuma liberdade para fazer escolhas e para realizar suas capacidades com autonomia (Gomes; Carminha; Memória, 2019, p. 121).

Desta forma, entende-se que a responsabilidade do trabalho com os resíduos resultantes do processo de se viver em sociedade, é designada ao catador(a) de material reciclável. Isso não seria um grande problema, se houvesse a devida remuneração e valorização desse profissional, que além de sofrer com baixos salários, sofre com o estigma social que é colocado sob ele na sociedade.

Trabalhar com o que os outros descartam, traz estigma de trabalhar com resto, com o lixo. Para Melo (2000), a pessoa estigmatizada carrega um alerta, um sinal de deformações éticas e morais e ter contatos com esse grupo, também traz consequências, pois esse o indivíduo com estigma é um sujeito marcado na sociedade, o que significa que sua identidade social está arruinada para convivência em sociedade “[...] Para os estigmatizados, a sociedade reduz suas oportunidades, esforços e movimentos, não lhes atribui valor; impõe-lhes a perda da identidade social de seres individualizados e determinada uma imagem deteriorada dentro do modelo que convém à sociedade” (Melo, 2000, p. 19).

As(os) catadoras(es) se encontram em um grupo estigmatizado, estão dentro de uma categoria de trabalho que demorou seu reconhecimento, e que ainda se encontram sem direitos trabalhistas e previdenciários.

Para o entendimento dessa questão, foi colocado a categoria – um trabalho necessário, mas invisível para todos”. Para tanto, foi necessário trazer uma compreensão sobre o trabalho dentro de um sistema de lucro e exploração, como também e posterior a isso buscou-se entender, se as catadoras entrevistadas tinham percepção da importância do seu trabalho para preservação e manutenção da sociedade.

5.1.5 Um trabalho necessário, mas invisível para todos

Como abordado anteriormente, não há espaço para todos no mercado formal de trabalho, mas todos e todas são necessários para a manutenção e reprodução do sistema capitalista.

Esse sistema consiste em uma lógica de lucro e exploração, e segundo Marx (2022) nem todo trabalho assalariado é produtivo para o capital, mas mesmo quando ele é improdutivo, ele também é imprescindível, para manutenção e reprodução da produção do sistema capitalista em questão.

Segundo Yazbek (2012), na atualidade, é importante ressaltar que a pobreza é uma manifestação do aproveitamento de mão de obra barata, uma faceta intrínseca à expansão do capitalismo. Nessa expansão, o trabalho, essencial para a criação de riqueza social, é impactado negativamente pelas transformações no processo de acumulação, incluindo a reestruturação produtiva e a crescente financeirização do capital ao longo das últimas décadas.

Sendo assim, considera-se que o trabalho do(a) catador(a) é aproveitado como uma mão de obra barata, sem valor, e até mesmo invisível, uma vez que há relatos que as mesmas (os mesmos) não sentem que a sociedade e/ou o poder público valorizem a atividade que eles realizam diariamente.

Desta maneira, foi perguntado as mulheres, se elas sentem que seu trabalho como catadora é valorizado pela sociedade, as respostas obtidas foram as seguintes:

Catadora 1): 'Eu acho que, eu acho que é muito descaso com as pessoas que mexem com reciclagem, eu acho que eles deveriam ter mais apoio'

Catadora 2) 'Não, eu acho que não na verdade, por causa que, na verdade, se eles valorizassem nosso trabalho, assim, digamos, eles separavam o material certo, eles não traziam caco de vidro, muito perigoso, injeção, que vem de hospitais também. Então como diz, a gente corre vários riscos, mas eu acho que a pessoa, tipo, que nem vem uma mulher e perguntou para mim se valorizava, aí eu falei assim que na verdade maioria das pessoa não valoriza porque eles não separam certo, tem uns que lavam, separam certo, agora tem uns que... [ênfase na voz]'

Catadora 3) 'não, falta um pouco assim para o pessoal assim poder sei lá ter um pouquinho mais de compaixão porque eles mudam bastante, a gente trabalha com a associação de reciclagem né, e não se pondo assim em lixão né e o material vem bastante assim misturado mesmo, então dificulta bastante o pagamento da gente né porque a gente tem que separar e muitas vezes vem mais do que material'.

Essas três primeiras entrevistas trouxeram algo em comum sobre o sentimento de não valorização do seu trabalho – o descaso da sociedade com a separação do material reciclável. Para as entrevistas isso é prejudicial de diversas

formas, mas principalmente na perda do tempo separando algo que não vai ter retorno financeiro.

Catadora 3): ‘eu acho sim, não digamo toda a população né, mas tem uma parte dela que sim que acha que esse serviço aqui não é um serviço digno’

Catadora 4): ‘Não, nem um pouco’.

Catadora 5): ‘Não (risos), tem muita gente ainda que não valoriza né nois, pra eles principalmente aqui na nossa região tem bastante gente que pede pra fechar o barracão por causa da sujeira que faz mais...’

Catadora 6): ‘Valorizada não é né (risos) mas eu particularmente gosto de trabalhar aqui eu gosto bastante é um serviço pesado né não é assim vamos dizer que é fácil porque não é fácil porque é bem pesado né mas é gostoso no geral é bom de trabalhar aqui mas valorizado a gente não é’

A partir das falas, compreende-se que todas as mulheres que foram entrevistadas, sentem que seu trabalho como catadora não é valorizado, e esse sentimento é expressado de diversas formas. Algumas sentem isso por conta da (falta de) qualidade do material que chega nas associações, pelos pedidos de fechamento do barracão, por conta das reclamações da população sobre a sujeira que existente, e por acreditarem que há pessoas que não enxergam dignidade no trabalho delas.

No livro *Ideologia Alemã* de Marx e Engels (1998) há uma análise referente a história e seu substrato material onde os indivíduos humanos são como manifestam em suas vidas, ou seja, o que eles são coincidem com sua produção tanto com o que produzem como o modo em que produzem “O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção” (Marx e Engels, 1998, p. 24).

Nesse raciocínio, entende-se como as relações sociais, o trabalho e a produção estão conectados nos processos materiais, e como isso compõe parte da nossa história. As catadoras de materiais recicláveis se encontram no processo de produção sem status, sem remuneração adequada e sem visibilidade, podendo questionar: quais são as condições materiais de sua produção?

Falar sobre o trabalho do catador e sua (não) valorização é também compreender a precariedade de sua atividade. Segundo Kalleberg (2000) o trabalho precário não é novo, mas se tornou mais comum em economias capitalistas. Para o autor um dos elementos que o trabalho precário traz para o homem é a insegurança e isso afeta sua vida em diversos aspectos. Nesse contexto de precariedade a proteção-social é um elemento fundamental para sobrevivência do(a) trabalhador(a) no sistema capitalista.

5.1.6 Os olhares para quem trabalha com “lixo”

Como já colocado anteriormente, há um olhar diferenciado para as pessoas que trabalham com materiais recicláveis, esse decorre pelo fato desses sujeitos manusearem algo que ninguém mais quer “o lixo”.

Considera-se que o estigma está presente, majoritariamente, para as classes subalternas. Durante as entrevistas foi questionado para as catadoras se elas sentem algum preconceito, ou algum olhar diferente por conta de sua função laboral.

Catadora 2): aham, olha, principalmente nos Uber. Os Uber não leva a gente se tiver assim [catadora apontou para a roupa que estava vestindo no momento, sua roupa de trabalho] suja, não levam, porque uma vez eu pedi Uber, daí o uber falou assim que eu ia sujar o carro dele, daí eu falei “então tá bom, mais eu tava trabalhando, né, não tava de varde”. E no mercado também, no mercado se a gente entra assim, de butina, entrar tudo sujo, eles ficam olhando, principalmente os seguranças dentro do mercado, de certo acham que a gente vai roubar, sei lá, alguma coisa.

Catadora 3): Sim, já senti várias vezes em ambiente para você poder comer como restaurante como pegar até mesmo uma marmita ou até mesmo que você vai no mercado ali para fazer uma compra ali que tem gente assim que olha com um olhar assim sei lá diferente para gente.

Catadora 1): não, não que chega a me afetar né mas eu acho que é feio né porque muita das vezes do Olhar da pessoa eles acham que a gente tá ali mendigando ou a gente mora na rua ou a gente tá mesmo até ali mesmo para poder roubar e na verdade não é isso que a gente tá fazendo né.

Catadora 3): várias vezes, inclusive citar o exemplo do dia que eu fui pegar o Uber e o motorista não quis levar por causa da gente tá com a roupa que trabalha aqui, cancelou a corrida e não quis levar a gente eu e a minhas duas colegas que eu trabalho.

Catadora 3): acontece, tem muitos olhares de ficar olhando dos pés à cabeça ficam tipo cochichando, falando, isso é o que mais tem em vários lugares.

Catadora 6) Sim, sim, esses dias até eu fui pedir o uniforme da minha filha para ir para escola e eu fui ali na costureira daí tinha uma mulher visitando ela não sei e daí eu cheguei lá ela falou assim ela me olhou né porque daí a gente tava no barro e tava chovendo e daí tava carregando o caminhão do lixo então me sujei inteira né aí eu cheguei assim ela me olhou assim espantada "Nossa onde que você tava?" como quem diz assim mas às vezes a gente sente assim olhar diferente alguma coisa assim diferente mas vai embora.

A catadora 1 não quis relatar nada referente aos estigmas da sociedade sobre seu trabalho, já as catadoras 2, 3 e 6, trouxeram exemplos concretos, de situações que já aconteceram em seu cotidiano. Importante destacar os elementos que elas trazem em suas falas, elas acreditam que as pessoas pensam que elas vão roubar,

que estão mendigando ou até mesmo que moram nas ruas.

E, por fim, a catadora 5, relata nunca ter sentido nenhum olhar diferente ou preconceito pela forma que ela se encontra vestida: **“Catadora 5: Não muito.**

Catadora 5: É, não”

As relações sociais não são igualitárias, essas são definidas por classe, gênero, raça e até mesmo cidadania. As diferenças sociais se mostram na vida cotidiana, desde a alimentação até os lugares que se podem frequentar.

Para Melo (2000) Há rótulos sociais que trazem a existência de uma separação das pessoas em dois grupos – o nós e eles. O “nós” é definido pelos valores construídos com uma definição do ser humano “normal”, essa caracterizada pela ideologia dominante. O “eles” é colocado como pessoas sendo diferente de “nós”.

As pessoas que não correspondem aos rótulos sociais, se tornam excluídas e estigmatizadas. É como se as classes dominantes definissem o que é bom e o que não é, o que é uma característica desejável e o que não. Nessa relação, entende-se que as catadoras de materiais recicláveis formam um grupo excluído na sociedade – mulheres, com baixa escolaridade e renda, e que trabalham com “lixo”.

5.1.7 A remuneração e os processos monetários durante e pós-pandemia

Nessa seção, buscou-se compreender se a pandemia do Covid-19, trouxe alterações na remuneração das catadoras de materiais recicláveis, uma vez que há o entendimento que durante esse período houve mudanças na vida de toda população mundial.

Durante as entrevistas, foi questionado para as catadoras se houve diferença na renda durante a pandemia do Covid-19.

Catadora 2): Igual eu relatei para você, né, esse R\$1200,00, ajudou bastante [ênfase na voz] esse R\$1200,00, né, porque era todo, nois pegava todo mês, né, então, eu consegui na verdade compra comida, né, não passei fome, por esse auxílio, né, porque tava cortado meu Bolsa Família, né, entendeu? Eles cortaram meu Bolsa Família. Então na pandemia, eles abriram de novo e me devolveram

Catadora 4): [...] mas na pandemia para mim falar até uma coisa assim bem ridícula de falar foi bem melhor do que agora, bem melhor.

Entrevistadora: Por quê?

Catadora 4): porque o material subiu o preço, ficou um material com preço muito bom e é um tempo que a gente tirou muito bem por semana.

Entrevistadora: Você lembra mais ou menos quanto tava dando a semana?

Catadora 4): Lembro, dava 860, 900.

Entrevistadora: A semana? então você conseguia tirar mais ou menos 3.000 por mês?

Catadora 4): teve uma vez que a gente somou com a tesoureira e deu 5.320 no mês.

Entrevistadora: Você estava trabalhando daí como o segurança ou não precisava?

Catadora 4): Não daí eu parei, porque que eu ia me matar daí se aqui tava dando muito bem em compensação agora o material tá super baixo o valor e para a gente tá tirando o que a gente tá tirando que não passa de 400 reais por semana.

Entrevistadora: Então na pandemia mesmo sendo pior, mesmo sendo por causa dos filhos estar em casa?

Catadora 4): foi bem melhor, em questão de o material subiu o valor e ficou ótimo para você ter um exemplo tava o papelão tava 4 reais o quilo e agora tá 40 centavos, faça uma base.

Entrevistadora: E o material vinha melhor?

Catadora 4): Bem melhor, limpinho, porque daí o pessoal tinha mais tempo de estar fazendo né

Entrevistadora: O valor recebido era melhor na pandemia ou agora?

Catadora 5): Na pandemia, eu acho que nois tava ganhando melhor do que agora e agora depois que eu comecei a trabalhar de noite que eu fico até 20 horas daí tá ajudando um pouco mais que só de Barracão não tava dando.

Entrevistadora: Se fosse para sobreviver só com o dinheiro do Barracão seria quanto por semana?

Catadora 5): Chega a uns 250 por aí por semana só, no máximo 300 reais.

Entrevistadora: A questão financeira estava melhor durante a pandemia ou agora?

Catadora 6): Durante a pandemia tava bem melhor (risos) dava mais.

Entrevistadora: O material tava melhor durante a pandemia?

Catadora 6): Sim era melhor, não sei se sei lá o que que acontecia, mas estava bem melhor, era bem mais fácil de trabalhar não sei se esse caminhão não lembro direito, mas parece que não era assim não era assim não tava desse jeito que tá agora não agora tá difícil (risos) a situação.

Para as entrevistadas 2, 5 e 6, a pandemia foi um período contraditório, ao mesmo tempo em que havia uma crise sanitária e econômica, para elas, esse período constituiu um momento de remuneração mais alta e até mesmo de mais visibilidade de seu trabalho.

A hipótese dessa tese baseava-se que a pandemia trouxe uma maior desigualdade de gênero e dupla invisibilidade para as mulheres catadoras e que teriam como impactos a intensificação das duplas/triplas jornadas e alteração na remuneração durante e pós-pandemia. Sendo assim, a partir das falas apresentadas, se percebe que houve diferenças no valor recebido, mas foi para uma maior remuneração.

O valor do material reciclável foi outra questão citada pelas entrevistadas, já

que elas confirmam que durante esse período o preço estava mais alto, e assim seus salários eram maiores.

Entrevistadora: Foi um período difícil para você ou você acha que agora é mais difícil que antes?

Catadora 3: não, não tá tendo muita diferença não.

Entrevistadora: você recebeu auxílio emergencial?

Catadora 3: recebi.

Entrevistadora: E você conseguiu comprar alguma coisa diferente enquanto você recebeu o auxílio emergencial, pode fazer alguma coisa que estava pendente na sua casa?

Catadora 3: não o dinheiro que vem é só pra necessidade mesmo para pagar talão de luz, de água comprar gás, pagar a internet, comprar comida na casa, essas coisa memo.

A entrevistada 1 não sabia comentar sobre esse assunto, e para a catadora 3, não houve diferença no valor de sua remuneração na associação de catadores(as), e o auxílio emergencial supriu apenas suas necessidades básicas.

Em uma pesquisa com 22 grupos³¹ de catadores(as) realizada por Azevedo *et al.* (2022), declararam que a maior parte dos grupos teve sua renda comprometida por ter sido suspensa as atividades de coleta seletiva ou de interrupção nos serviços de triagem, dois grupos relataram não ter sentido diferença na renda, e apenas um afirmou que houve melhora na remuneração nesse período. Ou seja, a situação da cidade de Ponta Grossa, não foi exclusiva, outros grupos pesquisados também declararam essa melhoria.

5.2 A REALIDADE DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: O QUE MUDOU?

Nesta tese, parte-se da compreensão marxista para análise da realidade, entendendo que ela é dinâmica e depende dos sujeitos e os elementos históricos que a compõe “O método de apreensão e análise da realidade em Marx é um ponto, sem dúvida, primordial para o desvelamento da sociedade capitalista em suas particularidades e complexidades” (Redon; Campos, 2021, p. 146).

Ainda segundo Redon e Campos (2021) a fundamentação do conhecimento está na realidade, sendo necessária a compreensão de uma análise fiel e coerente do objeto estudado. Para tanto é a partir do entendimento da realidade que é possível

³¹ Os grupos que declararam a queda de renda foram afetados pela suspensão dos serviços de compra e venda de materiais e/ou de coleta seletiva. Esse não foi o caso da cidade de Ponta Grossa/PR.

situar o entendimento das contradições existentes e das disputas que acarretam as transformações sociais, que tem por consequência as rupturas da sociedade.

Desta forma, tanto a realidade quanto o cotidiano social não partem de uma análise concreta, ambos são dinâmicos e existem diversos aspectos que os influenciam. Essa tese traz uma análise da realidade das catadoras durante a pandemia do Covid-19, e esse período foi vivenciado de forma diferente por cada grupo social.

A hipótese inicial girava em torno de que a pandemia poderia trazer uma maior desigualdade e a intensificação da dupla invisibilidade no universo dos catadores(as), essa nova configuração poderia impactar as jornadas de trabalho das mulheres de diversas formas. Sendo assim, foi perguntado para as catadoras como foi suas realidades durante esse período, as respostas podem ser observadas a seguir:

Entrevistadora: E durante a pandemia, como foi sua rotina? Nesse período não tinha creche, CMEI, como foi sua rotina com ela durante a pandemia?

Catadora 1): Foi mais complicado, porque ficou em casa, daí tem que ter mais atenção

Entrevistadora: Daí como você fazia com sua menina no período da pandemia?

Catadora 1): Na verdade, ela ficava com minha mãe para eu ir trabalhar e irmã

Entrevistadora: E como você organizou o seu trabalho na associação com o cuidado de casa?

Catadora 1): Era bem corrida, tem um horário certo aqui, e ela não tinha escola

Catadora 2): Na verdade, eles ficaram todos em, é, antes um pouco, eles ficaram todos em casa porque não tinha escola, daí foi no intervalo, daí eu entrei aqui na verdade já tava a pandemia. Daí eu tava despregada, daí eu entrei trabaia aqui, só que daí, que nem eu falei para você, esse R\$1200,00, que me ajuda bastante, porque se não fosse esse R\$1200,00. Que daí eu fiquei [...] daí não podia ir no mercado, não podia sair, não podia nada, tinha que ficar só em casa, e eu tinha meu piázinho bem pequenininho Ele tava com.. era bem nenenzinho, daí eu entrei aqui, entrei trabaia aqui ele tinha um 8 meses, 9 meses

Entrevistadora: E quem cuidava dele para você trabalhar?

Catadora 2): Minha outra irmã,

Catadora 2): Foi bastante, foi corrido, na verdade era um pouco de cada coisa. Daí eu vinha trabalha, daí eu fazia, as vezes não fazia tudo serviço, porque daí chegava muito cansada né, mas eu me virei, que nem né. Daí a minha menina de 16 anos, ela toda vida, desde nenêzinho ela cuidou do meu piázinho. Então daí, quando ela tava comigo, daí ela cuidava, sabe? Daí as vezes eu falava para ela “fia, ajuda a mãe, né, que a mãe tem que trabalhar, isso e aquilo [...]. mas as vezes eu chegava arrebetada do serviço, daí meu piázinho queria atenção, queria que brincasse com ele, e já a gente cansada, tinha que ter, né, pelo menos um pouquinho, de tempo para ele

A partir das falas supracitadas das entrevistadas 1 e 2, para elas a rotina durante a pandemia mostrou mais dificuldades no cotidiano. A parte de conciliar as duplas/triplas jornadas de trabalho dependeu da ajuda de outras pessoas, como nos casos da mãe e da irmã, respectivamente. Ou seja, existe uma terceirização do trabalho doméstico e de cuidado para outras mulheres.

Catadora 3): não, não tá tendo muita diferença não.

Catadora 4): a rotina da aula em questão mudou por causa dos meus filhos não ter né por que assistir aula para mim não é a mesma coisa que o presencial, mas eles não deixaram de estar ali fazendo as atividades né ou alguma coisa ou outra que era necessário, mas na pandemia para mim falar até uma coisa assim bem ridícula de falar foi bem melhor do que agora, bem melhor.

Catadora 4): Não trabalhava à noite daí eu tinha mais tempo pra ficar com eles, pra dar mais atenção e o tempo né, e o que eles não sabia alguma coisa e dúvida no material ali, as vezes eu também não sabia mas eu procurava no Google e ajudava eles, eu tinha mais tempo com eles e agora não tenho tempo mais com meus filhos.

Catadora 5): Ela trabalha lá na loja de produto natural no centro. E ela me ajudava sabe eu chegava em casa e não precisava fazer muita coisa que ela fazia tudo né, era mais comida assim né que ela não fazia que sempre teve minha marmita né que a gente traz marmita minha e do meu marido né daí essa parte ela não fazia mas ela limpava a casa cuidava da pequena e daí no final de semana nois lava a roupa né mas ela sempre me ajudou bastante também daí na pandemia não sobrava assim muita coisa para gente fazer porque ela tava em casa.

Entrevistadora: Durante a pandemia, como você fez para conciliar o trabalho de casa, com os filhos e aqui na Associação?

Catadora 5): Bom eu tinha ajuda então eu não achei muito difícil eu não tava sozinha, sempre tinha alguém para me ajudar.

Entrevistadora: Tinha quem pra te ajudar?

Catadora 5): Tinha o meu marido, a minha menina, a minha mãe sempre tava por lá daí não me sobrecarregou.

Entrevistadora: Você não se sentiu sobrecarregada em relação ao trabalho de casa e eu trabalho aqui na associação?

Catadora 5): Não.

Catadora 6) Ah tava a mesma coisa, agora ainda para a gente tá mais complicado por causa desse horário que a gente faz individual aqui e daí acaba que o pouco a casa da gente fica meio de lado e daí a gente cansa bastante né e chega em casa 20:00 e pouco e daí a gente vai fazer uma comida para eles né, porque daí eu não gosto muito que ela mexa com panela essas coisas não gosto muito porque ela porque ainda assim ela me ajuda cozinha o arroz faz alguma coisa que seja mais fácil ela faz daí então eu deixo ela fazer essas coisas e tudo, e daí fica agora com esse trabalho individual tá mais difícil do que dar pandemia porque daí na pandemia a gente trabalhava em horário normal né até pra ajudar o barracão porque a gente precisa eliminar as coisas aqui né.

No entanto, as entrevistadas 3 e 4 não sentiram diferença e até mesmo

acharam o período da pandemia melhor do que atualmente. A entrevistada 4 parou de trabalhar como segurança durante a noite, e pode dedicar mais tempo com seus filhos. Em relação a catadora 5, essa também não cita dificuldades porque sua rede de apoio é extensa, ela pode contar com sua filha mais velha, marido e mãe no trabalho doméstico e de cuidado.

E, por fim, a catadora 6 mantém o pensamento que a 5, elas pontuam que o momento atual é mais difícil do que da pandemia, esse pensamento vem devido a renda e a qualidade do material, uma vez que essas situações afetam diretamente suas relações sociais, seu cotidiano e suas vidas.

A partir das falas analisadas, percebe-se o quanto as rotinas dessas mulheres são intensas, elas permeiam diversas questões – duplas/triplas jornadas, dependência de outras pessoas para conseguirem se manter no trabalho profissional, ausência de descanso e lazer, entre outros aspectos. Abordar sobre esse cotidiano, também significa analisar essas diversas questões que estão implícitas, uma vez que elas estão dentro de uma realidade social com suas diferenças e particularidades

Heller (1970) traz uma análise da vida cotidiana, e os diversos aspectos que a influenciam. Para a autora, o comportamento humano é definido também pelos estereótipos que são impostos durante nossa vivência. O homem/mulher, muitas vezes expressa aquilo que a sociedade espera que faça, que talvez nem seja próprio dele. Para a autora (1970) “[...] pois a multiplicidade da personalidade humana é um resultante da complexa totalidade de suas relações sociais. Mas não há nenhum homem (nem nenhuma comunidade) que conheça ou seja capaz de conhecer o outro indivíduo em todas as suas relações, na totalidade de suas reações” (Heller, 1970, p. 92).

Não há como quantificar as dificuldades que essas mulheres passam em seu cotidiano, mas estas falas nos fazem perceber que elas buscam se adaptar as situações que lhe são impostas.

Ainda segundo Agnes Heller (1970) os comportamentos se modificam por causa da função de dever-se da vida cotidiana, é nessa relação que está o homem inteiro com seus deveres e vínculos, sendo essas econômicas, políticas, morais, entre outras. Dessa forma, pode-se entender como as catadoras de materiais recicláveis buscam se adaptar em seus deveres como mulheres, trabalhadoras, mães e cidadãs.

A partir disso, compreende-se como as funções que nos são socialmente exigidas, acabam por influenciar os nossos comportamentos na vida cotidiana. Dentro

dessa relação, consegue-se compreender como as mulheres catadoras podem não sentir as mudanças que são impostas, elas apenas se adaptaram buscando sobreviver com aquilo que lhes é esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

(Eduardo Galeano).

Para a física, trabalho é toda transferência de energia de um corpo ao outro com a utilização de uma força. Quando se segue essa lógica, compreende-se que tudo ao nosso redor é derivado do trabalho: desde construir um prédio até limpar uma casa, ou até mesmo amamentar uma criança. Todos esses processos envolvem energia, corpo e força, como também tempo e recursos.

O trabalho é uma categoria central que permeia o cotidiano de todas as pessoas e suas relações. Para além das relações monetárias, o trabalho se configura dentro de uma teia de processos sociais primordiais para a sobrevivência do ser humano; o trabalho também resulta na construção de nossa identidade, das relações afetivas, emocionais e sociais.

A realização do trabalho nos é imposta de diversas formas, mesmo que não percebamos – acordamos cedo, precisamos ser produtivos monetariamente e não podemos perder tempo com atividades que não sejam lucrativas. Ou seja, transferir energia de um corpo a outro utilizando força, no sistema capitalista, só é considerado trabalho se o resultado for monetário. Porém, há atividades que são imprescindíveis para a existência humana mesmo sem nenhuma remuneração e/ou reconhecimento.

Com esse olhar, é possível enxergar diversos tipos de trabalhos ocultos em nosso cotidiano – cuidar, limpar, proteger, buscar, segurar, ler, estudar, voluntariar-se, ajudar, entre outras diversas formas. Todo esse trabalho oculto existe e, mais do que isso, é fundamental para nossa sobrevivência em uma sociedade cada vez mais individualista. Estar ao lado de alguém, cuidar da pessoa, ouvi-la, prepará-la para o dia seguinte, é um trabalho imprescindível, mas invisível.

Não há como abordar a temática do cotidiano sem elencar os processos

laborais que estão implícitos, uma vez que o trabalho é fundamental tanto na rotina do homem quanto da mulher. E foi a partir desse aprofundamento que se questionou aqui o papel das mulheres na sociedade capitalista.

A análise marxista permitiu entender como as relações de classe estão presentes na sociedade contemporânea; a partir daí, questionou-se como a mulher se encontrava dentro do segmento de “trabalho produtivo”, afinal, com sua inserção em meados da década de 1970 no mercado de trabalho, passou-se a atribuir duplas/triplas jornadas a seu cotidiano.

A mulher, quando foi inserida no mercado de trabalho, não deixou as atribuições domésticas nem as dividiu, muito pelo contrário, introduziu a produção monetária junto ao trabalho de reprodução social. Esse acúmulo de atividades foi necessário para a reprodução da estrutura de manutenção social, uma vez que o trabalho doméstico e de cuidado precisa ser responsabilidade de alguém, sendo o cuidado uma atribuição primordial para a sobrevivência de todo ser humano.

A partir dos dados que foram trabalhados na tese, entende-se como as questões interseccionais estão diretamente ligadas, já que os dados mostram que são as mulheres pobres, negras e pardas que realizam majoritariamente os trabalhos domésticos e de cuidado.

Segundo Crenshaw (2002), a interseccionalidade propõe que, ao estudar as desigualdades sociais, é imprescindível considerar a multiplicidade de identidades que um indivíduo pode ter, como raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, idade, entre outras. Cada uma dessas categorias pode operar como um eixo de opressão, mas é nas suas intersecções que se produzem as formas mais complexas de discriminação. Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar uma discriminação diferente da vivenciada por uma mulher branca, e essa experiência de opressão é distinta daquela vivida por um homem negro. Isso se deve ao fato de que a experiência de ser mulher e negra, simultaneamente, não é a soma das opressões de ser mulher e de ser negra isoladamente, mas uma nova forma de marginalização, cujas características e impactos só podem ser entendidos quando se observa a interação entre essas dimensões identitárias.

As categorias interseccionais fazem parte da vida da mulher catadora, uma vez que a classe social, o estigma do trabalho, a etnia, são marcadores sociais que influenciam seu cotidiano e a forma como se relacionam com a sociedade, quando se leva em conta a multiplicidade de vivências e identidades que constituem as

experiências humanas, é possível o enfrentamento das diversas formas de opressão em seus diversos contextos.

A precarização do trabalho pode ser vista de diferentes formas na atualidade – ausência de direitos trabalhistas, condições não adequadas para o exercício da função, flexibilização, terceirização, entre outros aspectos. Porém, há trabalhos em que a precarização é intensificada, pois, além da ausência de direitos trabalhistas, as pessoas sofrem estigmas pela função que exercem – como exemplo, há o trabalho dos(as) catadores(as) de materiais recicláveis.

Se o trabalho, entretanto, não pode ser completamente eliminado (pois sem ele o capital não se valoriza, como vimos com a paralização global da produção durante o período de pandemia), o sistema de metabolismo antissocial do capital, sob o comando do capital financeiro, acaba por impor uma pragmática pautada pela devastação e derrelição completa das condições de trabalho em escala planetária (Antunes, 2022, p. 17).

Nesse contexto, esta tese, além das questões de gênero e trabalho, problematiza também o universo das catadoras de materiais recicláveis, consubstanciada pelas teorias de Agnes Heller (1970), a partir de que se compreendeu que no cotidiano dessas mulheres instalam-se situações de estigma e preconceito. Seguindo a teoria de Heller (1970), a vida cotidiana tem consequências quando segue a lógica das relações sociais, já que isso influencia o homem dentro de seu complexo social, que tem normas, estereótipos e ultrageneralizações.

Encontram-se nesse contexto as catadoras de materiais recicláveis, que têm a rotina marcada pelo estereótipo de trabalhar com tudo o que os outros descartam. Foi a partir desse cenário que surgiu a temática da dupla invisibilidade de trabalho que as mulheres catadoras sofrem em seu cotidiano, uma vez que tanto a importância do trabalho doméstico quanto do profissional é ocultada.

Para tanto o objetivo geral desta tese versou-se compreender sobre as mudanças na realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis, na cidade de Ponta Grossa – PR a partir da pandemia do Covid-19, nos anos de 2020 até 2024. E como objetivos específicos definiu-se: a) identificar os impactos da pandemia nas estruturas das associações de catadores de Ponta Grossa; b) mapear o perfil dos participantes das associações durante e pós pandemia; c) compreender como foi o cotidiano das mulheres catadores participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; d) analisar a autopercepção das catadoras sobre o trabalho que realizam, em especial, pós-pandemia.

A partir da pesquisa bibliográfica, identificou-se a necessidade do trabalho

doméstico e de cuidado para a sobrevivência da sociedade como um todo, tendo em vista que, segundo a teoria da reprodução social, as mulheres constantemente estão produzindo trabalhadores(as) para manutenção das atividades socioeconômicas.

Ao longo da construção teórica, amarrada às questões empíricas desta pesquisa, identificou-se a dupla invisibilidade das mulheres catadoras, que têm duplas/triplas jornadas, ao mesmo tempo que seu trabalho profissional é marcado por diversas inseguranças, sendo elas sociais e monetárias.

Destaca-se que a questão do trabalho doméstico e de cuidado é historicamente colocado como uma atribuição da mulher, independente de sua classe, raça e etnia, mas a partir da análise dos dados, entendeu-se que as mulheres com menor poder econômico, pretas e pardas, são as mais acumulam trabalho doméstico e de cuidado.

Inicialmente, esta tese versou sobre a hipótese de que a pandemia, período em que diversas questões sociais se acentuaram, poderia ter da mesma forma intensificado as vulnerabilidades sociais e econômicas das catadoras de materiais recicláveis. Pelo fato de que elas se encontram em grupo estigmatizado e vulnerabilizado, esperava-se que a pandemia pudesse aumentar tais questões, porém a pesquisa mostrou que não foi isso que ocorreu. A partir das pesquisas de campo, constatou-se que novas configurações se formaram. Apesar de ter sido árduo o cotidiano pandêmico, sem escola e sem atividades extracurriculares, as mulheres catadoras elaboraram outra forma de sobrevivência.

Para melhor entender o período da Covid-19, Antunes (2022) o denomina *capital pandêmico*, uma vez que se aguçou o caráter discriminatório em relação às classes sociais, devido à sua dependência do trabalho para sobreviver.

Tudo isso estampa uma visceral *contradição* que atingiu a *totalidade* da classe trabalhadora, que se encontrava sob fogo cruzado: era preciso que houvesse isolamento social e quarentena para se evitar o contágio pelo coronavírus. Sem isso, a classe trabalhadora seria cada vez mais contaminada, adoecendo e perecendo em maior quantidade. Mas como ficar em isolamento social o(a)s *desempregado(a)s*, o(a)s *informais*, o(a)s *trabalhadore(a)s intermitentes*, o(a)s *uberizado(a)s* o(a)s *subutilizado(a)s*, o(a)s *terceirizado(a)s*, isto é, aqueles e aquelas que não têm direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho? [...] (Antunes, 2022, p. 20, grifo nosso).

A partir da citação anterior, compreende-se como os grupos de catadores(as) encontraram-se em uma difícil situação durante a pandemia: trabalhar para poder comer, mesmo que isso coloca-se sua vida e saúde em risco.

Para uma maior compreensão do universo das catadoras no período da pandemia, além da pesquisa bibliográfica e documental, também foi necessário a pesquisa de campo, onde num primeiro momento, com os questionários aplicados, tanto para os homens quanto para as mulheres catadoras, identificou-se que pouco o perfil foi alterado durante o período que antecedia a pandemia de Covid-19. Majoritariamente, ainda figuram mulheres, a maioria autodeclarada não negra e com baixa escolaridade. A renda também mostrou diferenças entre homens e mulheres, o que se pode considerar a partir das observações realizadas durante os pagamentos para as catadoras. As mulheres desse segmento laboral acumulam menos horas de trabalho e mais dias de ausência, devido às obrigações de trabalho doméstico e de cuidado, que tomam seu tempo, fazendo com que isso recaia sobre sua renda.

Durante a pesquisa, também foi possível identificar que as associações trabalharam normalmente durante todo o período pandêmico; foram afastadas apenas pessoas idosas, por um período de quinze dias.

Considerando que as entrevistadas foram todas mulheres, com filhos e que estavam na associação antes, durante e depois da pandemia – pois, assim, seria possível verificar o cotidiano dessas mulheres com seus filhos e sua responsabilidade –, poucas foram as mulheres que sentiram o impacto da pandemia de forma intensa como se imaginava. Elas viveram sua rotina e seu cotidiano como em todos os outros dias – com estigma e intensas jornadas de trabalho –, mas com uma realidade alterada pela pandemia, que as fez perceber como são importantes no trabalho que executam, tanto enquanto mulheres como catadoras. As falas apresentadas durante o trabalho permitem visualizar isso, na medida em que muitas destacaram ter tido, na pandemia, muito mais auxílio, muito mais visibilidade; passando esse período, relatam que foram novamente esquecidas.

Sobre essa temática, as falas que foram apresentadas nessa tese, mostram que para as catadoras, o período da pandemia, trouxe uma onda de solidariedade e reconhecimento da sociedade, que até então, elas não conheciam.

Chamou-nos a atenção que o auxílio emergencial, benefício que as catadoras acessaram durante a pandemia, se mostrou uma alternativa muito importante. Essas mulheres afirmaram várias vezes que puderam se alimentar e a seus filhos melhor, além de pagar suas dívidas. Entende-se também que esse benefício trouxe acesso a direitos sociais básicos para essas pessoas, como uma alimentação adequada e moradia digna. Assim, ressalta-se a importância de se pensar em auxílios específicos

para esse público de trabalhadores da reciclagem, pois permitem melhorar a qualidade de vida dessas mulheres e suas famílias.

Além do auxílio emergencial, as catadoras citam como o valor e a qualidade do material foram determinantes no período da pandemia. A fala de uma delas expressa o momento financeiro que viveram e como ele impactou positivamente seu cotidiano; inclusive, uma das entrevistadas coloca que não precisou mais trabalhar no turno da noite e assim tinha mais tempo para cuidar dos filhos e afazeres domésticos.

A partir disso, entende-se a responsabilidade da sociedade com a qualidade do material que é descartado, uma vez que há um impacto ambiental e monetário na vida dos catadores(as) de materiais recicláveis. Quando o material é descartado de forma limpa e adequada, é menor o tempo utilizado com o “lixo” (material que não tem mais utilidade para reciclagem).

A renda do(as) catadores(as) depende da qualidade e do valor do material, o que influencia na permanência ou não do grupo na associação. Sendo assim, quando foram realizadas as visitas no período posterior à pandemia, identificou-se que muitos que estavam lá antes já não se encontravam mais. Essa rotatividade do grupo se deve às altas e baixas dos preços dos materiais recicláveis. Acrescente-se, assim, as mudanças sociais que isso confere à vida das pessoas.

Ainda sobre o cotidiano das catadoras, verificou-se que, durante a pandemia, elas contavam com outras mulheres em sua rotina para a realização do trabalho invisível, na maioria dos casos suas mães ou filhas. Constata-se também que essa realidade ainda é predominante, uma vez que, durante as entrevistas, elas relatam com naturalidade como as filhas mais velhas ajudam na criação dos(as) mais novos(as).

É fundamental reconhecer a catadora nesse cenário de estigma e vulnerabilidade e, a partir disso, entender que sua cidadania está fragilizada pelas sobrecargas e pelo preconceito que seus trabalhos acarretam. Não há como exercer o processo de cidadania com tantas desigualdades implícitas no cotidiano social.

Ao longo da pesquisa de campo, verificaram-se duas diferenças salariais fundamentais. No momento da aplicação dos questionários, a renda das mulheres catadoras estava em torno de R\$ 450,00 por semana. Quando foram realizadas as entrevistas, a renda tinha caído para menos da metade do valor: R\$ 200,00. Para resolver essa fragilidade, as associações adotaram estratégias. Uma delas foi o trabalho no período noturno, pelo qual dezenas de mulheres não voltam para suas

casas e continuam a trabalhar até às 20h00, 21h00 (como pode ser observado nas falas).

Tal estratégia de sobrevivência se desdobra sobre outros aspectos sociais. Essas pessoas restringem seu descanso e lazer e, muito provavelmente, designam as atividades domésticas e de cuidado para outras pessoas. Isso se faz necessário para que essas mulheres consigam, minimamente, manter as condições adequadas de sobrevivência sua e de seus filhos(as).

Como já foi abordado anteriormente, as catadoras de materiais recicláveis perceberam e percebem a importância de seu trabalho profissional, entendem a necessidade dele para a sociedade, como também sua responsabilidade nesse contexto. No entanto, isso se torna contraditório, devido às oscilações de renda que elas vivem, uma vez que existe a necessidade de uma remuneração adequada sobre as atividades que elas exercem.

Sobre a organização familiar, entende-se que muitas delas sentem-se responsáveis sozinhas pelo cuidado dos filhos e contam com a solidariedade de outras mulheres para cumprir suas obrigações do trabalho doméstico e de cuidado. Percebe-se, nas falas, de forma majoritária, a naturalização desses trabalhos como obrigação única e exclusiva delas, isso se confirma na fala direta de uma das entrevistadas, que diz: “eu quem coloquei eles no mundo”, se referindo aos seus(as) filhos(as).

Dessa forma, não dá para falar dos impactos da pandemia na vida dessas mulheres sem falar dos impactos que elas sofrem diariamente – baixa renda, baixa escolaridade, duplas jornadas de trabalho, estigma social, vulnerabilidade e falta de reconhecimento são algumas dessas situações de vivência diária. A força disso é tão grande em suas vidas que, quando há algum acontecimento, este se soma a todo o resto, não tendo diferença em seu cotidiano. Suas vidas seguem como em todos os outros dias.

Dentro dessa lógica, de dupla invisibilidade e desigualdade dos trabalhos da mulher, não há como se eximir ou ocultar. Essa é uma realidade presente e precisa ser discutida e combatida. As mulheres naturalizaram suas dificuldades cotidianas, mas elas existem e as sobrecarregam.

As mulheres catadoras fazem parte de um segmento social que vai contra o que a sociedade capitalista impõe: elas vão contra uma sociedade de excedentes, buscando recuperar aquilo que ninguém mais quer.

Olhar para essas mulheres e conquistar políticas públicas efetivas é uma necessidade histórica; faz parte do processo de reconhecer seu trabalho e a importância do meio ambiente para a sobrevivência de todos nós. Como também de garantir que esse trabalho continue, e que assim possamos desfrutar de uma sociedade ambientalmente melhor, mais justa e solidária.

A partir de tudo o que foi exposto, torna-se imprescindível mencionar Gramsci (2020, p. 26): [...] os destinos de uma época são manipulados segundo visões restritas, interesses imediatos, ambições e paixões pessoais de pequenos grupos ativos, e a massa dos homens ignora pois não se preocupa [...].

Provavelmente, a realidade dessas mulheres é muito mais do que aqui foi apresentado; mesmo assim, já é possível identificar as diversas vulnerabilidades que fazem parte de suas vidas. Por isso, não há como ficar indiferente a todo esse processo excludente e que provavelmente será uma herança para seus filhos e suas filhas. Afinal, entende-se que os sujeitos fazem a sua própria história; contudo, não a fazem livremente. Não são eles que escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita; estas lhes são passadas assim como se encontram (Marx, 2011).

A partir dessa lógica, se faz necessário romper com a naturalidade da sobrecarga imposta ao cotidiano das mulheres catadoras. Entender a complexidade de suas vidas e se posicionar é fundamental para que aconteça uma transformação social dessa realidade. Assim, poderemos modificar suas vidas e a sociedade em que estamos e, a partir daí, teremos uma realidade em que a justiça social e a cidadania estarão presentes.

Como já citado anteriormente, Antonio Gramsci reflete sobre a necessidade dos nossos posicionamentos em nossa história social “[...] quem vive verdadeiramente não pode não ser cidadão, assumir um lado. Indiferença é apatia, parasitismo, velhacaria, não é vida. Por isso odeio os indiferentes. A indiferença é o peso morto da história” (Gramsci, 2020, p.25).

A partir dessa citação, e fazendo uma análise dentro do contexto social estudado nesta tese, conclui-se que não há como transformar uma realidade social sendo neutro, enxergando sem lutar e sem se posicionar pelas classes subalternas, que são constantemente ameaçadas em seus direitos sociais. As catadoras de materiais recicláveis representam mulheres que trabalham na luta e em prol do meio ambiente, debate cada vez mais necessário, porém negligenciado. Estar ao lado dessa luta significa compartilhar suas dores e batalhar para um futuro em que o

trabalho dessas mulheres seja verdadeiramente reconhecido.

Essa tese, mostra necessidade do reconhecimento monetário do trabalho das catadoras de materiais recicláveis, principalmente a partir de políticas públicas, uma vez que suas desigualdades são intensificadas a partir das duplas/triplas jornadas que advém do trabalho doméstico e de cuidado. Também se compreende como a teoria da reprodução social, mostra como produção de bens e serviços e a produção da vida são elementos que estão intrinsicamente conectados.

A defesa das políticas públicas é primordial para o avanço e o desenvolvimento de toda uma sociedade que busque a cidadania como um de seus elementos centrais, uma vez que elas, para a realidade das catadoras, trariam como resultado a materialização da importância do trabalho delas, fazendo com que a sociedade entendesse a dependência que temos com essas profissionais. Sendo assim, defender essa tese, significa transformar uma realidade social e ambiental, não apenas para o universo das catadoras, mas também para toda a sociedade que depende do trabalho de milhares de associações de catadores/as que compõe o cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Paula. **Condições de trabalho, saúde e qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis, no período de pandemia da Covid-19**. 2022. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Engenharia Sanitária e Ambiental, Universidade Estadual do Centro-Oeste-Unicentro, Irati, 2022.
- ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. *In*: GENTILI, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **A cidadania negada políticas de exclusão na educação e no trabalho**. Buenos Aires: Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000. p. 35-47. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022. 134 p.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: Um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BHATTACHARYA, Tithi. **Teoria da Reprodução Social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023. 344 p.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira Moral** - A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Zahar, 2014.
- BARROCO, Maria Lucia S. **Ética**: fundamentos sócio-históricos. 3. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2010. 245 p.
- BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? **Socialist Worker**, Estados Unidos, v. 5, n. 1, p. 101-113, 10 nov. 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIROLI, F. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719-751, 2016.
- BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho “informal”: O caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 23, n.67, p. 101-116, 2008.
- BRASIL. Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010, institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 de agosto de 2010, Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2010/Lei/L12305.htm. Acesso em: 04 jun. 2023.
- BRUSCHINI, Cristina. **Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta**: algumas comparações regionais. Rio de Janeiro: Fcc/Dpe, 1989. 125 p. Disponível em: https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/textos_fcc/arquivos/1291/arquivoAnexo.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

CASTEL, Robert. **Metamorfoses da questão social**. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

CASTEL, Robert. La dynamique des processus de marginalisation : de la vulnérabilité à la désaffiliation. **Cahiers de Recherche Sociologique**, n. 22, p. 11-27, 27 abr. 2011. <http://dx.doi.org/10.7202/1002206ar>.

CASTILHOS JUNIOR, Armando Borges de *et al.* Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no sul, sudeste e nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 18, n. 11, p. 3115-3124, nov. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232013001100002>.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 132, p. 211-230, ago. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.138>.

CELEGUIM, Cristiane R. Jorge; ROESLER, Heloisa M. Kiehl Noronha **Revista Científica da Faculdade das Américas**. São Paulo. v. 3 n.1, p. 1, 2009.: Acesso em: 25 junho 2023.

COLLUCCI, Cláudia. Jovens e mulheres são os mais afetados por depressão e ansiedade: pesquisa datafolha mostra que 44% dos brasileiros enfrentam problemas emocionais; busca no google por ansiedade bate record. **Jornal Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1-3. 19 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/09/jovens-e-mulheres-sao-os-mais-afetados-por-depressao-e-ansiedade-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 26 fev. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2002000100011>.

DAGNINO, R. de S. DAGNINO, R. P. políticas para inclusão social de catadores de materiais recicláveis. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, ed. especial, 31 jul. 2011.

DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2002

DESEMPREGO diante da pandemia bate recorde no Brasil em setembro, aponta IBGE. **G1**, São Paulo, 23 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/23/no-de-desempregados-diante-da-pandemia-aumentou-em-34-milhoes-em-cinco-meses-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 09 de junho de 2021.

DUAYER, Mario; ESCURRA, María Fernanda; SIQUEIRA, Andrea Vieira. A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica em Marx. **Revista Katálisis**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 17-25, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s1414-49802013000100003>.

EIGENHEER, Emílio. Lixo: morte e ressurreição. In: EIGENHEER, Emílio. **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: Polís, 1992. p. 1-56.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre marx, gênero e o feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021. 205 p. Tradução de: Heci Regina Candiani.

FERGUSON, Susan; MCNALLY, David. Capital, força de trabalho e relações de gênero. **Revista Outubro**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 24-59, 19 nov. 2017. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/11/02_McNally-e-Ferguson_2017.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

FERREIRA, Verônica Maria. **Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social**: uma análise de suas tendências. 2017. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

GEVEVA. Laura Addati. International Labour Organization (ed.). **Care Work and Care Jobs**: for the future of decent work. Geveva: International Labour Organization, 2018. 526 p. Disponível em: https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_633135/lang--en/index.htm. Acesso em: 05 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

Gramsci, Antonio. **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**. São Paulo: Boitempo, 2020. 120p.

GRIMBERG, Elisabeth, Lixo: morte e ressurreição. In: ENGHEER, Emílio. **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: Polís, 1992. p. 1-56.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1981. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

GOMES, Ana Virgínia Moreira; CARMINHA, Uinie; MEMORIA, Caroline Viriato. A destinação dos resíduos sólidos das empresas inovadoras: a lei do bem e o seu papel na sustentabilidade ambiental e social. **Seqüência**: Estudos Jurídicos e Políticos, [S.L.], v. 41, n. 82, p. 120-145, 5 dez. 2019. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2019v41n82p120>.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde Pública, Fiocruz/Ensp, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em:

https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/5344/ve_%20Raquel_Souza_ENSP_2004.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 29 out. 2023.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1970. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], v. 37, n. 132, p. 595-609, 3 dez. 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742007000300005>.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-7, 2010.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Revista Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 1, n. 26, p. 61-73, jun. 2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. ATUALIDADE DA DIVISÃO SEXUAL E CENTRALIDADE DO TRABALHO DAS MULHERES. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [S.L.], n. 53, p. 22-34, 23 mar. 2021. Portal de Periodicos UFPB. <http://dx.doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/50869>. Acesso em: 1 fev. 2024.

HJÁLMSDÓTTIR, Andrea; BJARNADÓTTIR, Valgerður. “I have turned into a foreman here at home”: families and work::life balance in times of covid :19 in a gender equality paradise. **Gender, Work & Organization**, v. 28, n. 1, p. 268-283, 9 out. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/gwao.12552>.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE, Eugênia Troncoso. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 14, p. 35-58, ago. 2004.

HORST, L. V. M. **A educação ambiental e sua contribuição para o desenvolvimento comunitário**: O caso da cooperativa dos catadores e agentes ambientais de Irati (cocaair), 2015, 153 f. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Comunitário). Universidade Estadual Do Centro-Oeste, Irati, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Outras formas de trabalho – 2019, Brasília, Distrito Federal, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Outras formas de trabalho – 2022, Brasília, Distrito Federal, 2023.

IPEA. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2013. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9979/1/situacao_social_mat_reciclavel

_brasil.pdf. Acesso em: 14 mai. 2024.

KALLEBERG, Arne L. Job Quality and Precarious Work. **Work And Occupations**, [S.L.], v. 39, n. 4, p. 427-448, 24 out. 2012.
<http://dx.doi.org/10.1177/0730888412460533>

LAUFER, Jacqueline. Entre a esfera pública e a esfera privada: os desafios dos direitos das mulheres. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Senac, 2003. p. 127-135.

LICIO, Elaine Cristina. TD 2883 - Auxílio emergencial e stimulus check como medidas de enfrentamento da pandemia de Covid-19 no Brasil e nos Estados Unidos. **Texto Para Discussão**, p. 1-33, 2 jun. 2023.
<http://dx.doi.org/10.38116/td2883-port>.

LUKÁCS, Georg. **Para a ontologia do ser social**. 14. ed. Tradução de Sergio Lessa. Macéio: Coletivo Veredas, 2018.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de lukács**. 4. ed. Macéio: Coletivo Veredas, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 119 p

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**: livro I. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 966 p.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010. 190 p. Jesus Ranieri.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011. 175 p. Tradução de: Nélcio Schneider; prólogo Herbert Marcuse.

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012, 142p. Rubens Enderle.

MARX, Karl. **Capítulo VI**: (inédito). São Paulo: Boitempo, 2022. 176 p. Tradução de: Sechstes kapitel: resultate des unmittelbaren productions processes.

MELO, Zelia Maria de. Estigmas: espaços para exclusão social. **Revista Symposium**, Pernambuco, n. 4, p. 18-22, dez. 2000. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20180506190058/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2457/2457.PDF>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MNCR. **Cartilha de formação MNCR** - Caminhar é resistir. São Paulo: Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2009. Disponível em:

<https://www.mncr.org.br/biblioteca/formacao-e-conjuntura/cartilha-de-formacao-do-mncr-nova-1>, acesso em 10 de outubro de 2023.

MNCR. Quantos Catadores existem em atividade no Brasil? 2021. **Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis**, 01 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.mncr.org.br/sobre-o-mncr/duvidas-frequentes/quantos-catadores-existem-em-atividade-no-brasil#:~:text=A%20estimativa%20do%20MNCR%20%C3%A9,%C3%A9%20recicla do%20hoje%20no%20Brasil>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MOL, Marcos Paulo Gomes; CALDAS, Sérgio. Can the human coronavirus epidemic also spread through solid waste? **Waste Management & Research**, [S.L.], v. 38, n. 5, p. 485-486, 17 abr. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0734242x20918312>.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 268 p.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: Uma Biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020. 814 p.

NYMAN, Charlott; REINIKAINEN, Lasse; ERIKSSON, Kristina. The tension between gender equality and doing gender. **Women'S Studies International Forum**, [S.L.], v. 68, p. 36-46, maio 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.wsif.2018.01.010>.

MNCR. **Fórum Municipal Lixo e Cidadania de Belo Horizonte**: As atividades dos catadores e a coleta seletiva durante e após pandemia da Covid-19, 2020. Observatório da reciclagem Inclusiva e Solidária, 2020. Disponível em: <https://www.mncr.org.br/biblioteca/publicacoes/livros-guias-e-manuais/as-atividades-dos-catadores-e-a-coleta-seletiva-durante-e-apos-a-pandemia-da-covid-19-manual-operacional>. Acesso em 01 de novembro de 2023.

PINHEIRO, Priscila T. *et al.* O cooperativismo e sua importância no processo de desinvisibilização social dos catadores de materiais recicláveis. **Revista Dialnet**, v. 12 n. 40, p. 4, 2015 Disponível em: Acesso em: 25 jun. 2023.

RAHIER, Augusta Pelinski *et al.* **(In) segurança alimentar associação de recicladores de Ponta Grossa**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 48p, 2018. Disponível em: <https://www2.uepg.br/ppgcsa/wp-content/uploads/sites/34/2022/03/RELATORIO-FINAL-DA-PESQUISA-INSEGURANCA-ALIMENTAR-ASSOCIACAO-DE-RECICLADORES-DE-PONTA-GROSSA.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2023

RAIHER, Augusta Pelinski (org.). **Catadores(as) de materiais recicláveis, (in)segurança alimentar e cidadania**: uma discussão para além da teoria. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2021.

RENDON, Silvio; CAMPOS, Eliane Christine Santos de. Apreensão e análise da realidade: aproximações ao método em Marx. **Revista Argumentum**, Vitória, v. 2, n. 13, p. 146-158, ago. 2021.

ROLIM, Renata Ribeiro. Tendências históricas universais do ser social na Ontologia de Lukács: apontamentos de uma leitura imanente. **Revista Direito e Práxis**, [S.L.], v. 9, n. 3, p. 1462-1502, set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2179-8966/2017/27035>.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf Acesso em 07 de jun. 2023

SILVA, Christiane Pimentel e. O método em Marx: a determinação ontológica da realidade social. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 134, p. 34-51, abr. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.164>.

SOPKO, Camila. **As relações de gênero e a divisão sexual do trabalho nas associações de catadores(as) da cidade de Ponta Grossa – PR**. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2796/1/Camila%20Sopko.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha; A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos avançados**, São Paulo, v.30, n. 37, p. 123-139, maio/agosto, 2016.

SOUZA, Érica Renata; DUMONT-PENA, Érica; PATROCINO, Laís Barbosa. Pandemia do coronavírus (2019-nCoV) e mulheres: efeitos nas condições de trabalho e na saúde. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 1, p. 290-302, 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-11042022e120>.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, [S.L.], n. 110, p. 288-322, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-66282012000200005>.

ZELIC, Helena; SANTOS, Thandara; MORENO, Renata. **Sem parar**: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. São Paulo: Sempre Viva: Organização Feminista, 2020. 54 p. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 25 nov. 2023

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO NAS ASSOCIAÇÕES

QUESTIONÁRIO PARA SER APLICADO NAS ASSOCIAÇÕES DE CATADORES(AS) DE PONTA GROSSA – PR

*Associação pesquisada:

() ACAMARUVA () ACAMARU () ACAMARO () ARREP (extinta)

Dados censitários

Número do entrevistado: _____

Idade: _____

Sexo: () Feminino () masculino () outro _____

Estado civil: () Solteiro(a) () Casado(a)/convivente () Separado(a) () Viúvo(a)

Tem filhos? () Sim () Não Quantos? _____

Os filhos estão na escola? () Sim () Não

Você tem ajuda de alguém para o cuidado da casa e dos filhos () Sim () não
De quem?

Como se dá o cuidado com os filhos enquanto você está trabalho?

Raça do responsável: () Branca () Parda () Negra () indígena () Amarela

Escolaridade:

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Fundamental Completo

() Analfabeto(a)

() Ensino Médio Incompleto

() Assina o nome

Anos de estudo _____

Qual o bairro da residência?

Moradia: Própria, alugada, cedida, ocupação.....

Qual a forma de locomoção até a
associação? _____

Qual a distância e o tempo de locomoção até a associação?

Quanto tempo trabalha com
reciclagem? _____

Quanto tempo faz parte da associação?

Você fez parte de outra associação antes?

Renda média recebida por mês (ou semana) com a Reciclagem:

Depois da pandemia, houve alterações nos valores recebidos do seu trabalho?

() melhorou () piorou () não mudou

Você recebeu auxílio emergencial no período da pandemia?

Qual foi o valor recebido R\$600,00 ou R\$1200,00?

Quais as mudanças que trouxe na sua vida o auxílio emergencial?

() possibilitou arranjar alguém para ajudar no cuidado

() possibilitou comer melhor

() possibilitou trazer alguém da família para ajudar em casa

() Outro – Qual? _____

Você recebeu algum outro tipo de benefício durante a pandemia?

E pós pandemia, você continua recebendo algum benefício social do governo? Se sim, qual?

* Benefício Social

Bolsa Família () R\$ _____

BPC () R\$ _____

Auxílio Alimento () R\$ _____

Projeto Social () R\$ _____

Leite das Crianças () R\$ _____

Pastoral da Criança () R\$ _____

Luz Fraterna ()

Tarifa social ()

Outros: _____

Você é atendida por algum dos serviços das instituições do seu bairro/cidade?

() Serviços de convivência? Qual? (adolescente aprendiz, pronatec) Qual?

_____ () Pastoral/Igreja. Qual? _____ () CRAS

Qual _____ () CAPs Qual? _____ () CMEI. Qual? _____ ()

SOS () Outros _____

Quem realiza o trabalho doméstico em sua casa?

() você () cônjuge () filhos () divide a responsabilidade com outras mulheres da família – Quem? _____

Houve mudanças rotina de trabalho doméstico durante a pandemia (considerando que não tinha escola)

() Sim () Não

Quais? _____

Você acredita que a sociedade reconhece esse trabalho doméstico?

() Sim () Não

Você acredita que a sociedade reconhece o trabalho do catador?

() Sim () Não

Qual sua opinião dos catadores serem remunerados?

() acho importante () possível () não há necessidade

Levando em consideração que mulheres tem o cuidado da casa além do trabalho profissional, qual sua opinião sobre as mulheres catadoras serem remuneradas?

() acho importante () possível () não há necessidade

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO***Universidade Estadual de Ponta Grossa***
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100

Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você _____, está sendo convidado a participar da pesquisa **TRABALHO E ECONOMIA INVISÍVEL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE DAS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PR** tendo como pesquisadora responsável **M^a. Camila Sopko** e como pesquisadora participante Reidy Rolim de Moura, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é de compreender de que forma a pandemia covid -19 impactou na realidade dos/as participantes das associações de catadores de materiais recicláveis em Ponta Grossa, e se houve intensificação das vulnerabilidades sociais e econômicas agravadas pelas desigualdades de gênero.

A sua participação no estudo será no fornecimento de informações sobre o trabalho doméstico e nas associações de catadores(as) que acontecerão através da aplicação de questionários e entrevistas. Garantimos que suas informações só serão utilizadas após o seu consentimento, ou seja, a assinatura deste documento, mediante o sigilo de sua identidade. Também informamos que as análises e resultados desta pesquisa serão utilizados na elaboração de artigos que deverão ser publicados em revistas e eventos científicos.

Após as análises você será informado dos resultados desta pesquisa da qual participa. Sua participação é voluntária, portanto, não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG.

Camila Sopko

Rua: Chefe Ignácio de Lara nº 244 – Ponta Grossa/PR

Telefone: (42) 99982-3002

Reidy Rolim de Moura

Rua: Nelson Basilio Kulscheski nº 43 – Ponta Grossa /PR Telefone: (42) 999121885

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 12

Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Assinatura do convidado para a pesquisa

Assinatura pesquisador responsável

Assinatura pesquisador participante

Ponta Grossa, _____ de _____ de 2024

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Idade:

Tempo de trabalho na associação:

Número de filhos:

Idade dos filhos:

- 1) Como é para você o trabalho na associação de catadores? Você sente que sua profissão é valorizada?
- 2) Quais trabalhos domésticos você realiza em casa?
- 3) Em relação ao cuidado com os filhos (as), você tem “ajuda” de alguém?
- 4) Quanto tempo você acredita que trabalha com atividades doméstica diariamente?
- 5) Você pode relatar como foi sua rotina durante a pandemia?
- 6) Durante a pandemia como você conseguiu conciliar o trabalho doméstico, cuidado com os filhos?
- 7) Como você organizou seu trabalho doméstico e seu trabalho profissional?
- 8) Quais as principais mudanças que você sentiu que a pandemia trouxe na sua realidade enquanto mulher que realiza trabalho doméstico e trabalho profissional?

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: TRABALHO E ECONOMIA INVISÍVEL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE DAS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA CIDADE DE PONTA GROSSA - PR

Pesquisador: CAMILA SOPKO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77583824.7.0000.0105

Instituição Proponente: NUCLEO DE ESTUDOS DE SAUDE PUBLICA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.756.208

Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa:

TRABALHO E ECONOMIA INVISÍVEL: UM ESTUDO A PARTIR DA REALIDADE DAS MULHERES CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA CIDADE DE PONTA GROSSA - PR. A pesquisa se dará a partir da realidade das mulheres catadoras da cidade de Ponta Grossa - PR, essa pesquisa será realizada a partir de questionários e entrevistas que serão feitos com os catadores e catadoras organizados em associações na cidade de Ponta Grossa - PR. A cidade tem três associações e estão vinculadas a Secretaria de Meio Ambiente.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as mudanças na vida familiar e no trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis, da cidade de Ponta Grossa - PR, durante a pandemia do Covid-19.

Objetivo Secundário:

- a) Compreender os impactos da pandemia nas estruturas das associações de catadores de Ponta Grossa;
- b) Identificar se houve variações de perfil

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 6.756.208

dos participantes das associações durante e pós a pandemia; c) Identificar como foi o cotidiano das mulheres catadores participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; d) Compreender a autopercepção dos(as) catadores(as) sobre o trabalho que realizam.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco está acerca de trabalhar as vulnerabilidades do cotidiano desigual dos(as) catadores(as); deve-se manter o sigilo das informações

Benefícios:

Compreender a necessidade de políticas públicas para as mulheres catadoras as quais vivem duplas invisibilidades

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as mudanças na vida familiar e no trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis, da cidade de Ponta Grossa - PR, durante a pandemia do Covid-19. Uma vez que entende-se as desigualdades geradas pelo acúmulo de trabalho doméstico e de cuidado e, também pela desvalorização do trabalho profissional. Para realização dessa pesquisa, serão aplicados questionários e entrevistas com os catadores e catadoras organizados em associação. buscando : a) Compreender os impactos da pandemia nas estruturas das associações de catadores de Ponta Grossa; b) Identificar se houve variações de perfil dos participantes das associações durante e pós a pandemia; c) Identificar como foi o cotidiano das mulheres catadores participantes das associações de Ponta Grossa em sua organização familiar durante a pandemia; d) Compreender a autopercepção dos(as) catadores(as) sobre o trabalho que realizam. Essa será uma pesquisa biográfica, documental e de campo sendo uma pesquisa descritiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatório estão corretamente preenchidos e anexados na Plataforma. Em anexo e de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 6.756.208

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto de pesquisa por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto foi aprovado sem restrições, após avaliação documental. O projeto se encontra dentro dos princípios éticos e metodológicos, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 e 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2265622.pdf	16/02/2024 20:33:29		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_FINALIZADO.docx	16/02/2024 20:33:10	CAMILA SOPKO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_.pdf	16/02/2024 20:24:39	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_ARREP.pdf	16/02/2024 20:19:38	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_ACAMARU.pdf	16/02/2024 20:19:15	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_ACAMARO.pdf	16/02/2024 20:17:10	CAMILA SOPKO	Aceito
Declaração de concordância	AUTORIZACAO_ACAMARUVA.pdf	16/02/2024 20:16:26	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	PEDIDO_ACAMARU.pdf	16/02/2024 20:03:36	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	PEDIDO_ARREP.pdf	16/02/2024 20:03:24	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	PEDIDO_ACAMARUVA.pdf	16/02/2024 20:03:11	CAMILA SOPKO	Aceito
Outros	PEDIDO_ACAMARO.pdf	16/02/2024 20:02:58	CAMILA SOPKO	Aceito

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas

CEP: 84.030-900

UF: PR

Município: PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 6.756.208

Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	16/02/2024 19:57:59	CAMILA SOPKO	Aceito
Brochura Pesquisa	BROCHURA_PESQUISA.pdf	07/02/2024 22:44:54	CAMILA SOPKO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 10 de Abril de 2024

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

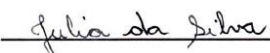
Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748. UEPG, Campus Uvararanas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvararanas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

ANEXO B – TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES**Resposta ao pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG**

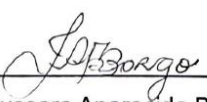
Concedemos a doutoranda Camila Sopko, orientada pela Professora Dr^a. Reidy Rolim de Moura, a autorização para realização de sua pesquisa com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. Colaborando com documentos, permitindo sua pesquisa empírica aplicando observações de campo, questionários e/ou entrevistas

Atenciosamente

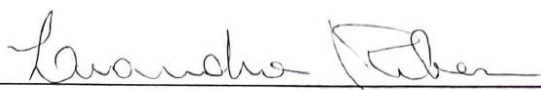
Associação de Recicladores Rei do “PET” (ARREP)



Presidente da Associação de Recicladores Rei do “PET” (ARREP)
Represente da Associação



Jussara Aparecida Borgo
Assistente Social da Secretária Municipal de Meio Ambiente

1


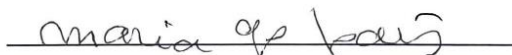
Testemunha

**Resposta ao pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de
elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG**

Concedemos a doutoranda Camila Sopko, orientada pela Professora Dr^a. Reidy Rolim de Moura, a autorização para realização de sua pesquisa com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. Colaborando com documentos, permitindo sua pesquisa empírica aplicando observações de campo, questionários e/ou entrevistas

Atenciosamente

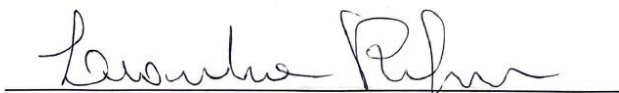
Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de Uvaranas
(ACAMARUVA)



Presidente da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de
Uvaranas (ACAMARUVA)
Representante da Associação



Jussara Aparecida Borgo
Assistente Social da Secretária Municipal de Meio Ambiente



Testemunha

Reidy Rolim de Moura

**Resposta ao pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de
elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG**

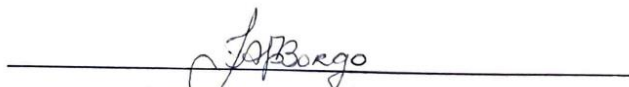
Concedemos a doutoranda Camila Sopko, orientada pela Professora Dr^a. Reidy Rolim de Moura, a autorização para realização de sua pesquisa com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. Colaborando com documentos, permitindo sua pesquisa empírica aplicando observações de campo, questionários e/ou entrevistas

Atenciosamente

Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de Oficinas
(ACAMARO)



Presidente da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de
Oficinas (ACAMARO)
Representante da Associação



Jussara Aparecida Borgo
Assistente Social da Secretária Municipal de Meio Ambiente



Testemunha

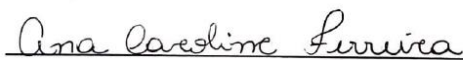
São Paulo, 10 de Maio de 2016

**Resposta ao pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de
elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG**

Concedemos a doutoranda Camila Sopko, orientada pela Professora Dr^a. Reidy Rolim de Moura, a autorização para realização de sua pesquisa com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. Colaborando com documentos, permitindo sua pesquisa empírica aplicando observações de campo, questionários e/ou entrevistas

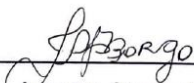
Atenciosamente

Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis da Nova Rússia
(ACAMARU)



Presidente da Associação dos catadores de materiais recicláveis da Nova Rússia
(ACAMARU)

Represente da Associação



Jussara Aparecida Borgo

Assistente Social da Secretária Municipal de Meio Ambiente



Testemunha

Pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

À Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de Oficinas (ACAMARO)

Como requisito parcial para a conclusão do curso de Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os acadêmicos nele matriculados realizam pesquisa para a elaboração da tese. Desta forma, a discente Camila Sopko pretende desenvolver pesquisa com a orientação da professora Reidy Rolim de Moura, com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. O objetivo da pesquisa será de compreender de que forma a invisibilidade impacta nas questões de gênero no cotidiano de homens e mulheres catadoras(es),

Para sua execução, serão realizadas revisão bibliográfica, análise documental, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para tanto, solicitamos autorização desta associação para acessar documentos referentes à mesma, proceder a observação da rotina, aplicação dos questionários e das entrevistas junto dos sujeitos das associações de catadores. Salientamos que tais procedimentos serão sempre previamente agendados, e levarão em conta princípios éticos referentes ao desenvolvimento de pesquisa nas ciências sociais.

Solicitamos que o respectivo pedido seja apreciado e que sua devolutiva seja feita por escrito, pois tal documento será remetido junto com o projeto de pesquisa (em anexo) a comitê de ética competente.

Era o que tínhamos a solicitar, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ponta Grossa, 18 de novembro de 2022


Camila Sopko


Reidy Rolim de Moura


Presidente ACAMARO

Pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

À Associação de Recicladores Rei do “PET” (ARREP)

Como requisito parcial para a conclusão do curso de Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os acadêmicos nele matriculados realizam pesquisa para a elaboração da tese. Desta forma, a discente Camila Sopko pretende desenvolver pesquisa com a orientação da professora Reidy Rolim de Moura, com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. O objetivo da pesquisa será de compreender de que forma a invisibilidade impacta nas questões de gênero no cotidiano de homens e mulheres catadoras(es),

Para sua execução, serão realizadas revisão bibliográfica, análise documental, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para tanto, solicitamos autorização desta associação para acessar documentos referentes à mesma, proceder a observação da rotina, aplicação dos questionários e das entrevistas junto dos sujeitos das associações de catadores. Salientamos que tais procedimentos serão sempre previamente agendados, e levarão em conta princípios éticos referentes ao desenvolvimento de pesquisa nas ciências sociais.

Solicitamos que o respectivo pedido seja apreciado e que sua devolutiva seja feita por escrito, pois tal documento será remetido junto com o projeto de pesquisa (em anexo) a comitê de ética competente.

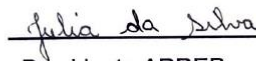
Era o que tínhamos a solicitar, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ponta Grossa, 18 de novembro de 2022


Camila Sopko


Reidy Rolim de Moura


Presidente ARREP

Pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

À Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis da Nova Rússia
(ACAMARU)

Como requisito parcial para a conclusão do curso de Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os acadêmicos nele matriculados realizam pesquisa para a elaboração da tese. Desta forma, a discente Camila Sopko pretende desenvolver pesquisa com a orientação da professora Reidy Rolim de Moura, com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. O objetivo da pesquisa será de compreender de que forma a invisibilidade impacta nas questões de gênero no cotidiano de homens e mulheres catadoras(es),

Para sua execução, serão realizadas revisão bibliográfica, análise documental, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para tanto, solicitamos autorização desta associação para acessar documentos referentes à mesma, proceder a observação da rotina, aplicação dos questionários e das entrevistas junto dos sujeitos das associações de catadores. Salientamos que tais procedimentos serão sempre previamente agendados, e levarão em conta princípios éticos referentes ao desenvolvimento de pesquisa nas ciências sociais.

Solicitamos que o respectivo pedido seja apreciado e que sua devolutiva seja feita por escrito, pois tal documento será remetido junto com o projeto de pesquisa (em anexo) a comitê de ética competente.

Era o que tínhamos a solicitar, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ponta Grossa, 18 de novembro de 2022


Camila Sopko


Reidy Rolim de Moura


Presidente ACAMARU

Pedido de autorização para realização de pesquisa para fins de elaboração de tese de doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG

À Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do bairro de Uvaranas
(ACAMARUVA)

Como requisito parcial para a conclusão do curso de Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, os acadêmicos nele matriculados realizam pesquisa para a elaboração da tese. Desta forma, a discente Camila Sopko pretende desenvolver pesquisa com a orientação da professora Reidy Rolim de Moura, com o tema **“Mulheres, trabalho e a dupla invisibilidade: um estudo a partir da realidade das mulheres catadoras de materiais recicláveis”**. O objetivo da pesquisa será de compreender de que forma a invisibilidade impacta nas questões de gênero no cotidiano de homens e mulheres catadoras(es),

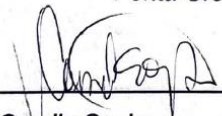
Para sua execução, serão realizadas revisão bibliográfica, análise documental, aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para tanto, solicitamos autorização desta associação para acessar documentos referentes à mesma, proceder a observação da rotina, aplicação dos questionários e das entrevistas junto dos sujeitos das associações de catadores. Salientamos que tais procedimentos serão sempre previamente agendados, e levarão em conta princípios éticos referentes ao desenvolvimento de pesquisa nas ciências sociais.

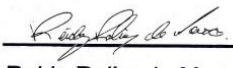
Solicitamos que o respectivo pedido seja apreciado e que sua devolutiva seja feita por escrito, pois tal documento será remetido junto com o projeto de pesquisa (em anexo) a comitê de ética competente.

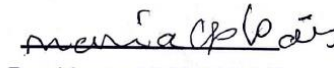
Era o que tínhamos a solicitar, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Ponta Grossa, 18 de novembro de 2022


Camila Sopko


Reidy Rolim de Moura


Presidente ACAMARUVA

ANEXO C – ESTATUTO DAS ASSOCIAÇÕES DE CATADORES E CATADORAS DA CIDADE DE PONTA GROSSA – PARANÁ

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO BAIRRO DE UVARNAS ACAMARUVA



Aos dezesseis dias do mês de março de dois mil e seis, às dezesseis horas e quinze minutos, na Escola Municipal Carlos Ribeiro de Macedo, sito à Rua Euzébio de Queiroz nº 1383 – Vila São Francisco, reuniram-se 36 catadores de materiais recicláveis da região de Uvaranas e a equipe do Departamento de Ação Ambiental em Assembléia Geral, convocada pela presidente da comissão provisória, Sra. Avelina Ângela de Lima, para tratar da seguinte ordem do dia:

- 1- Leitura e aprovação do Estatuto Social da Associação dos catadores de materiais recicláveis do bairro de Uvaranas.
- 2- Eleição da diretoria e do Conselho Fiscal e tomada de posse.
- 3- Assuntos gerais.

Antes de dar início aos trabalhos da assembléia, tratando dos assuntos da ordem do dia, a presidente da Comissão Provisória, Sra Avelina Ângela de Lima registrou a presença das seguintes autoridades, que estavam prestigiando a realização da assembléia geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro de Uvaranas: Diretor do Departamento de Ação Ambiental Nelson Frederico Accioly Calderari Jr, o Chefe da Divisão de Desenvolvimento Sócio-Ambiental, Amauri Gonçalves Ferreira, a Chefe da Divisão de Ação Ambiental Andréia Aparecida de Oliveira, a Chefe da Seção de Educação Ambiental Roseni Terezinha Rodrigues, o Chefe da Seção de Coleta Seletiva, Fernando Ribeiro da Silva e, a pedido da presidente da Comissão Provisória, o Sr. Amauri Gonçalves Ferreira fez uma leitura de lista de pessoas que já havia anteriormente para confirmação de presença, em seguida o Sr Nelson Accioly Calderari Jr., explicou para os presentes sobre os trâmites legais para a efetivação dos trabalhos da Associação que estava sendo criada como também sobre a sua importância para os catadores, no sentido de

OFÍCIO DISTRIBUIDOR
DISTRIBUIÇÃO Nº 1497/11 2º DE
P. GROSSA, 2010/04/02

OFÍCIO DISTRIBUIDOR DA COMARCA DE P. GROSSA

"Certificamos que o Selo de Autenticidade e de Distribuição foram afixados na última folha do documento entregue a parte."

A. Avelina
Assinada



melhorar a condição sócio-econômica dos mesmos, através de um trabalho organizado. Também falou do apoio que a Prefeitura Municipal pode dar para a Associação, após a sua legalização, nas atividades de coleta, preparo do material e assessoramento na comercialização dos materiais. Finalizando disse que será necessário que todos os catadores fundadores da Associação se unam neste ideal e se comprometam com o trabalho a que ela está se propondo. Em seguida a Sra Avelina Ângela de Lima, solicitou à Srta. Andréia Aparecida de Oliveira, funcionária da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio ambiente, presente na Assembléia Geral, para exercer o cargo de Secretária *adoc*, durante os trabalhos da Assembléia Geral, e que após consulta aos participantes foi aprovado pela maioria absoluta dos presentes. Também foi solicitado e aprovado por todos que o Sr. Nelson Calderari Jr., assessorasse os trabalhos da assembléia geral. Dando continuidade aos trabalhos, foi discutido o **item um** da ordem do dia, tratando sobre o estatuto social. Foi feito a leitura dos principais capítulos do estatuto, principalmente nos assuntos relacionados aos objetivos da Associação, direitos e deveres dos associados, responsabilidades dos associados, atribuições da diretoria e dos membros da diretoria, atribuições do presidente, atribuições do conselho fiscal, despesas da associação, comercialização e trabalho operacional dentro do barracão. Solicitando a palavra a presidente da comissão provisória Sra Avelina Ângela de Lima perguntou se o caminhão iria até as casas dos associados para pegar material, tal pergunta foi respondida pelo Sr Amauri G. Ferreira da Divisão de Desenvolvimento Sócio-Ambiental que explicou, será possível, desde que seja em grande quantidade e com muita distância entre a casa do associado e o barracão da associação. Outra pergunta feita pelo Sr Renato de Lima se a nova associação terá uma equipe fixa para trabalhar no barracão, assim foi respondido, se os catadores, incluso diretores e membros do conselho fiscal, não quiserem fazer a separação e a prensagem do material coletado, de forma coletiva com os demais sócios, terão que arcar com o

custo de outros sócios que o farão por eles. É importante frisar que a organização dos catadores em associação é para reduzir os gastos que existe no processo de coleta até a comercialização, que hoje fica nas costas dos catadores, sem contar com o lucro que os comerciantes tem na comercialização. A idéia é que o valor deste trabalho de separação e preparo dos materiais, seja ganho pelos próprios catadores, no barracão que a prefeitura irá disponibilizar, obtendo um preço melhor pelo produto comercializado. A organização do trabalho de separação e preparo dos materiais coletados, será feita pela diretoria após conversa com todos os associados, de modo que todos possam dar um tempo nesta tarefa. Pode ser que algum associado não tenha condições de fazer o trabalho no barracão de preparo de seu produto. Neste caso, com certeza o custo deste trabalho, que ficará com outros, será descontado do preço final de venda. Isto será tratado por ocasião da elaboração das normas de comercialização da Associação, discutida com todos os associados e aprovado por todos. Após os esclarecimentos, foi colocada em votação entre os catadores presentes, a aprovação do estatuto da Associação, sendo este aprovado por unanimidade. Em seguida passou-se para o **segundo item** da ordem do dia da assembléia, tratando sobre a composição e eleição da diretoria e conselho fiscal da Associação, conforme previsto no estatuto social aprovado e a tomada de posse após eleita. Foi explicado aos presentes que de acordo com o estatuto da Associação, ela será dirigida por uma diretoria composta por seis associados, sendo um presidente, um secretário, um tesoureiro, um vice presidente, um 2º secretário, e um 2º tesoureiro. O conselho fiscal será composto por seis membros, sendo três efetivos e três suplentes. De acordo com o estatuto aprovado, o mandato da diretoria e do conselho fiscal será de dois anos. Após estas explicações, foi solicitado aos presentes se havia associados interessados em compor estes cargos ou se havia alguma chapa completa para compor os cargos de diretoria e conselho fiscal. Foi apresentadas pelos presentes uma chapa com a

A.:

Ameli
Lindem



composição de diretoria e conselho fiscal. Após a análise das chapas e seus componentes pelos presentes na Assembléia Geral, foi feito à votação e aprovado por unanimidade, sendo eleito a Diretoria e Conselho Fiscal para cumprirem seus mandatos durante o biênio 2006/07 e 2007/08, com os membros abaixo relacionados que em seguida tomaram posse oficialmente, passando a responder pelos destinos da entidade. A Diretoria e Conselho Fiscal empossada, ficou assim constituída: **Diretoria:** Presidente Senhora Avelina Ângela de Lima, Vice-Presidente: Senhor Jonas Ribeiro, Primeira Secretária: Senhora Claudinéia Machado da Silva, Segundo Secretário: Sr. Paulo Lourenço Patek ; Primeiro Tesoureiro: Senhor Rodrigo Barbosa, Segundo Tesoureiro, Sra. Dirce de Oliveira. **Conselho Fiscal:** Membros efetivos: Sr. Marcos Rocha, Sra. Aparecida Ferreira Vieira e Sr. Reginaldo Paes. Membros suplentes: Sr. Nilson de Paula, Sr. Alessandro Rozan e Sílvia César de Paula. Após a tomada de posse, juntamente com os demais membros da diretoria e do conselho fiscal, a presidente eleita, Sra. Avelina Ângela de Lima, assumiu a condução dos trabalhos, agradeceu o apoio de todos e em seguida passou para o **terceiro e último** item da ordem do dia, tratando sobre os assuntos gerais. A palavra ficou aberta para todos os presentes. O Sr. Nelson Calderari Jr., falou que em seguida que vai prestar o assessoramento para os registros legais da Associação dos catadores de materiais recicláveis do bairro de Uvaranas - ACAMARUVA, recém fundada, assim como prestará o apoio na organização dos trabalhos operacionais, quando do início do seu funcionamento. Não tendo mais ninguém que quisesse fazer uso da palavra, a Sra. Avelina Ângela de Lima, presidente eleita da Associação, agradeceu a presença de todos e encerrou a presente assembléia geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro de Uvaranas, às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos do dia dezesseis do mês de março de 2006, e eu Andréia Aparecida de Oliveira lavrei a presente ata, sendo assinada por mim e os demais associados fundadores, presentes na Assembléia.

**ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO BAIRRO DE
OFICINAS-ACAMARO**

Às quinze horas do dia oito do mês de março de dois mil e seis, reuniram-se, na sede da Associação de Moradores Divino Espírito Santo, Núcleo Araucária Maria Otilia, sito à Rua Mario Godoy s/n, Município de Ponta Grossa, em Assembléia Geral, os catadores de materiais recicláveis do bairro de Oficinas, convocada pelo presidente da Comissão Provisória, Sr. Valter José de Paula, para tratar da seguinte ordem do dia:

- 1- Leitura e aprovação do Estatuto Social da Associação dos catadores de materiais recicláveis do bairro de oficinas.
- 2- Eleição da diretoria e do conselho fiscal e tomada de posse.
- 3- Assuntos gerais.

Antes de dar início aos trabalhos da Assembléia, tratando dos assuntos da ordem do dia, o presidente da Comissão Provisória, Sr. Valter José de Paula registrou a presença das seguintes autoridades, que estavam prestigiando a realização da Assembléia Geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro de Oficinas - ACAMARO: Diretor do Departamento de Ação Ambiental Nelson Frederico Accioly Calderari Jr., o Chefe da Divisão de Desenvolvimento Sócio-Ambiental, Amauri Gonçalves Ferreira, Assessor da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente Sr. César Pinheiro e o Senhor Fernando Ribeiro da Silva, da Seção de coleta seletiva. A pedido do presidente da Comissão Provisória, o Sr. Nelson Accioly Calderari Jr., explicou para os presentes sobre os trâmites legais para a efetivação dos trabalhos da Associação que estava sendo criada, como também sobre a sua importância para os catadores, no sentido de melhorar a condição sócio-econômica dos mesmos através de um trabalho organizado. Também falou do apoio que a Prefeitura Municipal pode dar para a Associação, após a sua legalização, nas atividades de coleta, preparo do material e assessoramento na comercialização dos materiais. Finalizando disse que será necessário que todos os catadores, fundadores da Associação, se unam neste ideal e se comprometam com o trabalho a que ela está se propondo. Em seguida o Sr. Valter José de Paula, indicou o Sr. Amauri Ferreira, funcionário da Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio ambiente, presente na Assembléia Geral, para exercer o cargo de Secretário *adoc*, durante os trabalhos da Assembléia Geral, e que após consulta aos participantes foi aprovado pela maioria absoluta dos presentes. Também foi solicitado e aprovado por todos que o Sr. Nelson Calderari Jr., assessorasse os trabalhos da assembléia geral. Dando continuidade aos trabalhos, foi discutido o **item um** da

OFÍCIO DISTRIBUIDOR
DISTRIBUIÇÃO Nº 1458111 4.104
PONTA GROSSA, 20/04/06
Distribuidor

OFÍCIO DISTRIBUIDOR DA COMARCA DE P. GROSSA
"Certificamos que o Selo de Autenticidade
e de Distribuição foram afixados na última
folha do documento entregue a parte."

[Assinatura]

ordem do dia, tratando sobre o estatuto social. Foi feita a leitura dos principais capítulos do estatuto, principalmente nos assuntos relacionados aos objetivos da Associação, direitos e deveres dos associados, responsabilidades dos associados, atribuições da diretoria e dos membros da diretoria, atribuições do presidente, atribuições do conselho fiscal, despesas da associação, comercialização, trabalho operacional dentro do barracão. Solicitando a palavra o Senhor Valter José de Paula pediu para que fosse explicado melhor sobre as incumbências do Presidente, argumentando que algumas responsabilidades como por exemplo, abrir e fechar o barracão e receber materiais, precisaria da permanência de uma pessoa no local. O Sr. Nelson Calderari, explicou que assim que a ACAMARO estiver formada com a Diretoria composta e no exercício de suas funções, este assunto e outros de ordem operacional e administrativa serão discutidos e resolvidos, pois esta é uma atribuição da mesma. Em seguida a Sra. Celina M. Arruda questionou que se o Presidente ficar no barracão só para dar ordens, de que forma ele será remunerado. Ficou explicado que todos os catadores, com cargo ou sem cargo, só ganharão o dinheiro fruto de seu trabalho de coleta seletiva ou seja com a venda do material por eles coletado. Se os catadores, incluso diretores e membros do conselho fiscal, não quiserem fazer a separação e a prensagem do material coletado, de forma coletiva com os demais sócios, terão que arcar com o custo de outros sócios que o farão por eles. É importante frisar que a organização dos catadores em associação é para reduzir os gastos que existe no processo de coleta até a comercialização, que hoje fica nas costas dos catadores, sem contar com o lucro que os comerciantes tem na comercialização. A idéia é que o valor deste trabalho de separação e preparo dos materiais, seja ganho pelos próprios catadores, no barracão que a prefeitura irá disponibilizar, obtendo um preço melhor pelo produto comercializado. A organização do trabalho de separação e, preparo dos materiais coletados, será feito pela diretoria após conversa com todos os associados, de modo que todos possam dar um tempo nesta tarefa. Pode ser que algum associado não tenha condições de fazer o trabalho no barracão de preparo de seu produto. Neste caso, com certeza, o custo deste trabalho que ficará com outros, será descontado do preço final de venda. Isto será tratado por ocasião da elaboração das normas de comercialização da Associação, discutida com todos os associados e aprovado por todos. Após os esclarecimentos, foi colocado em votação pelos presentes a aprovação do estatuto da Associação sendo este aprovado por unanimidade. Em seguida foi passado para o **segundo item** da ordem do dia da assembléia, tratando sobre a composição e eleição da diretoria e conselho fiscal da Associação, conforme previsto no estatuto social aprovado e a tomada de posse após eleita. Foi explicado aos presentes que de acordo com o estatuto da Associação, ela será

dirigida por uma diretoria composta por seis associados: sendo um presidente, um secretario, um tesoureiro, um vice-presidente, um 2º secretário, e um 2º tesoureiro. O conselho fiscal será composto por seis membros, sendo três efetivos e três suplentes. De acordo com o estatuto aprovado, o mandato da diretoria e do conselho fiscal será de dois anos. Após estas explicações, foi solicitado dos presentes se havia associados interessados em compor estes cargos ou se havia alguma chapa completa para compor os cargos de diretoria e conselho fiscal. Foi apresentado pelos presentes uma chapa com a composição de Diretoria e Conselho Fiscal. Após a análise das chapas e seus componentes pelos presentes na Assembléia Geral, foi feita a votação e foi aprovado por unanimidade, sendo eleita a Diretoria e Conselho Fiscal para cumprirem seus mandatos durante o biênio 2006/07 e 2007/08, com os membros abaixo relacionados que em seguida tomaram posse oficialmente, passando a responder pelos destinos da entidade. A Diretoria e Conselho Fiscal empossados ficou assim constituído:

Diretoria: Presidente Senhor Valter José de Paula, Vice-Presidente: Senhor Abedenego Schimidt, Primeiro Secretário: Senhora Odicléia Terezinha Monteiro Ribeiro e, Primeiro Tesoureiro: Senhor José Altamiro Vieira. Segundo Secretário: Sra Celina Arruda, Segundo Tesoureiro, Senhor Carlos Roberto Bueno, **Conselho Fiscal:** Membros efetivos: Sra Rosa Kolodgenski Bueno, Sra Lucia Roaczenski Sr. Leocadio Roberto Pereira Membros suplentes: Sra. Castorina de Lima Ferreira Sra Jacira Laskos Sr Luis Cabral Santos. Após tomada a posse, juntamente com os demais membros da diretoria e do conselho fiscal, o presidente eleito, Sr. Walter José de Paula, assumiu a condução dos trabalhos, agradeceu o apoio de todos e em seguida passou para o **terceiro e último** item da ordem do dia, tratando sobre os assuntos gerais. A palavra ficou aberta para todos os presentes. O Sr. Nelson Calderari Jr., falou que em seguida vai prestar o assessoramento para os registros legais da Associação dos catadores de materiais recicláveis do bairro de oficinas - ACAMARO, recém fundada, assim como prestará o apoio na organização dos trabalhos operacionais, quando do início do seu funcionamento. Não tendo mais ninguém que quisesse fazer uso da palavra, o Sr. Walter José de Paula, presidente eleito da Associação, agradeceu a presença de todos e encerrou a presente assembléia geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais recicláveis do Bairro de Oficinas, às dezesseis horas e trinta minutos do dia oito do mês de março de 2006, e eu Amauri Gonçalves Ferreira, lavrei a presente ata, sendo assinada por mim e os demais associados fundadores, presentes na Assembléia. Ponta Grossa, 08 de março de 2006.

A.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO BAIRRO DA NOVA RÚSSIA
ACAMARU

Às quatorze horas e trinta minutos do dia doze do mês de abril de dois mil e seis, reuniram-se, no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora do Pilar - Palmeirinha, sito à Rua Bento Ribeiro esquina com Jaguapitã, s/n, Município de Ponta Grossa, em assembléia geral, os catadores de materiais recicláveis do bairro da Nova Rússia, convocada pelo presidente da comissão provisória, Sr José Santana, para tratar da seguinte ordem do dia:

- 1- Leitura e aprovação do Estatuto Social da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro da Nova Rússia.
- 2- Eleição da diretoria e do conselho fiscal e tomada de posse.
- 3- Assuntos gerais.

Antes de dar início aos trabalhos da assembléia, tratando dos assuntos da ordem do dia, o presidente da comissão provisória, Sr José Santana registrou a presença das seguintes autoridades, que estavam prestigiando a realização da assembléia geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro da Nova Rússia: Diretor do Departamento de Ação Ambiental Nelson Frederico Accioly Calderari Jr, o Chefe da Divisão de Desenvolvimento Sócio-Ambiental, Amauri Gonçalves Ferreira, a Chefe da Divisão de Ação Ambiental Andréia Aparecida de Oliveira o Senhor Fernando Ribeiro da Silva, da seção de coleta seletiva e o Padre Jesus. A pedido do presidente da comissão provisória, o Sr. Nelson Accioly Calderari Jr, explicou para os presentes a importância da Diretoria e do Conselho Fiscal à frente dos trabalhos da Associação. Em seguida também a pedido do presidente da comissão provisória o Sr Nelson Accioly Calderari explicou sobre os trâmites legais para a efetivação dos trabalhos da Associação que esta sendo criada como também sobre a sua importância para os catadores, no sentido de melhorar as condições sócio-econômicas dos mesmos, através de um trabalho organizado. Também falou do apoio que a Prefeitura Municipal pode dar para a Associação, após a sua legalização, nas atividades de coleta, preparo do material e assessoramento na comercialização dos materiais. Finalizando disse que será necessário que todos os catadores fundadores da Associação se unam neste ideal e se comprometam com o trabalho a que ela está se propondo. Em seguida o Sr José Santana presidente da comissão provisória, solicitou que Sr. Amauri Gonçalves Ferreira, funcionário da

OFÍCIO DISTRIBUIDOR
DISTRIBUIÇÃO Nº 1457/11 1º Bto
PONTA GROSSA, 28/04/06

OFÍCIO DISTRIBUIDOR DA COMARCA DE P. GROSSA

"Certificamos que o Selo de Autenticidade e de Distribuição foram afixados na última folha do documento entregue a parte."

Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente presente na Assembleia Geral, para exercer o cargo de Secretário Adóc, durante os trabalhos da Assembleia Geral, e que após consulta aos participantes foi aprovado pela maioria absoluta dos presentes. Também foi solicitado e aprovado por todos que o Sr. Nelson Calderari Jr., assessorasse os trabalhos da assembleia geral. Dando continuidade aos trabalhos, foi discutido o **item um** da ordem do dia, tratando sobre o estatuto social. Foi feita a leitura dos principais capítulos do estatuto, principalmente nos assuntos relacionados aos objetivos da Associação, direitos e deveres dos associados, responsabilidades dos associados, atribuições da diretoria e dos membros da diretoria, atribuições do presidente, atribuições do conselho fiscal, despesas da associação, comercialização, trabalho operacional dentro do barracão. A importância da organização dos catadores em associação é para reduzir os gastos que existe no processo de coleta até a comercialização, que hoje fica nas costas dos catadores, sem contar com o lucro que os comerciantes tem na comercialização. A idéia é que o valor deste trabalho de separação e preparo dos materiais seja ganho pelos próprios catadores, no barracão que a prefeitura irá disponibilizar, obtendo um preço melhor pelo produto comercializado. A organização dos trabalhos de separação e preparo dos materiais coletados, será feita pela diretoria após conversa com todos os associados, de modo que todos possam dar um tempo nesta tarefa. Pode ser que algum associado não tenha condições de fazer o trabalho no barracão de preparo de seu produto. Neste caso, os custos destes trabalhos ficarão com outras pessoas, será descontado do preço final de venda. Isto será tratado por ocasião da elaboração das normas de comercialização da Associação, discutida com todos os associados e aprovado por todos. Após os esclarecimentos, foi colocado em votação aos presentes a aprovação do estatuto social da Associação sendo este aprovado por unanimidade. Em seguida foi passado para o **segundo item** da ordem do dia da assembleia, tratando sobre a composição e eleição da diretoria e conselho fiscal da Associação, conforme previsto no estatuto social, aprovação e a tomada de posse depois de eleita. Foi explicado aos presentes que de acordo com o estatuto da Associação, ela será dirigida por uma diretoria composta por seis associados, sendo um presidente, um secretário, um tesoureiro, um vice-presidente, um 2º secretário, e um 2º tesoureiro. O conselho fiscal será composto por seis membros, sendo três efetivos e três suplentes. De acordo com o estatuto aprovado, o mandato da diretoria e do conselho fiscal será de dois anos. Após estas explicações, foi solicitado aos presentes se havia associados

interessados em compor estes cargos ou se havia alguma chapa completa para compor os cargos de diretoria e conselho fiscal. Foi apresentada aos presentes, uma chapa com a composição da diretoria e conselho fiscal. Após a análise da chapa pelos presentes na Assembléia Geral, foi feita a votação e foi aprovado por unanimidade, sendo eleito à diretoria e conselho fiscal para cumprirem seus mandatos durante o biênio 2006/07 e 2007/08, com os membros abaixo relacionados que em seguida tomaram posse oficialmente, passando a responder pelos destinos da entidade. A diretoria e conselho fiscal empossada ficaram assim constituída: **Diretoria:** Presidente, Senhor José Santana, Vice-Presidente: Senhor Adir Carvalho, Primeiro Secretário: Senhor Altevir Cordeiro Carvalho, Primeiro Tesoureiro: Senhor Antonio Ferreira do Prado, Segundo Secretário: Senhora Ivete Ribeiro da Silva, Segundo Tesoureiro: Senhor Dirceu Alfredo Brand, **Conselho Fiscal:** Membros efetivos: Senhor Eurico dos Santos, Senhora Vanir de Oliveira e Senhora América J. Santos. Membros Suplentes: Senhor José Aldair de Jesus, Maria dos Santos Ferreira e Senhora Luciane Cristina de Almeida. Após tomado posse, juntamente com os demais membros da diretoria e do conselho fiscal, o presidente eleito, Senhor. José Santana, assumiu a condução dos trabalhos, agradeceu o apoio de todos e em seguida passou para o **terceiro** e último item da ordem do dia, tratando sobre os assuntos gerais. A palavra ficou aberta para todos os presentes. O Sr. Nelson Calderari Jr, falou que em seguida vai prestar apoio para os registros legais da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro da Nova Rússia - ACAMARU, recém fundada, assim como prestará o apoio na organização dos trabalhos operacionais, quando do início do seu funcionamento. Não tendo mais ninguém que desejasse fazer uso da palavra, o Senhor. José Santana, presidente eleito da Associação, agradeceu a presença de todos e encerrou a presente assembléia geral de fundação da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Bairro da Nova Rússia, às dezesseis horas do dia doze do mês de abril de 2006, e eu Amauri Gonçalves Ferreira, funcionário público lavrei a presente ata, sendo assinada por mim e pelos demais associados fundadores, presentes na Assembléia.